

A elegância do ouriço
Muriel Barbery

COMPANHIA DAS LETRAS



MURIEL BARBERY
A elegância do ouriço
Título original L'élégance du hérisson

Contracapa

Publicado em 2006, *A elegância do ouriço* logo se transformou numa das melhores surpresas da literatura contemporânea, com mais de 850 mil exemplares vendidos na França.

A receita de Muriel Barbery pode parecer esquisita: reunir, num prédio sisudo de um bairro elegante de Paris, uma zeladora de meia-idade, culta e desconfiada, uma adolescente calada e pensativa, um senhor japonês misterioso e sorridente; acrescentar um cocker lúbrico, um crítico de gastronomia à beira da morte e uma faxineira portuguesa que nasceu para rainha. Mas o resultado é o mais delicioso dos romances filosóficos.

Repleto de humor e birra, de crise adolescente e melancolia madura.

A elegância do ouriço conduz seus personagens e seus leitores às questões que nenhuma vida vivida a fundo deveria evitar: o tempo e a eternidade, a justiça e a beleza, a arte e o amor.

Orelhas

À primeira vista não se nota grande movimento no número 7 da Rue de Grenelle: os moradores desse prédio luxuoso no coração de Paris são gente rica e tradicional, cheia de decoros e não-me-toques, do tipo que não mostra seus segredos ao comum dos mortais e dos leitores. A não ser que algum agente infiltrado resolva revelá-los... E esse o ponto de partida d'A elegância do ouriço, romance de Muriel Barbery.

Quem abre a primeira brecha na muralha de silêncio elegante é Renée, a zeladora ranzinza que parece se esforçar por parecer ainda mais zeladora e ranzinza aos olhos dos patrões. Não só por birra de classe, mas especialmente para proteger um espaço interior feito de devoção à arte e à literatura (seu gato se chama Leon, em homenagem a um certo escritor russo), de inquietação intelectual e gosto refinado - coisas que as patroas não julgariam nem possível nem aconselhável numa mera concierge.

A voz de Renée alterna-se com as revelações de uma jovem dissidente: Paloma Josse, doze anos, às turras com o pai figurão, a mãe dondoca, a irmã frívola, os vizinhos ricos, os colegas esnobes, enfim, com a própria existência de menina rica. Tanto que toma uma decisão radical: ou encontra um sentido para a vida, ou comete suicídio no dia do seu aniversário de treze anos. A tarefa é árdua, e, para cumpri-la, Paloma começa os Pensamentos profundos e o Diário do movimento do mundo.

Juntas, as duas aliadas improváveis realizam uma verdadeira devassa na vida do número 7 da Rue de Grenelle: impossível não rir da pompa dos senhores, da vaidade das madames, da falsa rebeldia dos jovens. Mas que fazer com tudo isso? As duas heroínas estão nesse ponto, zombando muito mas sobretudo correndo contra o relógio - porque o tempo passa e porque o aniversário de doze anos se aproxima -, quando entra em cena a figura inesquecível e redentora de Kakuro Ozu, novo morador do prédio. Esse misterioso e sorridente senhor japonês com nome de cineasta tem dois gatos com nomes de personagens de um certo escritor russo...

MURIEL BARBERY nasceu l Bayeux, em 1969. Ex-aluna da École Normale Supérieure, em Paris, atualmente leciona filosofia na Normandia, onde mora. Estreou na literatura com o romance *Un e gourmande* (2000), traduzido em doze línguas. Seu segundo livro, *A elegância do Ouriço*, foi uma das grandes sensações literárias de 2006 na França.

**Para Stéphane,
com quem escrevi este livro**

Sumário

Contracapa 2

Orelhas 3

PARTE 1

MARX (PREÂMBULO) 8

Capítulo 1 - Quem semeia desejo 9

Capítulo 2 - Os milagres da Arte 10

Capítulo 3 - Pensamento profundo nº 1 12

PARTE 2

CAMÉLIAS 16

Capítulo 4 - Uma aristocrata 17

Capítulo 5 - Diário do movimento do mundo nº2 21

Capítulo 6 - Guerras e colônias 24

Capítulo 7 - O caniche como totem 26

Capítulo 8 - Pensamento profundo nº 2 29

Capítulo 9 - Recusando o combate 30

Capítulo 10 - Pensamento profundo nº 3 32

Capítulo 11 - Triste condição 33

Capítulo 12 - No Sul confederado 36

Capítulo 13 - Diário do movimento do mundo nº 2 38

Capítulo 14 - Profeta das elites modernas 40

Capítulo 15 - Outubro Vermelho 41

Capítulo 16 - Pensamento profundo n-4 44

Capítulo 17 - Um gato chamado Grévisse 45

Capítulo 18 - Pensamento profundo nº 5 47

Capítulo 19 - Desolação das revoltas mongóis 49

Capítulo 20 - Pensamento profundo nº 6 52

Capítulo 21 - Comédia fantasma 55

Capítulo 22 - Eternidade 57

Capítulo 23 - Diário do movimento do mundo nº 3 58

Capítulo 24 - Então, o antigo Japão 60

Capítulo 25 - Dever dos ricos 62

Capítulo 26 - Pensamento profundo nº 7 65

Capítulo 27 - O stress de Constitution 67

Capítulo 28 - Um eu de perdiz 70

Capítulo 29 - Riabinin 72

Capítulo 30 - Pensamento profundo nº 8 74

PARTE 3

SOBRE A GRAMÁTICA 77

Capítulo 31 - Infinitesimal 78

Capítulo 32 - Num momento de graça 80

Capítulo 33 - Pensamento profundo nº 9 82

Capítulo 34 - Sob a casca 86

Capítulo 35 - Ruptura e continuidade 89

Capítulo 36 - Pensamento profundo nº 10 91

Capítulo 37 - Uma impressão agradável 94

Capítulo 38 - Pensamento profundo nº 11 96

PARTE 4

CHUVA DE VERÃO 99

Capítulo 39 - Clandestina 100

Capítulo 40 - A grande obra do sentido 102

Capítulo 41 - Fora-do-tempo 103

Capítulo 42 - Aracneanas 104

Capítulo 43 - Diário do movimento do mundo nº 4 107

Capítulo 44 - Uma arrumadinha 108

Capítulo 45 - Embonecada como uma roseira 110

Capítulo 46 - Pensamento profundo nº 12 112

Capítulo 47 - Com os diabos 115

Capítulo 48 - De ouro fosco 116

Capítulo 49 - Que congruência? 118

Capítulo 50 - Uma existência sem duração 119

Capítulo 51 - Diário do movimento do mundo nº 5 120

Capítulo 52 - Uma onda de esperança 124

Capítulo 53 - Bexiga pequena 125

Capítulo 54 - Diário do movimento do mundo nº 6 126

Capítulo 55 - Um só desses rolos 128

Capítulo 56 - Uma Selvagem muito civilizada 131

Capítulo 57 - Um novo coração 135

Capítulo 58 - Doce insônia 136

Capítulo 59 - Pensamento profundo nº 13 137

PARTE 5

PALOMA 139

Capítulo 60 - Esse invisível 142

Capítulo 61 - A cruzada justa 145

Capítulo 62 - Pensamento profundo nº 14 146

Capítulo 63 - O adágio de base 149

Capítulo 64 - Antípoda 151

<u>Capítulo 65 - O abas pórtus</u>	<u>153</u>
<u>Capítulo 66 - Azul-noite</u>	<u>156</u>
<u>Capítulo 67 - Diário do movimento do mundo nº 7</u>	<u>157</u>
<u>Capítulo 68 - Aos golinhos felizes</u>	<u>159</u>
<u>Capítulo 69 - Sanae</u>	<u>161</u>
<u>Capítulo 70 - chuva</u>	<u>164</u>
<u>Capítulo 71 - Irmãs</u>	<u>165</u>
<u>Capítulo 72 - Pensamento profundo nº 15</u>	<u>168</u>
<u>Capítulo 73 - Nas alamedas do inferno</u>	<u>169</u>
<u>Capítulo 74 - De um corredor às alamedas</u>	<u>172</u>
<u>Capítulo 75 - Sobre seus ombros encharcados</u>	<u>173</u>
<u>Capítulo 76 - É preciso que alguma coisa acabe</u>	<u>174</u>
<u>Capítulo 77 - Sofrimentos do apresto</u>	<u>175</u>
<u>Capítulo 78 - A água móvel</u>	<u>177</u>
<u>Capítulo 79 - Ela cintila</u>	<u>178</u>
<u>Capítulo 80 - Tribos gagauz</u>	<u>180</u>
<u>Capítulo 81 - Todas essas xícaras de chá</u>	<u>181</u>
<u>Capítulo 82 - O capim dos pastos</u>	<u>182</u>
<u>Capítulo 83 - Minhas camélias</u>	<u>184</u>
<u>Capítulo 84 - Último pensamento profundo</u>	<u>187</u>

PARTE 1
MARX (PREÂMBULO)

Capítulo 1 - Quem semeia desejo

"Marx muda totalmente minha visão do mundo", declarou-me hoje de manhã o jovem Pallières, que, em geral, nunca me dirige a palavra.

Antoine Pallières, rico herdeiro de uma velha dinastia industrial, é filho de um de meus oito patrões. Derradeira eructação da grande burguesia empresarial – que só se reproduz por meio de soluços limpos e sem vícios -, ele estava radiante com sua descoberta, que me contava por reflexo, sem sequer pensar que eu conseguiria entender alguma coisa. Que podem entender as massas trabalhadoras sobre a obra de Marx? A leitura é árdua, a língua, apurada, a prosa, sutil, e a tese, complexa.

E foi aí que quase me traí, bestamente.

"Tem que ler a Ideologia alemã", disse a esse cretino de parca verde-garrafa.

Para entender Marx e entender por que ele está errado, tem que ler Ideologia alemã. E o pedestal antropológico sobre o qual se construirão todas as exortações a um mundo novo e no qual está aparafusada uma certeza fundamental: os homens, que se perdem por desejar, melhor fariam se se limitassem às suas necessidades. Num mundo em que o húbri do desejo for amordaçado, poderá nascer uma organização social nova, isenta de lutas, opressões e hierarquias deletérias.

"Quem semeia desejo colhe opressão", estou prestes a murmurar como se só meu gato me escutasse.

Mas Antoine Pallières, cujo bigode embrionário e repugnante não tem nada de felino, olha para mim, duvidando de minhas estranhas palavras. Como sempre, sou salva pela incapacidade dos seres humanos de acreditar naquilo que explode as molduras de seus pequenos hábitos mentais. Uma zeladora não lê a Ideologia alemã, e, por conseguinte, seria incapaz de citar a décima primeira tese sobre Feuerbach.

Além disso, uma zeladora que lê Marx está, necessariamente, de olho na subversão, e se vendeu a um diabo que se chama Confederação Geral dos Trabalhadores, a CGT. Que consiga lê-lo para a elevação do espírito é uma incongruência que burguês nenhum admite.

"Recomendações à senhora sua mãe", resmungo fechando a porta na cara dele e esperando que a disfonia das duas frases seja abafada pela força dos preconceitos milenares.

Capítulo 2 - Os milagres da Arte

Meu nome é Renée. Tenho cinquenta e quatro anos. Há vinte e sete sou a concierge, a zeladora do número 7 da Rue de Grenelle, um belo palacete com pátio e jardim interno, dividido em oito apartamentos de alto luxo, todos habitados, todos gigantescos. Sou viúva, baixinha, feia, gordinha, tenho calos nos pés e, em certas manhãs autoincômodas, um hálito de mamute. Não estudei, sempre fui pobre, discreta e insignificante. Vivo sozinha com meu gato, um bichano gordo e preguiçoso, cuja única particularidade digna de nota é ficar com as patas fedendo quando é contrariado. Ele e eu não fazemos nenhum esforço para nos integrar no círculo de nossos semelhantes.

Como raramente sou simpática, embora sempre bem-educada, não gostam de mim, mas me toleram porque correspondo tão bem ao que a crença social associou ao paradigma da concierge, que sou uma das múltiplas engrenagens que fazem girar a grande ilusão universal de que a vida tem um sentido que pode ser facilmente decifrado. E, assim como está escrito em algum lugar que as concierges são velhas, feias e rabugentas, assim também está gravado em letras de fogo, no frontão do mesmo firmamento imbecil, que as ditas concierges têm gatos gordos e hesitantes que cochilam o dia inteiro em cima de almofadas cobertas de capas de crochê.

Em tal capítulo, está dito que as concierges assistem TV indefinidamente enquanto seus gatos gordos cochilam, e que a portaria do prédio deve cheirar a pot-au-feu, sopa de repolho ou ao cassoulet familiar. Tenho a sorte incrível de ser concierge num prédio de alto luxo. Para mim era tão humilhante ter de cozinhar esses pratos infames, que a intervenção do Senhor de Broglie - membro do Conselho de Estado, morador do primeiro andar, que ele sacramentou juntamente com a mulher, cortês, mas firme, visando expulsar da vida em comum esses maus cheiros plebeus, foi um alívio imenso que fiz o possível para disfarçar, sob a aparência de uma obediência forçada.

Isso foi há vinte e sete anos. Desde então, todo dia vou ao açougue comprar uma fatia de presunto ou de fígado de vitela, que enfio na minha sacola entre o pacote de macarrão e as cenouras. Exibo, condescendente, essas vitualhas de pobre, realçadas pela característica apreciável de que não têm cheiro, porque sou

pobre num prédio de ricos, e assim alimento ao mesmo tempo o clichê consensual e meu gato, Leon, que só é gordo por causa dessas comidas que deveriam ser destinadas a mim, e que se empanturra ruidosamente de presunto e macarrão na manteiga, enquanto eu posso saciar minhas próprias simpatias culinárias, sem perturbações olfativas e sem que ninguém desconfie de nada.

Mais árduo foi o problema da televisão. Na época do meu finado marido, acabei me acostumando, porque a constância com que ele assistia TV me poupava desse aborrecimento.

Na portaria do prédio se ouviam ruídos daquela coisa, e bastava isso para eternizar o jogo das hierarquias sociais cujas aparências, havendo Lucien morrido, tive de dar tratos à bola para manter. Vivo, ele me desincumbia da iníqua obrigação; morto, me privava de sua incultura, indispensável muralha contra a suspeição dos outros.

Encontrei a solução graças a um não-botão.

Um carrilhão ligado a um mecanismo infravermelho me avisa, desde então, das passagens pelo hall, tornando inútil qualquer outro botão que exija que os passantes o apertem para que eu consiga reconhecer a presença deles, embora esteja muito afastada. Pois nessas ocasiões fico na salinha do fundo, ali onde passo quase todas as minhas horas de lazer e onde, protegida contra os barulhos e os odores impostos por minha condição, posso viver como bem entendo sem ser privada das informações vitais para qualquer sentinela: quem entra, quem sai, com quem e a que horas.

Como eu ia dizendo, ao passarem pelo hall os moradores ouviam os sons abafados pelos quais se reconhece que uma televisão está ligada e, mais com falta de imaginação do que com inspiração, formavam a imagem da concierge aboletada diante da TV. Eu, recolhida no meu antro, não ouvia nada, mas sabia que alguém estava passando.

Então, na salinha ao lado, e escondida atrás da cortina de voai branco, eu averiguava discretamente, pelo olho-de-boi que fica defronte da escada, a identidade do passante.

O aparecimento dos videocassetes e, mais tarde, do deus DVD mudou as coisas ainda mais radicalmente no sentido da minha felicidade. Como é pouco corrente que uma concierge vibre com Morte em Veneza e que de seu cubículo escape um Mahler, comi a poupança conjugal, tão arduamente amealhada, e comprei outro televisor, que instalei no meu esconderijo.

Enquanto a televisão da saleta - garantia de minha clandestinidade - berrava sem que eu ouvisse as insanidades para cérebros de ostras, eu me maravilhava, com lágrimas nos olhos, diante dos milagres da Arte.

Capítulo 3 - Pensamento profundo nº 1

Perseguir as estrelas

No aquário de peixes-vermelhos

Acabar

Aparentemente, de vez em quando os adultos têm tempo de sentar e contemplar o desastre que é a vida deles. Então se lamentam sem compreender e, como moscas que sempre batem na mesma vidraça, se agitam, sofrem, definham, se deprimem e se interrogam sobre a engrenagem que os levou ali aonde não queriam ir. Os mais inteligentes até transformam isso numa religião: ah, a desprezível vacuidade da existência burguesa! Há cínicos desse gênero que jantam à mesa do papai: "Que fim levaram nossos sonhos de juventude?", perguntam com ar desiludido e satisfeito. "Desfizeram-se, e a vida é uma bandida." Detesto essa falsa lucidez da maturidade. O fato é que são como os outros, são crianças que não entendem o que lhes aconteceu e bancam os durões quando na verdade têm vontade de chorar.

No entanto, é simples entender. O problema é que os filhos acreditam nos discursos dos adultos e, ao se tornar adultos, vingam-se enganando os próprios filhos. "A vida tem um sentido que os adultos conhecem" é a mentira universal em que todo mundo é obrigado a acreditar. Quando, na idade adulta, compreende-se que é mentira, é tarde demais. O mistério permanece intacto, mas toda a energia disponível foi gasta há tempo em atividades estúpidas. Só resta anestesiarse, do jeito que der, tentando ocultar o fato de que não se encontra nenhum sentido na própria vida e enganando os próprios filhos para tentar melhor se convencer.

Entre as pessoas com quem minha família convive, todas seguiram o mesmo caminho: uma juventude tentando rentabilizar sua inteligência, espremer como um limão o filão dos estudos e garantir uma posição de elite, e depois uma vida inteira a se indagar com pavor por que essas esperanças desembocaram numa vida tão inútil.

As pessoas creem perseguir as estrelas e acabam como peixes-vermelhos num aquário. Fico pensando se não seria mais simples ensinar desde o início às crianças que a vida é absurda. Isso privaria a infância de alguns bons momentos, mas faria o adulto ganhar um tempo considerável - sem falar que, pelo menos, seríamos poupados de um traumatismo, o do aquário.

Tenho doze anos, moro no número 7 da Rue de Grenelle num apartamento de gente rica. Meus pais são ricos, minha família é rica, e minha irmã e eu, por conseguinte, somos virtualmente ricas. Meu pai é deputado, depois de ter sido ministro, e por certo acabará na presidência da Câmara, esvaziando a adega do Hotel de Lassay, a residência oficial. Minha mãe... Bem, minha mãe não é propriamente uma águia, mas é educada. Tem doutorado em letras. Escreve sem erros seus convites para jantar e passa o tempo a nos infernizar com referências literárias ("Colombe, não banque a Guermantes", "Minha flor, você é uma

verdadeira Sanseverina").

Apesar disso, apesar de toda essa chance e de toda essa riqueza, há muito tempo sei que o destino final é o aquário dos peixes. Como é que eu sei? O fato é que sou muito inteligente. Excepcionalmente inteligente, até. Se alguém olhar para as crianças da minha idade, vai ver que há um abismo. Como não tenho a menor vontade de que reparem em mim, e como numa família em que a inteligência é um valor supremo uma criança superdotada nunca ficaria em paz, tento, no colégio, reduzir meu desempenho, mas mesmo assim sou sempre a primeira da classe. Poderia pensar-se que fingir ter uma inteligência normal, quando, como eu, aos doze anos, se tem o nível de uma aluna de pré-vestibular para filosofia, é fácil. Pois bem, nada disso! Tenho de dar duro para parecer mais idiota do que sou. Mas de certa forma isso não impede que eu morra de tédio: não preciso passar o tempo todo aprendendo e compreendendo, uso o tempo para imitar o estudo, as respostas, os modos de agir, as preocupações e os pequenos erros dos bons alunos comuns. Leio tudo o que escreve Constance Baret, a segunda da classe, nas aulas de matemática, francês e história, e assim aprendo o que devo fazer: em francês, uma sequência de palavras coerentes e corretamente grafadas; em matemática, a reprodução mecânica de operações sem sentido, e, em história, uma sucessão de fatos ligados por conectores lógicos.

Mas, mesmo comparada com os adultos, sou muito mais esperta que a maioria deles.

Assim é. Não me orgulho muito disso, porque não é mérito meu. Mas o que é certo é que para o aquário não irei. É uma decisão bem pensada. Mesmo para uma pessoa tão inteligente como eu, tão dotada para os estudos, tão diferente dos outros e tão superior à média, a vida já está traçada e é triste de chorar: ninguém parece ter pensado no fato de que, se a existência é absurda, ser brilhantemente bem-sucedido tem tanto valor quanto fracassar. É apenas mais confortável. E mais: acho que a lucidez torna o sucesso amargo, ao passo que a mediocridade espera sempre alguma coisa.

Assim, tomei minha decisão. Breve vou sair da infância e, apesar da certeza de que a vida é uma farsa, não creio que conseguirei resistir até o fim. Pensando bem, estamos programados para acreditar no que não existe, porque somos seres vivos que não querem sofrer. Então não vamos gastar todas as nossas forças para nos convencer de que há coisas que valem a pena e de que é por isso que a vida tem um sentido. Por mais que eu seja inteligente, não sei quanto tempo ainda vou conseguir lutar contra essa tendência biológica. Quando entrar na corrida dos adultos, ainda serei capaz de enfrentar o sentimento do absurdo? Não creio. Foi por isso que tomei minha decisão: no fim deste ano letivo, no dia dos meus treze anos, no próximo dia 16 de junho, vou me suicidar. Vejam bem, não penso

em fazê-lo com estardalhaço, como se fosse um ato de coragem ou desafio. Aliás, tenho todo o interesse em que ninguém desconfie de nada. Os adultos têm uma relação histórica com a morte, que toma proporções enormes, eles fazem um escarcéu, quando na verdade é o acontecimento mais banal do mundo. O que me importa mesmo não é a coisa, é o modo de fazer.

Meu lado japonês se inclina, evidentemente, para o seppuku. Quando digo meu lado japonês, quero dizer: meu amor pelo Japão. Estou cursando a sétima série e aprendo o japonês como segunda língua. O professor de japonês não é lá essas coisas, come as palavras em francês e vive coçando a cabeça com um ar de perplexidade, mas tem um manual bonzinho e desde a volta às aulas eu avancei muito. Tenho a esperança de que, daqui a uns meses, possa ler no original meus mangás prediletos. Mamãe não entende que uma menina-tão-dotada-como-você possa ler mangás. Nem sequer me dei o trabalho de lhe explicar que mangá em japonês quer dizer, simplesmente, "história em quadrinhos".

Ela acha que me alimento de subcultura, e deixo que ela se iluda. Em suma, daqui a uns meses poderei talvez ler Taniguchi em japonês. Mas isso nos leva a outro assunto: isso tem de acontecer antes do dia 16 de junho, porque no dia 16 de junho eu me suicido. Mas não praticando seppuku. Seria algo muito significativo e cheio de beleza, mas... pois é... não tenho a menor vontade de sofrer. Na verdade, detestaria sofrer; acho que, quando se toma a decisão de morrer, justamente porque se considera que ela faz parte da ordem natural das coisas, é preciso fazer tudo suavemente. Morrer deve ser uma delicada passagem, um escorregão acolchoado para o repouso. Tem gente que se suicida atirando-se pela janela do quarto andar ou então engolindo água sanitária ou então se enforcando! É uma loucura! Acho até obsceno. De que adianta morrer se não for para não sofrer? Previ direitinho minha saída de cena: há um ano, todo mês pego um calmante na caixa que mamãe guarda na mesa-de-cabeceira. Ela consome tantos que, de qualquer forma, nem perceberia se eu pegasse um todo dia, mas resolvi ser muito prudente. Não se deve deixar nada ao acaso quando se toma uma decisão que tem poucas chances de ser compreendida.

E inimaginável a rapidez com que as pessoas se metem no caminho dos projetos que mais apreciamos, em nome de bobagens do tipo "o sentido da vida" ou "o amor ao homem". Ah, e também: "o caráter sagrado da infância".

Portanto, encaminho-me tranquilamente para a data de 16 de junho e não tenho medo. Só algumas tristezas, talvez. Mas, tal como é, o mundo não é feito para as princesas. Dito isso, não é porque se projeta morrer que se deve vegetar como um legume que já apodreceu. Aliás, é exatamente o contrário. O importante não é morrer nem em que idade se morre, é o que se está fazendo no momento em que se morre. Em Taniguchi, os heróis morrem escalando o

Everest. Como não tenho a menor chance de poder tentar a K2 ou as Grandes Jorasses antes do próximo 16 de junho, meu Everest é uma exigência intelectual. Deixei-me como objetivo ter o máximo de pensamentos profundos e anotá-los neste caderno: se nada tem sentido, pelo menos que a mente se confronte com essa situação, não é mesmo? Mas, como meu lado japonês é importante, acrescentei uma obrigação: esse pensamento profundo deve ser formulado na forma de um pequeno poema à japonesa: um hokku (três versos) ou um tanka (cinco versos).

Meu hokku preferido é de Bashô.

Cabana de pescadores Misturados com os camarões Uns grilos!

Não é o aquário dos peixes, não, é poesia!

Mas no mundo em que vivo há menos poesia do que numa cabana de pescador japonês. E será que vocês acham normal que quatro pessoas vivam em quatrocentos metros quadrados quando um monte de outras, e talvez entre elas poetas malditos, não têm nem mesmo uma moradia decente e, em quinze, se amontoam em vinte metros quadrados? Neste verão, quando ouvimos no noticiário que os africanos tinham morrido porque houve um incêndio na escada do prédio insalubre onde moravam, tive uma ideia Esses aí têm o dia todo o aquário dos peixes bem debaixo do nariz, não podem escapar inventando histórias. Mas meus pais e Colombe imaginam que nadam no oceano porque vivem nos seus quatrocentos metros quadrados atulhados de móveis e quadros.

Então, dia 16 de junho penso em refrescar um pouco a memória de sardinha que eles têm: vou pôr fogo no apartamento (com aqueles cubos de combustível da churrasqueira).

Mas, vejam bem, não sou uma criminosa: farei isso quando não houver ninguém (dia 16 de junho cai num sábado, e no sábado à tarde Colombe vai à casa de Tibère, mamãe vai para a ioga, papai para o clube, e eu fico aqui), evacuarei os gatos pela janela e avisarei os bombeiros cedo o bastante para que não haja vítimas. Depois, vou tranquilamente dormir na casa da vovó, com meus calmantes.

Sem apartamento e sem filha, talvez eles pensem em todos os africanos mortos, não?

PARTE 2
CAMÉLIAS

Capítulo 4 - Uma aristocrata

Às terças e às quintas, Manuela, minha única amiga, toma chá comigo na minha casa. Manuela é uma mulher simples cuja elegância não foi despojada pelos vinte anos desperdiçados à cata de poeira na casa dos outros. Catar poeira é, aliás, uma simplificação bem pudica. Mas na casa dos ricos não se chamam as coisas pelo nome.

"Esvazio latas de lixo cheias de absorventes", ela me diz com seu sotaque cantado e chiado, "apanho o vômito do cachorro, limpo a gaiola dos passarinhos, ninguém imagina como uns bichinhos tão pequenos podem fazer tanto cocô, esfrego as privadas. Então, a poeira? Grande coisa!"

Convém saber que, quando vai à minha casa às duas da tarde, na terça-feira ao sair do apartamento dos Arthens, na quinta vindo da casa dos De Broglie, Manuela já limpou com cotonete as latrinas folheadas a ouro e que, apesar disso, são tão sujas e fedorentas como todas as privadas do mundo, pois, se existe algo que os ricos dividem a contragosto com os pobres, são os intestinos nauseabundos, que sempre acabam se livrando em algum lugar daquilo que os faz feder.

Portanto, devemos tirar o chapéu para Manuela. Embora sacrificada no altar de um mundo em que as tarefas ingratas são reservadas a certas pessoas, enquanto outras apertam o nariz sem fazer nada, não é por isso que ela abre mão de uma tendência à sofisticação que supera, de longe, todos os folheados a ouro, e a fortiori os sanitários.

"Para comer uma noz, tem que pôr uma toalha", diz Manuela, que extirpa de sua velha sacola de compras uma caixinha de madeira clara de onde saem volutas de papel de seda carmesim e, acomodados nesse estojo, os finíssimos biscoitos tuiles aux amandes. Preparo um café que não tomaremos mas cujos eflúvios nós duas adoramos, e bebericamos caladas uma xícara de chá verde, beliscando as tuiles.

Assim como sou uma traição permanente ao meu arquétipo, assim também Manuela é uma traidora que se ignora do arquétipo da faxineira portuguesa. Pois a moça de Faro, nascida sob uma figueira depois de sete outros e antes de mais seis, mandada para a lavoura bem cedinho e também muito cedo casada com um

pedreiro que breve se expatriou, mãe de quatro filhos franceses graças ao direito de solo, mas portugueses pelo olhar social, a moça de Faro, portanto, mesmo com suas meias elásticas pretas e o lencinho na cabeça, é uma aristocrata, uma autêntica, uma grande, do tipo que não sofre nenhuma contestação porque, em seu próprio coração, ela ri das etiquetas e dos sobrenomes ilustres. O que é uma aristocrata? É uma mulher a quem a vulgaridade não atinge, embora esteja cercada por esta.

Vulgaridade da família de seu marido, no domingo, remoendo a gargalhadas indecentes a dor de ter nascido sem berço e sem futuro; vulgaridade de uma vizinhança marcada pela mesma desolação esbranquiçada dos neons da fábrica para onde os homens vão toda manhã como quem desce ao inferno; vulgaridade das patroas, que, apesar de todo o dinheiro, não conseguem esconder a vilania e se dirigem a ela como a um cachorro que lambesse as sarnas. Mas é preciso ter visto Manuela me oferecer, como a uma rainha, os frutos de suas elaborações de doceira para perceber toda a graça que existe nessa mulher. Sim, como a uma rainha. Quando Manuela aparece, minha casa se transforma em palácio, e nossas comidinhas de párias se tornam festins de monarcas. Assim como o contador de histórias transforma a vida num rio furta-cor onde são tragados o tédio e o sofrimento, Manuela metamorfoseia nossa vida numa epopeia calorosa e alegre.

"O filho dos Pallières me deu bom-dia na escada", ela diz de repente, quebrando o silêncio.

Dou um resmungo, com desdém.

"Ele está lendo Marx", digo dando de ombros.

"Marx?", ela interroga, pronunciando o x como um ch, um ch meio molhado que tem o encanto dos céus claros.

"O pai do comunismo", respondo.

Manuela faz um muxoxo de desprezo.

"E, política", ela me diz. "Um brinquedo para os riquinhos, que não o emprestam para ninguém."

Reflete um pouco, cenho franzido.

"Não é o mesmo gênero de livro que costumam ler", ela diz.

Os livros ilustrados que os jovens escondem debaixo do colchão não escapam à sagacidade de Manuela, e parece que o filho dos Pallières os consumia, durante certa época, com dedicação embora de modo seletivo, como demonstrava o estado deteriorado de uma página de título explícito: As marquesas salientes.

Rimos e conversamos mais um pouco de uma coisa e outra, na quietude das velhas amigas. Esses momentos são preciosos para mim, e meu coração aperta

quando penso no dia em que Manuela realizar seu sonho de voltar de vez para a sua terra, deixando-me aqui, sozinha e decrépita, sem companhia que me transforme, duas vezes por semana, numa rainha clandestina. Também fico pensando, apreensiva, o que acontecerá quando a única amiga que tive, a única que sabe tudo sem nunca ter perguntado nada, deixar atrás de si uma mulher desconhecida de todos, sepultando-a, por causa desse abandono, dentro de uma mortalha de esquecimento.

Ouvimos passos na entrada e depois ouvimos claramente o ruído sibilino da mão do homem no botão para chamar o elevador, um velho elevador de grade preta e portas automáticas, revestido de madeira, o qual, se nele houvesse espaço, teria abrigado, no passado, um ascensorista. Conheço esse passo; é o de Pierre Arthens, o crítico de gastronomia do quarto andar, um oligarca da pior espécie que, pelo jeito de apertar os olhos quando está diante da minha porta, deve pensar que vivo numa gruta escura, embora o que veja lhe prove o contrário.

Pois bem, li suas famosas críticas.

"Não entendo nada", me disse Manuela, para quem um bom assado é um bom assado e ponto final.

Não há o que compreender. E uma pena ver um talento desses se estragar por tanta cegueira. Escrever sobre um tomate páginas narradas de modo deslumbrante – pois Pierre Arthens critica como quem conta uma história e só isso poderia ter feito dele um gênio - sem jamais ver nem pegar o tomate é uma façanha aflitiva. É possível ser tão dotado e tão cego diante da presença das coisas? Volta e meia me fiz essa pergunta, ao vê-lo passar na minha frente com seu narigão arrogante. Parece que sim. Certas pessoas são incapazes de captar no que contemplam o que dá a essas coisas a vida e o sopro intrínsecos, e passam o tempo a discorrer sobre os homens como se se tratasse de autômatos, e sobre as coisas como se não tivessem alma e se resumissem ao que pode ser dito sobre elas, ao sabor das inspirações subjetivas.

Como que de propósito, os passos refluem de repente, e Arthens toca a campainha.

Levanto-me tomando o cuidado de arrastar meus pés metidos em chinelos tão conformes ao estereótipo que só a coligação entre a baguete e o boné na cabeça consegue superá-los ao lançar o desafio dos clichês consensuais. Ao agir assim, sei que exaspero o Mestre, ode viva à impaciência dos grandes predadores, e isso tem algo a ver com o zelo que demonstro ao entreabrir a porta bem devagarinho, enfiando pela fresta um nariz desconfiado, que espero que esteja vermelho e brilhoso.

"Estou esperando uma encomenda que será trazida por um boy", ele me diz,

de olhos plissados e narinas apertadas. "Quando chegar, a senhora poderia levá-la imediatamente para mim?"

Esta tarde o Sr. Arthens usa uma gravata à Lavallière de poá, que flutua em volta de seu pescoço de patrício e não lhe cai nada bem, pois a abundância de sua juba leonina e o bufante etéreo da seda formam uma espécie de tutu vaporoso em que se perde a virilidade que, de costume, o homem exhibe. E, além disso, que diabos, aquela gravata à Lavallière me lembra alguma coisa. Quase sorrio ao lembrar. E a mesma de Legrandin. No Em busca do tempo perdido, obra de um certo Mareei, outro zelador famoso, Legrandin, é um esnobe dividido entre dois mundos, aquele que ele frequenta e aquele onde gostaria de penetrar; um patético esnobe cujas flutuações mais íntimas, da esperança à amargura, do servilismo ao desprezo, a gravata à Lavallière exprime. Assim, na Place de Combray, quando não deseja cumprimentar os pais do narrador mas tem de cruzar com eles, encarrega à echarpe - deixando-a se agitar ao vento - expressar um humor melancólico que dispensa os cumprimentos de praxe.

Pierre Arthens, que conhece Proust, mas não imaginou para as concierges nenhuma mansuetude especial, pigarreia com impaciência.

Lembro a pergunta que fez:

"Poderia levá-la imediatamente para mim (a encomenda que vem pelo boy - pois os pacotes dos ricos não pegam os caminhos postais costumeiros)?"

"Posso", respondo, batendo recordes de concisão, encorajada pela concisão dele e pela ausência de um "por favor" que a forma interrogativa e o uso do futuro do pretérito não deveriam, a meu ver, desculpar totalmente.

"É muito frágil", acrescenta, "tome cuidado, por favor."

A conjugação do imperativo e o "por favor" também não me agradam, tanto mais que ele me acha incapaz de tais sutilezas sintáticas e só as emprega por gosto, sem a cortesia de imaginar que eu poderia me sentir insultada. É tocar o fundo do pântano social ouvir, pelo tom de sua voz, que um rico só se dirige a si mesmo e que, embora as palavras que pronuncia sejam tecnicamente dirigidas a você, ele nem sequer imagina que você seja capaz de compreendê-las.

"Frágil como?", pergunto num tom pouco simpático.

Ele dá um suspiro ostensivo, e percebo em seu hálito uma leve pontinha de gengibre.

"Trata-se de um incunábulo", ele me diz, cravando nos meus olhos, que tento tornar vidrosos, seu olhar satisfeito de ricoço.

"Muito bem, faça bom proveito!", digo com cara de nojo. "vou levá-lo assim que o boy chegar."

E bato a porta em sua cara.

A perspectiva de que, esta noite, Pierre Arthens conte, à guisa de gracejo, a

indignação de sua concierge, por ter mencionado na frente dela um incunábulo, no que certamente ela viu algo escabroso, muito me alegra.

Deus saberá qual de nós dois mais se humilha.

Capítulo 5 - Diário do movimento do mundo nº2

Ficar agrupado em si mesmo sem perder o short

É muito bom ter regularmente um pensamento profundo, mas acho que isso não basta. Bem, quero dizer que vou me suicidar e pôr fogo na casa daqui a alguns meses, portanto, é claro, não posso considerar que tenha tempo, preciso fazer algo consistente no pouco tempo que me resta. E também, acima de tudo, lancei a mim mesma um pequeno desafio: se a gente se suicida, deve ter certeza do que faz e não pode queimar o apartamento "a troco de nada". Então, se existe alguma coisa neste mundo pela qual vale a pena viver, não devo perdê-la, pois, quando estiver morta, será tarde demais para ter arrependimentos e porque morrer por termos nos enganado é, de fato, muito idiota.

Por isso, é claro, tenho pensamentos profundos. Mas nos meus pensamentos profundos faço de conta que sou, ha, afinal, uma intelectual (que debocha dos outros intelectuais).

Nem sempre isso é muito glorioso, mas é muito recreativo. Assim, pensei que era preciso compensar o lado "glória do espírito" com outro diário que falaria do corpo e das coisas. Não os pensamentos profundos do espírito mas as obras-primas da matéria. Algo encarnado, tangível. Mas belo e estético também. Fora o amor, a amizade e a beleza da Arte, não vejo muitas outras coisas capazes de alimentar a vida humana. O amor e a amizade, ainda sou muito nova para pretender alcançá-los de verdade. Mas a Arte... se eu tivesse de viver, isso teria sido toda a minha vida. Bem, quando digo Arte, vocês devem me entender: só falo das obras-primas dos mestres. Nem mesmo por Vermeer faço questão de me agarrar à vida. É sublime, mas é morto. Não, penso na beleza do mundo, naquilo que pode nos elevar no movimento da vida. O diário do movimento do mundo será, portanto, dedicado ao movimento das pessoas, dos corpos, e até, se realmente não houver nada para dizer, das coisas, e a descobrir aí algo que seja estético o suficiente para dar um valor à vida. A graça, a beleza, a harmonia, a intensidade. Se eu encontrar, então talvez reconsidere minhas opções: se encontrar um belo movimento dos corpos, na falta de uma bela ideia para o espírito, então talvez pense que a vida vale a pena ser vivida.

Na verdade, tive essa ideia de um diário duplo (um para a mente, outro para

o corpo) ontem, quando papai assistia a um jogo de rúgbi na televisão. Até então, nesses casos eu olhava, sobretudo, para o papai. Gosto de olhar para ele quando arregaça as mangás da camisa, tira os sapatos e se instala no sofá, com uma cerveja e salaminho, e assiste ao jogo clamando: "Vejam o homem que também sei ser". Aparentemente, só lhe vem à mente um estereótipo (o senhor seríssimo, ministro da República) mais um estereótipo (afinal, um bom sujeito, e que gosta de cerveja gelada), isso cria um estereótipo potência 2. Em suma, no sábado papai voltou mais cedo que de costume, jogou sua pasta ao leu, tirou os sapatos, arregaçou as mangás, pegou uma cerveja na cozinha, se aboletou na frente da televisão e me disse: "Meu amor, me traga salaminho, por favor, não quero perder o haka". Quanto a perder o haka, tive tempo de sobra para cortar as fatias do salaminho e levá-las, e ainda estava nos anúncios. Mamãe sentara, em equilíbrio precário, no braço do sofá, para mostrar sua oposição à coisa (na família estereotipada, eu peço a rã intelectual-de-esquerda), e enchia a paciência de papai com uma história complicada de um jantar em que se tratava de convidar dois casais que estavam brigados, para reconciliá-los. Quando se conhece a sutileza psicológica de mamãe, dá vontade de rir desse projeto. Em suma, dei o salaminho para papai e, como sabia que Colombe estava no quarto ouvindo música supostamente de vanguarda esclarecida do arrondissement, pensei: afinal de contas, por que não?, vejamos um pequeno haka. Na minha lembrança, o haka era um tipo de dança meio grotesca que fazem os jogadores do time neozelandês antes do jogo. Do tipo intimidação, à maneira dos grandes macacos. E também na minha lembrança o rugby é um jogo pesado, com uns caras que se atiram sem parar na grama e levantam para cair de novo e se engalfinharem três passos adiante. Os anúncios finalmente acabaram, e, depois de uma cena em que havia um monte de fortões rolando na grama, tivemos uma visão do estádio com a voz em off dos comentaristas, depois um close dos comentaristas (escravos do cassoulet) e, depois, mais uma vez o estádio. Os jogadores entraram em campo, e ali comecei a ficar presa. No início, não entendi muito bem, eram as mesmas imagens de sempre, mas aquilo me dava uma nova reação, um tipo de coceira, uma espera, um "prendo a respiração". Ao meu lado, papai já tinha engolido sua primeira cerveja e se preparava para prosseguir nesse filão gaulês, pedindo à mamãe, que acabava de se desgrudar do braço do sofá, que lhe trouxesse outra. Eu prendia minha respiração. "Que está acontecendo?", pensava, olhando para a tela, e não conseguia saber o que estava vendo e por que me coçava daquela maneira.

Compreendi quando os jogadores neozelandeses começaram o haka. Entre eles, havia um jogador maori imenso, bem mocinho. Foi ele que meu olho agarrou desde o início, talvez por causa de seu tamanho, mas depois por causa de

seu modo de se mexer. Um tipo de movimento muito curioso, muito fluido, mas, sobretudo muito concentrado, quero dizer, muito concentrado nele mesmo. A maioria das pessoas, quando se mexem, bem, elas se mexem em função do que há em torno. Neste exato momento, enquanto estou escrevendo, passa a gata Constitution, com a barriga arrastando no chão. Essa gata não tem nenhum projeto de vida construído, mas se dirige para alguma coisa, provavelmente uma poltrona. E isso é visível pelo seu modo de se mexer: ela vai para. Mamãe acaba de passar na direção da porta de entrada, sai para fazer compras e, na verdade, já está fora, seu movimento se antecipa. Não sei muito bem como explicar isso, mas, quando nos deslocamos, somos, de certa forma, desestruturados por esse movimento poro: estamos ali e ao mesmo tempo não estamos ali porque já estamos indo para outro lugar, se entendem o que quero dizer. Para parar de se desestruturar, é preciso parar de se mexer. Ou você se mexe e não está mais inteiro, ou você está inteiro e não pode se mexer. Mas aquele jogador, já quando o vi entrar no campo, senti algo diferente nele. A impressão de vê-lo se mexer, sim, mas ficando ali. Alucinante, não é? Quando o haka começou, foi ele, sobretudo que observei. Estava na cara que não era como os outros. Aliás, Cassoulet disse:

"E Somu, o tremendo defesa neozelandês, sempre nos impressiona por sua estrutura de um colosso; dois metros e sete, cento e dezoito quilos, onze segundos em cem metros, um lindo bebê, sim, senhora!". Todo mundo estava hipnotizado por ele, mas ninguém parecia de fato saber por quê. No entanto, isso ficou claro no haka: ele se mexia, fazia os mesmos gestos que os outros (bater as palmas das mãos nas coxas, martelar o chão em cadência, encostar-se com os cotovelos, tudo isso olhando nos olhos do adversário com ares de guerreiro irritado), mas, enquanto os gestos dos outros iam na direção dos adversários e de todo o estádio que olhava para eles, os gestos desse jogador ficavam nele mesmo, concentrados nele, e isso lhe dava uma presença, uma intensidade incrível. E, de repente, o haka, que é um canto guerreiro, assumia toda a sua força. O que faz a força do soldado não é a energia que ele concentra ao intimidar o outro, enviando-lhe um monte de sinais, mas é a força que ele é capaz de concentrar em si mesmo, ficando centrado em si mesmo. O jogador maori se tornava uma árvore, um grande carvalho indestrutível com raízes profundas, uma poderosa irradiação, e todos o sentiam. No entanto, tinha-se a certeza de que o grande carvalho também podia voar, que ia ser tão rápido quanto o ar, apesar das suas grandes raízes ou graças a elas.

Assim, assisti ao jogo com atenção, procurando sempre a mesma coisa: momentos compactos em que um jogador se tornava seu próprio movimento sem precisar se fragmentar ao se dirigir para. E os vi! Vi isso em todas as fases do

jogo: nas mêlées, com um ponto de equilíbrio evidente, um jogador que encontrava suas raízes, que se tornava uma pequena âncora sólida a passar sua força ao grupo; nas fases de exibição, com um jogador que encontrava a velocidade certa ao parar de pensar no gol, concentrando-se em seu próprio movimento, e que corria como que em estado de graça, com a bola colada no corpo; no transe dos goleiros, que se isolavam do resto do mundo para encontrar o movimento perfeito do pé. Mas nenhum chegava à perfeição do grande jogador maori. Quando ele marcou o primeiro try neozelandês, papai ficou todo bobo, de boca aberta, esquecendo a cerveja. Deveria ter ficado zangado, porque torcia pelo time francês, mas em vez disso exclamou: "Que jogador!", passando a mão na testa. Os comentaristas estavam meio de cabeça inchada, mas não conseguiam esconder que tinham realmente visto algo belo: um jogador que corria sem se mexer, deixando todo mundo para trás. Eram os outros que pareciam ter movimentos frenéticos e desajeitados, embora fossem incapazes de agarrá-lo.

Então pensei: pronto, fui capaz de perceber no mundo os movimentos imóveis; será que isso basta para valer a pena continuar? Nesse instante, um jogador francês perdeu seu short num mau, e, de repente, me senti deprimida porque isso fez todo mundo rolar de rir, inclusive papai, que pegou mais uma cervejinha, apesar dos dois séculos de protestantismo familiar. Eu tinha a impressão de uma profanação. Então, não, isso não basta. Precisarei de outros movimentos para me convencer. Mas, pelo menos, isso me deu a ideia

Capítulo 6 - Guerras e colônias

Não estudei, eu dizia no preâmbulo a estes comentários. Não foi exatamente assim. Mas minha juventude estudiosa parou no fim do curso primário. Antes disso, eu tomava cuidado para que não me notassem - apavorada com as suspeitas que o professor, Sr. Servant, tinha de mim desde que me descobrira devorando com avidez o diário dele, que só falava de guerras e de colônias, quando eu ainda não tinha dez anos.

Por quê? Não sei. Vocês acham que eu poderia mesmo saber? E uma pergunta para os adivinhos de antigamente. Digamos que a ideia de lutar num mundo de ricos, eu, moça que vim do nada, sem beleza nem atrativos, sem passado nem ambição, sem habilidade nem brilho, me cansou antes mesmo que eu experimentasse. Eu só desejava uma coisa: que me deixassem em paz, que não exigissem muito de mim e que eu pudesse dispor, alguns instantes por dia, da licença de saciar minha fome.

Para quem não sabe o que é o apetite, a primeira mordida da fome é ao mesmo tempo um sofrimento e uma iluminação. Eu era uma criança apática e quase enferma, de costas arqueadas a ponto de parecer corcunda, e que só se mantinha na vida pelo desconhecimento de que pudesse existir outro caminho. Minha ausência de gosto beirava o nada; nada me dizia coisa alguma, nada me despertava, e, palhinha fraca sacudida ao sabor de ondas enigmáticas, eu ignorava até mesmo o desejo de acabar com a vida.

Na nossa casa ninguém conversava. As crianças berravam, e os adultos se ocupavam de suas tarefas como teriam feito na solidão. Comíamos o suficiente para matar a fome, embora frugalmente, não éramos maltratados, e nossas roupas de pobres eram limpas e solidamente remendadas, de tal modo que, embora pudéssemos nos envergonhar, não sofriamos de frio. Mas não falávamos.

A revelação aconteceu quando, aos cinco anos, indo à escola pela primeira vez, tive a surpresa e o pavor de ouvir uma voz se dirigir a mim e dizer meu nome de batismo.

"Renée?", interrogava a voz enquanto eu sentia a mão amiga sobre a minha.

Foi no corredor onde, para o primeiro dia de escola e porque chovia, tinham amontoado as crianças.

"Renée?", a voz continuava a modular, vinda do alto, e a mão amiga não parava de exercer em meu braço - incompreensível linguagem - leves e suaves pressões.

Levantei a cabeça e, num movimento insólito que quase me deu tonteira, cruzei com um olhar.

Renée. Tratava-se de mim. Pela primeira vez alguém se dirigia a mim dizendo meu nome de batismo. Ali onde meus pais recorriam a um gesto ou uma bronca, uma mulher, que agora eu achava que tinha os olhos claros e a boca sorridente, abria caminho para o meu coração e, ao pronunciar meu nome, estabelecia comigo uma proximidade da qual até então eu não fazia ideia Olhei ao redor para um mundo que, subitamente, se enfeitou de cores. Num raio doloroso, percebi a chuva que caía lá fora, as janelas lavadas pela água, o cheiro das roupas molhadas, a estreiteza do corredor, uma tripa onde vibrava o grupo de crianças, a patina dos porta-casacos de bolotas de cobre onde se amontoavam pelerines de lã ordinária - e a altura dos tetos, na medida do céu para um olhar de criança.

Então, meus tristonhos olhos cravados nos dela, agarrei-me à mulher que acabava de me fazer nascer.

"Renée", a voz recomeçou, "quer tirar sua japona?"

E, me segurando firmemente para que eu não caísse, ela me despiu com a rapidez das longas experiências.

Acredita-se erradamente que o despertar da consciência coincide com a hora do nosso primeiro nascimento, talvez porque não conseguimos imaginar outro estado vivo além desse. Parece-nos que sempre vimos e sentimos, e, apoiados nessa crença, identificamos na vinda ao mundo o instante decisivo em que nasce a consciência. Que durante cinco anos uma garota chamada Renée, mecanismo perceptivo operacional dotado de visão, audição, olfato, paladar e tato, tenha vivido na perfeita inconsciência de si mesma e do universo é um desmentido a essa teoria apressada. Pois, para que a consciência surja, é preciso um nome.

Ora, pela força de infelizes circunstâncias, parece que ninguém tinha pensado em me dar o meu.

"E esses olhos tão bonitos", me disse também a professora, e tive a intuição de que ela não mentia, que naquele instante meus olhos brilhavam com toda essa beleza e, refletindo o milagre de meu nascimento, cintilavam como mil fogos.

Comecei a tremer e procurei nos dela a cumplicidade que gera toda alegria partilhada.

No seu olhar suave e bondoso só li compaixão.

Na hora em que enfim eu nascia, viam-me somente com piedade.

Eu estava possuída.

Já que minha fome não podia ser aplacada no jogo de interações sociais que eram inconcebíveis por minha própria condição - e compreendi isso mais tarde, essa compaixão nos olhos de minha salvadora, pois algum dia já se viu uma menina pobre penetrar na embriaguez da linguagem e nela se exercitar junto com os outros? -, ela o seria nos livros. Pela primeira vez toquei num livro. Eu tinha visto os maiores da turma olharem para traços invisíveis, como que movidos pela mesma força, e, mergulhando no silêncio, tirarem do papel morto alguma coisa que parecia viva.

Aprendi a ler sem ninguém saber. A professora ainda repetia as letras para as outras crianças, e eu já conhecia havia muito tempo a solidariedade que tece os sinais escritos, suas infinitas combinações e os sons maravilhosos que tinham me investido naquele local, no primeiro dia, quando ela dissera meu nome. Ninguém soube. Li como uma alucinada, primeiro escondido, depois, quando o tempo normal da aprendizagem me pareceu superado, na cara de todo mundo mas tomando o cuidado de dissimular o prazer e o interesse que tirava daquilo.

A criança fraca se tornara uma alma faminta.

Aos doze anos saí da escola e trabalhei em casa e nas lavouras ao lado de meus pais e de meus irmãos e irmãs. Aos dezessete, me casei.

Capítulo 7 - O caniche como totem

No imaginário coletivo, o casal de concierges, dupla fusional composta de entidades tão insignificantes que só a união deles os revela, possui quase com certeza um caniche. Como todos sabem, os caniches são uma raça de cachorro todo crespinho cujos donos, em geral, são modestos aposentados, senhoras muito sozinhas que transferem seu afeto para o cachorro, ou concierges de prédios, escondidos em seus cubículos escuros. Podem ser pretos ou cor de damasco. Os damasco são mais tinhosos que os pretos, que são menos cheirosos. Todos os caniches latem furiosamente ao menor pretexto, mas sobretudo quando não acontece nada. Seguem o dono, trotando sobre as quatro patas durinhas, sem mexer o resto do pequeno tronco, que parece uma salsicha. E, sobretudo, têm olhinhos pretos e biliosos, enfiados em órbitas insignificantes.

Os caniches são feios e bobos, submissos e arrogantes. São os caniches.

Assim, o casal de concierges, metaforizado por seu cão totêmico, parece privado dessas paixões que são o amor e o desejo, e, como o próprio totem, está fadado a ser sempre feio, bobo, submisso e arrogante. Se em certos romances os príncipes se apaixonam por operárias e as princesas por prisioneiros, entre dois concierges, mesmo de sexos opostos, jamais acontecem romances como os que acontecem com os outros e merecem ser contados em algum lugar.

Não só nós nunca tivemos um caniche, como creio poder dizer que nosso casamento foi um sucesso. com meu marido fui eu mesma. E com saudade que repenso nas manhãs de domingo, essas manhãs abençoadas por serem de descanso, quando, na cozinha silenciosa, ele bebia seu café e eu lia.

Casei-me aos dezessete anos, depois de um namoro rápido, mas correto. Ele trabalhava na fábrica, assim como meus irmãos mais velhos, e às vezes vinha à noite com eles beber um café e uma gotinha de álcool. Infelizmente, eu era feia. Mas isso não seria decisivo se eu tivesse sido feia à maneira das outras. Minha feiura, porém, tinha essa crueldade de só pertencer a mim e, ao me despojar de todo viço quando eu ainda não era mulher, já me fazia parecer, aos quinze anos, aquela que eu seria aos cinquenta. Minhas costas arqueadas, a cintura grossa, as pernas curtas, os pés afastados, a pilosidade abundante, as feições apagadas, quer dizer, sem contornos nem graça, poderiam ser me perdoados em benefício do

encanto que toda juventude, mesmo ingrata, possui - mas, em vez disso, eu já me sentia, aos vinte anos, uma lambisgoia.

Assim, quando as intenções de meu futuro marido se revelaram e não pude mais ignorá-las, abri-me com ele, pela primeira vez falando francamente com alguém, e confessei meu espanto pela ideia de que quisesse se casar comigo.

Eu era sincera. Fazia muito tempo que me acostumara com a perspectiva de uma vida solitária. Ser pobre, feia e além do mais inteligente condena, em nossas sociedades, a percursos sombrios e sem ilusões, aos quais é melhor se habituar cedo. A beleza se perdoa tudo, até mesmo a vulgaridade. A inteligência deixa de parecer apenas uma justa compensação das coisas, algo como um reequilíbrio que a natureza oferece aos filhos menos favorecidos, e fica parecendo um brinquedo supérfluo que realça o valor da joia. A feiura, em compensação, já é sempre culpada, e eu estava fadada a esse destino trágico, sentindo mais dor ainda na medida em que não era boba.

"Renée", ele me respondeu com toda a seriedade de que era capaz e esgotando nessa longa tirada toda a facúndia que nunca mais exibiria, "Renée, não quero para esposa uma dessas ingênuas que posam de grandes desavergonhadas e que, debaixo do lindo rostinho, têm um cérebro igual ao de um pardal. Quero uma mulher fiel, boa esposa, boa mãe e boa dona-de-casa. Quero uma companheira sossegada e segura que ficará ao meu lado e me apoiará. Em troca, você pode esperar de mim seriedade no trabalho, calma no lar e ternura no momento exato. Não sou mau sujeito, e farei todo o possível."

E fez.

Pequeno e seco como uma cepa de olmo, tinha, porém, um rosto agradável, em geral risonho. Não bebia, não fumava, não mascava fumo, não jogava. Em casa, depois do trabalho, assistia TV, folheava as revistas de pesca ou então jogava cartas com seus amigos da fábrica. Muito sociável, convidava gente a toda hora. No domingo ia pescar. Quanto a mim, eu arrumava a casa, pois ele era contra a ideia de que eu fizesse faxina na casa dos outros.

Não era desprovido de inteligência, embora ela não fosse do tipo que o gênio social valoriza. Se suas competências se limitavam às tarefas manuais, nisso mostrava um talento que não decorria apenas de aptidões motoras, e, embora inculto, fazia todas as coisas com essa engenhosidade que, nos biscates, diferencia os laboriosos e os artistas e que, na conversa, ensina que o saber não é tudo. Portanto, resignada desde muito cedo a uma vida de freira, parecia-me uma clemência que os céus tivessem posto entre minhas mãos de esposa um companheiro com maneiras tão agradáveis e que, embora não fosse um intelectual, era bem esperto.

Eu poderia ter caído em cima de um Grelier.

Bernard Grelier é uma dessas raras criaturas do número 7 da Rue de Grenelle diante de quem não temo me trair. Se eu lhe disser: "Guerra e paz é a encenação de uma visão determinista da história", ou: "Seria bom lubrificar as dobradiças da porta das lixeiras", ele não atribuirá a isso nenhum novo significado, nem velho. Fico até pensando por qual inexplicável milagre a segunda intimação consegue provocar nele um princípio de ação. Como é possível fazer o que não se compreende? E provável que esse tipo de proposição não exija um tratamento racional, e, como esses estímulos que, circulando na coluna vertebral, desencadeiam o reflexo sem solicitar o cérebro, a injunção de lubrificar a dobradiça talvez seja apenas uma solicitação mecânica que põe para funcionar os membros sem o auxílio da mente.

Bernard Grelier é marido de Violette Grelier, a "governanta" dos Arthens. Ela começou a trabalhar para eles há trinta anos, como simples empregada, e foi ganhando status à medida que eles enriqueceram; agora, como governanta, reina sobre um irrisório reino composto das pessoas da faxineira (Manuela), do mordomo ocasional (inglês) e do faz-tudo (seu marido). Demonstra pelo zé-povinho o mesmo desprezo que seus patrões da alta burguesia. Passa o dia todo a tagarelar como uma matraca, se agita sem parar, com ares importantes, repreendendo a criadagem como em Versalhes nos dias de glória, e enche a paciência de Manuela com discursos pontificantes sobre o amor ao trabalho bem-feito e a decomposição das boas maneiras.

"Ela não leu Marx", me disse Manuela um dia.

A pertinência dessa constatação, vindo de uma boa portuguesa que, no entanto, era pouco dada ao estudo dos filósofos, chamou minha atenção. Não, Violette Grelier certamente não leu Marx, pela simples razão de que ele não figurava em nenhuma lista de produtos de limpeza para prataria de ricos. Para compensar essa lacuna, ela herdou um cotidiano salpicado de catálogos intermináveis que falam de goma e de panos de prato de linho.

Portanto, eu era bem casada.

Além disso, logo, logo confessei ao meu marido minha imensa culpa.

Capítulo 8 - Pensamento profundo nº 2

O gato neste mundo Esse totem moderno E, por intermitência, decorativo

Pelo menos, na nossa casa é assim. Se vocês querem compreender nossa família, basta olhar para os gatos. Nossos dois gatos são gordos odres que comem croquetes de luxo e não têm nenhuma interação interessante com as pessoas. Arrastam-se de um sofá para outro, deixando pelos por todo lado, e ninguém parece ter entendido que eles não têm o menor afeto por quem quer que seja. O único interesse dos gatos é que são objetos decorativos móveis, um conceito que acho intelectualmente interessante mas que não se aplica aos nossos por terem a barriga grande demais.

Mamãe, que leu todo o Balzac e cita Flaubert em cada jantar, demonstra diariamente o quanto a instrução é um engodo fenomenal. Basta olhar para ela junto com os gatos. Ela tem vaga consciência de seu potencial decorativo, mas se obstina em falar com eles como se fossem pessoas, o que não lhe viria à mente com um abajur ou uma estatueta etrusca. Parece que as crianças acreditam até uma idade bem avançada que tudo o que se mexe tem alma e é dotado de intenção. Mamãe não é mais criança, mas aparentemente não consegue imaginar que Constitution e Parlement tenham tão pouco entendimento quanto o aspirador.

Admito que a diferença entre o aspirador e eles é que um gato pode sentir prazer e dor. Mas isso significa que tem mais aptidão para comunicar-se com o humano?

De jeito nenhum. Isso deveria apenas nos incitar a tomar certas precauções, como tomamos com um objeto muito frágil. Quando ouço mamãe dizer: "Constitution é uma gatinha muito orgulhosa e ao mesmo tempo muito sensível", enquanto a outra está aboletada no sofá porque comeu demais, acho graça. Mas, se pensamos na hipótese de que o gato tem como função ser um totem moderno, uma espécie de encarnação emblemática e protetora do lar, refletindo com benevolência o que são os membros da casa, isso se torna evidente. Mamãe faz dos gatos o que gostaria que nós fôssemos e que não somos de jeito nenhum. Não há ninguém menos orgulhoso e sensível que os três membros abaixo citados da família Josse: papai, mamãe e Colombe. São completamente frouxos e

anestesiados, vazios de emoções.

Em suma, acho que o gato é um totem moderno. Por mais que se diga, por mais que se façam grandes discursos sobre a evolução, a civilização e um monte de palavras em "cão", o homem não progrediu muito desde seus primórdios: continua a crer que não está aqui por acaso e que deuses em sua maioria benevolentes zelam por seu destino.

Capítulo 9 - Recusando o combate

Li tantos livros...

No entanto, como todos os autodidatas nunca tenho certeza do que compreendi. Um belo dia, creio abarcar só com o olhar a totalidade do saber, como se de súbito nascessem ramificações invisíveis que tecessem entre si todas as minhas leituras esparsas - depois, brutalmente, o sentido se esquiva, o essencial me foge, e, por mais que eu releia as mesmas linhas, elas me escapam, cada vez mais, e então fico parecendo uma velha louca que acredita estar de barriga cheia só porque leu atentamente o cardápio. Parece que a conjunção dessa aptidão com essa cegueira é a marca registrada da autodidaxia. Privando o sujeito dos guias seguros que toda boa informação fornece, ela nos faz, porém, a oferta de uma liberdade e de uma síntese de pensamento ali onde os discursos oficiais erguem tapumes e proíbem a aventura.

Hoje de manhã, justamente, estou na cozinha, perplexa, com um livrinho na minha frente. Estou num desses momentos em que sou agarrada pela loucura de minha iniciativa solitária e em que, a dois passos de renunciar, temo ter enfim encontrado meu mestre.

Que se chama Husserl, um nome que não se dá aos bichos de estimação nem às marcas de chocolate, pela simples razão de que evoca algo sério, rebarbativo e vagamente prussiano. Mas isso não me consola. Considero que meu destino me ensinou, melhor que a ninguém, a resistir às sugestões negativas do pensamento mundial. Vou lhes dizer: se até agora vocês imaginavam que, de feiura em velhice e de viuvez em portarias de prédio, eu me tornei uma porcariazinha conformada com a baixeza de seu destino, é porque não têm imaginação. Verdade que recuei, recusando o combate. Mas, na segurança de meu espírito, não há desafio que eu não consiga enfrentar. Indigente pelo nome, pela posição e pelo aspecto, sou, em meu entendimento, uma deusa invencível.

Assim, Edmund Husserl, cujo nome, eu decido, é para aspiradores sem saco de papel, ameaça a perenidade do meu Olimpo particular.

"Bem, bem, bem", digo respirando fundo, "para todo problema existe uma solução, não é?" - e olho para o gato, espreitando o estímulo.

O ingrato não responde. Acaba de engolir uma monstruosa fatia de rillettes,

e, agora animado por uma grande benevolência, coloniza a poltrona.

"Bem, bem, bem", repito estupidamente e, perplexa, contemplo de novo o ridículo livrinho.

Meditações cartesianas - Introdução à fenomenologia. Logo se entende, pelo título da obra e pela leitura das primeiras páginas, que não é possível abordar Husserl, filósofo fenomenologista, se já não se leu Descartes e Kant. Mas logo também se percebe que dominar Descartes e Kant não abre as portas da fenomenologia transcendental.

E uma pena. Pois tenho por Kant grande admiração, pelo fato de que seu pensamento é um concentrado admirável de gênio, rigor e loucura, e também porque, por mais espartana que seja sua prosa, não tive dificuldade em penetrar em seu significado. Os textos kantianos são grandes textos, e para mim a prova disso é a aptidão que têm de se submeter vitoriosamente ao teste da mirabela.

O teste da mirabela choca por sua óbvia evidência. Sua força decorre de uma constatação universal: mordendo a fruta, o homem enfim compreende. O que compreende?

Tudo. compreende a lenta maturação de uma espécie humana destinada à sobrevivência, e depois, quando chega, uma bela noite, à intuição do prazer, compreende a inutilidade de todos os apetites factícios que se desviam da aspiração primeira às virtudes das coisas simples e sublimes, a inutilidade dos discursos, a lenta e terrível degradação dos mundos a que ninguém escapará, apesar da maravilhosa volúpia dos sentidos quando conspiram para ensinar aos homens o prazer e a aterradora beleza da Arte.

O teste da mirabela é feito na minha cozinha. Sobre a mesa de fórmica, ponho a fruta e o livro, e, começando pela primeira, me lanço também no segundo. Se resistem mutuamente às poderosas investidas, se a mirabela fracassa no intuito de me fazer duvidar do texto e se o texto não consegue estragar a fruta, então sei que estou em presença de uma obra importante e, digamos, excepcional, de tal forma são poucas as que, ridículas e fátuas, não são dissolvidas na extraordinária suculência daquelas bolinhas douradas.

"Estou frita", digo a Leon, porque minhas competências em matéria de kantismo são bem pouca coisa em comparação com o abismo da fenomenologia.

Não tenho alternativa. Preciso ir à biblioteca e tentar descobrir uma introdução à coisa. Em geral, desconfio dessas glosas ou desses resumos que põem o leitor a ferros num pensamento escolástico. Mas a situação é muito grave para que eu me dê ao luxo de tergiversar. A fenomenologia me escapa, e isso é insuportável.

Capítulo 10 - Pensamento profundo nº 3

Os fortes Entre os humanos Não fazem nada Falam

Falam mais e mais É um pensamento profundo meu, mas nasceu de outro pensamento profundo. Foi um convidado de papai, no jantar de ontem, que disse: "Os que sabem fazer fazem, os que não sabem fazer ensinam, os que não sabem ensinar ensinam aos professores, e os que não sabem ensinar aos professores fazem política". Todos fizeram cara de quem achou isso muito inspirado, mas pelas razões erradas. "É tão verdadeiro", disse Colombe, especialista da falsa autocrítica. Ela faz parte dos que pensam que saber equivale a poder. Se sei que faço parte de uma elite autossatisfeita que liquida o bem comum por excesso de arrogância, escapo à crítica e colho duas vezes mais prestígio. Papai também é inclinado a pensar igual, embora seja menos cretino que minha irmã. Ele também acredita que existe alguma coisa que se chama dever, o que, embora a meu ver seja quimérico, o protege contra a debilidade do cinismo. Explico-me: não há ninguém mais sonhador que o cínico. É porque ainda acredita, do fundo da alma, que o mundo tem um sentido e porque não consegue abrir mão das baboseiras da infância que ele adota a atitude contrária. "A vida é uma bandida, não creio em mais nada, e dela gozarei até a náusea", são as palavras perfeitas do ingênuo contrariado. É, sem tirar nem pôr, a minha irmã. Por mais que ela esteja estudando filosofia, ainda acredita em Papai Noel, não por ter bom coração, mas por ser absolutamente infantil. Riu que nem uma pateta quando o .colega do papai se saiu com sua bela frase, no gênero eu domino esse salto no abismo, e isso me confirmou o que penso há muito tempo: Colombe é um desastre total.

Mas eu, de meu lado, acredito que essa frase é um verdadeiro pensamento profundo, justamente porque não é verdade, ou ao menos não é uma verdade absoluta. Ela não quer dizer o que se pensa no início. Se alguém ascendesse na hierarquia social na proporção de sua incompetência, garanto a vocês que o mundo não giraria como gira.

Mas o problema não é esse. O que essa frase quer dizer não é que os incompetentes têm um lugar ao sol, é que nada é mais duro e injusto do que a realidade humana: os homens vivem num mundo em que são as palavras, e não

os atos, que têm poder, em que a competência última é o domínio da linguagem. É terrível, porque na verdade somos uns primatas programados para comer, dormir, nos reproduzir, conquistar e tornar seguro o nosso território, e os mais dotados para isso, os mais animais entre todos nós, são sempre passados para trás pelos outros, por esses que falam bem, quando, na realidade, seriam incapazes de defender seu jardim, de trazer um coelho para o jantar ou de procriar corretamente. Os homens vivem num mundo em que são os fracos que dominam. É uma injúria terrível à nossa natureza animal, um gênero de perversão, de contradição profunda.

Capítulo 11 - Triste condição

Depois de um mês de leitura frenética, concluo com imenso alívio que a fenomenologia é uma vigarice. Da mesma maneira que as catedrais sempre despertaram em mim esse sentimento próximo da síncope que se sente diante da manifestação do que os homens podem construir à glória de algo que não existe, a fenomenologia atazana minha incredulidade com a perspectiva de que tanta inteligência possa ter servido a uma empreitada tão inútil. Como estamos em novembro, infelizmente não tenho

mirabelas em casa. Em tais casos, na verdade durante onze meses por ano, me volto para o chocolate amargo (setenta por cento de cacau). Mas conheço de antemão o resultado do teste. Ainda que eu tivesse a alegria de morder o metro padrão, bateria ruidosamente nas coxas com a leitura, e um belo capítulo como "Revelação do sentido final da ciência no esforço de Vivê-la' como fenômeno noemático" ou "Os problemas constitutivos do ego transcendental" poderia até mesmo me fazer morrer de tanto rir, fulminada em pleno coração, em minha poltrona mole, com suco de mirabela ou filetes de chocolate escorrendo do canto dos lábios.

Quem quer estudar a fenomenologia precisa ter consciência de que ela se resume a uma dupla interrogação: qual é a natureza da consciência humana? Que conhecemos do mundo?

Vejamos a primeira.

Há milênios que, dos "conhece-te a ti mesmo" aos "penso, logo existo", não se para de glosar essa ridícula prerrogativa do homem que é a consciência que ele tem da própria existência e, sobretudo, a capacidade dessa consciência de se tomar ela mesma por objeto. Quando sente coceira em algum lugar, o homem se coça e tem consciência de estar se coçando. Alguém lhe pergunta: que está fazendo?, e ele responde: estou me coçando. Caso se leve mais longe a investigação (você é consciente de que é consciente do fato de que está se coçando?), ele responde de novo sim, e da mesma maneira para todos os você-é-consciente que se possam acrescentar. Mas será que o homem sente menos coceira pelo fato de saber que se coça e que é consciente disso? A consciência reflexiva influi beneficentemente na ordem das coceiras? Que nada.

Saber que está coçando e ser consciente de que tem consciência de sabê-lo não muda rigorosamente nada o fato de que está coçando. Desvantagem complementar, é preciso tolerar a lucidez que decorre dessa triste condição, e aposto cinco quilos de mirabelas que isso aumenta uma contrariedade que, no meu gato, um simples gesto com a pata dianteira enxota. Mas para os homens parece tão extraordinário, porque nenhum outro animal pode fazer isso e assim escapamos da bestialidade, que uma criatura possa saber que sabe que está se coçando, que essa precedência da consciência humana parece, para muitos, a manifestação de algo divino, que em nós escaparia ao frio determinismo a que estão submetidas todas as coisas físicas.

Toda a fenomenologia está assentada nesta certeza: nossa consciência reflexiva, marca de nossa dignidade ontológica, é a única entidade em nós que vale a pena ser estudada, porque salva do determinismo biológico.

Ninguém parece consciente do fato de que, já que só' animais submetidos ao frio determinismo das coisas físicas, e o que precede é caduco.

Então, a segunda pergunta: que conhecemos do mundo?

A essa pergunta os idealistas como Kant respondem.

Que respondem?

Respondem: pouca coisa.

O idealismo é a posição que considera que só podemos conhecer aquilo que aparece à nossa consciência, essa entidade semidivina que nos salva da bestialidade. Conhecemos do mundo o que nossa consciência pode dizer dele porque isso aparece assim - e não mais.

Vejam um exemplo, ao acaso, um simpático gato chamado Leon. Por quê? Porque acho que é mais fácil com um gato. E pergunto a vocês: como podem ter certeza de que se trata de verdade de um gato, e até mesmo saber o que é um gato? Uma resposta saudável consistiria em argumentar que sua percepção do animal, completada por certos mecanismos conceituais e de linguagem, os leva a formar esse conhecimento. Mas a resposta idealista consiste em demonstrar a impossibilidade de saber se o que percebemos e concebemos do gato, se o que aparece como gato na nossa consciência é de fato conforme ao gato em sua intimidade profunda. Talvez o meu gato, que de momento eu apreendo como um quadrúpede obeso com bigodes que estremecem e que guardo em minha mente numa gaveta etiquetada "gato", seja na verdade e na sua própria essência uma bola de visco verde que não faz miau.

Mas meus sentidos estão formados de tal modo que isso não me aparece assim e que a bola imunda de cola verde, enganando minha repugnância e minha cândida confiança, se apresenta à minha consciência sob a aparência de um animal doméstico glutão e sedoso.

Eis o idealismo kantiano. Só conhecemos do mundo a ideia que dele forma a nossa consciência. Mas existe uma teoria mais deprimente que essa, uma teoria que abre perspectivas mais aterradoras ainda que a de afagar, sem se dar conta, um pedaço de baba verde ou a de, pela manhã, enfiar numa caverna pustulenta o pão com manteiga que você imaginava estar destinado a uma torradeira.

Existe o idealismo de Edmund Husserl, que agora me evoca uma marca de batinas de burel para padres seduzidos por um obscuro cisma da Igreja Batista.

Nessa última teoria só existe a apreensão do gato. E o gato? Pois é, o dispensamos. Nenhuma necessidade do gato. Para fazer o quê, com ele? Que gato? De agora em diante, a filosofia se autoriza a só se satisfazer no estupro do puro espírito. O mundo é uma realidade inacessível que seria inútil tentar conhecer. Que conhecemos do mundo? Nada. Como todo conhecimento é apenas a autoexploração da consciência reflexiva por si mesma, pode-se, portanto, mandar o mundo para os quintos dos infernos.

É isso a fenomenologia: a "ciência do que aparece à consciência". Como se passa o dia de um fenomenologista? Ele se levanta, tem consciência de ensaboar no chuveiro um corpo cuja existência é sem fundamento, de engolir o pão com manteiga inexistente, de enfiar roupas que são como parênteses vazios, ir para o escritório e pegar um gato.

Pouco se lhe dá que esse gato exista ou não exista, e o que ele seja na própria essência. O que é indecível não lhe interessa. Em compensação, é inegável que na sua consciência aparece um gato, e é esse aparecer que preocupa o nosso homem.

Um aparecer, aliás, bem complexo. Que se possa a esse ponto detalhar o funcionamento da apreensão pela consciência de uma coisa cuja existência em si é indiferente é algo realmente fantástico. Vocês sabem que a nossa consciência não percebe de imediato, mas efetua séries complicadas de sínteses que, por meio de perfis sucessivos, conseguem fazer surgir aos nossos sentidos os diferentes objetos, como, por exemplo, um gato, uma vassoura ou um mata-moscas - e Deus sabe se isso é útil! Façam o exercício de olhar para o seu gato e perguntar como é que vocês sabem de que maneira ele é, na frente, atrás, em cima e embaixo, quando, naquele momento, vocês só o percebem de frente. Foi preciso que a sua consciência, sintetizando, sem que vocês sequer se deem conta, as múltiplas percepções do gato de todos os ângulos possíveis, tenha acabado por criar essa imagem completa do gato que a sua visão atual jamais lhes fornece. E a mesma coisa com o mata-moscas, que vocês só percebem num sentido, embora possam visualizá-lo inteiro na mente, e que milagre - vocês sabem, sem sequer o virar, como ele é feito do outro lado.

Convenhamos, esse saber é muito útil. Ninguém imagina Manuela usando

um mata-moscas sem mobilizar imediatamente o saber que ela tem dos diferentes perfis necessários à sua apreensão. Aliás, ninguém imagina Manuela usar um mata-moscas pela simples razão de que nunca tem mosca nos apartamentos dos ricos. Nem mosca, nem sífilis, nem maus cheiros, nem segredos de família. Entre os ricos, tudo é limpo, saudável e, por conseguinte, preservado da tirania dos mata-moscas e do opróbrio público.

Portanto, eis a fenomenologia: um monólogo solitário e sem fim da consciência consigo mesma, um autismo puro e duro que nenhum verdadeiro gato jamais importuna.

Capítulo 12 - No Sul confederado

"Que é que você está lendo aí?", me pergunta Manuela, que chega, sem fôlego, parecendo uma tísica, da casa da Sra. de Broglie, que esta noite dá um jantar. Ao receber do entregador as sete caixas de caviar Petrossian, ela respirava igual a Darth Vader.

"Uma antologia de poemas folclóricos", digo, e fecho para sempre o capítulo Husserl.

Hoje, Manuela está de bom humor, é visível. Abre entusiasmada uma cestinha abarrotada de financiers ainda dentro das forminhas brancas em que foram assados, senta-se, alisa cuidadosamente a toalha com a palma da mão, prelúdio a uma declaração que a transporta.

Arrumo as xícaras, sento-me também e espero.

"A Senhora de Broglie não está satisfeita com as trufas", ela começa.

"Ah, é?", digo educadamente.

"Elas estão sem cheiro", continua, de cara amarrada, como se essa falha fosse uma ofensa pessoal e maior.

Saboreamos essa informação dando-lhe o seu justo valor, e tenho prazer em imaginar Bernadette de Broglie na cozinha, apatetada e descabelada, esforçando-se para borrifar as contraventoras com uma decoção de suco de cogumelos cêpes e girolles, na esperança ridícula mas alucinada de que eles acabarão, enfim, exalando algo capaz de evocar a floresta.

"E Neptune fez xixi na perna do Sr. SaintNice", continua Manuela. "O pobre bichinho devia estar se segurando há horas e, quando ele pegou a coleira, o cachorro não aguentou, fez na entrada, na barra das calças dele."

Neptune é o cocker dos moradores do terceiro andar. O segundo e o terceiro são os únicos andares divididos em dois apartamentos (de duzentos metros quadrados cada um). No primeiro andar, vivem os De Broglie, no quarto, os Arthens, no quinto, os Josse, e no sexto, os Pallières. No segundo, há os Meurisse e os Rosen. No terceiro, há os SaintNice e os Badoise. Neptune é o cachorro dos Badoise, ou mais exatamente da Srta. Badoise, que estuda direito na faculdade de Assas e organiza festinhas de gente rica com outros donos de cockers que fazem direito na faculdade de Assas.

Tenho grande simpatia por Neptune. Sim, nos apreciamos muito, talvez pela graça da convivência nascida do fato de que os sentimentos de um são imediatamente acessíveis ao outro. Neptune sente que gosto dele; suas variadas vontades são transparentes para mim. O gostoso da história é que ele se obstina em ser um cachorro, quando sua dona gostaria que fosse um gentleman. Quando sai para o pátio, na ponta, bem na ponta de sua coleira de couro avermelhado, olha com cobiça para as poças de água enlameada que estão ali há tempos. Sua dona dá um puxão seco na coleira, e ele baixa o traseiro até o chão e, sem cerimônia, lambe seus atributos. Athéna, a ridícula whippet dos Meurisse, o deixa de língua de fora, como se ele fosse um sátiro lúbrico, e o faz arfar de antemão, com a cabeça recheada de fantasmas. O que é particularmente engraçado nos cockers é, quando estão de bom humor, o jeito gingado de andar; é como se, presas sob suas patas, houvesse pequenas molas que os projetassem para o alto - mas devagarinho, sem solavanco. Esse jeito de andar também agita as patas e as orelhas, assim como o balanço agita o barco, e o cocker, barquinho simpático cavalgando terra firme, confere a esses lugares urbanos um toque marítimo que eu adoro.

Por último, Neptune é um grande comilão disposto a tudo por um vestígio de nabo ou uma casquinha de pão velho. Quando sua dona passa defronte do local das latas de lixo, ele puxa a coleira como um louco em direção das ditas cujas, com a língua de fora e o rabo alucinado. Diane Badoise fica desesperada. Essa alma distinta acha que seu cachorro deveria ser como as moças da boa sociedade de Savannah, no Sul confederado de antes da guerra, que só conseguiam encontrar marido se fingissem não ter apetite.

Em vez disso, Neptune banca o ianque faminto.

Capítulo 13 - Diário do movimento do mundo nº 2

Um Bacon para o cocker.

No prédio há dois cachorros: a whippet dos Meurisse, que parece um esqueleto coberto de casca de couro bege, e um cocker ruivo que pertence a Diane Badoise, filha do advogado muito metidinho a besta, uma loura anoréxica que usa impermeáveis Burberry. A whippet se chama Athéna, e o cocker, Neptune. Só digo isso caso vocês não tenham entendido em que tipo de prédio eu moro. Aqui, nada de Kiki nem Rex. Bem, ontem, no hall, os dois cachorros se cruzaram, e tive oportunidade de assistir a um balé muito interessante. Não vou contar que os cachorros cheiraram os respectivos traseiros um do outro. Não sei se o de Neptune tem mau cheiro, mas Athéna deu um pulo para trás, enquanto ele, de seu lado, parecia cheirar um buquê de rosas dentro do qual houvesse um bife imenso, malpassado.

Não, o interessante eram os dois humanos na ponta das duas coleiras. Porque, nas cidades, são os cães que mantêm os donos na coleira, embora ninguém pareça entender que escolher voluntariamente um cão - um estorvo permanente, pois é preciso levá-lo para passear duas vezes por dia, chova, vente ou neve - significa passar em si mesmo uma coleira no pescoço. Em suma, Diane Badoise e Anne-Hélène Meurisse (mesmo modelo, com vinte e cinco anos de diferença) se cruzaram na entrada, cada uma presa à sua coleira. Nesses casos, costuma dar o maior bafafá! Elas são tão desajeitadas que parecem ter um pé-de-pato nas mãos e outro nos pés, e não conseguem fazer a única coisa que seria eficaz: reconhecer o que está acontecendo a fim de impedi-lo. Mas, como têm cara de quem acredita que está levando bichos de pelúcia muito bem educados, sem nenhuma pulsão fora do lugar, não conseguem gritar para que seus cachorros parem de ficar cheirando o rabo um do outro ou se lambendo os balangandãs.

Portanto, eis o que aconteceu: Diane Badoise saiu do elevador com Neptune, e Anne-Hélène Meurisse esperava bem na porta, com Athéna. Ou seja, por assim dizer elas jogaram seus cães um contra o outro, e, evidentemente, não deu outra, Neptune enlouqueceu. Sair sossegadinho do elevador e dar de cara com o traseiro de Athéna, isso não acontece todo dia. Há anos Colombe nos

enche o saco com o kairós, um conceito grego que, segundo ela, Napoleão sabia aproveitar, pois, claro, minha irmã é uma especialista em estratégia militar. Bem, o kairós é a intuição do momento, é isso. Pois então, posso lhes dizer que Neptune ficou com o seu kairós bem diante do focinho e não tergiversou, bancou o hussardo à moda antiga: trepou em cima dela. "Ai, meu Deus!", disse Anne-Hélène Meurisse como se fosse ela mesma a vítima do ultraje. "Ai, não!", exclamou Diane Badoise, como se toda a vergonha recaísse sobre ela, se bem que aposto um bombom Michoko que não lhe teria vindo à mente trepar no traseiro de Athéna.

E começaram ao mesmo tempo a puxar seus cães por intermédio das coleiras, mas houve um problema, e foi isso que produziu um movimento interessante.

Na verdade, Diane deveria ter puxado para o alto e a outra para baixo, o que teria desgrudado os dois cães, mas em vez disso foram cada uma para um lado, e, como o vão do elevador é estreito, logo acabaram batendo num obstáculo: uma, na grade do elevador, a outra, na parede da esquerda. E com isso Neptune, desestabilizado pelo primeiro puxão, recuperou novo fôlego e, numa boa, se enganchou em Athéna, que revirava os olhos aflitos, berrando. Nesse instante, as humanas mudaram de estratégia e tentaram arrastar os cães para espaços mais largos a fim de recomeçar a manobra mais confortavelmente. Mas havia urgência: todos sabem muito bem que chega um momento em que os cães ficam indesgrudáveis. Portanto, elas pisaram no acelerador, gritando juntas: "Ai, meu Deus. Ai, meu Deus" e puxando as coleiras como se a virtude de cada uma dependesse disso. Mas, na pressa, Diane Badoise escorregou e torceu o tornozelo. E eis o movimento interessante: seu tornozelo torceu para fora, e, ao mesmo tempo, todo o seu corpo se deslocou na mesma direção, exceto o rabo-de-cavalo, que partiu em direção oposta.

Garanto a vocês que foi fantástico: parecia um Bacon. Há anos tem um Bacon emoldurado no banheiro dos meus pais, na frente da latrina, mostrando alguém que, justamente, está na latrina, e à Bacon, quer dizer, fazendo o gênero torturado e nada apetitoso. Sempre pensei que, provavelmente, isso tinha um efeito sobre a serenidade daqueles atos, mas, bem, aqui em casa todo mundo tem sua própria latrina, portanto nunca me queixei da presença do quadro. Mas, quando Diane Badoise ficou toda desconjuntada ao torcer o tornozelo, fazendo com os joelhos, os braços e a cabeça uns ângulos esquisitos, e tudo isso coroado pelo rabo-de-cavalo na horizontal, pensei imediatamente em Bacon. Por um breve instante ela pareceu um fantoche desarticulado, soltando um grande assobio corporal; durante alguns milésimos de segundo (porque a coisa aconteceu muito depressa, mas, como agora sou atenta aos movimentos do

corpo, vi tudo em câmera lenta), Diane Badoise pareceu um personagem de Bacon. Daí a pensar que aquele troço estava defronte da latrina, todos esses anos, justamente para permitir que eu apreciasse esse estranho movimento, foi um passo. Depois, Diane caiu em cima dos cachorros, o que resolveu o problema, pois Athéna, ao ser esmagada no chão, escapou de Neptune. Seguiu-se um pequeno balé complicado, Anne-Hélène querendo ajudar Diane, enquanto segurava a cadela à distância do monstro lúbrico, e Neptune, completamente indiferente aos gritos e à dor de sua dona, continuando a puxar em direção de seu bife corado de rosas. Mas nesse momento a Sra. Michel saiu de seu cubículo e agarrei a coleira de Neptune e o levei para longe. Ele ficou muito decepcionado, coitado. De repente, sentou e começou a lambar seus balangandãs, fazendo muitos "slurps", o que aumentou o desespero da pobre Diane. A Sra. Michel chamou o SAMU porque o tornozelo dela começou a ficar igual a uma melancia, e depois levou Neptune para a casa dele, enquanto Anne-Hélène Meurisse ficou com Diane. Fui para casa pensando: bem, um Bacon de verdade, será que vale a pena?

Concluí que não: porque não só Neptune não teve seu mimo como, além disso, não saiu para dar uma voltinha.

Capítulo 14 - Profeta das elites modernas

Hoje de manhã, ouvindo a France Inter, tive a surpresa de descobrir que eu não era quem imaginava ser. Até então atribuíra à minha condição de autodidata proletária as razões de meu ecletismo cultural. Como já evoquei, passei cada segundo de minha vida que consegui subtrair ao trabalho lendo, vendo filmes e ouvindo música. Mas achava que esse frenesi de devorar objetos culturais padecia de uma falta de gosto maior, o que consiste em misturar brutalmente obras respeitáveis e outras muito menos.

É sem dúvida no campo da leitura que meu ecletismo é menor, embora minha diversidade de interesses seja, aí, a mais ampla. Li livros de história, filosofia, economia política, sociologia, psicologia, pedagogia, psicanálise e, é claro, acima de tudo, literatura. As primeiras me interessaram; a última é toda a minha vida. Meu gato, Leon, se chama assim por causa de Tolstoi. O anterior se chamava Dongo por causa de Fabrice dei. A primeira tinha o nome de Karenina por causa de Ana, mas eu só a chamava de Karê, temendo que me desmascarassem. Fora a infidelidade stendhaliana, meus gostos se situam nitidamente na Rússia anterior a 1910, mas me orgulho de ter devorado uma parte, afinal respeitável, da literatura mundial se levarmos em conta que sou uma moça do interior cujas esperanças de carreira se superaram quando vim tomar conta da portaria do número 7 da Rue de Grenelle, pois era de crer que um destino desses estava fadado ao culto eterno a Barbara Cartland. De fato, tenho uma inclinação culpada pelos romances policiais - mas os que leio, considero alta literatura. Para mim é especialmente árduo, certos dias, ter de me extirpar da leitura de um Connelly ou de um Mankell para ir responder ao toque de campainha de Bernard Grelier ou de Sabine Pallières, cujas preocupações não são congruentes com as meditações de Harry Bosch, o tira amante de jazz do Los Angeles Police Department, sobretudo quando me perguntam:

"Por que é que até aqui no pátio está cheirando lixo?" Que Bernard Grelier e a herdeira de uma velha família de banqueiros possam se preocupar com as mesmas coisas triviais e ignorar, conjuntamente, que o verbo cheirar, nesse caso, requer o uso da preposição a antes do complemento joga uma nova luz sobre a humanidade.

No capítulo cinematográfico, em compensação, meu ecletismo desabrocha. Gosto dos blockbusters americanos e dos filmes de autor. Na verdade, por muito tempo consumi de preferência o cinema de entretenimento americano ou inglês, com exceção de algumas obras sérias que julgava com meu olhar estetizante, pois o olhar passional e empático só tem boas relações com o divertimento. Greenway suscita em mim admiração, interesse e bocejos, ao passo que choro como uma bezerra desmamada toda vez que Melly e Mama sobem a escada dos Butler depois da morte de Bonnie Blue, e considero Blade runner uma obra-prima do entretenimento top de linha. Por muito tempo considerei uma fatalidade que a sétima arte fosse bela, poderosa e soporífica, e que o cinema de entretenimento fosse fútil, pervertido e perturbador.

Aí está um bom exemplo, hoje estou tremendo de impaciência só de pensar no presente que me dei. É fruto de uma paciência exemplar, é a realização por muito tempo postergada do desejo de rever um filme que vi pela primeira vez no Natal.

Capítulo 15 - Outubro Vermelho

No Natal de 1989, Lucien estava muito doente. Se ainda não sabíamos quando a morte chegaria, estávamos unidos pela certeza de sua iminência, unidos a nós mesmos e unidos um ao outro por esse laço invisível. Quando a doença entra num lar, não apenas se apodera de um corpo, mas tece entre os corações uma teia escura que soterra a esperança. Qual um fio de aranha enrolando-se em torno dos nossos projetos e da nossa respiração, a doença, dia após dia, engolia nossa vida. Quando eu chegava da rua, tinha a sensação de penetrar num jazigo e sentia frio o tempo todo, um frio que nada amainava, a tal ponto que, nos últimos tempos, quando dormia ao lado de Lucien tinha a impressão de que seu corpo aspirava todo o calor que o meu conseguira trazer de outro lugar.

A doença, diagnosticada na primavera de 1988, o corroeu por dezessete meses e o levou na véspera do Natal. A velha Sra. Meurisse organizou uma coleta entre os moradores do prédio, e eles entregaram na minha casa uma bela coroa de flores, envolta numa fita sem nenhuma menção. Só ela foi ao enterro.

Era uma mulher piedosa, fria e afetada, mas havia em seus modos austeros e meio bruscos algo de sincero, e, quando morreu, um ano depois de Lucien, fiz a reflexão de que ela era uma mulher de bem e que eu sentiria sua falta, embora em quinze anos tenhamos trocado umas poucas palavras.

"Ela destruiu a vida de sua nora, até o final. Que sua alma descanse em paz, era uma santa mulher", acrescentara Manuela - que dedicava à jovem Sra. Meurisse um ódio raciniano à guisa de oração fúnebre.

Fora Cornélia Meurisse, com seus veuzinhos e terços, ninguém achou que a doença de Lucien era digna de interesse. Os ricos pensam que a gente do povo, talvez por ter uma vida rarefeita, privada do oxigênio do dinheiro e das boas maneiras, sente as emoções humanas com intensidade menor e indiferença maior. Já que éramos concierges, pareciam favas contadas que para nós a morte era como uma evidência no curso dos acontecimentos, ao passo que para os ricos se revestiria dos trajes da injustiça e do drama. Um concierge que se apaga é um ligeiro vazio no cotidiano, uma certeza biológica a que não está associada nenhuma tragédia, e para os proprietários que cruzavam com ele todo dia na escada ou na porta de seu cubículo, Lucien era uma não-existência que retornava

a um nada do qual jamais tinha saído, um animal que, por viver uma semivida, sem fasto nem artifícios, devia talvez, no momento da morte, sentir apenas uma semi-revolta. Que, como todo mundo, pudéssemos sofrer o inferno e que, com o coração apertado de raiva à medida que o sofrimento devastava nossa existência, acabássemos de nos decompor em nós mesmos, em meio ao tumulto do medo e do horror que a morte inspira a qualquer um, não aflorava o espírito de ninguém naquele prédio.

Uma manhã, três semanas antes do Natal, quando eu voltava das compras com uma sacola abarrotada de nabos e de miúdos para o gato, encontrei Lucien vestido, pronto para sair. Tinha até posto a echarpe e, de pé, me esperava. Depois das perambulações cansadas de um marido cujo trajeto do quarto à cozinha esvaziava de todas as forças e submergia numa pavorosa palidez, depois de semanas não o vendo mais tirar o pijama que parecia o próprio traje da morte, descobri-lo de olhos brilhantes e ar travesso, com a gola do manto de inverno levantada até as bochechas estranhamente rosadas, quase me fez desmaiar.

"Lucien!", exclamei, e ia fazer o gesto de ir segurá-lo, sentá-lo, despi-lo, e sei lá mais o quê, tudo o que a doença me ensinara sobre os gestos desconhecidos e que, ultimamente, haviam se tornado os únicos que eu sabia fazer, ia largar minha sacola de compras, abraçá-lo, apertá-lo contra mim, carregá-lo, e todas essas coisas, quando, de fôlego curto, e tendo no coração uma estranha sensação de dilatação, parei.

"Está em cima da hora", me disse Lucien, "a sessão é à uma da tarde."

No calor da sala, à beira das lágrimas, feliz como eu nunca tinha sido, segurei sua mão, tépida pela primeira vez depois de meses. Sabia que um inesperado afluxo de energia o levantara da cama, lhe dera a força de se vestir, a sede de sair, o desejo de dividirmos mais uma vez esse prazer conjugal, e também sabia que era o sinal de que restava pouco tempo, o estado de graça que precede o fim, mas isso não me importava, e eu queria apenas aproveitar aqueles instantes roubados do jugo da doença, sua mão quentinha dentro da minha e as vibrações de prazer que nos percorriam, a nós dois, dando graças aos céus, pois era um filme que podíamos saborear juntos.

Acho que ele morreu logo depois. Seu corpo resistiu mais três semanas, mas seu espírito se foi no final da sessão, porque ele sabia que era melhor assim, porque me dera adeus na sala escura, sem tristezas pungentes demais, porque assim encontraria a paz, confiante no que tínhamos nos dito ao trocarmos palavras, olhando juntos a tela iluminada onde se contava uma história.

Aceitei-o.

A caçada ao Outubro Vermelho foi o filme do nosso último abraço. Para quem quer entender a arte da narrativa, basta ir vê-lo; a gente fica pensando por

que a universidade se obstina em ensinar os princípios narrativos na base de Propp, Greimas e outras xaropadas, em vez de investir numa sala de projeção. Primícias, intriga, actantes, peripécias, busca, heróis e outros adjuvantes: basta um Sean Connery de uniforme de suboficial russo e alguns porta-aviões bem colocados.

Ora, como eu ia dizendo, soube hoje de manhã pela France Inter que essa contaminação de minhas aspirações à cultura legítima por outras inclinações para a cultura ilegítima não é um estigma de minha baixa extração e de meu acesso solitário às luzes do espírito, mas uma característica contemporânea das classes intelectuais dominantes. Como soube? Pela boca de um sociólogo, de quem eu adoraria saber se ele mesmo adoraria saber que uma concierge de chinelos Dr. Scholl acabava de fazer dele um ícone sagrado. Estudando a evolução das práticas culturais de intelectuais outrora banhados na alta educação de manhã à noite, e agora polos de sincretismo cuja fronteira entre a verdadeira e a falsa cultura estava irremediavelmente embaralhada, ele descrevia um professor titular de letras clássicas que outrora teria escutado Bach, lido Mauriac e assistido a filmes de arte, e que, hoje, ouve Handel e Solaar, lê Flaubert e John Le Garre, vai ver um Visconti e o último Die Hard, e come hambúrguer no almoço e sashimis no jantar.

É sempre muito perturbador descobrir um hábito social dominante ali onde se pensaria existir a marca de nossa singularidade. Perturbador e talvez até mesmo humilhante.

Que eu, Renée, cinquenta e quatro anos, concierge e autodidata, seja, apesar de minha clausura num cubículo correto, apesar de um isolamento que deveria me proteger das taras da massa, apesar, ainda, dessa quarentena vergonhosa que ignora as evoluções do vasto mundo, e na qual me confinei, que eu, Renée, seja a testemunha das mesmas transformações que agitam as elites atuais - compostas dos Pallières juniores metidos a filósofo, que leem Marx e vão em grupo ver O exterminador do futuro, ou pelas filhas Badoise, que fazem direito na faculdade de Assas e soluçam com Um lugar chamado Notting Hill - é um choque do qual custo a me recuperar. Pois, para quem presta atenção na cronologia, parece nitidamente que não estou macaqueando esses juvenzinhos mas que, nas minhas práticas ecléticas, os precedi.

Renée, profeta das elites contemporâneas.

"Pois é, muito bem, por que não?", penso, extirpando da minha sacola o bife de fígado do gato, e depois exumando, embaixo, bem embrulhados num plástico anônimo, dois filezinhos de salmonete que penso em deixar marinando e, por conseguinte, cozinhar num suco de limão saturado de coentro.

Foi então que a coisa aconteceu.

Capítulo 16 - Pensamento profundo n-4

Cuide Das plantas Das crianças Tem uma faxineira aqui em casa que vem três horas por dia, mas das plantas é mamãe que cuida. E é uma confusão daquelas. Ela tem dois regadores, um para a água com fertilizante e um para a água sem calcário, e um borrifador com várias posições para pulverizações "direcionadas", "em chuva", ou "nebulizadoras". Toda manhã ela passa em revista as vinte plantas do apartamento e ministra o tratamento ad hoc. E resmunga um monte de coisas, completamente indiferente ao resto do mundo. Vocês podem dizer qualquer coisa a mamãe quando ela cuida de suas plantas, pois ela não presta rigorosamente a menor atenção. Por exemplo: "Hoje quero me drogar e curtir uma overdose" obtém como resposta: "A kentia está com as pontas das folhas amarelando, água demais, isso não é nada bom".

Já temos aqui o início do paradigma: se quiser estragar sua vida de tanto não ouvir o que os outros lhe dizem, cuide de plantas. Mas a coisa não para aí. Quando mamãe borrifa com água as folhas das plantas, vejo direitinho a esperança que a anima. Ela pensa que a água é uma espécie de bálsamo que vai penetrar na planta e vai lhe dar todo o necessário para prosperar. A mesma coisa com o fertilizante, cujos bastõezinhos ela enfia na terra (na verdade, na mistura terra-húmus-areia-turfa que ela manda preparar especialmente para cada planta na loja da Porte d'Auteuil). Portanto, mamãe alimenta suas plantas como alimentou suas filhas, água e adubo para a kentia, vagens e vitamina C para nós. Isso é o núcleo do paradigma: concentre-se no objeto, dê-lhe elementos nutritivos que vão do exterior para o interior e, progredindo ali dentro, o fazem crescer e lhe fazem bem. Uma mini-vaporização nas folhas, e eis a planta armada para enfrentar a existência. Olhamos para ela com um misto de inquietação e esperança, temos consciência da fragilidade da vida, ficamos preocupados com acidentes que podem acontecer mas, ao mesmo tempo, sentimos a satisfação de ter feito o necessário, de ter representado o papel de nutriz: sentimo-nos tranquilos, ficamos por certo tempo com a sensação de segurança. É assim que mamãe vê a vida: uma sucessão de atos conjuratórios, tão ineficazes quanto uma vaporização, que dão a breve ilusão de segurança.

Seria tão melhor se compartilhássemos de nossa insegurança, se nos

puséssemos todos juntos dentro de nós mesmos para dizer que as vagens e a vitamina C, ainda que alimentem o bicho, não salvam a vida e não sustentam a alma.

Capítulo 17 - Um gato chamado Grévisse

Chabrot bate à minha porta.

Chabrot é o médico pessoal de Pierre Arthens. É uma espécie de velho bonito eternamente bronzado, que se rebola diante do Mestre como a minhoca que ele é, e que, em vinte anos, nunca me cumprimentou nem manifestou saber que eu existia. Uma experiência fenomenológica interessante consistiria em interrogar os fundamentos do não-aparecer na consciência de alguns aquilo que aparece na consciência dos outros. Que minha imagem possa ao mesmo tempo se imprimir na cabeça de Neptune e escapular da cabeça de Chabrot é, de fato, muito cativante.

Mas hoje de manhã Chabrot está com uma cara bem desbronzada. As faces caídas, a mão trêmula e o nariz... molhado. Sim, molhado. Chabrot, o médico dos poderosos, está com o nariz escorrendo. Para completar, pronuncia meu nome.

"Sra. Michel."

Talvez não se trate de Chabrot, mas de uma espécie de extraterrestre transformista que dispõe de um serviço de informações que deixa a desejar, porque o verdadeiro Chabrot não abarrotava a mente com informações relativas aos subalternos por definição anônimos.

"Sra. Michel", recomeça a imitação malsucedida de Chabrot, "Sra. Michel."

Isso mesmo, é bom que se saiba. Eu me chamo Sra. Michel. "Aconteceu uma terrível desgraça", recomeça o Nariz Escorrendo, que, diabos! Em vez de se assuar, funga. Essa não. Ele funga ruidosamente, devolvendo o vazamento nasal para o lugar de onde nunca saiu, e sou obrigada, pela rapidez da ação, a assistir às contrações febris de seu gogó a fim de facilitar a passagem do dito vazamento. E repugnante, mas, sobretudo, desconcertante.

Olho para a direita, para a esquerda. O hall está deserto. Se o meu E. T. tem intenções hostis, estou perdida. Ele se ajeita, se repete.

"Uma terrível desgraça, sim, uma terrível desgraça. O Sr. Arthens está morrendo."

"Morrendo", digo eu, "realmente morrendo?" "Realmente morrendo, Sra. Michel, realmente morrendo. Só lhe restam quarenta e oito horas."

"Mas o vi ontem de manhã, estava em plena forma!", eu disse aparvalhada.

"Infelizmente, senhora, infelizmente. Quando o coração fraqueja, é uma guilhotina. De manhã a gente pula como um cabrito, de noite está na sepultura."

"Ele vai morrer em casa? Não vai para o hospital?" "Aaaaaah, Sra. Michel", me diz Chabrot olhando para mim com o mesmo ar de Neptune quando está na coleira, "quem gostaria de morrer no hospital?"

Pela primeira vez em vinte anos tenho um vago sentimento de simpatia por Chabrot. Afinal, penso, ele também é um homem, e, a bem dizer, somos todos parecidos.

"Sra. Michel", ele recomeça, e fico toda atrapalhada com essa esbórnia de Sra. Michel depois de vinte anos de nada, "muitas pessoas vão decerto querer ver o Mestre antes... antes. Mas ele não quer receber ninguém. Só deseja ver Paul. A senhora pode despachar os importunes?"

Fico muito dividida. Noto que, como de costume, só fingem perceber minha presença para me dar trabalho. Mas, afinal de contas, estou aqui para isso. Noto também que Chabrot se exprime de um jeito que adoro - a senhora pode despachar os importunes? -, e isso me perturba. Essa obsolescência bem educada me agrada. Sou escrava da gramática, penso, deveria ter chamado meu gato de Grévisse, que nem o autor do bom uso do francês. Esse cara me indis põe, mas a língua que emprega é uma delícia.

Enfim, quem gostaria de morrer no hospital?, perguntou o velho bonito. Ninguém. Nem Pierre Arthens, nem Chabrot, nem eu, nem Lucien. Ao colocar essa pergunta inocente, Chabrot nos fez, a todos, homens.

"Farei o possível", digo. "Mas, também não posso persegui-los até a escada."

"Não", ele disse, "mas pode desencorajá-los. Diga-lhes que o Mestre trancou a porta."

Olha estranhamente para mim.

Preciso prestar atenção, preciso prestar muita atenção. Ultimamente ando relaxada. Houve o incidente do Pallières júnior, aquele modo esquisito de citar a Ideologia alemã que, se ele tivesse a metade da inteligência de uma ostra, poderia ter lhe soprado no ouvido coisas bem constrangedoras. E eis que, só porque um geronte bronzado com ultravioleta se desmancha em trejeitos antiquados, fico pasma diante dele e esqueço todo o rigor.

Afogo em meus olhos a centelha que brotara e adoto o olhar vidroso de toda boa concierge que se prepara para fazer o possível, sem, no entanto, perseguir as pessoas até a escada.

O ar esquisito de Chabrot se desfaz. Para apagar qualquer vestígio de meus erros, autorizo-me uma pequena heresia.

"É um espécie de infarto?", pergunto.

"Sim", me diz Chabrot, "é um infarto."

Silêncio.

"Obrigado", ele me diz.

"Não há de quê" respondo, e fecho a porta.

Capítulo 18 - Pensamento profundo nº 5

A vida

De todos

Esse serviço militar

Tenho muito orgulho desse pensamento profundo. Foi Colombe que me permitiu tê-lo. Portanto, pelo menos uma vez ela terá sido útil na minha vida. Eu não imaginava que pudesse afirmar isso antes de morrer.

Desde o início, entre nós duas foi uma guerra, porque para Colombe a vida é uma batalha permanente que é preciso vencer destruindo o outro. Ela não consegue se sentir em segurança se não esmagou o adversário e reduziu seu território ao mínimo possível. Um mundo em que há lugar para os outros é um mundo perigoso segundo seus critérios de guerreira de araque. Ao mesmo tempo, só precisa deles para um trabalhinho essencial: alguém tem de reconhecer sua força. Portanto, não só passa o tempo tentando me esmagar de todas as maneiras possíveis, como, além disso, gostaria que eu lhe dissesse, com a espada debaixo do queixo, que ela é a melhor e que a amo. Isso resulta em dias que me enlouquecem. A cereja do bolo é que, por alguma obscura razão, Colombe, que não tem um pinga de discernimento, compreendeu que o que eu mais detesto na vida é barulho. Acho que fez essa descoberta por acaso. Nunca teria lhe vindo à cabeça espontaneamente que alguém possa precisar de silêncio. Que o silêncio sirva para ir ao interior, que seja necessário para os que não estão interessados apenas na vida exterior, não creio que seja algo que ela consiga entender, porque seu interior é tão caótico e barulhento quanto o exterior da rua. Mas, em todo o caso, ela entendeu que eu precisava de silêncio, e, por desgraça, meu quarto fica ao lado do dela. Então, o dia inteiro ela faz barulho. Grita no telefone, põe música aos brados (e isso, realmente, me mata), bate as portas, comenta aos berros tudo o que faz, até as coisas mais apaixonantes como escovar o cabelo ou procurar um lápis numa gaveta. Em suma, como não consegue invadir mais nada porque sou humanamente inacessível, invade meu espaço sonoro e me estraga a vida desde a manhã até a noite. Reparem que só mesmo tendo uma concepção muito pobre do terreno é que alguém chega a esse ponto; não dou a menor bola para o lugar onde estou, contanto que tenha a satisfação de circular sem problema dentro da minha cabeça. Mas Colombe não se contenta em ignorar o fato; transforma-o em filosofia: "A chata da minha irmã é uma criaturinha intolerante e neurastênica que detesta os outros e preferiria morar num cemitério, onde todo mundo está morto - ao passo que eu sou de natureza aberta, alegre e cheia de vida". Se tem uma coisa que detesto é quando as pessoas transformam em credo sua impotência ou sua alienação. Ter uma irmã como Colombe, isso é que é sorte.

Mas há alguns meses Colombe não se contenta em ser a irmã mais pavorosa do universo. Também tem o mau gosto de demonstrar comportamentos

inquietantes. Realmente, não preciso disso: um purgante agressivo à guisa de irmã e, além do mais, o espetáculo de seus pequenos dramas! Há alguns meses Colombe está obcecada por duas coisas: a ordem e a limpeza. Consequência muito agradável: do zumbi que eu era, me transformo em suja; ela vive gritando comigo porque deixei migalhas na cozinha ou porque, na ducha, hoje de manhã, havia um fio de cabelo. Dito isso, não se queixa apenas de mim. Todo mundo é infernizado desde a manhã até a noite por causa da desordem e das migalhas. O quarto dela, que era uma bagunça incrível, tornou-se caso clínico: tudo impecável, nem um grão de poeira, os objetos num lugar bem definido, e aí da Sra. Grémond se não os recolocar exatamente no mesmo lugar quando arruma o quarto. Parece um hospital. Pensando bem, não me incomoda que Colombe tenha ficado tão maníaca. O que não suporto é que continue a posar de moça cool. Há um problema, mas todos continuam a fingir não vê-lo, e Colombe continua a pretender que é a única de nós a levar a vida como "epicurista". Garanto que não tem nada de epicurista tomar três banhos por dia e gritar como uma demente porque o abajur da mesa-de-cabeceira saiu do lugar três centímetros.

Qual é o problema de Colombe? Isso, eu não sei. Talvez, de tanto querer esmagar todo mundo, ela tenha se transformado em soldado, no sentido literal do termo. Então, faz tudo bem certinho, esfrega limpa, igual no exército. É sabido que o soldado é obcecado pela ordem e pela limpeza. Precisa disso para lutar contra a desordem da batalha, a sujeira da guerra e todos esses pedacinhos de homens que ela deixa atrás de si. Mas fico pensando se, para dizer a verdade, Colombe não é um caso exacerbado que revela a norma. Será que nós todos não encaramos a vida como quem faz seu serviço militar? Fazendo o possível, à espera de ter baixa ou de ir para o combate? Alguns esfregam o dormitório, outros fogem da faxina, passam o tempo jogando cartas, traficam, intrigam. Os oficiais comandam, os recos obedecem, mas ninguém é bobo diante dessa comédia entre quatro paredes: uma bela manhã, todos terão mesmo de ir morrer, oficiais e soldados, imbecis e espertinhos que fazem mercado negro de cigarros ou contrabando de papel higiênico.

De passagem, apresento a vocês a hipótese do psicólogo de botequim: Colombe é tão caótica por dentro, vazia e ao mesmo tempo atulhada, que tenta pôr ordem em si mesma arrumando e limpando seu interior. Engraçado, hein? Faz tempo que percebi que os psicólogos são cômicos que acreditam que a metáfora é um troço dos grandes sábios. Na verdade, está ao alcance do primeiro zé-ninguém que aparece. Mas só vendo as gozações que os amigos psis de mamãe fazem a respeito do menor trocadilho!

Também tem de se ouvir as idiotices que mamãe conta, porque ela conta a

todo mundo as sessões com seu psicanalista, como se tivesse ido à Disneylândia: atração "minha vida de família", trem fantasma "minha vida com mamãe", montanha-russa "minha vida sem mamãe", museu dos horrores "minha vida sexual" (baixando a voz para que eu não escute), e, para terminar, o túnel da morte, "minha vida de mulher na pré-menopausa".

Mas o que me mete medo em Colombe é que, quase sempre, tenho a impressão de que ela não sente nada. Tudo o que Colombe demonstra como sentimento, é tão representado, tão falso, que fico me perguntando se ela sente alguma coisa. E às vezes isso me dá medo. Talvez ela esteja muito doente, talvez procure a qualquer preço sentir alguma coisa autêntica, então talvez vá cometer um ato insensato. Vejo daqui as manchetes dos jornais: "O Nero da Rue de Grenelle: moça põe fogo no apartamento familiar. Interrogada sobre as razões de seu ato, responde: queria ter uma emoção".

Bem, ok, exagero um pouco. E, depois, quem sou eu para denunciar a piromania! Mas, enquanto isso, ao escutá-la gritar hoje de manhã porque tinha pelos do gato no seu mantô verde, pensei: coitada de você, a luta está perdida de antemão. Você se sentiria melhor se soubesse disso.

Capítulo 19 - Desolação das revoltas mongóis

Batem devagarinho à minha porta. E Manuela, que terminou seu dia de trabalho.

"O Mestre está morrendo", diz sem que eu consiga determinar o que há de ironia nessa reprise do lamento de Chabrot. "Você não está ocupada? Nós iria tomar o nosso chá agora?"

Essa desenvoltura na concordância dos tempos, esse uso esdrúxulo do futuro do pretérito, essa liberdade que Manuela toma com a sintaxe porque não passa de uma pobre portuguesa obrigada a falar a língua do exílio, têm o mesmo perfume de obsolescência das fórmulas rígidas de Chabrot.

"Cruzei com Laura na escada", diz ao sentar, de cenho franzido. "Estava se segurando no corrimão como se tivesse com vontade de fazer xixi. Quando me viu, foi embora."

Laura é a caçula dos Arthens, uma menina simpática que recebe poucas visitas. Clémence, a mais velha, é a encarnação dolorosa da frustração, uma beata dedicada a chatear marido e filhos até o fim dos melancólicos dias salpicados com missas, festas paroquiais e bordados de ponto de cruz. Quanto a Jean, o caçula, é um drogado no limite do traste. Em criança era l belo menino de olhos maravilhados que ia sempre aos pulinrl atrás do pai, como se sua vida dependesse dele, mas, quando começou a se drogar, a mudança foi tão espetacular que ele não se mexia mais. Depois de uma infância desperdiçada, correndo em vão atrás de Deus, seus gestos tinham como que travado, e agora ele se deslocava aos trancos, fazendo nas escadas, diante do elevador e no pátio umas paradas cada vez mais prolongadas, até, vez por outra, adormecer sobre o meu capacho ou em frente ao cubículo das latas de lixo. Um dia em que estava ali parado, com cara de estupor diante do canteiro de rosas-chás e camélias-anãs, perguntei se precisava de ajuda e fiz a reflexão de que se parecia cada vez mais com Neptune, por conta daqueles cabelos cacheados e malcuidados que escorriam pelas têmporas e dos olhos lacrimejantes acima de um nariz úmido e trêmulo. Ha, ha, não", ele respondeu, ritmando as palavras com as mesmas pausas que balizavam seus deslocamentos. "Pelo menos não quer sentar?", sugeri. "Sentar?", ele repetiu, espantado. "Ha, ha, não, por quê?"-"Para descansar um pouco", eu disse. "Ah, seeeeiii", ele respondeu. "Pois é, ha, ha, não." Então,

deixei-o na companhia das camélias e, pela janela, o vigiei. Depois de um tempão ele saiu da contemplação floral e foi até a minha porta, devagarinho. Abri antes que ele não conseguisse tocar. "Vou me mexer um pouco", disse sem me ver, com os cabelos sedosos meio emaranhados diante dos olhos. Depois, à custa de óbvio esforço: "Essas flores... como é o nome delas?". "As camélias?", perguntei, surpresa. Camélias...", ele recomeçou, devagar, "camélias... Bem, obrigado, Sra. Michel", acabou me dizendo com voz espantosamente firme.

E depressa se foi. Não o reví semanas a fio, até aquela manhã de novembro em que, quando passava diante da minha porta, não o reconheci, de tal forma ele decaíra.

Sim, a queda... Todos nós estamos condenados à queda. Mas que um rapaz atinja antes da hora o ponto de onde não mais se levantará faz com que essa queda fique tão visível e tão crua que o coração aperta de piedade. Jean Arthens não era mais que um corpo supliciado que se arrastava pela vida como numa corda bamba. Fiquei pensando com horror como conseguiria fazer os gestos simples exigidos pelo manejo do elevador quando, de repente, surgiu Bernard Grelier, que o agarrou e o ergueu como se ele fosse uma pluma, me poupando de intervir. Tive a breve visão daquele homem maduro e fraco que levava nos braços um corpo de criança massacrada, depois os dois desapareceram na escuridão da escada.

"Mas Clémence vai vir", diz Manuela, que, é uma loucura, sempre segue o fio de meus pensamentos mudos.

"Chabrot me pediu para dizer a ela que vá embora", eu digo, meditativa. "Só quer ver Paul."

"De tristeza, a baronesa se assuou num pano de chão", acrescenta Manuela, falando de Violette Grelier.

Não me espanta. Na hora de todos os fins, a verdade deve surgir. Violette Grelier é um pano de chão, e Pierre Arthens é seda, e cada um, aprisionado em seu destino, deve enfrentá-lo sem mais escapatória e ser, no epílogo, o que sempre foi, pouco importando a ilusão que quis acalantar. Lidar com coisas finas não dá mais direitos a ninguém, assim como a saúde não dá direitos ao doente.

Sirvo o chá, e o degustamos caladas. Nunca o tomamos juntas de manhã, e essa quebra de protocolo do nosso ritual tem um sabor estranho.

"E agradável", murmura Manuela.

Sim, é agradável porque desfrutamos uma dupla oferenda, a de ver consagrada, por essa ruptura da ordem das coisas, a imutabilidade de um ritual que criamos juntas para que, de tarde em tarde, ele se enquiste na realidade, a ponto de lhe dar sentido e consistência, e que, esta manhã, é transgredido e assume de súbito toda a sua forma - e também a sensação de que provamos,

como provaríamos um néctar precioso, o dom maravilhoso dessa manhã insólita em que os gestos mecânicos tomam novo impulso, em que cheirar, beber, repousar, servir de novo, bebericar equivalem a um novo nascimento. Esses instantes em que se revela a trama da nossa existência, pela força de um ritual que reconduziremos com mais prazer ainda por tê-lo infringido, são parênteses mágicos que deixam o coração à beira da alma, porque, fugaz, mas intensamente, um pouco de eternidade veio de repente fecundar o tempo. Lá fora o mundo ruge ou dorme, as guerras se inflamam, os homens vivem e morrem, as nações perecem, outras surgem e breve serão tragadas, e em todo esse barulho e todo esse furor, nessas erupções e nessas ressacas - enquanto o mundo vai, se inflama, se dilacera e renasce -, agita-se a vida humana.

Então, bebamos uma xícara de chá.

Assim como Kazuko Okakura, autor do Livro do chá, que se consternava com a revolta das tribos mongóis no século

XIII, não porque ela causara morte e desolação, mas porque destruíra, entre os frutos da cultura Song, o mais precioso deles, a arte do chá, eu sei que não se trata de uma bebida menor. Quando se torna ritual, o chá constitui o cerne da aptidão para ver a grandeza das pequenas coisas. Onde se encontra a beleza? Nas grandes coisas que, como as outras, estão condenadas a morrer, ou nas pequenas que, sem nada pretender, sabem incrustar no instante uma preciosa pedrinha de infinito?

O ritual do chá, essa recondução exata dos mesmos gestos e da mesma degustação, esse acesso a sensações simples, autênticas e requintadas, essa licença dada a cada um, a baixo custo, de se tornar um aristocrata do gosto, porque o chá é a bebida tanto dos ricos como dos pobres, o ritual do chá, portanto, tem essa virtude extraordinária de introduzir no absurdo de nossas vidas uma brecha de harmonia serena. Sim, o universo conspira para a vacuidade, as almas perdidas choram a beleza, a insignificância nos cerca.

Então, bebamos uma xícara de chá. Faz-se o silêncio, ouve-se o vento que sopra lá fora, as folhas de outono sussurram e voam, o gato dorme sob uma luz quente. E, em cada gole, se sublima o tempo.

Capítulo 20 - Pensamento profundo nº 6

Que vês?

Que lêes?

No café da manhã

E sei quem

És

Toda manhã, papai bebe um café e lê o jornal. Vários jornais, na verdade: Le Monde, Le Figaro, Liberation e, uma vez por semana, L'Express, Les Échos, Time Magazine e Courier International. Mas vejo que sua maior satisfação é a primeira xícara de café com o Le Monde em frente. Durante uma boa meia hora fica absorto na leitura.

Para poder aproveitar essa meia hora, tem de se levantar cedíssimo, porque seus dias são muito cheios. Mas toda manhã, ainda que tenha havido uma sessão parlamentar noturna e que ele só tenha dormido duas horas, levanta-se às seis e lê o jornal tomando um café bem forte. E assim que papai se constrói, a cada dia. Digo "se constrói" porque acho que, toda vez, é uma nova construção, como se durante a noite tudo tivesse se reduzido a cinzas e fosse preciso recomeçar do zero. Assim se vive a vida de homem, no nosso universo: é preciso reconstruir sem parar a própria identidade de adulto, essa montagem capenga e efêmera, tão frágil, que reveste o desespero e que, quando se está sozinho olhando para o espelho, conta a mentira em que se deve acreditar. Para papai, o jornal e o café são as varinhas de condão que o transformam em homem importante.

Como uma abóbora se transforma em carruagem. Notem que ele tira disso uma grande satisfação: nunca o vejo tão calmo e relaxado como diante de seu café das seis da manhã. Mas o preço a pagar! O preço a pagar quando se leva uma falsa vida!

Quando as máscaras caem, porque surge uma crise - e entre os mortais ela sempre surge, a verdade é terrível! Vejam o Sr. Arthens, o crítico de gastronomia do sexto andar, que está morrendo. Hoje, na hora do almoço, mamãe voltou das compras como um furacão e, mal entrou em casa, foi gritando ao leu: "Pierre Arthens está morrendo!". O leu éramos Constitution e eu. Como vocês podem imaginar, foi o maior fiasco.

Mamãe, que estava um pouco despenteada, fez uma cara de decepção. Quando papai voltou, à noite, pulou em cima dele para lhe contar a novidade. Papai pareceu surpreso:

"Coração? Assim, tão depressa?", perguntou.

Devo dizer que o Sr. Arthens é um mau de verdade. Papai é apenas um menino que brinca de ser adulto sério. Mas o Sr. Arthens... é um mau de muita categoria. Quando digo mau, não quero dizer malvado, cruel ou despótico, embora seja um pouco isso também, não, quando digo "um mau de verdade", quero dizer que é um homem que renegou tanto tudo o que podia haver de bom dentro dele, que parecia um cadáver, quando, porém, ainda estava vivo. Porque os maus de verdade detestam o mundo inteiro, sem dúvida, mas, sobretudo a si

mesmos. Vocês não sentem quando alguém tem raiva de si mesmo? Isso leva a pessoa a se tornar morta embora esteja viva, a anestesiar os maus sentimentos mas também os bons para não sentir a náusea de ser ela mesma.

Pierre Arthens, sem dúvida, era um mau de vera. Dizem que era o papa da crítica de gastronomia e o peão mundial da cozinha francesa. Então, isso não me espanta. Se querem minha opinião, a cozinha francesa é de dar dó. Tanto gênio, meios, recursos para um resultado pesado... E molhos e recheios e doces de fazer a barria explodir!

É de um mau gosto... E, quando não é pesado, é cheio de nove-horas: morre-se de fome com três rabanetes estilizados e duas coquilles Saint-Jacques en gelée de algas, dentro de pratos falsamente zens com garçons que têm um jeito tão alegre quanto coveiros. No sábado fomos a um restaurante assim, muito chique, o Napoléon's Bar. Era um programa familiar, para festejar o aniversário de Colombe. Que escolheu os pratos com a mesma graça costumeira: uns trecos pretensiosos com umas castanhas, um cordeiro com ervas de nome impronunciável, um zabaione ao Grand Marnier (o cúmulo do horror). O zabaione é o emblema da cozinha francesa: um troço que pretende ser leve e sufoca o primeiro cristo que aparece. Não comi nada de entrada (poupo-os das observações de Colombe sobre minha anorexia de menina chata) e depois comi sessenta e três euros de filés de vermelho ao curry (com cubos crocantes de abobrinhas e cenouras debaixo do peixe) e depois, por trinta e quatro euros, o que encontrei de menos ruim no cardápio: um fondant de chocolate amargo. Vou lhes dizer: por esse preço eu preferiria uma assinatura anual no McDonald's. Pelo menos é sem pretensão no mau gosto. E nem falo da decoração do restaurante e da mesa. Quando os franceses querem se diferenciar da tradição "Império" das tapeçarias bordô e dourados à vontade, caem no estilo hospital. A gente senta em cadeiras Le Corbusier ("de Corbu", diz mamãe), come em louça branca de formas geométricas muito burocracia soviética e enxuga as mãos no toalete com toalhas tão finas que não absorvem nada.

A simplicidade não é isso. "Mas o que você gostaria de ter comido?", me perguntou Colombe com cara de desespero porque não consegui acabar o primeiro vermelho.

Não respondi. Porque não sei. Afinal, sou uma menina. Mas, nos mangás, os personagens parecem comer outras coisas. Tudo de um jeito simples, requintado, comedido, delicioso. Come-se como quem olha um belo quadro ou como quem canta num belo coral. Não é demais nem de menos: comedido, no bom sentido da palavra. Talvez eu me engane redondamente, mas a cozinha francesa parece velha e pretensiosa, ao passo que a cozinha japonesa parece... pois é, nem jovem nem velha. Eterna e divina.

Em suma, o Sr. Arthens está morrendo. Pergunto-me o que ele fazia, de manhã, para entrar no seu papel de mau de verdade. Talvez um café forte, lendo a concorrência, ou então um café da manhã americano com salsichas e batatas fritas. O que fazemos de manhã? Papai lê jornal bebendo café, mamãe bebe café folheando catálogos de moda, Colombe bebe café ouvindo a France Inter, e eu bebo chocolate lendo os mangás. Atualmente, leio os mangás de Taniguchi, um gênio que me ensina muitas coisas sobre os homens.

Mas ontem perguntei a mamãe se eu podia tomar chá. Vovó toma chá preto no café da manhã, chá de bergamota perfumado. Não chego a achar que é uma coisa genial, mas parece mais simpático que o café, que é uma bebida de gente má. Mas no restaurante, ontem à noite, mamãe pediu um chá de jasmim e me deu para provar. Achei tão bom, tão "eu" que, hoje de manhã, disse que era o que, de agora em diante, queria no café da manhã. Mamãe olhou para mim de um jeito estranho (seu ar "calma evacuado"), depois disse sim, sim, meu amor, agora tem idade para isso.

Chá e mangá contra café e jornal: a elegância e encantamento contra a triste agressividade dos jogos de adultos.

Capítulo 21 - Comédia fantasma

Depois que Manuela foi embora, ocupei-me em tarefas cativantes de todo tipo: tirar o pó, passar o esfregão na portaria, levar para a rua as latas de lixo, recolher os prospectos das caixas de correio, regar as flores, preparar o quitute do gato (com uma fatia de presunto cuja pele está hipertrofiada), fazer minha própria comida

- macarrão chinês frio com tomate, manjerição e parmesão -, ler o jornal, retirar-me no meu antro para ler um lindo romance dinamarquês, administrar a crise na portaria porque Lotte, a menina dos Arthens, a mais velha de Clémence, chora diante da minha porta porque o vovô não quer vê-la.

Termino às nove da noite, e de súbito me sinto velha e muito deprimida. A morte não me apavora, menos ainda a de Pierre Arthens, mas é a expectativa que é insuportável, esse oco suspenso do ainda não, diante do qual sentimos a inutilidade das batalhas. Sento-me na cozinha, em silêncio, sem luz, e experimento a sensação amarga do absurdo. Minha mente deriva devagar. Pierre Arthens... Déspota brutal, sedento de glória e de honradas e se esforçando até o fim para perseguir com essas duas palavras uma inatingível quimera, dilacerado entre a aspiração à Arte e a fome de poder... Onde está, no fundo, a verdade? E onde está a ilusão? No poder ou na Arte? Não é pela força do discurso bem aprendido que colocamos nas nuvens as criações do homem, ao passo que denunciamos como um crime de vaidade ilusória a sede de dominação que agita a todos nós - sim, a todos, inclusive a uma pobre concierge no seu cubículo que, por ter renunciado ao poder visível, nem por isso deixa de perseguir no espírito os sonhos de poder?

Assim, como se passa a vida? Nós nos esforçamos bravamente, dia após dia, para assumir nosso papel nessa comédia fantasma. Como primatas que somos, o essencial de nossa atividade consiste em manter e entreter nosso território de tal modo que nos proteja e nos envaideça, em escalar, ou pelo menos em não descer, a escada hierárquica da tribo, e em fornicar de todas as maneiras possíveis - ainda que como um fantasma tanto para o prazer como para a descendência prometida. Assim, gastamos parte não desprezível de nossa energia a intimidar ou seduzir, já que essas duas estratégias garantem, sozinhas, a busca

territorial, hierárquica e sexual que anima nosso conato. Mas nada disso chega à nossa consciência. Falamos de amor, de bem e de mal, de filosofia e de civilização, e nos agarramos a esses ícones respeitáveis como o carrapato sedento a seu cão bem quentinho.

Às vezes, porém, a vida nos parece uma comédia fantasma. Como tirados de um sonho, olhamos os outros agir e, gelados ao verificarmos o dispêndio vital requerido pela manutenção de nossos requisitos primitivos, perguntamos com espanto o que restou da Arte. Nosso frenesi de caretas e olhadelas nos parece de repente o cúmulo da insignificância, nosso pequeno ninho tão macio, fruto de um endividamento de vinte anos, parece um inútil costume bárbaro, e nossa posição na escala social, tão duramente conquistada e tão eternamente precária, parece de uma grosseira inutilidade. Quanto à nossa descendência, nós a contemplamos com um olhar novo e horrorizado porque, sem as vestes do altruísmo, o ato de se reproduzir parece profundamente deslocado. Restam apenas os prazeres sexuais; mas, arrastados no rio da miséria primal, eles vacilam da mesma forma, pois a ginástica sem o amor não entra no quadro de nossas lições bem aprendidas.

A eternidade nos escapa.

Nesses dias, em que soçobram no altar de nossa natureza profunda todas as crenças românticas, políticas, intelectuais, metafísicas e morais que os anos de instrução e educação tentaram imprimir em nós, a sociedade, campo territorial cruzado por grandes ondas hierárquicas, afunda no nada do Sentido.

Acabam-se os ricos e os pobres, os pensadores, os pesquisadores, os gestores, os escravos, os gentis e os malvados, os criativos e os conscienciosos, os sindicalistas e os individualistas, os progressistas e os conservadores; não são mais que hominídeos primitivos, e suas caretas e risos, seus comportamentos e enfeites, sua linguagem e seus códigos, inscritos na carta genética do primata médio, significam apenas isto: manter o próprio nível ou morrer.

Nesses dias, precisamos desesperadamente da Arte. Aspiramos ardentemente a retomar nossa ilusão espiritual, desejamos apaixonadamente que algo nos salve dos destinos biológicos para que toda poesia e toda grandeza não sejam excluídas deste mundo.

Então tomamos uma xícara de chá ou assistimos a um filme de Ozu, para nos retirarmos da ronda das justas e batalhas que são os costumes reservados de nossa espécie dominadora, e darmos a esse teatro patético a marca da Arte e de suas obras maiores.

Capítulo 22 - Eternidade

Portanto, às nove da noite enfio no videocassete a fita de um filme de Ozu, *As irmãs Munakata*. É meu segundo Ozu do mês. Por quê? Porque Ozu é um gênio que me salva dos destinos biológicos.

Tudo nasceu no dia em que contei a Angèle, a pequena bibliotecária, que eu gostava dos primeiros filmes de Wim Wenders, e ela me disse: ah, e você viu *Tokyo-Ga*?

Pois, quando se viu *Tokyo-Ga*, um extraordinário documentário dedicado a Ozu, evidentemente se tem vontade de descobrir Ozu. Portanto, descobri Ozu, e, pela primeira vez na vida, a Arte cinematográfica me fez rir e chorar como um verdadeiro divertimento.

Ligo o vídeo, beberico o chá de jasmim. De vez em quando, volto a fita, graças a esse rosário laico que se chama controle remoto.

E eis uma cena extraordinária.

O pai, interpretado por Chishu Ryu, ator fetiche de Ozu, fio de Ariadne de sua obra, homem maravilhoso, irradiando calor e humildade, o pai, portanto, que breve morrerá, conversa com a filha sobre o passeio que acabam de fazer por Kyoto. Bebem saque.

O PAI: E esse templo do Musgo! A luz ainda realçava o musgo.

SETSUKE: E também a camélia posta ali em cima.

O PAI: Ah, você reparou nela? Como estava bonito! (Pausa.)

No antigo Japão, há coisas lindas. (Pausa.) Esse modo de decretar que tudo isso é ruim me parece exagerado.

Depois o filme avança, e, bem no finzinho, há esta última cena, num parque, quando Setsuko, a mais velha, conversa com Mariko, sua fantasiosa irmã caçula.

SETSUKE, com o rosto radioso: Diga-me, Mariko, por que os montes de Kyoto são violeta?

MARIKO, esperta: E verdade. Parece um flã de azuqui.

SETSUKE, sorridente: É uma cor muito bonita.

No filme, fala-se de decepção amorosa, de casamentos arranjados, de filiação, de fratria, da morte do pai, do antigo e do novo Japão, e também de

álcool e da violência dos homens.

Mas fala-se, sobretudo de algo que nos escapa, a nós, ocidentais, e que só a cultura japonesa esclarece. Por que essas duas cenas tão curtas e sem explicação, que nada na intriga motiva, provocam uma emoção tão forte e mantêm todo o filme entre parênteses inefáveis?

E aqui está a chave do filme.

SETSUKO: A verdadeira novidade é aquilo que não envelhece, apesar do tempo.

A camélia sobre o musgo do templo, o violeta dos montes de Kyoto, uma xícara de porcelana azul, essa eclosão da beleza pura no centro das paixões efêmeras, não é a isso que nós todos aspiramos? E não é isso que nós, Civilizações Ocidentais, não sabemos alcançar?

A contemplação da eternidade do próprio movimento da vida.

Capítulo 23 - Diário do movimento do mundo nº 3

Mas a agarre logo!

Quando penso que tem gente que não tem televisão! Como é que eles fazem? Eu passaria horas diante da TV. Corto o som e olho. Tenho a impressão de ver as coisas com raios X. Se a gente tira o som, na verdade tira a embalagem para presente, o lindo papel de seda que envolve uma porcaria de dois euros. Se vocês assistem às reportagens do telejornal assim, podem verificar: as imagens sem nenhuma relação umas com as outras, a única coisa que as liga é o comentário, que mostra uma sucessão cronológica de imagens como se fosse uma sucessão real de fatos.

Pois é, adoro TV. E esta tarde vi um movimento do mundo interessante: um concurso de mergulho. Na verdade, vários concursos. Era uma retrospectiva do campeonato mundial da disciplina. Havia mergulhos individuais com figuras impostas ou figuras livres, mergulhadores homens e mulheres, mas, sobretudo, o que muito me interessou foram os mergulhos a dois. Além da façanha individual com todo de música escapando de um aposento desconhecido, um pouco de perfeição no fluxo das coisas humanas - inclino suavemente a cabeça, penso na camélia sobre o musgo do templo, numa xícara de chá enquanto o vento, lá fora, acaricia as folhagens, a vida que escapa se imobiliza numa joia sem futuro nem projetos, o destino dos homens, salvo da pálida sucessão dos dias, aureola-se enfim de luz e, superando o tempo, abraça meu coração quieto. E um monte de parafusos, saltos e reviravoltas. Os mergulhadores têm de estar sincronizados. Não mais juntos, não: perfeitamente juntos, no milésimo de segundo.

O mais engraçado é quando os mergulhadores têm morfologias muito diferentes: um atarracado baixinho junto com um alto filiforme. A gente pensa: não vai combinar, fisicamente eles não conseguem partir e chegar ao mesmo tempo, mas eles chegam ao mesmo tempo, vejam vocês. Lição da coisa: no universo tudo é compensação. Quem vai mais devagar empurra com mais força. Mas onde encontrei material para alimentar meu Diário foi quando duas jovens chinesas se apresentaram no trampolim. Duas deusas longilíneas de tranças pretas brilhantes e que poderiam ser gêmeas de tanto que se pareciam, mas o comentarista esclareceu que não eram nem sequer irmãs.

Em suma, chegaram ao trampolim, e aí acho que todo mundo deve ter feito o mesmo que eu: preendi a respiração.

Depois de alguns impulsos graciosos, pularam. Nos primeiros microssegundos, foi perfeito. Senti essa perfeição no meu corpo; parece que é um negócio de "neurônios-espelhos": quando a gente vê alguém fazer uma ação, os mesmos neurônios que a pessoa ativa para fazer essa ação se ativam na nossa cabeça, sem que a gente faça nada. Um mergulho acrobático sem se mexer do sofá e comendo chips: é por isso que eu gosto de programa de esporte na TV. Em suma, as duas graças pulam, e, bem no início, é o êxtase.

E depois, o horror! De repente, tem-se a impressão de que há uma defasagem muito, muito, muito leve entre as duas. Observa-se a tela, com o estômago apertado: nenhuma dúvida, há uma defasagem. Sei que parece uma loucura contar isso assim, quando o salto não deve durar mais que três segundos no total, mas justamente porque só dura três segundos é que a gente olha todas as fases como se durassem um século. E eis que é evidente, não é mais possível tapar os olhos: elas estão defasadas! Uma vai entrar na água antes da outra! É horrível!

Quando dei por mim, estava gritando para a televisão: mas a agarre logo, agarre! Senti uma raiva terrível por aquela que ficou fazendo hora. Afundei no sofá, chateada.

E então? E isso o movimento do mundo? Uma defasagem ínfima que vai estragar para sempre a possibilidade da perfeição? Passei pelo menos trinta minutos de humor massacrante.

E, depois, de repente pensei: mas por que é que eu queria tanto que ela a agarrasse? Por que é que dói tanto quando o movimento não é sincronizado? Não é muito difícil adivinhar: todas essas coisas que passam, que deixamos de ter por um triz e que são perdidas para a eternidade... Todas essas palavras que deveríamos ter dito, esses gestos que deveríamos ter feito, esses kairós fulgurantes que um dia surgiram, que não soubemos aproveitar e se afundaram para sempre no nada... O fracasso por um triz... Mas foi sobretudo outra ideia que me veio à cabeça, por causa dos "neurônios-espelhos". Uma ideia perturbadora, aliás, e talvez vagamente proustiana (o que me irrita). E se a literatura fosse uma televisão que a gente assiste para ativar nossos neurônios-espelhos e ter, sem grande esforço, os arrepios da ação? E se, ainda pior, a literatura fosse uma televisão que nos mostra tudo aquilo em que fracassamos?

Bye-bye movimento do mundo! Poderia ter sido a perfeição, e é o desastre. Deveria ser algo que vivêssemos de fato, mas é sempre uma fruição por procuração.

E aí pergunto a vocês: por que ficar neste mundo?

Capítulo 24 - Então, o antigo Japão

Na manhã seguinte, Chabrot bateu à minha porta. Pelo visto, se recuperou, a voz não treme, o nariz está seco, bronzeado. Mas parece um fantasma.

"Pierre morreu", diz com voz metálica.

"Sinto muito", digo.

Digo isso, sinceramente, por causa dele, pois, se Pierre Arthens não sofre mais, Chabrot terá de aprender a viver estando como que morto.

"A funerária vai chegar", acrescenta Chabrot em seu tom espectral. "Ficaria muito grato se a senhora pudesse acompanhá-los até o apartamento."

"Claro", digo.

"Volto daqui a duas horas, para cuidar de Anna."

Olha para mim um instante, em silêncio.

"Obrigado", diz - segunda vez em vinte anos.

Fico tentada a responder de acordo com as tradições ancestrais das concierges, mas, não sei por quê, as palavras não saem. Talvez seja porque Chabrot não voltará mais, porque diante da morte as fortalezas se quebram, porque penso em Lucien, porque a decência, enfim, proíbe uma desconfiança que ofenderia os defuntos.

Portanto, não digo:

"Não há de quê."

Mas:

"Sabe... tudo vem em sua hora."

Pode soar como um provérbio popular, embora sejam também as palavras do marechal Kutuzov, em Guerra e paz, dirigidas ao príncipe André. Fizeram-me muitas críticas, tanto pela guerra como pela paz... Mas tudo veio em sua hora... Tudo vem na hora certa para quem sabe esperar...

Daria tudo para ler isso no original. O que sempre gostei nessa passagem é a quebra, o balanço da guerra e da paz, esse fluxo e refluxo na evocação, assim como a maré que bate na praia leva e traz os frutos do oceano. Será uma mania do tradutor, embelezando um estilo russo muito comportado - fizeram-me muitas críticas pela guerra e pela paz - e remetendo, nessa fluidez da frase que nenhuma vírgula rompe, minhas elucubrações marítimas ao capítulo das extravagâncias

infundadas? Ou será a própria essência desse texto fantástico que, ainda hoje, me arranca lágrimas de alegria?

Chabrot balança a cabeça, devagarinho, e depois vai embora.

O resto da manhã se passa na morosidade. Não tenho nenhuma simpatia póstuma por Arthens, mas fico zanzando como uma alma penada sem sequer conseguir ler. O feliz parêntese aberto na crueza do mundo pela camélia sobre o musgo do templo fechou-se sem esperança, e a negrura de todas essas quedas corrói meu coração amargo.

Então, o antigo Japão dá o ar da graça. De um dos apartamentos vem uma melodia, que distingo clara e alegremente.

Alguém toca no piano uma música clássica.

Ah, doce hora imprevista dilacerando o véu da melancolia... Numa fração de eternidade tudo muda e se transfigura. Um trecho de música escapando de um aposento desconhecido, um pouco de perfeição no fluxo das coisas humanas - inclino suavemente a cabeça, penso na camélia sobre o musgo do templo, numa xícara de chá enquanto o vento, lá fora, acaricia as folhagens, a vida que escapa se imobiliza numa joia sem futuro nem projetos, o destino dos homens, salvo da pálida sucessão dos dias, aureola-se enfim de luz e, superando o tempo, abrasa meu coração quieto.

Capítulo 25 - Dever dos ricos

A Civilização é a violência dominada, a vitória sempre inacabada contra a agressividade do primata. Pois primatas nós fomos, e primatas permanecemos, uma camélia sobre o musgo que aprendíamos a desfrutar. Aí está toda a função da educação. Que é educar? É propor incansavelmente camélias sobre o musgo, como derivativos à pulsão da espécie, que jamais para e ameaça continuamente o frágil equilíbrio da sobrevivência.

Sou muito camélia sobre o musgo. Nada mais, pensando bem, seria capaz de explicar minha reclusão neste cubículo enfadonho. Convencida desde a aurora de minha vida de sua inanidade, eu poderia ter escolhido a revolta e, tomando o céu por testemunha da iniquidade de minha sorte, explorado as fontes de violência que abundam na nossa condição. Mas a escola fez de mim uma alma cujo destino de vacuidade não levou apenas à renúncia e à clausura. O deslumbramento de meu segundo nascimento preparou em mim o terreno do domínio pulsional; já que a escola me fizera nascer, eu lhe devia fidelidade e, portanto, me conformei com as intenções de meus educadores, tornando-me com docilidade uma criatura civilizada. Na verdade, quando a luta contra a agressividade do primata se apodera dessas armas prodigiosas que são os livros e as palavras, o negócio é fácil, e foi assim que me tornei uma alma educada, que extraía dos sinais escritos a força de resistir à própria natureza.

Assim, fiquei muito surpresa com minha reação quando Antoine Pallières bateu imperiosamente três vezes à minha porta e, sem me cumprimentar, começou com uma vindita facunda a me narrar o desaparecimento de sua patinete cromada, e bati com a porta no nariz dele, por pouco não amputando o rabo do meu gato, que se esgueirava por ali.

Não sou tão camélia sobre o musgo assim, pensei.

E, como devia permitir a Leon que voltasse para o seu cantinho, abri a porta assim que acabei de batê-la.

"Desculpe", eu disse, "um vento encanado."

Antoine Pallières olhou para mim com a cara do sujeito que indaga se viu bem aquilo que acabou de ver. Mas, como é treinado para considerar que só acontece o que tem de acontecer, assim como os ricos se convencem de que a

vida deles segue um rastro celeste que o poder do dinheiro lhes abre naturalmente, resolveu acreditar em mim. A faculdade que temos de manipular a nós mesmos para que o pedestal de nossas crenças não vacile é um fenômeno fascinante.

"Sei. Bem, de qualquer maneira", ele disse, "eu vinha, sobretudo para lhe dar isto, que mamãe mandou."

E me entregou um envelope branco.

"Obrigada", disse, e bati uma segunda vez a porta em seu nariz.

E eis-me na cozinha, com o envelope na mão.

"Mas o que é que eu tenho hoje?", pergunto a Leon.

A morte de Pierre Arthens murchou minhas camélias.

Abro o envelope e leio o bilhete escrito no verso de um cartão de visita tão acetinado que a tinta, vencendo os mata-borrões consternados, borrou ligeiramente as letras.

Sra. Michel,

A senhora poderia, receber as roupas da lavanderia hoje à tarde?

Passarei para pegá-las na sua casa à noite.

Antecipadamente agradeço,

Assinatura rabiscada

Eu não esperava uma tamanha sonsice no ataque. De espanto, me deixo cair na cadeira mais perto. Aliás, fico pensando se não estou meio louca. Será que vocês sentem a mesma coisa quando isso acontece com vocês?

Vejamos:

O gato dorme.

A leitura dessa frasezinha inocente não despertou em vocês nenhuma sensação de dor, nenhum lampejo de sofrimento? E legítimo.

Agora:

O gato, dorme.

Repito, para que não fique nenhuma ambiguidade: O gato vírgula dorme.

O gato, dorme.

A senhora poderia, receber.

De um lado, temos este fantástico uso da vírgula que, tomando liberdades com a língua, pois em geral não se põe vírgula antes de locução conjuntiva aditiva, magnífica a forma: Fizera-me muitas críticas, tanto pela guerra como pela paz...

E, de outro, temos os borrões no papel velino de Sabine Pallières trespassando a frase com uma vírgula transformada em punhal.

A senhora poderia, receber as roupas da lavanderia!

Se Sabine Pallières fosse uma boa portuguesa, uma figueira de Faro, uma concierge recém-chegada ou uma débil mental tolerada por sua caridade, poderia perdoar esse desleixo culpado. Mas Sabine Pallières é rica. Sabine Pallières é a mulher de um figurão da indústria de armamento, Sabine Pallières é a mãe de um cretino de parca verde-garrafa que, depois de dois anos na faculdade de filosofia e na de ciências políticas, provavelmente vai difundir a mediocridade de seus pequenos pensamentos num gabinete ministerial de direita, e Sabine Pallières é, para completar, filha de uma puta de mantô de pele que faz parte do comitê de leitura de uma imensa editora e vive tão carregada de joias que, às vezes, fico à espreita do desabamento.

Por todas essas razões, Sabine Pallières é indesculpável. Os favores do destino têm um preço. Para quem se beneficia das indulgências da vida, a obrigação de rigor na consideração da beleza é inegociável. A língua, essa riqueza do homem, e seus usos, essa elaboração da comunidade social, são obras sagradas. Que evoluam com o tempo, se transformem, se esqueçam e renasçam, enquanto, por vezes, sua transgressão torna-se fonte de uma fecundidade maior, nada muda o fato de que, para praticar com elas esse direito ao jogo e à mudança, é necessário, previamente, ter lhes declarado plena submissão. Os eleitos da sociedade, esses que o destino isenta das servidões que são o quinhão

do pobre, têm, portanto, a dupla missão de adorar e respeitar o esplendor da língua. Por último, que uma Sabine Pallières faça mau uso da pontuação é uma blasfêmia tanto mais grave na medida em que, ao mesmo tempo, poetas maravilhosos nascidos em barracos fedorentos ou em subúrbios que parecem lixões têm por ela essa sagrada reverência que é devida à Beleza.

Aos ricos, o dever do Belo. Do contrário, merecem morrer.

Foi nesse exato momento de minhas reflexões indignadas que alguém bateu à porta.

Capítulo 26 - Pensamento profundo nº 7

Construir

Você vive

Você morre

São Consequências

Quanto mais o tempo passa, mais estou decidida a pôr fogo aqui. Sem falar do meu suicídio. Não posso me iludir: levei uma bronca de papai porque corrigi um de seus convidados que dizia uma coisa errada. Na verdade, era o pai de Tibère. Tibère é o namorado da minha irmã. Está na Escola Normal Superior, igual a ela, mas no curso de matemática. Quando penso que chamam isso de elite... A única diferença que vejo entre Colombe, Tibère, os colegas deles e um bando de jovens "do povo" é que minha irmã e seus amigos são mais idiotas. Bebem, fumam, falam como nos subúrbios e trocam frases do tipo: "O François Hollande matou o Fabius com aquele referendo, tá sabendo? Um killer da pesada, esse mané" (verídico), ou então: "Todos os DP (diretores de pesquisa) que foram nomeados há dois anos são uns fascistinhas de bosta, a direita bloqueou tudo, não tem que se encagaçar com o orientador de tese" (fresquinho, de ontem). Um nível abaixo, somos brindados com: "Na verdade, a louraça que o J.-B. está paquerando é uma babaca, uma loura, precisa dizer mais?" (idem), um nível acima: "A aula do Marian foi do caralho qual ele disse que a existência não é o atributo primeiro Deus" (idem, logo depois da conclusão do tema loura burra). Que é que vocês querem que eu pense disso? (cereja do bolo foi esta aqui (quase literal)): "Não é porque a gente é ateu que não é capaz de ver a força da ontologia metafísica. Pó, o que conta é a força conceitual, não é a verdade. E Marian, esse padre de merda, ele garante, tá sabendo, esse panaca, ele falou, né não?".

As pérolas brancas

Sobre minhas mangás caídas quando com o coração ainda repleto

Nós nos deixamos

Levo-as

Como uma lembrança de você.

(Kokinshu)

Pus nos ouvidos os tampões de espuma amarela de mamãe e li uns hokkus da Antologia da poesia japonesa clássica de papai, para não ouvir a conversa de degenerados deles. Depois, Colombe e Tibère ficaram sozinhos e fizeram uns ruídos imundos sabendo muito bem que eu estava ouvindo. Cúmulo da desgraça, Tibère ficou para jantar porque mamãe tinha convidado os pais dele. O pai de

Tibère é produtor de cinema, a mãe tem uma galeria de arte no Quai de Seine. Colombe é alucinada pelos pais de Tibère, no próximo fim de semana viaja com eles para Veneza, que belo alívio, vou ficar sossegada por três dias.

Portanto, no jantar, o pai de Tibère disse: "Como? Vocês não conhecem o go, aquele fantástico jogo japonês?"

Atualmente estou produzindo uma adaptação do romance de Shan Sá, A jogadora de go, que é um jogo sen-sa-cional, o equivalente japonês do xadrez. Aí está, mais uma invenção que devemos aos japoneses, é sen-sa-cio-nal, garanto a vocês!". E começou a explicar as regras do go. Um monte de bobagem. Primeiro, foram os chineses que inventaram o go. Sei disso porque li o manga cult sobre o go. Chama-se Hikaru N'Goo. E, segundo, não é um equivalente japonês do xadrez. Exceto pelo fato de ser um jogo de tabuleiro e ter dois adversários que se enfrentam com peças pretas e brancas, é tão diferente quanto um gato de um cachorro. No xadrez tem que se matar para ganhar. No go, tem que se construir para viver. E, terceiro, certas regras enunciadas pelo senhor-eu-sou-o-pai-de-um-cretino estavam erradas. O objetivo do jogo não é comer o outro, mas construir um território maior. A regra para pegar as pedras diz que o jogador pode se "suicidar" se for para pegar as pedras adversárias, e não que é formalmente proibido ir lá onde o jogador é automaticamente pego. *Etc.*

Então, quando o senhor-eu-pus-no-mundo-uma-pústula disse: "O sistema de classificação dos jogadores começa em 1 kyu e depois sobe até 30 kyu e depois se passa aos dans: 12 dan, depois 2 etc.", não consegui me segurar e disse: "Não, é a ordem inversa: começa em 30 kyu e depois sobe até 1".

Mas o senhor-desculpe-eu-não-sabia-o-que-estava-fazendo se obstinou, de cara feia: "Não, minha querida senhorita, acho que eu tenho razão". Fiz não com a cabeça enquanto papai franzia o cenho olhando para mim. O pior foi que fui salva por Tibère. "Mas ela tem razão, papai, sim, o 1-kyu é o mais forte". Tibère é fera em matemática, joga xadrez e joga go. Detesto essa ideia As coisas belas deveriam pertencer às pessoas belas. Mas o fato é que o pai de Tibère estava errado e que papai, depois do jantar, me disse furioso: "Se você só abre a boca para ridicularizar nossos convidados, fique calada". Que é que eu devia ter feito? Abrir a boca como Colombe para dizer: "A programação do Théâtre des Amandiers me deixa louca", quando na verdade ela é incapaz de citar um verso de Racine, para não dizer que é incapaz de enxergar sua beleza? Abrir a boca para dizer, como mamãe: "Parece que a Bienal do ano passado foi uma decepção", quando ela se mataria por suas plantas, deixando todos os Vermeer queimarem? Abrir a boca para dizer, como papai:

"A exceção cultural francesa é um paradoxo sutil", o que é, praticamente palavra por palavra, o que ele disse nos dezesseis jantares anteriores? Abrir a

boca como a mãe de Tibère para dizer: "Hoje, em Paris, você quase já não encontra bons vendedores de queijo", sem contradição, dessa vez, com sua natureza profunda de comerciante da Auvergne conhecida por seu pão-durismo?

Quando penso no go... Um jogo que tem por objetivo construir um território é obviamente bonito. Pode haver fases de combate, mas são apenas os meios a serviço dos fins: fazer viver seus territórios. Um dos mais bonitos lances do jogo de go é que está provado que, para ganhar, é preciso viver mas também deixar o outro viver.

Quem é ávido demais perde a partida: é um sutil jogo de equilíbrio em que é preciso ganhar vantagem sem esmagar o outro. Afinal, a vida e a morte são apenas a consequência de uma construção bem ou mal edificada. É o que diz um dos personagens de Taniguchi: você vive, você morre, são consequências. É um provérbio de go e um provérbio de vida.

Viver, morrer: são apenas consequências daquilo que se construiu. O que conta é construir bem. Então, pois é, me impus mais uma obrigação. Vou parar de desfazer, de desconstruir, vou começar a construir. Até mesmo

Colombe, farei dela algo positivo. O que conta é o que se faz no momento em que se morre, e no próximo dia 16 de junho quero morrer construindo.

Capítulo 27 - O stress de Constitution

O alguém que bateu era a encantadora Olympe Saint Nice, a filha do diplomata do segundo andar. Gosto de Olympe SaintNice. Acho que se precisa de uma tremenda força de caráter para sobreviver a um nome tão ridículo, sobretudo quando se sabe que ele destina a pobre coitada a hilariantes: "Ei, Olympe, posso escalar o seu monte?", ao longo de toda uma adolescência que parece interminável. Para completar, Olympe SaintNice não deseja, aparentemente, tornar-se aquilo que seu nascimento lhe oferece.

Não aspira a um rico casamento, nem aos bastidores do poder, nem à diplomacia, menos ainda ao estrelato. Olympe SaintNice quer ser veterinária.

"No interior", ela me contou um dia em que conversávamos sobre gatos diante da minha porta. "Em Paris só há bichos pequenos. Também quero vacas e porcos."

Olympe tampouco é cheia de nove-horas, como certos moradores do prédio, e não quer mostrar que está conversando com a concierge porque é bem-educada-de-esquerda-sem-preconceitos.

Olympe fala comigo porque eu tenho um gato, o que nos integra numa comunidade de interesses, e aprecio o justo valor dessa aptidão de desafiar as barreiras que a sociedade ergue o tempo todo nos nossos risíveis caminhos.

"Preciso lhe contar o que aconteceu com Constitution", ela me diz quando abro a porta.

"Mas entre, ora essa", digo, "você tem cinco minutinhos?"

Não só tem cinco minutinhos, como está tão feliz de encontrar alguém com quem falar de gatos e dos pequenos problemas de gatos, que fica uma hora, durante a qual toma cinco xícaras seguidas de chá.

Sim, realmente, gosto de Olympe SaintNice.

Constitution é uma encantadora gatinha de pelo caramelo, focinho rosa claro, bigodes brancos e dedinhos lilás, que pertence aos Josse e, como todos os bichos de pelo do prédio, é submetida a Olympe ao menor peido atravessado. Ora, essa coisa inútil mas apaixonante, de três anos de idade, recentemente miou a noite toda, estragando o sono de seus donos.

Por quê?, pergunto no momento exato, porque estamos absorvidas pela

conivência de um relato em que cada uma deseja representar com perfeição o seu papel. "Uma cistite.", diz Olympe. "Uma cistite!" Olympe tem apenas dezenove anos e espera com louca impaciência entrar para a Escola Veterinária. Enquanto isso, estuda muito e se entristece, ao mesmo tempo que se alegra, com os males que afligem a fauna do prédio, única em que pode fazer experiências.

Assim, me anuncia o diagnóstico da cistite de Constitution como se fosse um filão de diamantes.

"Uma cistite!", exclamo com entusiasmo.

"É, uma cistite", ela sussurra, com os olhos brilhantes. "Coitadinha, fazia xixi por toda parte, e" - retoma fôlego antes de começar o melhor - "sua urina estava ligeiramente hemorrágica!

Meu Deus, como é bom. Se tivesse dito: havia sangue no xixi, a coisa teria sido liquidada em dois tempos. Mas Oly envergando com emoção os trajes de doutora de gatos, erudita, endossou sua terminologia. Sempre senti imenso prazer em ouvir alguém falar assim. "Sua urina estava ligeiramente hemorrágica" é, para mim, uma frase recreativa, que soa bem aos ouvidos e evoca um mundo singular que me descansa da literatura. É pela mesma razão que gosto de ler as bulas dos remédios, pelo relaxamento nascido dessa precisão do termo técnico, e que dá a ilusão de rigor, pelo arrepio da simplicidade, e que convoca uma dimensão espaço—temporal da qual estão ausentes o esforço em direção ao belo, o sofrimento criador e a aspiração sem fim e sem esperança a horizontes sublimes.

"Há duas etiologias possíveis para as cistites", recomeça Olympe. "Um germe infeccioso ou uma disfunção renal. Primeiro apertei a bexiga, para verificar se não estava globular."

"Globular?", espanto-me.

"Quando há uma disfunção renal e o gato não consegue mais urinar, sua bexiga se enche e forma uma espécie de 'globo vesical', que é possível sentir apalpando-se o abdômen", explica Olympe. "Mas não era o caso. E ela não parecia sentir dor quando eu a examinava. Só que continuava a fazer xixi por toda parte."

Penso no living room de Solange Josse transformado em cama gigante de palha, tendência ketchup. Mas para Olympe esses são apenas estragos colaterais.

"Então Solange mandou fazer um exame de urina."

Só que Constitution não tem nada. Nenhum cálculo renal, nenhum germe insidioso escondido em sua pequena bexiga de amendoim, nenhum agente bacteriológico infiltrado.

No entanto, apesar dos anti-inflamatórios, dos antiespasmódicos e dos antibióticos, Constitution se obstina.

"Mas então que é que ela tem?", pergunto.

"A senhora não vai acreditar", diz Olympe. "Ela está com uma cistite idiopática intersticial."

"Meu Deus, mas o que é isso?", perguntei, toda interessada.

"Pois bem, é como se alguém dissesse que Constitution é uma grande histérica", responde Olympe, hilária. "Intersticial quer dizer que tem a ver com inflamação da parede vesical, e idiopática, sem causa médica determinada. Em suma, quando ela fica estressada, tem cistites inflamatórias. Exatamente como as mulheres."

"Mas por que ela fica estressada?", perguntei-me bem alto, pois, se Constitution, cujo cotidiano de grande vagabunda decorativa só é perturbado por experimentações veterinárias benignas que consistem em lhe apalpar a bexiga, tem motivos para se estressar, o resto do gênero animal vai soçobrar na síndrome do pânico.

"A veterinária disse: só a gata sabe."

E Olympe fez um pequeno muxoxo contrariado.

"Recentemente, Paul (Josse) lhe disse que ela estava gorda. Não se sabe. Pode ser qualquer coisa."

"E como se trata isso?"

"Igual se trata gente", Olympe ri. "Receitando Prozac."

"Falando sério?", pergunto.

"Falando sério", ela responde.

Bem que eu dizia a vocês. Bichos nós somos, bichos continuaremos a ser. Que uma gata de gente rica sofra dos mesmos males que afligem as mulheres civilizadas não deve nos levar a denunciar os maus-tratos contra os felinos ou a contaminação pelo homem de uma inocente raça doméstica, mas revela, muito pelo contrário, a profunda solidariedade que tece os destinos animais. Dos mesmos apetites vivemos, dos mesmos males padecemos.

"Em todo o caso", diz Olympe, "isso me levará a refletir quando eu for cuidar dos animais que não conheço." Ela se levanta e se despede educadamente. "Bem, obrigada, Sra. Michel, só mesmo aqui é que posso falar de tudo isso."

"Ora, por nada, Olympe", digo, "o prazer foi meu." E me preparo para fechar a porta quando ela diz: "Ah, sabe, Anna Arthens vai vender o apartamento. Espero que os novos moradores também tenham gatos."

Capítulo 28 - Um eu de perdiz

Anna Arthens vai vender!

"Anna Arthens vai vender!", digo a Leon.

"Essa não", ele me responde - ou pelo menos tenho a impressão.

Vivo aqui há vinte e sete anos, e nunca um apartamento trocou de família. A velha Sra. Meurisse deu lugar à jovem Sra. Meurisse, e praticamente o mesmo aconteceu com os Badoise, os Josse e os Rosen. Os Arthens chegaram ao mesmo tempo que nós; de certa forma, envelhecemos juntos. Quanto aos De Broglie, fazia muito tempo que estavam aqui, e continuam a ocupar o apartamento. Não sei a idade do Sr. Conselheiro, mas mesmo jovem ele já parecia velho, o que faz com que, embora muito velho, ainda pareça muito jovem.

Portanto, Anna Arthens é a primeira, desde que sou concierge, a vender um bem que vai mudar de mãos e de nome. Curiosamente, essa perspectiva me apavora. Será que estou tão habituada com esse eterno recomeço das mesmas coisas que a perspectiva de uma mudança ainda hipotética me mergulha no rio do tempo e me convoca ao seu curso? Vivemos cada dia como se ele devesse renascer no dia seguinte, e de repente o staty silencioso do número 7 da Rue de Grenelle, reconduzindo manhã após manhã a evidência da perenidade, me parece ilha assediada pelas tempestades. , Muito abalada, pego o meu carrinho de compras, Leon, que ronca baixinho, e me dirijo com passo vacilante ao mercado. Na esquina da Rue de Grenelle com a Rue Du Bac, Gégène, o inquilino imperturbável dos caixotes usados, vê minha chegada como a aranha-caranguejeira vê chegar sua presa.

"Ei, dona Michel, perdeu de novo seu gato?", ele me diz, e cai na risada.

Pelo menos isso é uma coisa que não muda. Gégène é um mendigo que há anos passa o inverno aqui, em cima de uns caixotes miseráveis, dentro de uma sobrecasaca que cheira a comerciante russo fim-de-século e que, como aquele que a enverga, atravessou espantosamente os anos.

"Você devia ir para o abrigo", digo-lhe, como de costume, "vai fazer frio esta noite."

"Ah, ah", ele dá uns ganidos, "para o abrigo! Eu adoraria ver a senhora lá. Aqui é muito melhor."

Passo por ele e vou andando; depois, tomada de remorso, volto atrás.

"Queria lhe dizer... que o Sr. Arthens morreu esta noite."

"O crítico?", pergunta-me Gégène, com o olhar subitamente vivo, levantando a fuça como um cão de caça que fareja um eu de perdiz.

"O crítico, sim, sim. O coração falhou, de repente."

"Ah, diabos, ah, diabos", repete Gégène, obviamente emocionado.

"Você o conhecia?", pergunto, para dizer alguma coisa.

"Ah, diabos, ah, diabos", reitera o mendigo, "os melhores é que têm de partir primeiro!"

"Ele teve uma bela vida", arrisco-me a dizer, surpresa com o tom que a conversa vai tomando.

"Dona Michel", me responde Gégène, "não se fazem mais uns caras assim. Ah, diabos", ele responde, "vou sentir falta dele, que sujeito."

"Ele lhe dava alguma coisa, talvez uma gorjeta no Natal?"

Gégène olha para mim, funga, cospe a seus pés.

"Nada, em dez anos nem uma moedinha, que é que a senhora me diz disso? Ah, não há o que dizer, era um cara com uma tremenda personalidade. Não se faz mais gente assim, não se faz mais, não."

Essa conversinha me perturba, e, enquanto circulo pelas ruas do mercado, Gégène enche inteiramente meus pensamentos. Jamais creditei aos pobres essa grandeza de alma, com a desculpa de que são pobres e também porque sofrem as injustiças da vida. Mas achava que, pelo menos, eram unidos no ódio contra os ricos. Gégène tira minhas ilusões e me ensina isto: se há uma coisa que os pobres detestam, são outros pobres.

Pensando bem, não é absurdo.

Percorro distraidamente as barracas, chego ao canto dos queijeiros, compro uma fatia de parmesão e um belo pedaço de soumaintrain.

Capítulo 29 - Riabinin

Quando me angustio, vou para o refúgio. Nenhuma necessidade de viajar; ir juntar-me às esferas de minha memória literária é suficiente. Pois existe distração mais nobre, existe mais distraída companhia, existe mais delicioso transe do que a literatura?

Portanto, eis-me subitamente diante de uma bandeja de azeitonas, pensando em Riabinin. Por que Riabinin? Porque Gégène usa uma sobrecasaca antiquada, com longas abas ornadas de botões bem baixos, presos atrás, e que me fez pensar na de Riabinin. Em Ana Karenina, Riabinin, negociante de bosques, usa sobrecasaca, e vai à casa de Levin, o aristocrata do campo, para fazer uma venda junto com Stepan Oblonski, o aristocrata moscovita. O negociante jura por todos os deuses que Oblonski ganha na transação, ao passo que Levin o acusa de despojar seu amigo de um bosque que vale três vezes mais. A cena é precedida de um diálogo em que Levin pergunta a Oblonski se ele contou as árvores de seu bosque.

"Como assim, contar as árvores?", exclama o fidalgo. "Seria o mesmo que contar os grãos da areia do mar!"

"Esteja certo de que Riabinin as contou", retruca Levin.

Gosto particularmente dessa cena, primeiro porque se passa em Pokrovskoie, no campo russo. Ah, o campo russo... Tem esse encanto tão especial das paragens selvagens e, no entanto, unidas ao homem pela solidariedade dessa terra de que todos somos feitos... A mais bela cena de Ana Karenina se passa em Pokrovskoie. Levin, sombrio e melancólico, tenta esquecer Kitty. E primavera, ele vai para os campos ceifar junto com seus camponeses. De início, a tarefa lhe parece muito rude. Logo ele vai entregar os pontos, quando o velho camponês que dirige a fila ordena uma folga. Depois a ceifa recomeça. Novamente Levin desaba de exaustão, mas, uma segunda vez, o velho levanta a foice. Repouso. E a fila se põe em marcha de novo, com quarenta sujeitos abatendo os feixes e avançando para o rio enquanto o sol se levanta.

O calor está cada vez mais forte, os braços e ombros de Levin estão encharcados de suor, mas, ao sabor das paradas e retomadas, seus gestos, primeiro desajeitados e doloridos, vão ficando cada vez mais fluidos. Um bem-

aventurado ar fresco envolve de repente suas costas. Chuva de verão. Aos poucos ele libera seus movimentos do entrave de sua vontade, entra no leve transe que dá aos gestos a perfeição dos atos mecânicos e conscientes, sem reflexão nem cálculo, e a foice parece manejada por si só, enquanto Levin se delicia com esse esquecimento no gesto, o que torna o prazer de fazer maravilhosamente alheio aos esforços da vontade.

Assim acontece em muitos momentos felizes de nossa vida. Livres do fardo da decisão e da intenção, navegando em nossos mares interiores, assistimos como se fossem atos de outra pessoa aos nossos diversos movimentos e admiramos sua involuntária excelência. Que outra razão eu poderia ter para escrever isto, este irrisório diário de uma concierge que está envelhecendo, se a própria escrita não tivesse muito a ver com a arte da ceifa?

Quando as linhas se tornam seus próprios demiurgos, assisto, qual um milagroso ato inconsciente, ao nascimento no papel de frases que escapam à minha vontade e que, dose na folha apesar de mim, ensinam-me o que eu ', nem acreditava saber, gozo desse parto sem dor, dessa , não concertada, que consiste em seguir sem esforço nem certeza, com a felicidade dos espantos sinceros, uma pluma que me guia e me transporta.

Então, tenho acesso, na plena evidência e textura de mim mesma, a um esquecimento de mim que confina com o êxtase, e sinto a bem-aventurada quietude de uma consciência espectadora.

Enfim, ao voltar de charrete, Riabinin se queixa abertamente com o seu empregado dos modos desses belos cavalheiros.

"E quanto à compra, Mikhail Ignatitch?", o rapazote lhe pergunta.

"Eh, eh!...", responde o negociante.

Como tiramos conclusões apressadas, pela aparência e pela posição, sobre a inteligência das criaturas... Riabinin, contador dos grãos de areia do mar, hábil ator e manipulador brilhante, não liga para os preconceitos que caem sobre sua pessoa. Nascido inteligente e pária, a glória não o atrai; só o jogam nas estradas a promessa do lucro e a perspectiva de despojar polidamente os senhores de um sistema imbecil que o considera com desprezo mas não sabe freá-lo. Assim sou eu, pobre concierge resignada com a ausência de fausto - mas anomalia de um sistema que se revela grotesco e do qual zombo suavemente, todo dia, num foro íntimo que ninguém penetra.

Capítulo 30 - Pensamento profundo nº 8

Se esqueces o futuro

Perdes

O presente

Hoje fomos a Chatou ver vovó Josse, mãe de papai, que há duas semanas está num lar de idosos. Papai foi com ela quando se instalou, e agora fomos todos juntos.

Vovó não pode mais viver na sua casa grande de Chatou: está quase cega, tem artrose e praticamente não pode mais andar nem segurar nada nas mãos, e tem medo de ficar sozinha. Seus filhos (papai, meu tio François e minha tia Laure) bem que tentaram administrar o problema com uma enfermeira particular, mas, afinal, a moça não podia ficar vinte e quatro horas por dia, sem falar que as amigas da vovó também já estavam num lar de idosos e, portanto, isso parecia uma boa solução.

O asilo da vovó é incrível. Pergunto-me quanto custa por mês um morredouro de luxo? O quarto da vovó é grande e claro, com lindos móveis, lindas cortinas, um salãozinho ao lado e um banheiro com banheira de mármore. Mamãe e Colombe ficaram maravilhadas com a banheira de mármore, como se tivesse algum interesse para vovó a banheira ser de mármore, quando seus dedos são de cimento... Além disso, o mármore é feio. Papai não disse quase nada. Sei que se sente culpado porque sua mãe está num asilo. "Mas a gente não vai trazê-la para casa, ora essa!", disse mamãe quando os dois pensavam que eu não estava ouvindo (mas ouço tudo, em especial o que não me é destinado). "Não, Solange, claro que não...", respondeu papai num tom que queria dizer: "Respondo como se pensasse o contrário e digo 'não, não' com ar cansado e resignado, como um bom marido que se submete, e assim fico com o papel mais bonito". Conheço direitinho esse tom de papai. Que significa: "Sei que sou covarde, mas ninguém se atreva a me dizer". Evidentemente, não deu outra: "Você é mesmo covarde", disse mamãe jogando furiosamente um pano de prato dentro da pia. E curioso, basta ficar zangada para precisar jogar alguma coisa. Uma vez, jogou Constitution. "Você também não quer que ela venha", mamãe começou, pegando o pano de prato e abanando-o diante do nariz do papai. "De qualquer maneira, já está feito", disse papai, o que é uma frase de covarde elevado à décima potência.

Fico muito contente que a vovó não venha morar conosco. No entanto, em quatrocentos metros quadrados isso não seria problema nenhum. Afinal de contas, acho que os velhos têm direito a um pouco de respeito. E estar num asilo de idosos, é verdade, é o fim do respeito. Ir para lá significa: "Estou acabado(a), não sou mais nada, todo mundo, eu inclusive, só espera uma coisa: a morte, esse triste fim do tédio". Não, a razão pela qual não quero que a vovó venha para a nossa casa é que não gosto da vovó. E uma velha horrorosa, depois de ter sido uma moça má. E isso também acho que é uma profunda injustiça: peguem o caso

de um técnico de calefação, que sempre só fez o bem ao redor, que soube criar amor, dar amor, receber, tecer laços humanos e sensíveis, e que ficou bem velhinho.

Sua mulher morreu, seus filhos não têm um tostão mas têm um monte de filhos que eles precisam alimentar e criar. Além disso, moram no outro lado da França. Portanto, o colocam num asilo perto da aldeia onde ele nasceu, onde seus filhos só podem ir vê-lo duas vezes por ano - um asilo para pobres, onde ele tem de dividir o quarto, onde a comida é nojenta e os empregados lutam contra a certeza de sofrer um dia o mesmo destino maltratando os residentes. Agora peguem minha avó, que nunca fez mais nada na vida além de uma longa série de recepções, muxoxos, intrigas e despesas inúteis e hipócritas, e considerem que ela tem direito a um quarto bonito, um salão particular e coquilles Saint-Jacques no almoço. Será esse o preço a pagar pelo amor, um fim de vida sem esperança numa promiscuidade sórdida? Será essa a recompensa da anorexia afetiva, uma banheira de mármore dentro de um apartamentinho caríssimo?

Portanto, não gosto da vovó, que também não gosta muito de mim. Em compensação, ela adora Colombe, que lhe retribui na mesma moeda, ou seja, ficando de olho na herança, com esse distanciamento tão autêntico da moça que não-está-de-olho-na-herança. Achei que aquele dia em Chatou ia ser uma chatice incrível, e bingo! Colombe e mamãe que se extasiavam diante da banheira, papai que parece ter engolido seu guarda-chuva, uns velhos inválidos ressecados que passeiam pelos corredores com todos os tubos e soros, uma louca ("Alzheimer", disse Colombe com ares doutos - sem rir!) que me chama "Clara bonita" e berra dois segundos depois porque quer seu cachorro imediatamente, e que por pouco não me deixa caolha com seu imenso anel de diamantes, e até uma tentativa de evasão! Os pensionistas ainda válidos têm uma pulseira eletrônica no pulso: quando tentam cruzar os muros da residência, aquilo faz um bip na recepção e o pessoal se precipita para agarrar o fujão que, evidentemente, é pego depois de uma estafante corrida de cem metros, e que protesta vigorosamente porque não estamos no gulag, e que pede para falar com o diretor e gesticula estranhamente até que o grudam numa cadeira de rodas. A senhora que disparou no seu sprint trocou de roupa depois do almoço: envergou de novo o traje de evasão, um vestido de poá com babados por todo lado, muito prático para escalar as grades. Em suma, às duas da tarde, depois da banheira, das coquilles Saint-Jacques e da evasão espetacular de Edmond Dantes, eu estava pronta para encarar o desespero.

Mas de repente lembrei que tinha decidido construir e não desfazer. Olhei ao redor, procurando algo positivo e evitando me fixar em Colombe. Não encontrei nada.

Todas aquelas pessoas que esperam a morte sem saber o que fazer... E aí, milagre, foi Colombe que me deu a solução, sim, Colombe. Quando fomos embora, depois de ter beijado vovó e prometido voltar logo, minha irmã disse: "É, vovó parece bem instalada. Quanto ao resto... vamos nos apressar para esquecer isso bem depressa".

Não vamos fazer picuinha com o "apressar bem depressa", o que seria mesquinho, e concentremo-nos na ideia: esquecer aquilo bem depressa.

Ao contrário, não se deve de jeito nenhum esquecer aquilo. Não se devem esquecer os velhos de corpos estragados, os velhos que estão pertinho de uma morte em que os jovens não querem pensar (por isso confiam ao asilo o cuidado de levar seus parentes, sem escândalo nem aborrecimentos), a inexistente alegria dessas derradeiras horas que deveriam ser aproveitadas a fundo e que são padecidas no tédio, na amargura e na repetição. Não se deve esquecer que o corpo definha, que os amigos morrem, que todos nos esquecem, que o fim é solidão. Esquecer muito menos que esses velhos foram jovens, que o tempo de uma vida é irrisório, que um dia temos vinte anos e, no dia seguinte, oitenta. Colombe acha que podemos "nos apressar para esquecer" porque para ela ainda está muito longe a perspectiva da velhice, é como se isso jamais fosse lhe acontecer. Mas entendi muito cedo que uma vida se passa num tempinho à-toa, olhando para os adultos ao meu redor, tão apressados, tão estressados por causa do prazo de vencimento, tão ávidos de agora para não pensarem no amanhã... Mas, se tememos o amanhã, é porque não sabemos construir o presente e, quando não sabemos construir o presente, contamos que amanhã saberemos e nos ferramos, porque amanhã acaba sempre por se tornar hoje, não é mesmo?

Portanto, não devemos de jeito nenhum esquecer aquilo. E preciso viver com essa certeza de que envelheceremos e não será bonito, nem bom, nem alegre. E pensar que é agora que importa: construir agora, alguma coisa, a qualquer preço, com todas as nossas forças. Sempre ter na cabeça o asilo de idosos a fim de nos superarmos a cada dia, para tornar cada dia imperecível. Escalar passo a passo nosso próprio Everest e fazê-lo de tal modo que cada passo seja um pouco de eternidade.

O futuro serve para isto: para construir o presente com verdadeiros projetos de pessoas vivas.

PARTE 3
SOBRE A GRAMÁTICA

Capítulo 31 - Infinitesimal

De manhã, Jacinthe Rosen me apresentou ao novo dono do apartamento dos Arthens.

Chama-se Kakuro Alguma Coisa. Não entendi direito, porque a senhora Rosen sempre fala como se tivesse uma barata na boca e porque a porta do elevador abriu nesse exato momento para deixar sair o Sr. Pallières pai, todo vestido de necrotério. Ele nos cumprimentou rapidamente e se afastou com seu passo contido de industrial apressado.

O novo morador é um senhor de uns sessenta anos, muito apresentável e muito japonês. E mais para baixo, magro, o rosto enrugado mas muito marcante. Toda a sua pessoa transpira bondade, mas também sinto decisão, alegria e uma bela determinação.

Por ora ele suporta sem piscar a tagarelice pitiática de Jacinthe Rosen. Parece uma galinha diante de uma montanha de milho.

"bom dia, senhora", foram suas primeiras e únicas palavras, num francês sem sotaque.

Vesti minha roupagem de concierge semidébil. Trata-se de um novo morador que a força do hábito ainda não obriga a ter certeza de minha inépcia, e com quem devo fazer esforços pedagógicos especiais. Limito-me, portanto, a uns sim, sim, sim astênicos em resposta às salvas histéricas de Jacinthe Rosen. "Mostre ao Sr. Alguma

Coisa (Chu?) a área de serviço." "Pode explicar ao Sr. Alguma Coisa (Pchu?) a distribuição do correio?"

"Os decoradores virão na sexta-feira. Pode recebê-los e encaminhá-los ao apartamento do Sr. Alguma Coisa (Opchu?) entre dez e dez e meia?"

Etc.

O Sr. Alguma Coisa não demonstra nenhuma impaciência e espera educadamente, olhando para mim com um sorriso gentil. Considero que tudo corre muito bem. Basta esperar que a Sra. Rosen se canse, e poderei reintegrar-me no meu antro.

E depois, bem.

"O capacho que estava defronte da porta dos Arthens não foi limpo. A

senhora pode dar um jeito a isso?", me pergunta a galinha.

Por que a comédia sempre tem de virar tragédia? Sem a menor dúvida, também me acontece usar o erro, embora seja como arma.

"E um espécie de infarto?", eu havia perguntado a Chabrot para distraí-lo de minhas manias extravagantes.

Portanto, não sou tão sensível a ponto de um erro menor me fazer perder a razão. Temos de conceder aos outros o que autorizamos a nós mesmos; além disso, Jacinthe Rosen e sua barata na boca nasceram no subúrbio de Bondy, num conjunto habitacional de escadas sujas, e, no entanto, tenho por ela indulgências que não tenho pela senhora-poderia-vírgula-receber. Mas eis a tragédia: estremeci com o dar um jeito a isso no exato momento em que o Sr. Alguma Coisa também estremecia, enquanto nossos olhares se cruzavam. Desde essa porção infinitesimal de tempo em que, tenho certeza, fomos irmãos de idioma no sofrimento conjunto que nos trespassava e, estremecendo nosso corpo, tornava visível nosso desespero, o Sr. Alguma Coisa olha para mim com um olhar totalmente diferente. Um olhar à espreita. E agora está falando comigo.

"Conhecia os Arthens? Disseram-me que era uma família extraordinária", diz.

"Não", respondo, de pé atrás, "não os conhecia particularmente, era uma família como as outras daqui."

"E, uma família feliz", diz a Sra. Rosen, que visivelmente se impacienta.

"Sabe, todas as famílias felizes se parecem", resmungo para me ver livre da conversa, "não há o que dizer a respeito delas."

"Mas as famílias infelizes o são cada uma a seu jeito", ele diz me olhando de um modo estranho, e, de repente, embora pela segunda vez, eu estremeço.

Sim, isso mesmo, juro. Estremeço - mas como que sem querer. Algo que me escapa, que foi mais forte que eu, que me ultrapassou.

Como desgraça chama desgraça, Leon escolheu esse exato momento para se enfiar entre nossas pernas, roçando amistosamente, de passagem, nas do Sr. Alguma Coisa.

"Tenho dois gatos", ele disse. "Posso saber como se chama o seu?"

"Leon", respondeu por mim Jacinthe Rosen, que, reaparecendo, enfiou seu braço no dele e, me agradecendo sem me olhar, começou a guiá-lo para o elevador. Com uma infinita delicadeza, ele pôs a mão em seu antebraço e o imobilizou suavemente.

"Obrigado, senhora", me diz, e deixa-se levar por sua possessiva galinha.

Capítulo 32 - Num momento de graça

Sabem o que é o não-sabido? Os psicanalistas fazem disso o fruto das manobras insidiosas de um inconsciente escondido. Que teoria vã, na verdade. O não-sabido é a marca mais notável da força de nossa vontade consciente, que, quando nossa emoção se opõe a ela, usa todos os artifícios para chegar a seus fins.

"É de crer que quero ser desmascarada", digo a Leon, que acaba de se reintegrar no seu canto, e, eu juraria, conspirou com o universo para realizar meu desejo.

Todas as famílias felizes se parecem, mas as famílias infelizes o são cada uma a seu jeito é a primeira frase de Ana Karenina, que, como toda boa concierge, eu não deveria ter lido, assim como não me é conferido o direito de ter estremecido por acaso ao ouvir a segunda parte dessa frase, num momento de graça, sem saber que era de Tolstoi, pois, se as pessoas do povo são sensíveis à grande literatura sem conhecê-la, a literatura não pode pretender ter essa visão abrangente em que as pessoas instruídas a colocam.

Passo o dia tentando me convencer de que estou me afligindo à toa e de que o Sr. Alguma Coisa, que dispõe de uma conta bancária suficientemente fornida para comprar o quarto andar, tem mais com que se preocupar além dos estremecimentos parkinsonianos de uma concierge retardada.

E depois, por volta das sete da noite, um rapaz bate à minha porta.

"Boa noite, senhora", diz articulando com perfeição, "meu nome é Paul N'Guyen, sou o secretário particular do Sr. Ozu."

Entrega-me um cartão de visita.

"Aqui está o número do meu celular. Os operários virão trabalhar na casa do Sr. Ozu, e não gostaríamos que isso fosse uma carga extra de trabalho para a senhora.

Assim, ao menor problema me ligue e virei imediatamente."

Vocês terão notado nesse ponto da intriga que o sainete é destituído de diálogos, que em geral são reconhecíveis pelas aspas que se sucedem ao sabor das palavras.

Deveria haver algo como: "Muito prazer, meu senhor."

E depois: "Muito bem, ligarei, sim."

Mas visivelmente não houve isso.

E que, sem precisar me obrigar a tanto, estou muda. Tenho plena consciência de estar de boca aberta, mas nenhum som escapa, e fico com pena desse belo rapaz obrigado a contemplar uma rã de setenta quilos que se chama Renée.

E nesse ponto do encontro que, usualmente, o protagonista pergunta: "Fala francês?"

Mas Paul N'Guyen sorri e espera.

À custa de um esforço hercúleo, consigo dizer alguma coisa.

Na verdade, algo como: "Grmblll."

Mas ele continua a esperar com a mesma magnífica abnegação.

"O Sr. Ozu?", acabo dizendo, a duras penas, com uma voz que parece a do Yul Brynner.

"O Sr. Ozu, sim", ele me diz. "Não sabia o nome dele?"

"Sabia", digo com dificuldade. "Não tinha entendido direito. Como se escreve?" x "O, z, u", ele me diz.

"Ah, muito bem", digo. "E japonês?"

"Perfeitamente, senhora", ele me diz. "O Sr. Ozu é japonês."

Despede-se afavelmente, eu resmungo um boa-noite que sai do peito, fecho a porta e desabo numa cadeira, esborrachando Leon.

Sr. Ozu. Pergunto-me se não estou tendo um sonho maluco, com suspense, encadeamento maquiavélico das ações, chuva de coincidências, desfecho final de camisola, com um gato obeso em pé sobre quatro patas, e um despertar pigarreando, regulado pela France Inter.

Mas no fundo sabemos muito bem que o sonho e a vigília não têm a mesma textura, e, pelo exame de minhas percepções sensoriais, tenho certeza de que estou bem acordada.

Sr. Ozu! O filho do cineasta? Seu sobrinho? Um primo distante?

Essa não!

Capítulo 33 - Pensamento profundo nº 9

Se servir a uma senhora inimiga Petits-fours da casa Ladurée Não pense Que poderá ver Mais além

O senhor que comprou o apartamento dos Arthens é japonês! Chama-se Kakuro Ozu! Que sorte a minha, isso tem de acontecer logo antes de eu morrer! Doze anos e meio na indigência cultural, e, quando chega um japonês, tenho que fazer as malas... Realmente, é muito injusto.

Mas pelo menos vejo o lado positivo das coisas: ele está aqui, e para ficar, e além disso tivemos ontem uma conversa muito interessante. Primeiro, é preciso dizer que todos os moradores daqui estão perdidamente apaixonados pelo Sr. Ozu. Minha mãe só fala disso, meu pai a escuta, ao menos uma vez na vida; via de regra pensa em outra coisa quando ela solta o blablablá sobre os probleminhas do prédio. Colombe roubou o meu manual de japonês, e, fato inédito nos anais do número 7 da Rue de Grenelle, a Sra. de Broglie veio tomar chá em casa. Moramos no quinto, bem em cima do ex-apartamento dos Arthens, que ultimamente estava em obras - obras gigantescas!

Estava na cara que o Sr. Ozu tinha resolvido mudar tudo, e todo mundo bombava de inveja, querendo ver as mudanças. Num mundo de fósseis, o menor deslizamento de pedra na encosta da falésia já fica prestes a provocar crises cardíacas em série - imaginem, então, quando alguém faz a montanha explodir! Em suma, a Sra. de Broglie morria de vontade de dar uma olhadela no quarto andar, e, assim, conseguiu ser convidada por mamãe quando cruzou com ela, semana passada, na portaria. E sabem o pretexto? E muito engraçado. A Sra. de Broglie é mulher do Sr. de Broglie, o conselheiro de Estado que mora no primeiro andar, entrou para o Conselho de Estado na época do Giscard d'Estaing e é tão conservador que não cumprimenta as pessoas divorciadas. Colombe o chama de "velho fascistoide", mas é porque nunca leu nada sobre as direitas francesas, e papai o considera um exemplo acabado da esclerose das ideias políticas. A mulher dele faz o mesmo gênero: tailleur, colar de pérolas, lábios apertados e uma penca de netos que se chamam, todos, Grégoire ou Marie. Até então, mal cumprimentava mamãe (que é socialista, tem cabelo pintado e usa sapatos de bico finíssimo). Mas na semana passada pulou em cima da gente

como se sua vida dependesse de nós. Estávamos na portaria, voltando das compras, e mamãe estava de bom humor porque encontrara uma toalha de linho cor de palha por duzentos e quarenta euros. Então, pensei que estivesse tendo alucinações auditivas. Depois dos bons-dias de praxe, a Sra. de Broglie disse a mamãe:

"Tenho uma coisa para lhe pedir", o que já deve ter feito muito mal à sua boca. "Ora, por favor", disse mamãe sorrindo (por conta da toalha e dos antidepressivos).

"Pois é, minha nora, mulher de Etienne, não está muito bem, e acho que se deveria pensar numa terapia." "Ah, é?", disse mamãe sorrindo ainda mais. "É, ha, sabe, um tipo de psicanálise." A Sra. de Broglie pareci um escargot em pleno Saara, mas, ainda assim, mantinha a pose. "Sei, estou vendo, sim", disse mamãe, "e em que posso lhe ser útil?" "Bem, é que me disseram que a senhora conhece bem esse tipo de... quer dizer... esse tipo de abordagem... então eu gostaria de conversar a respeito, é isso." Mamãe não acreditava na sua boa fortuna: uma toalha de linho cor de palha, a perspectiva de despejar toda a sua ciência da psicanálise e a Sra. de Broglie lhe fazendo a dança dos sete véus - ah, sim, realmente, que belo dia! Não conseguiu resistir porque sabia muito bem aonde a outra queria chegar.

Por mais rústica que seja no quesito sutileza intelectual, minha mãe não é facilmente tapeada. Sabia direitinho que, no dia em que os De Broglie se interessassem pela psicanálise, os gaullistas cantariam a Internacional, e que seu súbito sucesso tinha o nome de "patamar do quinto andar que fica bem em cima do quarto andar".

Resolveu, porém, se mostrar magnânima, para provar à Sra. de Broglie a dimensão de sua bondade e a generosidade de espírito dos socialistas - mas lhe dando, previamente, um susto. "De muito bom grado. Quer que passe em sua casa, uma noite dessas, para conversarmos?", perguntou. A outra ficou com cara de constipada, não tinha previsto esse golpe, mas se refez muito depressa e, como mulher de sociedade, disse: "Não, não, não quero fazê-la descer, eu é que subirei para vê-la". Mamãe teve sua satisfaçãozinha, e não insistiu. "Pois não, estou em casa à tarde", disse, "por que não vem tomar um chá por volta das cinco?" A sessão do chá foi perfeita. Mamãe fez as coisas como convém: o serviço de chá oferecido por vovó, aquele com dourados e borboletas verdes e rosa, uns petits-fours da casa Ladurée e, por que não?, açúcar mascavo (coisas de quem é de esquerda). A Sra. de Broglie, que acabava de passar uns bons quinze minutos no patamar do andar de baixo, parecia meio encabulada mas, em suma, satisfeita.

E meio surpresa também. Acho que imaginava a nossa casa diferente.

Mamãe interpretou toda a partitura das boas maneiras e da conversa mundana, incluindo um comentário de especialista sobre as boas lojas que vendem café, antes de balançar a cabeça de lado com ar compassional e dizer: "Então, está preocupada com sua nora?". "Hum, ah, estou", disse a outra, que quase havia esquecido o pretexto e agora dava tratos à bola para encontrar algo para dizer. "Pois é, ela anda deprimida", foi a única coisa que encontrou. Mamãe então passou à velocidade acima. Depois de todas essas generosidades, era hora de apresentar a conta. A Sra. de Broglie foi brindada com um curso inteiro sobre o freudismo, incluindo algumas anedotas picantes sobre os costumes sexuais do messias e de seus apóstolos (com uma passagem trash sobre Melanie Klein) e salpicado de referências ao Movimento pela Libertação das Mulheres e à laicidade do ensino na França. Tudo a que tinha direito. A Sra. de Broglie reagiu como boa cristã. Tolerou a afronta com admirável estoicismo, convencendo-se de expiar, assim, por baixo preço, seu pecado de curiosidade. Quando se despediram, as duas estavam satisfeitas, mas por motivos diferentes, e à noite, na hora do jantar, mamãe disse: "A Sra. de Broglie é uma beata, é verdade, mas sabe ser encantadora".

Em suma, o Sr. Ozu excita todo mundo. Olympe SaintNice disse a Colombe (que a detesta e a chama de "santinha-do-pau-oco dos porcos") que ele tem dois gatos e que ela morre de vontade de vê-los. Jacinthe Rosen não para de comentar as idas e vindas no quarto andar, o que sempre a deixa em transe. E a mim ele também apaixona, mas não pelas mesmas razões. O que aconteceu foi o seguinte.

Subi no elevador com o Sr. Ozu, e ficamos bloqueados entre o segundo e o terceiro andar durante dez minutos porque um paspalho fechou mal a grade antes de desistir de pegar o elevador e descer pela escada. Nesses casos, tem de esperar que alguém perceba, ou então, se dura muito, é preciso chamar os vizinhos gritando mas tentando, apesar dos pesares, manter certa distinção, o que não é fácil. Não gritamos. Portanto, tivemos tempo de nos apresentar e nos conhecer. Todas as senhoras teriam dado a vida para estar no meu lugar. Eu estava feliz porque meu lado japonês fica necessariamente contente ao falar com um japonês de verdade. Mas, sobretudo, o que muito me agradou foi o conteúdo da conversa. Primeiro, ele me disse: "Sua mãe me disse que você estuda japonês no colégio. Qual é o seu nível?". Notei de passagem que mamãe ficou tagarelando para se fazer de interessante, e depois respondi em japonês: "É, conheço um pouco japonês, mas não muito". Ele me disse em japonês: "Quer que corrija seu sotaque?", e traduziu de imediato em francês. Isso aí, eu já gostei. Muita gente teria dito: "Ah, como você fala bem, é fantástico, parabéns!", quando na verdade devo ter um sotaque de vaca holandesa. Respondi em

japonês: "Por favor, quero, sim", ele corrigiu uma inflexão e me disse, sempre em japonês: "Chame-me de Kakuro". Respondi em japonês: "Sim, Kakuro-san", e rimos. Foi então que a conversa (em francês) ficou apaixonante. Ele logo me disse: "Interesso-me muito pela nossa concierge, a Sra. Michel. Gostaria de saber sua opinião". Conheço um monte de gente que teria tentado me arrancar informações disfarçadamente, como quem não quer nada. Mas ele foi franco. "Acho que ela não é o que parece", acrescentou.

Faz um tempinho que também tenho suspeitas sobre ela. De longe, é de fato uma concierge. De perto... bem, de perto... tem algo esquisito. Colombe a detesta e acha que é um rebotinho da humanidade. Para Colombe, de toda maneira, é um rebotinho da humanidade qualquer pessoa que não corresponda à sua norma cultural, e a norma cultural de Colombe é o poder social mais as blusas da boutique Agnès B. A Sra. Michel... Como posso dizer? Transpira inteligência. E olhem que ela se esforça, e como! Vê-se que faz o possível para bancar a concierge e parecer débil mental. Mas já a observei quando falava com Jean Arthens, quando fala com Neptune, nas costas de Diane, quando olha para as senhoras do prédio que passam na frente dela sem cumprimentá-la. A Sra. Michel tem a elegância do ouriço: por fora, é crivada de espinhos, uma verdadeira fortaleza, mas tenho a intuição de que dentro é tão simplesmente requintada quanto os ouriços, que são uns bichinhos falsamente indolentes, ferozmente solitários e terrivelmente elegantes.

Bem, dito isso, confesso, não sou superlúcida. Se algo não tivesse acontecido, eu teria, afinal, visto a mesma coisa que todo mundo, uma concierge que está quase sempre de lua. Mas algo aconteceu, não faz muito tempo, e é engraçado que a pergunta do Sr. Ozu tenha chegado logo agora. Há quinze dias, Antoine Pallières derrubou a cesta da Sra. Michel, quando ela estava abrindo a porta de casa. Antoine Pallières é filho do Sr. Pallières, o industrial do sexto andar, um sujeito que dá lições de moral a papai sobre a maneira de administrar a França e vende armas a delinquentes internacionais. O filho é menos perigoso porque é um verdadeiro cretino, mas nunca se sabe: a nocividade, volta e meia, é um capital familiar. Em suma, Antoine

Pallières derrubou a cesta da Sra. Michel. As beterrabas, o macarrão, os cubos de caldo de galinha e o sabão de coco caíram, e entrevi um livro saindo da cesta que estava no chão. Digo entrevi porque a Sra. Michel se precipitou para apanhar tudo olhando furiosa para Antoine (visivelmente ele não pensava em mexer nem um dedo), mas também com uma ponta de preocupação. Ele não viu nada, mas não precisei de muito tempo para saber qual era o livro, ou melhor, o tipo de livro da cesta da Sra. Michel, porque há um monte do mesmo tipo na escrivaninha de Colombe desde que ela estuda filosofia. Era um livro das

edições Vrin, o editor super-especializado em filosofia para universitários. "O que uma concierge faz com um livro da Vrin dentro da cesta?" foi evidentemente a pergunta que me fiz, ao contrário de Antoine Pallières.

"Também acho isso", disse ao Sr. Ozu, e de vizinhos passamos imediatamente a uma relação mais íntima, de conspiradores. Trocamos nossas impressões sobre a Sra. Michel, o Sr. Ozu me disse que ele apostava que ela era uma princesa clandestina e erudita, e nos despedimos prometendo investigar.

Aí vai, portanto, meu pensamento profundo do dia: é a primeira vez que encontro alguém que procura as pessoas e que vê além. Isso pode parecer trivial, mas acho, mesmo assim, que é profundo. Nunca vemos além de nossas certezas e, mais grave ainda, renunciamos ao encontro, apenas encontramos a nós mesmos sem nos reconhecer nesses espelhos permanentes. Se nos déssemos conta, se tomássemos consciência do fato de que sempre olhamos apenas para nós mesmos no outro, que estamos sozinhos no deserto, enlouqueceríamos. Quando minha mãe oferece petits-fours da casa Ladurée à Sra. de Broglie, conta a si mesma a história de sua vida e apenas mordisca seu próprio sabor; quando papai toma café e lê jornal, contempla-se num espelho do gênero manual de autoconvencimento; quando Colombe fala das aulas de Marian, deblatera sobre seu próprio reflexo, e; quando as pessoas passam diante da concierge, só veem o vazio porque ali não se reconhecem. De meu lado, suplico ao destino que me conceda a chance de ver algo de mim mesma e encontrar alguém.

Capítulo 34 - Sob a casca

Depois, passaram-se alguns dias.

Como toda terça-feira, Manuela vem à minha casa. Antes que feche a porta, dá tempo de ouvir Jacinthe Rosen conversando com a jovem Sra. Meurisse diante de um elevador que se faz de rogado e não dá as caras.

"Meu filho diz que os chineses são intratáveis!"

Por conta da barata bucal, a senhora Rosen não diz: os chineses, mas: os chineses.

Sempre sonhei em visitar a China. Afinal, é bem mais interessante do que ir à China.

"Ele despediu a baronesa", me anuncia Manuela, com as bochechas coradas e os olhos brilhantes, "e o resto junto."

Faço ares da maior inocência.

"Quem?", pergunto.

"Ora, o Sr. Ozu!", exclama Manuela me olhando com ar de reprovação.

Convém dizer que, há quinze dias, o prédio só sussurra a respeito da mudança do Sr. Ozu para o apartamento do finado Pierre Arthens. Nesse lugar imóvel, aprisionado nos espelhos do poder e da ociosidade, a chegada de um novo morador e os atos insensatos a que se dedicaram, sob suas ordens, profissionais em número tão impressionante que até Neptune desistiu de cheirar todos eles - essa chegada, portanto, provocou um vento de excitação e pânico misturados. Pois a aspiração convencional à manutenção das tradições e a consequente reprovação de tudo o que, de perto ou de longe, evoque o novo-rico como a ostentação nos trabalhos de decoração, a compra de material hifi ou o abuso de iguarias vindas de delicatessens concorriam com um desejo mais profundo, agarrado nas tripas de todas as almas ofuscadas pelo tédio: o da novidade. Assim, o número 7 da Rue de Grenelle vibrou durante quinze dias ao ritmo das idas e vindas de pintores, marceneiros, encanadores, montadores de cozinhas, entregadores de móveis, de tapetes, de material eletrônico, e, para terminar, empregados da empresa de mudança que o Sr. Ozu contratara para, saltava aos olhos, transformar de cabo a rabo um quarto andar que todos morriam de vontade de visitar. Os Josse e os Pallières não pegaram mais o elevador, e, descobrindo um novo vigor, perambulavam a toda hora pelo patamar do quarto andar, onde, como por acaso, deviam passar para sair de casa e, conseqüentemente, voltar. Foram objeto de todas as invejas. Bernadette de Broglie teve de inventar uma intriga para tomar café na casa de Solange Josse,

que, no entanto, é socialista, enquanto Jacinthe Rosen se apresentou como voluntária para entregar a Sabine Pallières um embrulho que acabavam de deixar na portaria e que, muito feliz por escapar a essa tarefa, eu lhe passara com fingimento hipócrita.

Pois eu era a única de todos que evitava cuidadosamente o Sr. Ozu. Nós nos cruzamos duas vezes na portaria, mas ele estava sempre acompanhado e apenas me cumprimentou, educado, e respondi no mesmo tom. Nada nele traía outros sentimentos além da cortesia e de uma indiferença benevolente. Mas, assim como as crianças farejam sob a casca das conveniências o verdadeiro estofo de que são feitas as criaturas, meu radar interno enlouquecia subitamente e me dizia que o Sr. Ozu me observava com paciente atenção.

No entanto, seu secretário executava todas as tarefas que requeriam um contato direto comigo. Aposto que Paul N'Guyen tinha algo a ver com o fascínio que a chegada do Sr. Ozu exerceu nos autóctones. Era o mais lindo dos jovens. Da Ásia, de onde seu pai vietnamita viera, herdara a distinção e a misteriosa serenidade. Da Europa e de sua mãe (uma russa branca), tinha a alta estatura e as maçãs do rosto eslavas, bem como os olhos claros e ligeiramente puxados. Nele se casavam a virilidade e a delicadeza, realizava-se a síntese da beleza masculina com a doçura oriental.

Fiquei sabendo de sua ascendência quando, num fim de tarde agitada em que o vi muito ocupado, tocou a campainha da minha casa para avisar da chegada, no dia seguinte cedo, de uma nova fornada de entregadores e lhe ofereci uma xícara de chá que ele aceitou com simplicidade. Conversamos em meio a uma deliciosa indolência. Quem poderia crer que um rapaz, bonito e competente - pois, por todos os deuses, ele era competente, como pude observar ao vê-lo tomar conta das obras e, sem jamais externar descontrole ou cansaço, levá-las com calma a bom termo -, também seria tão destituído de esnobismo? Quando foi embora, me agradecendo calorosamente, percebi que ao lado dele eu tinha esquecido até mesmo a ideia de dissimular quem eu era.

Mas volto à novidade do dia.

"Ele despediu a baronesa, e o resto junto."

Manuela não esconde sua alegria. Anna Arthens, ao sair de Paris, jurara a Violette Grelier que a recomendaria ao novo proprietário. O Sr. Ozu, respeitoso dos desejos da viúva de quem comprava um bem, deixando-a com o coração partido, aceitara receber os empregados dela e conversar com eles. Os Grelier, apadrinhados por Anna Arthens, poderiam ter encontrado um emprego de categoria numa boa casa, mas Violette aflagava a louca esperança de ficar ali onde, segundo suas palavras, passara seus mais belos anos.

"Partir seria como morrer", dissera a Manuela. "Bem, não falo por você,

minha filha. Você terá de se decidir."

"Eu, me decidir, claro, claro", diz Manuela, que, desde que, a conselho meu, viu ...E o vento levou, se acha a Scarlett de Argenteuil. "Ela vai, e eu fico!"

"O Sr. Ozu vai contratar você?", pergunto.

"Você jamais vai adivinhar", ela me diz. "Ele vai me contratar por doze horas, e serei paga como uma princesa!"

"Doze horas!", digo. "Como vai fazer?"

"vou largar a Sra. Pallières", ela responde à beira do êxtase, "vou largar a Sra. Pallières."

E, porque é preciso abusar das coisas realmente boas:

"Sim, vou largar a Sra. Pallières", repete.

Saboreamos por um instante, em silêncio, essa cascata de alegrias.

"vou fazer o chá", digo, quebrando nossa felicidade. "Chá branco, para festejar o acontecimento."

"Ah, ia esquecendo", diz Manuela, "trouxe isto."

E tira da cesta um saquinho de papel de seda creme.

Começo a desatar a fita de veludo azul. Dentro, uns mendiantes de chocolate preto cintilam como tenebrosos diamantes.

"Ele me paga vinte e dois euros por hora", diz Manuela, arrumando as xícaras e sentando-se de novo, não sem pedir educadamente a Leon que fosse descobrir o mundo. "Vinte e dois euros! Dá para acreditar? Os outros me pagam oito, dez, onze! A grã-fina da Pallières me paga oito euros e deixa as calcinhas sujas debaixo da cama."

"Talvez ele deixe as cuecas sujas debaixo da cama", eu digo sorrindo.

"Ah, não é o gênero", diz Manuela de súbito pensativa. "Em todo o caso, espero que eu dê conta do recado. Porque tem muitas coisas esquisitas lá em cima, sabe. E tem todos aqueles homenzinhos para regar e borrifar."

Manuela se refere aos bonsais do Sr. Ozu. Muito grandes, com formas elegantes e sem o aspecto torturado que em geral impressiona desfavoravelmente, eles me pareceram, quando eram transportados pelo hall, vir de outro século e, nas suas folhagens farfalhantes, exalar a fugaz visão de uma floresta distante.

"Eu nunca poderia imaginar que os decoradores fizessem isso", continua Manuela. "Quebrar tudo, refazer tudo!"

Para Manuela, um decorador é um ser etéreo que arruma almofadas em sofás caros e recua dois passos para admirar o efeito.

"Derrubaram as paredes na base do porrete", ela me dissera uma semana antes, de fôlego curto, quando se preparava para subir de quatro em quatro os degraus das escadas, munida de uma vassoura imensa. "Sabe... está muito

bonito, agora. Gostaria que você fosse ver."

"Como se chamam os gatos dele?", pergunto para distraí-la e tirar da cabeça de Manuela esse perigoso capricho.

"Ah, são magníficos!", diz, observando Leon com um ar consternado. "São magrinhos e andam sem barulho, fazendo assim."

E executa com a mão umas ondulações estranhas.

"Sabe os nomes deles?", pergunto de novo.

"A gata se chama Kitty, mas não guardei o do gato", ela diz.

Uma gota de suor frio bate um recorde de velocidade ao longo de minha coluna vertebral.

"Levin?", eu sugiro.

"É, isso mesmo", diz. "Levin. Como você sabe?"

Ela franze o cenho.

"Não é aquele revolucionário, por acaso?"

"Não, o revolucionário é Lenin", digo. "Levin é o herói de um grande romance russo. Kitty é a mulher por quem está apaixonado."

"Ele mandou mudar todas as portas", recomeça Manuela, que se interessa moderadamente pelos grandes romances russos. "Agora elas correm. Pois é, acredite, é muito mais prático. Fico pensando por que não fazemos a mesma coisa. Ganha-se muito espaço, e faz menos barulho."

Como é verdade. Mais uma vez Manuela demonstra esse brio de síntese que provoca minha admiração. Mas essa observação inocente também provoca em mim uma sensação deliciosa que tem a ver com outras razões.

Capítulo 35 - Ruptura e continuidade

Duas razões, igualmente ligadas aos filmes de Ozu.

A primeira reside nas próprias portas de correr. Desde o primeiro filme, *O gosto do arroz com chá verde*, fiquei fascinada pelo espaço de vida japonês e por essas portas que correm e se recusam a fraturar o espaço e deslizam suavemente sobre trilhos invisíveis. Pois, quando abrimos uma porta, transformamos o local de um modo bem mesquinho. Chocamo-nos com toda a sua extensão e ali introduzimos uma brecha indiscreta resultante das proporções erradas. Se pensamos bem, não há nada mais feio que uma porta aberta. No aposento onde fica, ela introduz como que uma ruptura, uma interferência que quebra a unidade do espaço. Na peça contígua, gera uma depressão, uma fissura imensa e, no entanto, estúpida, perdida num pedaço de parede que preferiria ter ficado inteira. Nos dois casos, perturba a extensão sem outra contrapartida além da licença de circular, que pode, porém, ser garantida por vários outros processos. A

Porta de correr, por sua vez, evita os obstáculos e magnífica o espaço. Sem modificar o equilíbrio, permite a metamorfose.

Quando é aberta, dois lugares se comunicam sem se ofender. Quando é fechada, cada um deles recupera sua integridade. A divisão e a união se fazem sem intrusão.

A vida ali é um calmo passeio, ao passo que entre nós ela se aparenta a uma longa série de arrombamentos.

"É verdade", digo a Manuela, "é mais prático e menos brutal." A segunda razão vem de uma associação de ideias que, das portas de correr, me levou aos pés das mulheres.

Nos filmes de Ozu, não se conta o número de planos em que um ator empurra a porta, entra no lar e se descalça. As mulheres, sobretudo, demonstram no encadeamento dessas ações um talento singular. Entram, fazem correr a porta ao longo da parede, dão dois passinhos rápidos que as levam ao pé do espaço elevado que abrigam os aposentos onde se vive, descalçam-se, sem se inclinar, tirando os sapatos desprovidos de lacinhos, e, num movimento de pernas fluido e gracioso, rodopiam enquanto sobem, de costas, na plataforma. As saias ficam ligeiramente mais fofas, a flexão dos joelhos, requerida pelo ato de subir, é

enérgica e precisa, o corpo segue sem dificuldade essa meia-volta dos pés, que prossegue numa deambulação curiosamente quebrada, como se os tornozelos estivessem presos por laços. Mas, se em geral os gestos entrevados evocam um constrangimento, os passinhos animados por um incompreensível sobressalto dão aos pés das mulheres que andam a marca da obra de arte.

Quando andamos, nós, ocidentais, e porque nossa cultura assim o deseja, tentamos restituir, na continuidade de um movimento que concebemos sem pulos, o que imaginamos ser a própria essência da vida: a eficácia sem obstáculo, o desempenho fluido que figura, na ausência de ruptura, o impulso vital graças ao qual tudo se cumpre.

Aqui, o leopardo em ação é nossa norma; todos os seus gestos se fundem harmoniosamente, não é possível distinguir este gesto do próximo, e a corrida da grande fera nos aparece como um só e longo movimento simbolizando a perfeição profunda da vida. Mas, quando as mulheres japonesas rompem com seus passos entrecortados a poderosa exibição do movimento natural, e nesse momento deveríamos sentir o tormento que se apossa da alma no espetáculo da natureza ultrajada, produz-se em nós, ao contrário, uma estranha felicidade, como se a ruptura produzisse o êxtase, e o grão de areia, a beleza. Nessa ofensa feita ao ritmo sagrado da vida, nessa marcha contrariada, na excelência nascida do constrangimento, temos um paradigma da Arte.

Então, propulsado para fora de uma natureza que gostaria que ele fosse contínuo, tornando-se por sua própria descontinuidade a um só tempo renegado e notável, o movimento resulta na criação estética.

Pois a Arte é a vida, mas num outro ritmo.

Capítulo 36 - Pensamento profundo nº 10

Gramática

Um estrato de consciência

Levando à beleza

De manhã, em geral sempre reservo um tempo para ouvir música no meu quarto. A música tem imenso papel na minha vida. É ela que me permite suportar... bem... o que há para suportar: minha irmã, minha mãe, o colégio, Achille Grand-Fernet *etc.* A música não é apenas um prazer para os ouvidos, como a gastronomia para o paladar ou a pintura para os olhos. Se ouço música de manhã, não é muito original: é porque isso dá o tom do dia. É muito simples e ao mesmo tempo meio complicado de explicar: acho que podemos escolher nossos humores, porque temos uma consciência com vários estratos e uma maneira de ter acesso a eles. Por exemplo, para escrever um pensamento profundo, preciso me pôr num estrato muito especial, senão as ideias e as palavras não vêm. Preciso esquecer e ao mesmo tempo ficar superconcentrada. Mas não é uma questão de "vontade", é um mecanismo que se aciona ou não, como para coçar o nariz ou dar uma cambalhota para trás. E, para acionar esse mecanismo, não há nada melhor do que um trequinho de música. Por exemplo, para relaxar, ponho alguma coisa que me faz atingir uma espécie de humor distanciado em que as coisas não me atingem realmente, em que olho para elas como se assistisse a um filme: um estrato de consciência "distanciado". Em geral, para esse estrato é o jazz, ou então, mais eficaz no tempo mas mais longo a surtir efeito, um Dire Straits (viva o MP3).

Portanto, hoje de manhã ouvi Glenn Miller antes de ir para o colégio. E de crer que não durou muito. Quando aconteceu o incidente, perdi todo o meu distanciamento.

Foi na aula de francês, com a Sra. Maigre (que é um antônimo vivo, de tantas gordurinhas). Além do mais, veste-se de rosa. Adoro rosa, acho que é uma cor tratada injustamente, transformada num troço de bebê ou de mulher muito maquiada, quando na verdade o rosa é uma cor super sutil e delicada, que se encontra muito na poesia japonesa. Mas o rosa e a Sra. Maigre são meio como a geleia e os porcos. Em suma, hoje de manhã eu tinha aula de francês com ela.

Em si já é uma amolação. Francês com a Sra. Maigre se resume a uma longa série de exercícios técnicos, que se faça gramática ou leitura de textos. com ela, parece que um texto foi escrito para que se possam identificar seus personagens, o narrador, os locais, as peripécias, o tempo do relato *etc.* Acho que nunca lhe veio à mente que um texto é antes de tudo escrito para ser lido e provocar emoções no leitor. Imaginem que ela nunca fez a pergunta: "Gostaram desse texto, desse livro?". No entanto, é a única pergunta que poderia dar sentido ao estudo dos pontos de vista narrativos ou da construção do relato... Sem falar do fato de que a mente dos alunos da minha idade é, a meu ver, mais aberta à literatura que a dos mais velhos ou mais novos. Explico-me: na nossa idade, por pouco que nos falem de alguma coisa com paixão e puxando as cordas certas (a do amor, da revolta, do apetite pelo novo *etc.*), temos todas as chances de vibrar. Nosso professor de história, o Sr. Lermitt, soube nos entusiasmar em duas aulas mostrando fotos de uns sujeitos que tiveram a mão ou os lábios cortados, como aplicação da lei corânica, porque tinham roubado ou fumado. No entanto, não fez isso no gênero filme gore. Era impressionante, e todos nós escutamos com atenção a aula que se seguiu e que nos alertava contra a loucura dos homens, e não especificamente contra o islã. Então, se a Sra. Maigre se desse o trabalho de nos ler com entonações na voz alguns versos de Racine ("Que o dia recomece e que o dia termine/ Sem que jamais Tito possa ver Berenice"), teria visto que o adolescente básico está mais que maduro para a tragédia amorosa. Com os mais velhos, é mais difícil: a idade adulta está pondo a cabeça de fora, já se tem uma intuição dos costumes das pessoas mais velhas, e todos querem saber qual o papel e qual o lugar que herdaremos nessa peça, e, além disso, algo já se estragou, o aquário já não está muito longe.

Portanto, hoje de manhã, quando, além da chatice habitual de uma aula de literatura sem literatura e de uma aula de língua sem inteligência da língua, tive a sensação de ser uma coisa qualquer, não consegui me segurar. A Sra. Maigre explicava um ponto sobre o adjetivo qualificativo, com a desculpa de que ele estava sempre ausente das nossas redações, "quando vocês deviam já ser capazes de empregá-lo desde a segunda série". "Não é possível que hajam alunos tão incompetentes em gramática", acrescentou olhando especialmente para Achille Grand-Fernet. Não gosto de Achille, mas, ali, concordei com ele quando fez a pergunta. Acho que esta se impunha. Além do mais, que uma professora de língua conjugue o verbo haver com o sentido de "existir" na terceira pessoa do plural, isso me choca. Mas para que serve a gramática?", ele perguntou. "Você deveria saber", respondeu a senhora-eu-sou-paga-para-ensinar-lhes. "Bem, não", respondeu Achille com sinceridade, pelo menos dessa vez, "ninguém nunca se deu o trabalho de nos explicar isso." A Sra. Maigre deu um longo suspiro, do

tipo "será que ainda tenho que aguentar perguntas estúpidas?", e respondeu: "Serve para falar bem e escrever bem". Aí então, achei que ia ter um ataque cardíaco. Nunca ouvi nada tão inepto.

E com isso não quero dizer que é errado, quero dizer que é realmente inepto. Dizer a adolescentes que já sabem falar e escrever que a gramática serve para isso é como dizer a alguém que é preciso ler uma história dos banheiros através dos tempos para fazer xixi e cocô. E sem sentido! Se ainda ela tivesse nos mostrado, com exemplos, que precisamos conhecer um certo número de coisas sobre a língua para bem utilizá-la, então, por que não?, seria um início de conversa. Por exemplo, que saber conjugar um verbo em todos os tempos evita cometer grandes erros que envergonham quem quer que seja diante de qualquer pessoa num jantar de sociedade ("Eu teria chego na sua casa mais cedo, mas trusse o endereço errado"). Ou que, para escrever um convite correto para um bailinho no castelo de Versalhes, conhecer a regra de concordância do adjetivo qualificativo é muito útil: poupa-nos dos "Queridos amigo, quer vir para Versalhes hoje à noite? Eu ia ficar muito comovido. Assinado: Marquesa de Grand-Fernet". Mas, se a Sra. Maigre acha que a gramática só serve para isso... Dissemos e conjugamos um verbo antes de saber que se tratava de um. E, se o saber pode ajudar, não acho que seja decisivo.

Mas acho que a gramática é uma via de acesso à beleza. Quando a gente fala, lê ou escreve, sente se fez ou leu uma frase bonita. Somos capazes de reconhecer uma bela construção ou um belo estilo. Mas, quando sabemos gramática, temos acesso a outra dimensão da beleza da língua. Saber gramática é descascá-la, olhar como ela é feita, vê-la toda nua, de certa forma. E aí é que é maravilhoso. Porque pensamos: "Como isto é bem-feito, como é bem elaborado!", "Como é sólido, engenhoso, rico, sutil!". Eu, só de saber que há várias naturezas de palavras e que devemos conhecê-las para concluir sobre seu uso e suas possíveis compatibilidades, isso já me transporta. Acho que não há nada mais bonito, por exemplo, do que a ideia de base da língua, de que há substantivos e verbos. Quando vemos isso, já chegamos ao próprio cerne de qualquer enunciado. E magnífico, não é? Substantivos, verbos...

Talvez, para ter acesso a toda essa beleza da língua que a gramática revela, também seja preciso entrar num estado de consciência especial? Tenho a impressão de fazer isso sem esforço. Acho que foi aos dois anos, ouvindo os adultos falarem, que entendi, de uma só vez, como a língua é feita. As lições de gramática sempre foram para mim sínteses a posterior! e, talvez, precisões terminológicas. Será que podemos ensinar as crianças a falar bem e a escrever bem recorrendo à gramática se não tiveram essa iluminação que eu tive? Mistério. Enquanto isso, todas as Sras. Maigre da Terra deveriam se perguntar

que música devem tocar para seus alunos a fim de que eles possam entrar em transe gramatical.

Portanto, eu disse à Sra. Maigre: "Mas de jeito nenhum, isso é totalmente redutor!". Houve um grande silêncio na sala, porque, em geral, não abro a boca e porque eu acabava de contradizer a professora. Ela olhou para mim com surpresa e depois fez cara feia, como todos os professores quando sentem que o vento está mudando de direção e que suas aulinhas bobinhas sobre o adjetivo qualificativo poderiam muito bem se transformar em tribunal de seus métodos pedagógicos. "E o que entende disso, Srta. Josse?", ela perguntou num tom azedo. Todos prendiam a respiração. Quando a primeira da classe não está contente, é ruim para o corpo docente, sobretudo quando ele é bem gordo; portanto, hoje de manhã fomos brindados com o thriller e os jogos circenses pelo mesmo preço: todo mundo esperava ver a continuação da luta, e esperava que fosse muito sangrenta.

"Pois bem", eu disse, "quando se leu Jakobson, parece evidente que a gramática é um fim e não somente um objetivo: é um acesso à estrutura e à beleza da língua, não só um troço que serve para a gente se virar em sociedade." "Um troço! Um troço!", ela repetiu com os olhos fora de órbita. "Para a Srta. Josse, a gramática é um troço!"

Se ela tivesse escutado direito a minha frase, teria entendido que, justamente, para mim não é um troço. Mas acho que a referência a Jakobson a fez perder totalmente as estribeiras, sem falar que todo mundo ria, até Cannelle Martin, sem ter entendido nada do que eu tinha dito mas sentindo uma nuvenzinha de Sibéria pairar sobre a gorda professora de francês. Na verdade, nunca li nada de Jakobson, vocês podem imaginar. Por mais superdotada que eu seja, ainda prefiro as histórias em quadrinhos ou então a literatura. Mas uma amiga da mamãe (que é professora universitária) falava de Jakobson ontem (enquanto encaravam, às cinco da tarde, um camembert e uma garrafa de vinho tinto). De repente, aquilo me voltou hoje de manhã.

Nesse momento, sentindo a malta arregaçar os beiços, tive pena. Tive pena da Sra. Maigre. E, depois, não gosto de linchamentos. Isso jamais honra ninguém. Sem falar que não tenho a menor vontade de que alguém vá xeretar para os lados do meu conhecimento de Jakobson e comece a desconfiar da realidade do meu Ql.

Então dei marcha a ré e não disse mais nada. Peguei duas horas de castigo, e a Sra. Maigre salvou sua pele de professora. Mas, quando saí da sala, senti seus olhinhos inquietos me seguindo até a porta.

E a caminho de casa pensei: ai dos pobres de espírito, que não conhecem o transe nem a beleza da língua.

Capítulo 37 - Uma impressão agradável

Mas Manuela, insensível aos passos das mulheres japonesas, já navega em outras águas.

"A Rosen faz o maior escarcéu porque não há dois abajures iguais", ela diz.

"É mesmo?", pergunto, perplexa.

"E verdade, sim", ela me responde. "E daí? Na casa dos Rosen há tudo em dobro, porque eles têm medo de faltar. Sabe a história preferida da madame?"

"Não", digo, encantada com a abrangência dessa conversa.

"Durante a guerra, o avô dela, que estocava montes de coisas no porão, salvou a família prestando serviço a um alemão que procurava um carretel de linha para prender um botão no uniforme. Se ele não tivesse esse carretel, caput, e todos os outros junto com ele. Pois bem, acredite ou não, dentro dos armários dela e no porão tem tudo em dobro. E isso a torna mais feliz? E será que enxergamos melhor numa sala porque há dois abajures iguais?"

"Eu nunca tinha pensado nisso", digo. "É verdade que decoramos nossos interiores com redundâncias."

"com quê?", pergunta Manuela.

"Repetições, como na casa dos Arthens. Os mesmos abajures e vasos em dobro sobre a lareira, as mesmas poltronas idênticas de cada lado do canapé, duas mesas-de-cabeceira idênticas, séries de vidros parecidos na cozinha..."

"Agora que você me fez pensar nisso, não são apenas os abajures", diz Manuela. "Na verdade, não há duas coisas iguais na casa do Sr. Ozu. Pois bem, devo dizer, isso dá uma impressão agradável."

"Agradável como?", pergunto.

Ela reflete um instante, de testa franzida.

"Agradável como depois das festas, quando comemos demais. Penso nesses momentos, quando todo mundo foi embora... Meu marido e eu vamos para a cozinha, preparo um caldinho de legumes frescos, corto uns cogumelos crus bem fininho, e tomamos nosso caldo com os cogumelos dentro. Temos a impressão de sair de uma tempestade e de que tudo volta à calma."

"Não temos mais medo de faltar. Somos felizes com o instante presente."

"Sentimos que é natural, que comer é isso."

"Podemos aproveitar do que temos, nada faz concorrência. Uma sensação depois da outra."

"É, temos menos, mas aproveitamos mais."

"Quem pode comer várias coisas ao mesmo tempo?"

"Nem sequer o pobre Sr. Arthens."

"Tenho dois abajures combinando em cima de duas mesas-de-cabeceira idênticas", digo me lembrando de repente.

"Eu também", diz Manuela.

Ela balança a cabeça.

"Talvez a gente seja doente, por ter tanta coisa." Levanta-se, me beija e volta para o apartamento dos Pallières, para seu trabalho de escrava moderna. Depois que sai, fico sentada diante de minha xícara vazia de chá. Sobrou um mendiant, que mordisco, de gula, com os dentes da frente, como um camundongo. Mudar o estilo de trincar é como degustar uma nova iguaria.

E medito, saboreando o caráter intempestivo dessa conversa. Algum dia já se teve conhecimento de empregadas e concierges que, conversando na hora da pausa, elaboram o sentido cultural da decoração de interiores? Vocês ficariam surpresos com o que dizem as pessoas do povo. Elas preferem as histórias às teorias, as anedotas aos conceitos, as imagens às ideias. Isso não as impede de filosofar. Assim, seremos civilizações tão corroídas pelo vazio que só vivemos na angústia da falta? Só desfrutamos de nossos bens ou de nossos sentidos quando temos certeza de desfrutar ainda mais deles? Talvez os japoneses saibam que só provamos um prazer porque sabemos que é efêmero e único, e, além desse saber, eles são capazes de tecer suas vidas com ele.

Ai, ai. Morna e eterna repetição me arrancando mais uma vez da minha reflexão - o tédio nasceu num dia da uniformidade -, pois bateram à minha porta.

É um boy que masca um chiclete para elefante, a julgar pelo vigor e pela amplidão mandibular a que essa mastigação o obriga.

"Sra. Michel?", pergunta.

E põe um embrulho entre minhas mãos.

"Não há nada para assinar?", pergunto.

Mas ele já desapareceu.

E um pacote retangular embrulhado em papel kraft amarrado com barbante, do tipo desses que se usam para fechar sacos de batatas ou para arrastar no apartamento uma rolha de cortiça com a finalidade de distrair o gato e obrigá-lo ao único exercício que ele consente. Na verdade, esse embrulho com barbante me faz pensar nas embalagens de seda de Manuela, pois, embora nesse caso o papel seja mais rústico que sofisticado, há no cuidado dispensado à autenticidade do embrulho algo similar e profundamente adequado. Note-se que a elaboração

dos conceitos mais nobres se faz com base no trivial mais grosseiro. O belo é a adequação é um pensamento sublime surgido das mãos de um boy ruminante.

A estética, se refletirmos um pouco a sério, nada mais é que a iniciação à Via da Adequação, uma espécie de Via do Samurai aplicada à intuição das formas autênticas.

Todos nós temos implantado em nós o conhecimento do adequado. É ele que, a cada instante da existência, nos permite captar sua qualidade e, nessas raras ocasiões em que tudo é harmonia, desfrutá-la com a intensidade requerida. E não falo dessa espécie de beleza que é domínio exclusivo da Arte. Os que, como eu, são inspirados pela grandeza das pequenas coisas a perseguem até no coração do não-essencial, onde, revestida de trajes cotidianos, ela brota de um certo ordenamento das coisas ordinárias e da certeza de que é como deve ser, da convicção de que é bem assim.

Solto o barbante e rasgo o papel. É um livro, uma linda edição encadernada de couro azul-marinho, com um grão grosseiro muito wabi. Em japonês, wabi significa "uma forma apagada do belo, uma qualidade de requinte mascarada de rusticidade". Não sei muito bem o que isso significa, mas a encadernação é incontestavelmente wabi.

Ponho os óculos e decifro o título.

Capítulo 38 - Pensamento profundo nº 11

Bétulas

Ensinem-me que não sou nada

E que sou digna de viver

Mamãe anunciou ontem à noite, no jantar, como se fosse um motivo para o champanhe correr a rodo, que fazia dez anos exatos que ela havia começado sua "aanáálise".

Todos concordarão em dizer que é ma-ra-vi-lho-so! Acho que só mesmo a psicanálise para concorrer com o cristianismo em matéria de amor aos sofrimentos que duram.

O que mamãe não diz é que também faz dez anos que toma antidepressivos. Mas, visivelmente, não liga uma coisa à outra. Acho que não é para aliviar suas angústias que toma antidepressivos, mas para suportar a análise. Quando conta suas sessões, é de bater a cabeça na parede. O cara faz "hum" a intervalos regulares, repetindo seus fins de frase ("E fui ao Lenôtre com minha mãe": "Hum, sua mãe?", "Adoro chocolate": "Hum, chocolate?"). Se é assim, posso virar psicanalista amanhã. Fora isso, ele lhe passa umas conferências da Cause Freudienne que, ao contrário do que se pensa, não são rebotinhos, mas deveriam querer dizer alguma coisa. O fascínio pela inteligência é fascinante.

Para mim, não é um valor em si. Pessoas inteligentes, há aos montes. Há muitos débeis, mas também muitos cérebros extraordinários.

Vou dizer uma banalidade, mas a inteligência, em si, não tem nenhum valor e nenhum interesse. Gente muito inteligente dedicou a vida à questão do sexo dos anjos, por exemplo. Mas muitos homens inteligentes têm uma espécie de bug: consideram a inteligência como um fim. Têm uma única ideia na cabeça: ser inteligente, o que é muito estúpido. E, quando a inteligência se considera um objetivo, funciona estranhamente: a prova de que existe não reside na engenhosidade e na simplicidade do que produz, mas na obscuridade de sua expressão.

Se vocês vissem a literatura que mamãe traz de suas sessões"... Tudo simboliza, tudo maltrata a forclusão, tudo subsume o real com montes de maternas e de sintaxe duvidosa. Uma bobajada! Até mesmo os textos que

Colombe lê (ela trabalha sobre Guillaume d'Ockham, um franciscano do século XIV) são menos grotescos. Com que então: mais vale ser um monge pensante do que um pensador pós-moderno.

E, além disso, era o dia freudiano. De tarde, eu estava comendo chocolate. Adoro chocolate, e esse é talvez o único ponto em comum que tenho com mamãe e com minha irmã. Comendo um tablete com avelãs, senti que um de meus dentes estava quebrando. Fui me olhar no espelho e verifiquei que, de fato, tinha perdido um pedacinho do incisivo. Nesse verão, em Quimper, no mercado, meu pé ficou preso numa corda, caí e quebrei no meio esse dente; desde então, de vez em quando ele solta uma lasquinha.

Em suma, perdi meu pedacinho de incisivo e achei graça porque me lembrei do que mamãe conta sobre um sonho que costuma ter: ela perde os dentes, que ficam pretos e caem, um depois do outro. E eis o que lhe disse seu analista a propósito desse sonho: "Cara senhora, um freudiano lhe diria que é um sonho de morte". É engraçado, não é? Já não se trata da ingenuidade da interpretação (dentes que caem = morte, guarda-chuva = pênis etc.), como se a cultura não fosse uma imensa força de sugestão que não tem nada a ver com a realidade da coisa.

Trata-se do processo que supostamente determina a superioridade intelectual ("um freudiano lhe diria") sobre a erudição distanciada, quando na verdade dá a impressão de um papagaio falando.

Felizmente, para me recuperar de tudo isso, hoje fui à casa de Kakuro tomar chá e comer biscoitos de coco, muito bons e muito finos. Ele veio em casa para me convidar e disse à mamãe: "Nós nos conhecemos no elevador e estávamos tendo uma conversa muito interessante". "Ah, é?", disse mamãe, surpresa. "Pois é, o senhor tem sorte, minha filha quase não fala conosco." "Você quer vir tomar uma xícara de chá? E lhe apresento meus gatos?", perguntou Kakuro, e, claro, mamãe, atraída pelas consequências que essa história podia ter, permitiu na mesma hora que eu fosse. Ela já armava o plano gueixa moderna convidada para ir à casa do rico cavalheiro japonês. Convém dizer que um dos motivos do fascínio coletivo pelo Sr. Ozu se deve ao fato de que ele é realmente pobre de rico (dizem). Em suma, fui tomar chá na casa dele e conhecer seus gatos. Bem, nesse quesito, não me convenceram mais que os meus, mas os de Kakuro, pelo menos, são decorativos. Expus meu ponto de vista a Kakuro, que me respondeu que acreditava no poder de emanção e na sensibilidade de um carvalho, portanto, a fortiori, nos de um gato. Prosseguimos com a definição da inteligência, e ele me perguntou se podia anotar no seu caderninho a minha fórmula: "Não é um dom sagrado, é a única arma dos primatas".

E depois voltamos à Sra. Michel. Ele acha que a cadela se chama Leon por

causa de Leon Tolstoi, e convenhamos que uma concierge que lê Tolstoi e obras das edições Vrin talvez não seja comum. Ele tem até elementos bastante pertinentes para pensar que ela adora Ana Karenina, e resolveu lhe enviar um exemplar. "Veremos qual será sua reação", ele disse.

Mas meu pensamento profundo do dia não é isso. Ele vem de uma frase que Kakuro disse. Falávamos da literatura russa, que não conheço. Kakuro me explicava que o que ele aprecia nos romances de Tolstoi é que são "romances universos", e, além disso, que se passam na Rússia, nesse país onde há bétulas em cada canto campestre e onde, por ocasião das campanhas napoleônicas, a aristocracia teve de reaprender russo, pois só falava francês. Bem, isso é papo de adulto, mas o que é legal em Kakuro é que ele faz tudo com boa educação. E muito agradável ouvi-lo falar, mesmo se a gente está se lixando para o que conta, porque ele fala de verdade, se dirige a você. E a primeira vez que encontro alguém que se preocupa comigo quando fala comigo: não fica à espreita de aprovação ou desacordo, olha para mim com cara de quem diz: "Quem é você? Quer falar comigo? Que prazer eu tenho de estar com você!". E isso que eu queria dizer quando falei em boa educação, essa atitude de uma pessoa que dá à outra a impressão de estar ali. Bem, no fundo, a Rússia dos grandes russos, estou pouco ligando. Eles falavam francês? Ainda bem! Eu também, e não exploro os mujiques. Mas, em compensação, e de início não entendi muito bem por que, fui sensível às bétulas. Kakuro falava do campo russo com todas aquelas bétulas flexíveis e farfalhantes, e me senti leve, leve...

Depois, refletindo um pouco, compreendi parcialmente essa alegria súbita quando Kakuro falava das bétulas russas. Elas produziram em mim o mesmo efeito de quando a gente fala de árvores, de qualquer árvore: a tília no quintal do sítio, o carvalho atrás da velha granja, os grandes olmos agora desaparecidos, os pinheiros encurvados pelo vento ao longo dos litorais ventosos *etc.* Há tanta humanidade nessa capacidade de amar as árvores, tanta nostalgia dos nossos primeiros deslumbramentos, tanta força em se sentir tão insignificante no seio da natureza... sim, é isso: a evocação das árvores, de sua majestade indiferente e do amor que lhes damos nos ensina como somos irrisórios, feios parasitas fervilhando na superfície da Terra, e ao mesmo tempo nos torna dignos de viver, porque somos capazes de reconhecer uma beleza que não nos deve nada.

Kakuro falava das bétulas e, esquecendo os psicanalistas e todas essas pessoas inteligentes que não sabem o que fazer com sua inteligência, eu me sentia de repente como mais capaz de captar sua imensa beleza.

PARTE 4
CHUVA DE VERÃO

Capítulo 39 - Clandestina

Portanto, ponho os óculos e decifro o título. Leon Tolstoi, Ana Karenina.
com um cartão: Prezada senhora,
em homenagem ao seu gato,
cordialmente,

Kakuro Ozu

É sempre reconfortante perder as ilusões a respeito da própria paranoia Eu tinha visto certo. Fui desmascarada.

O pânico cai em cima de mim.

Levanto-me automaticamente, sento-me de novo. Releio o cartão.

Algo em mim se transfere de lugar - sim, não sei dizer de outra forma, tenho a sensação estranha de que um módulo interno vai pegar o lugar de outro. Isso nunca acontece a vocês?

A gente sente umas mudanças internas cuja natureza seríamos incapazes de descrever, mas é ao mesmo tempo mental e espacial, como uma mudança de casa.

Em homenagem ao seu gato. Com uma incredulidade não fingida, ouço um risinho, uma espécie de cacarejo, que vem de minha própria garganta.

É angustiante, mas é engraçado.

Movida por um perigoso impulso - todos os impulsos são perigosos para quem vive uma vida clandestina -, vou procurar uma folha de papel, um envelope e uma Bic (laranja), e escrevo: Obrigada, não precisava. A concierge Saio para o hall com precauções de sioux - ninguém e enfio a missiva na caixa de correio do Sr. Ozu.

Volto para meu cubículo a passos furtivos - já que não tem viva alma - e, exausta, desabo na poltrona, com a sensação do dever cumprido.

Uma potente sensação de qualquer coisa me submerge.

Qualquer coisa.

Esse impulso estúpido, longe de acabar com o meu medo, o encoraja ao cêntuplo. É um erro estratégico maior. Esse desgraçado não-sabido começa a percorrer meus nervos.

Um simples Não entendo, assinado a concierge teria, porém, acertado em cheio.

Ou um: O senhor se enganou, devolvo-lhe seu embrulho.

Sem nove-horas, curto e grosso: Erro de destinatário.

Astucioso e definitivo: Não sei ler.

Mais tortuoso: Meu gato não sabe ler.

Sutil: Obrigada, mas as gratificações são no fim do ano.

Ou então, administrativo: Favor acusar o recebimento.

Em vez disso, fico cheia de rapapés, como se estivéssemos num salão literário.

Obrigada, não precisava.

Ejeto-me da poltrona e me precipito para a rua.

Infelizmente, ai de mim, ai de mim.

Pela vidraça avisto Paul N'Guyen, que, com a correspondência na mão, se dirige para o elevador.

Estou perdida.

Uma só opção, agora: fingir-me de morta.

Aconteça o que acontecer, não estou em casa, não sei de nada, não respondo, não escrevo, não tomo nenhuma iniciativa.

Passo três dias na corda bamba. Convenço-me de que aquilo em que resolvo não pensar não existe, mas não paro de pensar nisso, a tal ponto que esqueço uma vez de alimentar Leon, que de agora em diante é a reprimenda muda em forma de felino.

Depois, pelas dez da noite, batem à minha porta.

Capítulo 40 - A grande obra do sentido

Abro.

Diante da minha porta, o Sr. Ozu.

"Prezada senhora, fico feliz de que não tenha se aborrecido com o meu embrulho", diz.

De tão assustada, não entendo nada.

"Sim, sim", respondo me sentindo transpirar como um boi. "Ha, não, não", recomeço com lentidão patética. "Bem, muito obrigada."

Ele sorri, gentil.

"Sra. Michel, não vim apenas para que me agradeça."

"Não?", digo renovando com brio a execução do "deixar morrer nos lábios", cuja arte partilho com Fedra, Berenice e aquela pobre Dido.

"Vim para lhe pedir que jante comigo amanhã à noite", ele diz. "Assim teremos oportunidade de falar sobre nossos gostos em comum."

"Ha", digo, o que é relativamente curto.

"Um jantar de vizinhos, sem cerimônia", ele continua.

"De vizinhos? Mas sou a concierge", argumento, embora muito confusa na minha cabeça.

"É possível possuir duas qualidades ao mesmo tempo", ele responde.

Santa Maria Mãe de Deus, que fazer?

Há sempre a via da facilidade, embora eu repugne tomá-la. Não tenho filhos, não assisto televisão e não acredito em Deus, e são esses todos os sendeiros que os homens pegam para que a vida lhes seja mais fácil. Os filhos ajudam a diferir a dolorosa tarefa de enfrentar a si mesmo, e depois os netos que se virem. A televisão distrai da extenuante necessidade de construir projetos com base no nada de nossas existências frívolas; embaindo os olhos, ela livra o espírito da grande obra do sentido.

Deus, enfim, acalma nossos temores de mamíferos e a insuportável perspectiva de que nossos prazeres um dia chegam ao fim. Assim, sem futuro nem descendência, sem pixels para embrutecer a cósmica consciência do absurdo, creio poder dizer que não escolhi a via da facilidade.

No entanto, fico bem tentada.

"Não, obrigada, tenho compromisso" seria o procedimento mais indicado.
Há diversas variações bem-educadas.

"É muita amabilidade sua, mas tenho uma agenda de ministro" (pouco crível).

"Ah, que pena, parto para Megève amanhã" (fantasioso).

"Sinto muito, mas tenho família" (super falso).

"Meu gato está doente, não posso deixá-lo sozinho" (sentimental).

"Estou doente, prefiro ficar no quarto" (descarado).

Preparo-me para dizer in fine: obrigada, mas tenho gente que vem esta semana, quando, abruptamente, a serena amenidade com que o Sr. Ozu se mantém diante de mim abre no tempo uma brecha fulgurante.

Capítulo 41 - Fora-do-tempo

Os flocos giram ao redor do globo.

Diante dos olhos da minha memória, em cima da escrivaninha de Mademoiselle, minha professora até a classe dos maiores, a do Sr. Servant, se materializa a pequena bola de vidro. Quando nos comportávamos bem, tínhamos o direito de virá-la e segurá-la na palma da mão até a queda do último floco ao pé da torre Eiffel cromada.

Eu não tinha sete anos e já sabia que a lenta melopeia das pequenas partículas algodoadas prefigura o que ressoa o coração durante uma grande alegria. A duração desacelera e se dilata, o balé se eterniza na ausência de choques e, quando o último floco pousa, sabemos que vivemos esse fora-do-tempo que é a marca das grandes iluminações. Em criança, volta e meia eu me perguntava se me seria dado viver instantes semelhantes mantendo-me no centro do lento e majestoso balé dos flocos, quando era arrancada do sombrio frenesi do tempo.

Será isso, sentir-se nua? Mesmo com todas as roupas tiradas do corpo, o espírito continua, porém, carregado de adereços. Mas o convite do Sr. Ozu provocara em mim a sensação dessa nudez total que é a da alma sozinha e que, nimbada de flocos, era agora para o meu coração como que uma deliciosa queimadura.

Olho para ele.

E jogo-me na água negra, profunda, gelada e deliciosa do fora-do-tempo.

Capítulo 42 - Aracneanas

Terrado de naftalina e um tipo de redingote preto lúgubre que uso para os raros enterros a que vou.

"vou pôr meu vestido preto", digo.

"O vestido dos enterros?", pergunta Manuela, aterrorizada.

"Mas não tenho mais nada."

"Então tem que comprar."

"Mas é só um jantar."

"Eu sei", responde a aia que se esconde em Manuela. "Mas você não capricha para ir jantar na casa dos outros? Por quê, mas por quê, pelo amor de Deus?", pergunto naquela mesma tarde a Manuela.

Como assim?", ela me responde arrumando a louça para o chá. "Mas é ótimo!"

"Você está brincando", digo gemendo. Agora, é preciso pensar em ser prática", ela me diz. "Você não vai desse jeito. É o penteado que não está bom", prossegue me observando com olhos de especialista.

Vocês têm ideia das concepções de Manuela em matéria de penteados? Essa aristocrata do coração é uma proletária do cabelo. Eriçado, enrolado, armado e depois vaporizado com substancias aracneanas, o cabelo segundo Manuela deve ser arquitetura! Ou não ser. Vou ao cabeleireiro", digo tentando a não-precipitação. Manuela me observa com ar desconfiado. O que é que você vai vestir?", me pergunta, ora os vestidos do diário, os verdadeiros vestidos de concierge, tenho apenas uma espécie de merengue branco nupcial.

A dificuldade começa aí: onde comprar um vestido? Em geral, encomendo meus vestidos por correspondência, inclusive as meias, as calcinhas e os corpetes de lã. A ideia de provar diante dos olhos de uma mocinha anoréxica roupas que, em mim, parecerão um saco sempre me desviou das butiques. A desgraça quer que seja muito tarde para esperar que uma entrega chegue a tempo.

Tenha uma única amiga, mas a escolha bem.

No dia seguinte de manhã, Manuela faz uma intrusão no meu cubículo.

Traz uma roupa dentro de uma capa plástica, que me entrega com um

sorriso triunfante.

Manuela tem uns bons quinze centímetros mais que eu e pesa dez quilos menos. Só vejo uma mulher de sua família cujo porte possa combinar com o meu: sua sogra, a temível Amalia, que espantosamente adora rendas e penduricalhos, embora não seja alma de gostar de fantasia. Mas a passamanaria à moda portuguesa cheira a rococó: nenhuma imaginação nem leveza, apenas o delírio da acumulação, que faz os vestidos parecerem camisolas de guipure, e qualquer camisa um concurso de festonês.

Portanto, imaginem como estou inquieta. Esse jantar, que se prenuncia um calvário, também poderia se tornar uma farsa.

"Você vai ficar parecendo uma estrela de cinema", diz, justamente, Manuela. Depois, cheia de piedade: "Estou brincando", e tira da capa um vestido bege que parece livre de qualquer penduricalho.

"Onde conseguiu isso?", pergunto examinando-o.

Visivelmente é do meu tamanho. Também visivelmente é um vestido caro, de gabardine de lã e corte muito simples, com uma gola chemisier e botões na frente. Muito sóbrio, muito chique. O tipo de vestido que a Sra. de Broglie usa.

"Fui à casa de Maria ontem à noite", diz Manuela, nas nuvens.

Maria é uma costureira portuguesa que mora bem ao lado da minha salvadora. Mas é muito mais que uma simples compatriota. Maria e Manuela cresceram juntas em Faro, se casaram com dois dos sete irmãos Lopes e os seguiram juntas para a França, onde realizaram a façanha de ter filhos praticamente ao mesmo tempo, com poucas semanas de intervalo. Chegam ao ponto de ter um gato em comum e um gosto parecido pelos doces locais.

"Você quer dizer que é o vestido de outra pessoa?", pergunto.

"Hã hã", responde Manuela com um pequeno muxoxo. "Mas, sabe, ninguém mais vai pedi-lo. A dona morreu na semana passada. E daqui até que alguém perceba que há um vestido na costureira... você terá tempo para jantar dez vezes com o Sr. Ozu."

"E o vestido de uma morta?", repito horrorizada. "Não posso fazer isso."

"Por quê?", pergunta Manuela franzindo o cenho. "Pior seria se ela estivesse viva. Imagine se você deixa manchar. Tem de ir correndo à lavanderia, encontrar uma desculpa, e todo aquele bafafá."

O pragmatismo de Manuela tem algo de galáctico. Talvez eu devesse encontrar aí a inspiração para considerar que a morte não é nada.

"Moralmente não posso fazer isso", protesto.

"Moralmente?", pergunta Manuela pronunciando a palavra como se fosse repugnante. "Que tem isso a ver? Você está roubando? Está prejudicando alguém?"

"Mas é um bem de outra pessoa", digo, "não posso me apropriar dele."

"Mas ela está morta", exclama Manuela. "E você não vai roubar, só vai tomar emprestado por uma noite."

Quando Manuela começa a fantasiar nas diferenças semânticas, não há mais que lutar.

"Maria me disse que era uma senhora muito gentil. Ela lhe deu vestidos e um belo manto de alpaga. Não podia mais vesti-los porque tinha engordado, então disse à Maria: será que poderiam lhe servir? Está vendo, era uma senhora muito gentil."

A alpaga é um tipo de lhama cuja lã é muito apreciada e que tem uns chifrinhos na cabeça.

"Não sei... Tenho a impressão de roubar uma morta", digo meio mole.

Manuela olha para mim exasperada.

"Você está tomando emprestado, e não roubando. Que é que você quer que a pobre senhora faça com esse vestido?"

Não há o que responder.

"É hora da Sra. Pallières", diz Manuela mudando de conversa, e encantada.

"vou saborear esse momento com você", digo.

"Já vou indo", anuncia dirigindo-se para a porta. "Enquanto isso, experimente-o, vá ao cabeleireiro, e volto daqui a pouco para ver."

Observo o vestido um instante, dubitativa. Além da reticência em vestir a roupa de uma defunta, temo que produza em mim o efeito de uma incongruência. Violette Grelier é um pano de chão, assim como Pierre Arthens é seda, e eu sou o vestido-avental disforme estampadinho de lilás ou azul-marinho.

Deixo para prová-lo mais tarde.

Percebo que nem agradei a Manuela.

Capítulo 43 - Diário do movimento do mundo nº 4

É bonito um coral

Ontem à tarde era dia do coral do colégio. No meu colégio de bairro chique, há um coral; ninguém acha isso cafona, todo mundo briga para ir, mas ele é super seletivo: o Sr. Trianon, professor de música, seleciona a dedo os coristas. A razão do sucesso do coral é o próprio Sr. Trianon. Ele é jovem, é bonito e faz o coral cantar tanto os velhos clássicos do Jazz como os últimos sucessos, orquestrados com classe. Todo mundo se põe nos trinques, e o coral canta para os alunos do colégio.

Só os pais dos coristas são convidados, porque senão seria gente demais. O ginásio fica superlotado, e há um clima sensacional.

Portanto, ontem, rumo ao ginásio, trotando, sob a direção da Sra. Maigre, pois em geral na terça-feira à tarde a primeira aula é de francês. Sob a direção da Sra. Maigre é um exagero: ela fez o que pôde para seguir o ritmo, ofegando como um velho cachalote. Bem, acabamos chegando ao ginásio, e todo mundo se instalou como pôde; tive de aguentar na frente, atrás, ao lado e acima (nas arquibancadas) conversas debiloides em estéreo (celular, moda, celular, quem está com quem, celular, os professores que são uma droga, celular, a festa de Cannelle), e depois, debaixo de palmas, os coristas entraram, de branco e vermelho, os meninos de gravata-borboleta, as meninas de vestido comprido de alcinha. O Sr. Trianon se instalou num banquinho, de costas para a plateia, levantou uma espécie de varinha com uma luzinha vermelha piscando na ponta, fez-se silêncio, e começou.

É sempre um milagre. Todas aquelas pessoas, todas aquelas preocupações, todos aqueles ódios e todos aqueles desejos, todos aqueles desesperos, todo aquele ano de colégio com suas vulgaridades, seus acontecimentos menores e maiores, seus professores, seus alunos heterogêneos, toda essa vida em que nos arrastamos, feita de gritos e lágrimas, risos, lutas, rupturas, esperanças desfeitas e chances inesperadas: tudo desaparece de repente quando os coristas começam a cantar. O curso da vida se afoga no canto, há uma impressão de fraternidade, de solidariedade profunda, de amor mesmo, e isso dilui a feiura do cotidiano numa comunhão perfeita. Até os rostos dos cantores ficam transfigurados; não

vejo mais Achille Grand-Fernet (que tem uma linda voz de tenor), nem Déborah Lemeur nem Ségolène Rachet nem Charles Saint-Sauveur. Vejo seres humanos que se entregam ao canto.

É sempre a mesma coisa, tenho vontade de chorar, fico com a garganta apertada e faço o possível para me controlar, mas às vezes chego ao limite: mal consigo me reter para não soluçar. Então, quando tem um cânone, olho para o chão, porque é muita emoção ao mesmo tempo: é muito bonito, muito solidário, muito e maravilhosamente comunicante. Não sou mais eu mesma, sou uma parte de um todo sublime a que os outros também pertencem, e nesse momento sempre me pergunto por que não é essa a regra do cotidiano em vez de ser um momento excepcional de coral.

Quando o coral para, todos batem palmas, com o rosto iluminado, e os coristas radiantes. É tão bonito.

Finalmente, fico pensando se o verdadeiro movimento do mundo não seria o canto.

Capítulo 44 - Uma arrumadinha

Acreditem, nunca fui ao cabeleireiro. Ao sair do campo e vir para a cidade, descobri que havia duas profissões que me pareciam igualmente aberrantes por realizarem um ofício que qualquer um deveria poder realizar sozinho. Ainda hoje custo a considerar que os floristas e os cabeleireiros não são parasitas, uns vivendo da exploração de uma natureza que pertence a todos, outros fazendo com muitos salamaleques e produtos perfumados uma tarefa que faço sozinha no meu banheiro com uma tesoura bem afiada.

"Quem cortou seus cabelos assim?", pergunta indignada a cabeleireira a quem, à custa de um esforço dantesco, fui confiar o cuidado de fazer de minha cabeleira uma obra domesticada.

Ela puxa e sacode de cada lado de minhas orelhas duas mechas de tamanho incomensurável.

"Bem, não vou perguntar", recomeça, com cara de nojo, Poupando-me a vergonha de ter de me autodenunciar. "As pessoas não respeitam mais nada, vejo isso todo dia."

"Quero só uma arrumadinha", digo.

Não sei muito bem o que isso significa, mas é uma réplica clássica dos seriados de TV que passam no início da tarde e que tem um monte de moças muito maquiadas que vão invariavelmente ao cabeleireiro ou a uma academia de ginástica.

"Uma arrumadinha? Não tem nada para arrumar!", ela diz. "Tem que refazer tudo, senhora!"

Olha para a minha cabeça com um ar crítico, dá um pequeno assobio.

"A senhora tem cabelos bonitos, já é um bom começo. Deve dar para fazer alguma coisa."

De fato, minha cabeleireira revela-se boa moça. Passada uma raiva cuja legitimidade consiste sobretudo em assentar a dela - e porque é tão bom retomar o script social a que devemos jurar fidelidade -, ela se ocupa de mim com gentileza e alegria.

Que se pode fazer com uma basta massa de cabelos senão cortá-la em todas as direções quando vira uma juba? Esse era o meu credo precedente em matéria

de penteado.

Esculpir no aglomerado, a fim de que tome forma, é agora minha concepção capilar de vanguarda.

"A senhora tem mesmo cabelos bonitos", ela me diz no final, visivelmente satisfeita, observando sua obra, "são grossos e sedosos. Não devia entregá-los a qualquer um."

Um penteado pode nos transformar a esse ponto? Eu mesma não acredito no meu reflexo no espelho. A carapaça preta emprisionando um rosto que eu já disse que é ingrato se tornou uma onda leve brincando em torno de um rosto que já não é tão feio. Isso me dá um ar... respeitável. Acho-me até mesmo com um falso ar de matrona romana.

"Está... fantástico", digo, pensando em como esquivar essa loucura inconsiderada dos olhares dos moradores.

E inconcebível que tantos anos perseguindo a invisibilidade encalhem no banco de areia de um corte à matrona.

Volto para casa passando rente aos muros. Por uma sorte incrível, não cruzo com ninguém. Mas acho que Leon olha para mim estranhamente. Aproximo-me dele, que dobra as orelhas para trás, sinal de raiva ou de perplexidade.

"Ora essa", digo-lhe, "você não gosta de mim?" E então percebo que fareja freneticamente ao redor.

O xampu. Estou fedendo a abacate e amêndoa.

Ponho um lenço na cabeça e me dedico a uma porção de ocupações apaixonantes, cujo apogeu consiste na limpeza conscienciosa dos botões de latão da porta do elevador.

São dez para as duas da tarde.

Daqui a dez minutos Manuela surgirá do nada, pela escada, para vir inspecionar os trabalhos concluídos.

Não tenho tempo de meditar. Tiro o lenço, dispo-me correndo, ponho o vestido de gabardine bege que pertence a uma morta, e batem à porta.

Capítulo 45 - Embonecada como uma roseira

"Uau, puxa", diz Manuela.

Uma interjeição e uma familiaridade dessas na boca de Manuela, de quem nunca ouvi uma palavra trivial, é um pouco como se o papa, descuidando-se, lançasse para os cardeais: Mas onde está aquela mitra de merda?

"Não caçoe", digo.

Caçoar?", ela diz. "Ora, Renée, você está fantástica!"

E, de emoção, senta-se.

Uma verdadeira lady", acrescenta.

"É justamente o que me preocupa. Vou ficar ridícula se for jantar assim, embonecada como uma roseira", digo preparando o chá.

De jeito nenhum, é natural, quando a gente tem um jantar, se arruma. Todo mundo acha isso normal."

"E, mas e isso", digo levando a mão à cabeça e sentindo o mesmo choque ao apalpar algo aéreo.

Você pôs alguma coisa na cabeça, atrás está todo achatado, diz Manuela franzindo o cenho e exumando da sua cesta um saquinho de papel de seda vermelho.

"Trouxe uns sonhos", diz.

Sim, mudemos de assunto.

"E aí?", pergunto.

"Ah, se você tivesse visto!", ela suspira. "Pensei que ela ia ter uma crise cardíaca. Eu disse: Sra. Pallières, sinto muito, mas não vou mais poder vir. Ela olhou para mim, não entendeu. Tive de dizer mais duas vezes! Então sentou e me disse: mas que é que eu vou fazer?"

Manuela faz uma pausa, contrariada.

"Se ainda tivesse dito: mas que é que eu vou fazer sem você? Ela tem sorte porque vou chamar Rosie. Senão eu teria lhe dito: Sra. Pallières, pode fazer o que bem entender, estou cag..."

Mitra de merda, diz o papa.

Rosie é uma das inúmeras sobrinhas de Manuela. Sei o que isso quer dizer. Manuela sonha com a volta para Portugal, mas um filão tão rendoso como o

número 7 da Rue de Grenelle deve ficar em família - assim, ela introduz Rosie no lugar, prevendo o grande dia.

Meu Deus, mas que vou fazer sem Manuela?

"Que vou fazer sem você?", pergunto sorrindo.

De repente nós duas ficamos com lágrimas nos olhos.

"Sabe o que eu acho?", pergunta Manuela enxugando as faces com um grande lenço vermelho gênero toureiro. "Larguei a Sra. Pallières, é um bom sinal. Vai haver boas mudanças."

"Ela lhe perguntou por quê?"

"Isso é que é o melhor", diz Manuela. "Não se atreveu. Às vezes a boa educação é um problema."

"Mas vai ficar sabendo muito depressa", digo.

"E", sopra Manuela com o coração exultante. "Mas sabe? Daqui a um mês vai me dizer: a sua pequena Rosie é uma pérola, Manuela... Você fez bem em passar o bastão.

Ah, esses ricos... Uma bosta!"

Fucking mitre, enerva-se o papa.

"Aconteça o que acontecer, somos amigas", digo.

Nós nos olhamos, sorrindo.

"Somos", diz Manuela. "Aconteça o que acontecer."

Capítulo 46 - Pensamento profundo nº 12

Dessa vez uma pergunta

Sobre o destino

E suas escritas precoces

Para alguns

E não para outros

Estou muito chateada: se puser fogo no apartamento, corro o risco de estragar o de Kakuro. Complicar a vida do único adulto que, até agora, me parece digno de estima não é, convenhamos, muito pertinente. Mas pôr fogo é, afinal, um projeto a que estou muito afeiçoada. Hoje tive um encontro apaixonante. Fui à casa de Kakuro tomar chá. Lá estava Paul, o secretário dele. Kakuro nos convidou, a Marguerite e a mim, quando cruzou conosco na portaria, junto com mamãe. Marguerite é minha melhor amiga. Há dois anos estamos na mesma turma, e, desde o início, foi uma paixão à primeira vista. Não sei se vocês têm alguma ideia do que seja um colégio em Paris hoje, nos bairros chiques, mas, francamente, não fica nada a dever aos dos bairros de imigrantes de Marselha. Talvez seja até pior, porque ali onde há dinheiro há droga - e não só um pouquinho, e não só de um tipo. Os amigos de mamãe da velha geração de maio de 68 me fazem rir, com suas lembranças muito excitadas de baseados e daqueles narguilés para haxixe.

No colégio (público, pois, afinal, meu pai foi ministro da República) pode-se comprar tudo: ácido, ecstasy, coke, speed *etc.* Quando penso na época em que os adolescentes cheiravam cola no banheiro, parece história da carochinha. Meus colegas de turma ficam doidões com o ecstasy, como se tivessem comido bombom Michoko, e o pior é que onde há droga há sexo. Não se espantem: hoje a gente transa muito cedo. Tem uns alunos de doze anos (bem, não muitos, mas alguns) que já tiveram relações sexuais. É deplorável. Primeiro, acho que o sexo, como o amor, é uma coisa sagrada. Não me chamo De Broglie, mas, se tivesse vivido além da puberdade, faria questão de fazer disso um sacramento maravilhoso. Segundo, um adolescente que brinca de adulto continua a ser, afinal de contas, um adolescente. Imaginar que ficar doidão numa festa e ir para a cama vai te promover a adulto é que nem acreditar que uma fantasia de índio faz de você um índio. E, terceiro, é uma estranha concepção da vida querer virar adulto imitando tudo o que há de mais catastrófico na adultez... Eu, por ter visto minha mãe se drogar com antidepressivos e calmantes, fiquei vacinada para o resto da vida contra esse tipo de substância. E, por último, os adolescentes acham que se tornam adultos macaqueando os adultos que continuam a ser crianças e que fogem diante da vida. É patético. Se eu fosse Cannelle Martin, a pin-up da minha turma, fico pensando o que é que faria com os meus dias, além de me drogar. O destino dela já está escrito na testa. Daqui a quinze anos, depois de fazer um rico casamento só por fazer um rico casamento, será enganada pelo marido, que procurará em outras mulheres o que a sua perfeita, fria e fútil esposa sempre terá sido incapaz de lhe dar - digamos, calor humano e sexual. E, aí, ela

concentrará toda a energia nas suas casas e nos seus filhos, que, por vingança inconsciente, ela educará como clones de si mesma. Maquiará e vestirá as filhas como cortesãs de luxo, as jogará nos braços do primeiro banqueiro que aparecer e encarregará os filhos de conquistar o mundo, como o pai, e de enganar as mulheres com umas garotas que não valem nada. Acham que estou divagando? Quando olho para Cannelle Martin, com seu cabelo comprido louro vaporoso, seus grandes olhos azuis, suas minissaias xadrez, suas camisetas ultrajustas e seu umbigo perfeito, garanto que vejo isso tão nitidamente como se já tivesse acontecido. Por ora, todos os garotos da turma babam diante dela, e ela tem a ilusão de que essas homenagens da puberdade masculina ao ideal de consumo feminino que ela representa são um reconhecimento de seu charme pessoal.

Acham que estou sendo malvada? De jeito nenhum, realmente sofro ao ver isso, me sinto mal por ela, realmente mal, por ela. Então, quando vi Marguerite pela primeira vez... Marguerite é de origem africana, e, se seu nome é Marguerite, não é porque ela mora no bairro chique de Auteuil, é porque é um nome de flor. A mãe dela é francesa, e o pai é de origem nigeriana. Ele trabalha no Ministério das Relações Exteriores, mas não tem nada a ver com os diplomatas que conhecemos. Ele é simples.

Tem cara de quem gosta do que faz. Não é nada cínico. Tem uma filha linda como o dia: Marguerite é a beleza em pessoa, uma pele, um sorriso, um cabelo maravilhoso.

E sorri o tempo todo. Quando Achille Grand-Fernet (o galinho da turma) cantou para ela, no primeiro dia: "Melissa mestiça de Ibiza vive sempre despida", ela lhe respondeu na mesma hora e com um grande sorriso: "Alô, mamãe, to cheio, como é que você me fez tão feio". Isso é que eu admiro em Marguerite, ela é nota 10 em presença de espírito. Adoraria ser igual a ela; mas sempre acho a réplica cinco minutos tarde demais e só depois de refazer o diálogo na minha cabeça. A primeira vez que Marguerite veio em casa, quando Colombe lhe disse: "Marguerite é bonito, mas é um nome de avó", ela lhe respondeu na bucha: "Pelo menos não é nome de pássaro igual ao seu". Colombe ficou de boca aberta, foi uma delícia! Teve de ruminar durante horas a sutileza da resposta de Marguerite, pensando que talvez fosse casual - mas, ainda assim, ficou bem perturbada! Foi a mesma coisa quando Jacinthe Rosen, a grande amiga de mamãe, lhe disse: "Não deve ser fácil pentear um cabelo igual ao seu" (Marguerite tem uma juba de leoa das savanas), e ela lhe respondeu: "Mim não entender o que mulher branca diz".

Eu e Marguerite, nosso assunto predileto de conversa é o amor. O que é isso? Como amaremos? A quem? Quando? Por quê? Nossas opiniões divergem. Curiosamente, Marguerite tem uma visão intelectual do amor, ao passo que eu

sou uma incorrigível romântica. Ela vê no amor o fruto de uma escolha racional (do tipo www.nossosgostos.com), ao passo que eu acho que ele é filho de uma deliciosa pulsão. Em compensação, estamos de acordo numa coisa: amar não deve ser um meio, deve ser um fim.

Nosso outro assunto predileto de conversa é a prospectiva em matéria de destino. Cannelle Martin: abandonada e enganada pelo marido, casa sua filha com um banqueiro, encoraja o filho a enganar a mulher, termina sua vida em Chatou, num quarto de oito mil euros por mês. Achille Grand-Fernet: torna-se viciado em heroína, faz uma desintoxicação aos vinte anos, retoma a empresa de sacos plásticos do papai, casa-se com uma loura oxigenada, gera um filho esquizofrênico e uma filha anoréxica, vira alcoólatra, morre de câncer no fígado aos quarenta e cinco anos. *Etc.* E, se querem minha opinião, o mais terrível não é que a gente brinque desse jogo: é que não é um jogo. O fato é que, cruzando conosco na portaria - Marguerite, mamãe e eu -, Kakuro disse: "Minha sobrinha-neta vem em casa hoje à tarde, querem vir também?". Mamãe disse:

"Claro, claro, sim", antes que tivéssemos tempo de dizer ai e sentindo se aproximar a hora de descer, ela mesma, ao apartamento do andar de baixo. Portanto, lá fomos nós. A sobrinha-neta de Kakuro se chama Yoko, é filha de sua sobrinha Elise, que é filha de sua irmã Mariko. Tem cinco anos. É a mais linda garotinha da Terra! E um amor, para completar. Pia, gorjeia, cacareja, olha para as pessoas com o mesmo carinho simpática e comunicativa de seu tio-avô. Brincamos de esconde-esconde, e, quando Marguerite a encontrou dentro de um armário da cozinha, ela riu tanto que fez xixi na calça. Depois, comemos bolo de chocolate, conversando com Kakuro, e ela nos ouvia olhando para nós, bonitinha, com seus grandes olhos (e chocolate até nas sobrancelhas).

Ao olhar para ela, fiquei pensando: "Será que também vai se tornar igual às outras?". Tentei imaginá-la com dez anos a mais, entediada, de botas de cano alto e um cigarro no bico, e ainda com mais outros dez anos, dentro de uma casa asséptica esperando a volta dos filhos, representando a boa mãe e a esposa japonesa. Mas a coisa não dava certo.

Então tive uma grande sensação de felicidade. E a primeira vez na minha vida que encontro alguém cujo destino não é previsível para mim, alguém para quem os caminhos da vida permanecem abertos, ou alguém cheio de viço e de possibilidades. Pensei: "Ah, sim, Yoko, tenho vontade de vê-la crescer", e sabia que não era apenas uma ilusão ligada à sua tenra idade, porque nunca nenhum filho dos amigos de meus pais me causou essa impressão.

Pensei também que Kakuro devia ser assim, quando era pequeno, e fiquei imaginando se alguém, na época, tinha olhado para ele como eu olhava para Yoko, com prazer e curiosidade, esperando ver a borboleta sair da crisálida e

sendo, a um só tempo, ignorante e confiante nas suas asas.

Então me fiz uma pergunta: por quê? Por que estes e não os outros?

E mais outra: e eu? Será que meu destino já se vê na minha testa? Se quero morrer, é porque acho que sim.

Mas e se, no nosso universo, existir a possibilidade de nos tornarmos o que ainda não somos... será que saberei agarrá-la e fazer de minha vida um jardim distinto do de meus pais?

Capítulo 47 - Com os diabos

Às sete horas, mais morta que viva, dirijo-me ao quarto andar, rezando, a ponto de doerem as articulações, para não cruzar com ninguém.

A portaria está deserta.

A escada está deserta.

O patamar diante do Sr. Ozu está deserto.

Esse deserto silencioso, que deveria me alegrar, enche meu coração de um sombrio pressentimento, e sou tomada por irreprimível vontade de fugir. Meu cubículo escuro me parece de repente um refúgio aconchegante e radioso, e sinto uma onda de nostalgia ao pensar em Leon aboletado na frente de uma televisão que já não me parece tão iníqua. Afinal, que tenho a perder? Posso dar meia-volta, descer a escada, reintegrar-me em minha casa. Nada é mais fácil. Nada parece mais sensato, ao contrário desse jantar que beira o absurdo.

Um barulho no quinto andar, bem em cima da minha cabeça, interrompe meus pensamentos. De medo, começo imediatamente a transpirar - que graça - e, sem mesmo entender o gesto, aperto com frenesi o botão da campainha.

Nem sequer o tempo de sentir o coração que dispara: a porta se abre.

O Sr. Ozu me recebe com um grande sorriso.

"Boa noite, senhora!", ele alardeia com, diríamos, uma alegria não fingida.

Com os diabos, o barulho do quinto andar se torna mais nítido: alguém fecha uma porta.

"Ha, boa noite", eu digo, e entro, praticamente empurrando meu anfitrião.

"Deixe-me ajudá-la", diz o Sr. Ozu continuando a sorrir muito.

Entrego-lhe minha bolsa, percorrendo com o olhar o imenso vestíbulo.

Meu olhar bate em alguma coisa.

Capítulo 48 - De ouro fosco

Bem diante da entrada, num raio de luz, há um quadro.

Eis a situação: eu, Renée, cinquenta e quatro anos e calos nos pés, nascida na lama e destinada a ali permanecer, indo jantar na casa de um rico japonês de quem sou a concierge, pelo simples erro de ter me sobressaltado diante de uma citação de Ana Karenina, eu, Renée, intimidada e assustada até a medula e consciente, a ponto de desmaiar, da inconveniência e do caráter blasfematório de minha presença neste lugar, que, embora espacialmente acessível, nem por isso deixa de significar um mundo a que não pertença e que se protege das concierges, eu, Renée, portanto, levo como que por descuido o olhar para trás do Sr. Ozu, para aquele raio de luz que bate num pequeno quadro de moldura de madeira escura.

Só mesmo todo o esplendor da Arte é que conseguirá explicar o súbito desfalecimento da consciência de minha indignidade em proveito de uma síncope estética. Já não me conheço. Contorno o Sr. Ozu, imantada pela visão.

É uma natureza-morta que representa uma mesa arrumada para uma refeição leve, de ostras e pão. No primeiro plano, dentro de um prato de prata, um limão semi-descascado e uma faca de cabo cinzelado. No fundo, duas ostras fechadas, um brilho na concha, cujo nácar é visível, e um prato de estanho que contém, provavelmente, pimenta. Entre os dois, um copo deitado, um pãozinho de miolo branco à mostra, e, à esquerda, um grande copo semi-cheio de um líquido pálido e dourado, arredondado como uma cúpula invertida e com o pé largo e cilíndrico ornamentado de contas de vidro. A gama cromática vai do amarelo ao ébano. O fundo é de ouro fosco, um pouco sujo.

Sou uma fervorosa amante de naturezas-mortas. Peguei na biblioteca todos os livros da coleção de pintura e descobri as obras do gênero. Visitei o Louvre, Orsay, o museu de Arte Moderna, e vi - revelação e deslumbramento - a exposição Chardin de Rien, no Petit Palais. Mas toda a obra de Chardin não vale uma só obra-prima da pintura holandesa do século XVII. As naturezas-mortas de Pieter Claesz, Willem Claesz-Heda, Willem Kalf e Osías Beert são as obras-primas do gênero - e obras-primas pura e simplesmente, pelas quais, sem a menor hesitação, eu daria todo o Quattrocento italiano.

Ora, esta, também sem hesitação, é indubitavelmente um Pieter Claesz.
"E uma cópia", diz atrás de mim um Sr. Ozu de quem me esqueci completamente.
Esse homem me faz de novo sentir um sobressalto.
E tenho um sobressalto.
Preparo-me, ao me refazer, para lhe dizer algo como: "E muito bonito, palavra que em Arte é um bom paliativo."
Preparo-me, ao recuperar o controle de meus meios, para retomar meu papel de concierge obtusa prosseguindo com um: "Ah, as coisas que hoje em dia eles são capazes de fazer!" (em resposta a: é uma cópia).
E me preparo também para assentar o golpe fatal, de que o Sr. Ozu nem desconfia e que definirá para sempre a evidência de minha indignação: "São estranhos, esses copos."
Viro-me.
As palavras: "Uma cópia de quê?", que de repente decido serem as mais apropriadas, bloqueiam-se na minha garganta.
Em vez disso, digo: "Como é belo."

Capítulo 49 - Que congruência?

De onde vem o maravilhamento que sentimos diante de certas obras? A admiração nasce com o primeiro olhar, e, se descobrimos depois, na paciente obstinação que demonstramos em encontrar suas causas, que toda essa beleza é fruto de um virtuosismo que só se detecta escrutando o trabalho de um pincel que soube domar a sombra e a luz e restituir, magnificando-as, suas formas e texturas - joia transparente do vidro, grão tumultuado das conchas, aveludado claro do limão -, isso não dissipa nem explica o mistério do primeiro deslumbramento.

É um enigma sempre renovado: as grandes obras são formas visuais que atingem em nós a certeza de uma adequação intemporal. E profundamente perturbador o modo como certas formas, sob o aspecto particular que lhes dão seus criadores, atravessam a história da Arte e, em filigrana do gênio individual, constituem outras tantas facetas do gênio universal. Que congruência entre um

Claesz, um Rafael, um Rubens e um Hopper? Apesar da diversidade dos temas, dos suportes e das técnicas, apesar da insignificância e do efêmero de existências sempre fadadas a ser apenas de um só tempo e de uma só cultura, apesar também da unicidade de todo olhar, que nunca vê senão o que sua constituição lhe permite e que sofre com a pobreza de sua individualidade, o gênio dos grandes pintores penetrou até o coração do mistério e exumou, sob diversas aparências, a mesma forma sublime que procuramos em toda produção artística. Que congruência entre um Claesz, um Rafael, um Rubens e um Hopper? O olhar aí encontra, sem ter de procurar, uma forma que desencadeia a sensação da adequação, porque ela aparece para cada um como a própria essência do Belo, sem variações nem reserva, sem contexto nem esforço. Ora, na natureza-morta do limão, irredutível à maestria da execução, fazendo jorrar a sensação da adequação, a sensação de que é assim que isso devia estar disposto, permitindo sentir a força dos objetos e suas interações, manter através do olhar a solidariedade deles e os campos magnéticos que os atraem ou os rejeitam, o laço infável que os tece e gera uma força, essa onda secreta e inexplicada que nasce dos estados de tensão e de equilíbrio da configuração - fazendo jorrar, portanto, a sensação de adequação, a disposição dos objetos e dos pratos atingia esse universal na singularidade: o intemporal da forma adequada

Capítulo 50 - Uma existência sem duração

Para que serve a Arte? Para nos dar a breve mas fulgurante ilusão da camélia, abrindo no tempo uma brecha emocional que parece irredutível à lógica animal. Como nasce a Arte? Nasce da capacidade que tem o espírito de esculpir o campo sensorial. Que faz a Arte por nós? Ela dá forma e torna visíveis nossas emoções, e, ao fazê-lo, apõe o selo de eternidade presente em todas as obras que, por uma forma particular, sabem encarnar a universalidade dos afetos humanos.

O selo da eternidade... Que vida ausente essas iguarias, essas taças, esses tapetes e esses copos sugerem ao nosso coração? Além das margens do quadro, sem dúvida, o tumulto e o tédio da vida, essa corrida incessante e vã, exausta de projetos - mas, dentro, a plenitude de um momento suspenso arrancado do tempo da cobiça humana.

A cobiça humana! Somos incapazes de parar de desejar, e mesmo isso nos magnífica e nos mata. O desejo! Ele nos transporta e crucifica, levando-nos cada dia ao campo de batalha onde na véspera perdemos mas que, ao sol, nos parece novamente um terreno de conquistas, nos faz construir, quando na verdade amanhã morreremos, impérios fadados a se tornar pó, como se o conhecimento que temos dessa queda próxima não importasse à sede de edificá-los agora, nos insufla o recurso de querer também aquilo que não podemos possuir, e nos joga de manhãzinha na relva juncada de cadáveres, fornecendo-nos até a nossa morte projetos tão logo realizados e tão logo renascidos.

Mas é tão extenuante desejar permanentemente... Breve aspiramos a um prazer sem busca, sonhamos com um estado bem-aventurado que não começaria nem acabaria e em que a beleza não seria mais um fim nem um projeto mas se tornaria a própria evidência de nossa natureza. Ora, esse estado é a Arte. Pois essa mesa, eu tive de arrumá-la?

Essas iguarias, devo cobiçá-las para vê-las? Em algum lugar, alhures, alguém quis essa refeição, aspirou a essa transparência mineral e perseguiu o gozo de acariciar com a língua o sedoso salgado de uma ostra ao limão. Foi preciso esse projeto, encaixado dentro de cem outros, fazendo jorrar outros mil, essa intenção de preparar e saborear um ágape de mariscos - esse projeto do outro, na verdade, para que o quadro tomasse forma.

Mas, quando olhamos para uma natureza-morta, quando nos deliciamos, sem tê-la perseguido, com essa beleza que leva consigo a figuração magnificada e imóvel das coisas, gozamos daquilo que não tivemos de cobiçar, contemplamos o que não tivemos de querer, afagamos o que não tivemos de desejar. Então, a natureza-morta, por figurar uma beleza que fala ao nosso desejo, mas nasce do desejo de outro, por convir ao nosso prazer sem entrar em nenhum de nossos planos, por se dar a nós sem o esforço com que a desejaríamos, encarna a quintessência da Arte, essa certeza do intemporal. Na cena muda, sem vida nem movimento, encarna-se um tempo isento de projetos, uma perfeição arrancada de uma duração e de sua exausta avidez - um prazer sem desejo, uma existência sem duração, uma beleza sem vontade.

Pois a Arte é a emoção sem o desejo.

Capítulo 51 - Diário do movimento do mundo nº 5

Mexerá, não mexerá

Hoje, mamãe me levou ao seu psi. Motivo: eu me escondo. Eis o que mamãe me disse: "Meu amor, você sabe muito bem que ficamos loucos quando você se esconde assim.

Acho que seria uma boa ideia que fosse conversar sobre isso com o Dr. Theid, sobretudo depois do que nos disse outro dia". Primeiro, o Dr. Theid só é doutor dentro do pequeno cérebro perturbado de minha mãe. Ele é tão médico ou titular de uma tese quanto eu, mas isso de dizer "doutor" provoca em mamãe, é óbvio, uma imensa satisfação, por causa da ambição que aparentemente ele tem de cuidar dela, mas com todo o tempo do mundo (dez anos). Ele é apenas um ex-esquerdista convertido à psicanálise depois de alguns anos de estudos não violentos em Nanterre e de um encontro providencial com um medalhão da Cause Freudienne. Segundo, não vejo onde está o problema.

"Eu me escondo", aliás, não é verdade: eu me isolo ali onde não podem me achar. Só quero poder escrever em paz meus Pensamentos profundos e meu Diário do movimento do mundo, e, antes, queria apenas poder pensar tranquilamente com a minha cabeça sem ser incomodada pelas debilidades que minha irmã diz ou escuta no rádio ou no seu som, e sem ser atrapalhada por mamãe, que vem me sussurrar: "Vovó chegou, meu amor, venha lhe dar um beijo", que é uma das frases menos cativantes que conheço.

Quando papai, que faz cara de zangado, me pergunta: "Mas, afinal, por que você se esconde?", em geral não respondo. Que é que devo dizer? "Porque vocês me dão nos nervos e porque tenho uma obra de peso para escrever antes de morrer"? Evidentemente, não posso dizer isso. Então, na última vez, tentei o humor, só para desdramatizar.

Fiz uma cara meio de perdida e disse, olhando para papai e com voz de moribunda: "É por causa de todas essas vozes dentro da minha cabeça". Benza Deus! Foi um bafafá!

Uma guerra total! Papai ficou com os olhos saindo da órbita, mamãe e Colombe vieram rapidinho quando ele foi buscá-las, e todo mundo falava comigo ao mesmo tempo:

"Meu amor, não é grave, vamos tirá-la disso" (papai), "Chamo o Dr. Theid imediatamente" (mamãe), "Quantas vezes você ouviu?" (Colombe) *etc.* Mamãe fazia sua cara dos grandes dias, dividida entre a aflição e a excitação: e se minha filha fosse um Caso para a ciência? Que horror, mas que glória! Bem, ao vê-los aflitos assim, disse:

"Que nada, estava brincando!", mas tive de repetir várias vezes antes que me ouvissem e, mais ainda, antes que acreditassem. E, mesmo assim, não garanto tê-los convencido.

Em suma, mamãe marcou hora para mim com o Doe T., e fomos hoje de manhã.

Primeiro, esperamos numa sala muito chique, com revistas de variadas épocas: umas Géo de dez anos atrás e a última Elle bem visível em cima da mesa. E depois o Doe T. chegou. Igual à sua foto (numa revista que mamãe mostrou para todo mundo), mas de verdade, isto é, em cores e em cheiro: marrom e cachimbo. Um cinquentão elegante, aparência bem cuidada, mas, sobretudo, cabelo, barba rala, tez (opção sol em Seychelles), pulôver, calça, sapatos, pulseira de relógio: tudo era marrom, na tonalidade castanha, isto é, que nem uma castanha de verdade. Ou que nem as folhas mortas. Tendo, além disso, um cheiro de cachimbo top de linha (fumo suave: mel e frutas secas). Bem, pensei, vamos lá, uma sessãozinha gênero conversa outonal defronte da lareira entre pessoas bem-nascidas, uma conversa sofisticada, construtiva e até mesmo, talvez, sedosa (adoro esse adjetivo).

Mamãe entrou comigo, sentamos em duas cadeiras na frente da mesa dele, e ele sentou do outro lado, numa grande poltrona giratória com dois encostos laterais esquisitos, um pouco no gênero Star Trek. Cruzou as mãos sobre a barriga, olhou para nós e disse: "Fico contente em vê-las, vocês duas".

Pombas, começou mal. Fiquei logo cabreira. Uma frase de comercial de supermercado para vender escovas de dentes de dupla face, para a madame e para a filha, ambas aboletadas atrás do carrinho, não é isso que se espera de um psi, ora bolas. Mas minha raiva parou na hora quando percebi um fato apaixonante para o meu Diário do movimento do mundo. Olhei bem, concentrando-me com todas as minhas forças e pensando: não, não é possível. Mas era, era, sim! Era possível! Inacreditável! Eu estava fascinada, a tal ponto que mal ouvi mamãe contar todas as suas pequenas desgraças (minha filha se esconde, minha filha nos dá medo ao nos contar que ouvi vozes, minha filha não fala conosco, estamos preocupados com nossa filha), dizendo "minha filha" duzentos vezes quando na verdade eu estava a quinze centímetros, e, quando ele falou comigo, de repente, quase levei um susto.

Preciso explicar a vocês. Eu sabia que o Doe T. estava vivo porque ele tinha

andado na minha frente, sentado e falado. No mais, poderia muito bem estar morto: não se mexia. Bastou se afundar na sua poltrona espacial, e nem mais um movimento: só os lábios é que estremeciam, mas com grande economia. E o resto: imóvel, perfeitamente imóvel. Em geral, quando a gente fala, não mexe apenas os lábios, falar provoca necessariamente outros movimentos: músculos do rosto, gestos levíssimos das mãos, do pescoço, dos ombros; e, quando a gente não fala, mesmo assim é muito difícil ficar perfeitamente imóvel; sempre há um tremorzinho em algum lugar, um bater de pálpebras, um movimento imperceptível do pé *etc.*

Mas ali: nada! Rien! Wallou! Nothing! Uma estátua viva! Essa não! "Então, jovem", ele disse me dando um susto, "que diz de tudo isso?" Custei a juntar meus pensamentos, porque estava completamente fixada na imobilidade dele e, com isso, demorei um pouco para responder. Mamãe se rebojava na cadeira como se tivesse hemorroidas, mas o Doe olhava para mim sem piscar. Pensei: "Preciso fazê-lo se mexer, preciso fazê-lo se mexer, deve haver alguma coisa que o faça se mexer". Então disse: "Só falarei em presença de meu advogado", esperando que funcionasse. Fracasso total: nem um movimento. Mamãe suspirou como uma madona supliciada, mas o outro continuou perfeitamente imóvel. "Seu advogado... hum...", disse sem se mexer. E aí o desafio ia se tornando apaixonante. Mexerá, não mexerá? Resolvi jogar todas as minhas forças nessa batalha. "Aqui não é um tribunal", ele acrescentou, "você sabe muito bem, hum." Eu pensava: se conseguir fazê-lo se mexer, vai valer a pena, não terei perdido meu dia! "Bem", disse a estátua, "minha querida Solange, vou ter uma conversinha a sós com essa jovem." Minha querida Solange se levantou dirigindo-lhe um olhar de cocker choroso, e saiu da sala fazendo muitos movimentos inúteis (talvez para compensar).'

"Sua mãe está muito preocupada com você", ele atacou, conseguindo a façanha de nem sequer mexer o lábio inferior. Refleti um instante e resolvi que a tática da provocação tinha pouca chance de dar certo. Querem confortar seu psicanalista na certeza de seu domínio? Provoquem-no como um adolescente provoca os pais. Portanto, escolhi dizer com a maior seriedade: "O senhor acha que isso tem a ver com a forclusão do Nome do Pai?". Pensam que isso o fez se mexer? De jeito nenhum. Ele continuou imóvel e impávido. Mas tive a impressão de ver alguma coisa em seus olhos, como um vacilo. Resolvi explorar o filão. "Hum?", ele disse, "não creio que você compreenda o que está dizendo." "Ah, sim", eu disse, "mas tem algo que não entendo em Lacan, é a natureza exata de sua relação com o estruturalismo." Ele entreabriu a boca para dizer alguma coisa, mas fui mais rápida. "Ah, ha, sim, e, depois, tem os matemas também. Todos esses nós, é um pouco confuso. O senhor entende alguma coisa

de topologia? Faz tempo que todo mundo sabe que é uma vigarice, não?" Nisso, notei um progresso. Ele não tivera tempo de fechar a boca, que continuava aberta. Depois se refez, e no seu rosto imóvel surgiu uma expressão sem movimento, do tipo: "Quer brincar disso comigo, minha belezinha?". Sim, quero brincar disso com você, meu grande marrom-glacê. Então, esperei.

"Você é uma menina muito inteligente, eu sei", ele disse (custo dessa informação transmitida por Minha querida Solange: sessenta euros a meia hora). "Mas é possível ser muito inteligente e ao mesmo tempo muito desvalida, sabe, muito lúcida e muito infeliz." Sem rir. Você achou isso no Pif Gaaíger?, quase perguntei. E, de repente, tive vontade de subir um degrauzinho. Afinal, estava diante de um cara que custa quase seiscentos euros por mês para minha família há um decênio, e com o resultado que se sabe: três horas por dia vaporizando plantas e um impressionante consumo de substâncias tarja preta. Senti uma perversa impaciência subindo dentro de mim.

Debrucei-me sobre a mesa e caprichei numa voz baixinha para dizer: "Escute aqui, senhor congelado, vamos fazer um pequeno acordo, o senhor e eu. Você vai me deixar em paz, e, em troca, não destruo o seu negocinho de desgraças, espalhando boatos ferinos sobre a sua pessoa pelo mundinho parisiense dos negócios e da política.

E acredite, pelo menos se for capaz de ver quão inteligente sou, que isso está perfeitamente dentro das minhas possibilidades". A meu ver, isso aí não podia dar certo. Eu não acreditava. Realmente, só sendo um paspalho para acreditar num monte de inépcias como essa. Mas, incrível, vitória: uma sombra de preocupação passou pelo rosto do bom Dr. Theid. Acho que acreditou em mim. É fantástico: se há de fato uma coisa que jamais farei, é espalhar um boato falso para prejudicar alguém.

Meu republicano pai inoculou em mim o vírus da deontologia, e, por mais que eu ache isso tão absurdo quanto o resto, me conformo estritamente. Mas o bom doutor, que só tinha a mãe para avaliar nossa família, aparentemente resolveu achar que a ameaça era real. E aí, milagre: um movimento! Estalou a língua, descruzou os braços, esticou a mão em direção à mesa e bateu a palma contra a pasta de pele de cabrito. Um gesto de exasperação mas também de intimidação. Depois se levantou, tendo desaparecido toda a doçura e a bondade, foi até a porta, chamou mamãe, lhe cochichou um troço sobre minha boa saúde mental e disse que aquilo ia passar, e nos mandou dar o fora rapidinho daquele ambiente de lareira outonal.

De início, fiquei supercontente comigo mesma. Tinha conseguido fazê-lo se mexer. Mas, à medida que o dia passava, me sentia cada vez mais deprimida. Porque o que aconteceu quando ele se mexeu foi algo muito feio, muito sujo. Por

mais que eu saiba que existem adultos que têm máscaras doces e sensatas, embora por baixo sejam feios e muito duros, por mais que eu saiba que basta furá-las para que as máscaras caiam, quando isso acontece, com essa violência, me dói muito. Quando ele bateu na pasta de couro, isso queria dizer: "Muito bem, você me vê tal como sou, inútil continuar a comédia, vamos parar por aqui com esse seu pactozinho desgraçado, e caia fora do meu pedaço, rapidinho". Pois bem, isso me doeu muito, sim, me doeu. Por mais que eu saiba que o mundo é feio, não tenho vontade de vê-lo.

Sim, deixemos este mundo onde o que se mexe revela o que é feio.

Capítulo 52 - Uma onda de esperança

Não seria mau recriminar os fenomenologistas por seu autismo sem gato; dediquei minha vida à busca do intemporal.

Mas quem caça a eternidade recolhe a solidão.

"Sim", ele diz pegando minha bolsa, "também acho, é uma das mais despojadas e, no entanto, é de grande harmonia."

A casa do Sr. Ozu é muito grande e muito bonita. Os relatos de Manuela haviam me preparado para um interior japonês, mas, se há de fato portas de correr, bonsais, um grosso tapete preto bordado de cinza e objetos de proveniência asiática uma mesa baixa de laca escura ou, ao longo de uma impressionante fileira de janelas, cortinas de bambu que, puxadas de jeito diferente, dão à sala sua atmosfera oriental -, há também um sofá e poltronas, consoles, abajures e estantes de fatura europeia. É muito... elegante. Em compensação, como Manuela e Jacinthe Rosen tinham notado, nada é redundante. Também não é depurado e vazio, como eu imaginara transpondo os interiores dos filmes de Ozu para um nível mais luxuoso mas sensivelmente idêntico no despojamento característico dessa estranha civilização.

"Venha", me diz o Sr. Ozu, "não vamos ficar aqui, é muito cerimonioso. Vamos jantar na cozinha. Aliás, sou eu que cozinho."

Percebo que ele usa um avental verde-maçã em cima de um pulôver de gola redonda marrom e uma calça de algodão bege. Nos pés, chinelos de couro preto. Vou aos pulinhos atrás dele, até a cozinha. Miséria. Num guarda-joias daqueles, bem que eu quero cozinhar todo dia, até para Leon. Nada é ordinário, e ali deve parecer delicioso até mesmo abrir uma lata de Ronron.

"Tenho muito orgulho da minha cozinha", diz o Sr. Ozu com simplicidade.

"Há de quê", digo, sem sombra de sarcasmo.

Tudo é branco e de madeira clara, com longas bancadas e grandes guardalouças cheios de pratos e taças de porcelana azul, preta e branca. No meio, o forno, as grelhas de assar, uma pia com três cubas e um espaço-bar, onde me penduro num dos banquinhos acolhedores, ficando de frente para o Sr. Ozu, que se agita no forno. Ele pôs diante de mim uma garrafinha de saque quente e dois copinhos encantadores de porcelana azul craquelê.

"Não sei se conhece a cozinha japonesa", diz.

"Não muito bem", respondo.

Uma onda de esperança me levanta. De fato, ter-se-á notado que até agora não trocamos nem vinte palavras, se bem que eu me comporte como uma velha conhecida na frente de um Sr. Ozu que cozinha de avental verde-maçã, depois de um episódio holandês e hipnótico que ninguém glosou e que doravante está guardado no capítulo das coisas esquecidas.

A noite poderia muito bem ser apenas uma iniciação à cozinha asiática. Nada de Tolstoi e de todas essas suspeitas: o Sr. Ozu, novo morador pouco habituado com as hierarquias, convida sua concierge para um jantar exótico. Eles conversam sobre sashimis e macarrão de soja.

Pode existir circunstância mais anódina?

É então que se produz a catástrofe.

Capítulo 53 - Bexiga pequena

Primeiro preciso confessar que tenho uma bexiga pequena. Senão, como explicar que a menor xícara de chá me envie sem tardar à privada e que um bule me faça reiterar a coisa na medida de seu conteúdo? Manuela é um verdadeiro camelo: retém horas a fio o que bebe, e come seus mendiantes sem se mexer da cadeira, ao passo que eu faço diversas e patéticas idas e voltas ao banheiro. Mas nessas ocasiões estou em casa, e nos meus sessenta metros quadrados o banheiro, que nunca fica muito longe, está num lugar conhecido há tempos.

Ora, acontece que, neste momento, minha bexiga pequena acaba de se manifestar, e, com plena consciência dos litros de chá absorvidos na própria tarde, devo entender sua mensagem: autonomia reduzida. Como se faz essa pergunta num ambiente mundano?

"Onde fica o toalete?" me parece curiosamente inconveniente.

Inversamente:

"Poderia me indicar o lugar?", embora delicado no esforço feito para não nomear a coisa, corre o risco de cair na incompreensão e, portanto, num constrangimento decuplicado.

"Estou com vontade de fazer xixi", sóbrio e informacional, é algo que não se diz à mesa, e muito menos para um desconhecido.

"Onde fica o banheiro?" me coloca um problema. É uma pergunta fria, que cheira a restaurante do interior.

Gosto bastante deste:

"Onde fica a casinha?", porque há nessa denominação, casinha, um cheiro de infância e de cabana no fundo do quintal. Mas há também uma conotação inefável que convoca o mau cheiro.

É quando me trespassa uma chispa de gênio.

"Os lamen são uma preparação à base de macarrão e caldo de origem chinesa mas que os japoneses comem correntemente no almoço", está dizendo o Sr. Ozu, levantando nos ares uma quantidade impressionante de massa, que ele acaba de mergulhar na água fria.

"Onde fica o lavabo, por favor?" é a única resposta que encontro para lhe fazer.

É, admito, ligeiramente abrupto.

"Ah, sinto muito, não indiquei", diz o Sr. Ozu perfeitamente à vontade. "A porta atrás da senhora, depois segunda à direita no corredor."

Tudo não podia ser sempre tão simples assim?

É de crer que não.

Capítulo 54 - Diário do movimento do mundo nº 6

Calcinha ou Van Gogh?

Hoje, mamãe e eu fomos às liquidações da Rue Saint Honoré. Um inferno. Havia fila na porta de certas butikues. E acho que vocês sabem que tipo de butikue tem na Rue Saint-Honoré: dedicar tanta tenacidade para comprar com desconto lenços ou luvas que, ainda assim, valem o preço de um Van Gogh, é pirante. Mas essas senhoras fazem isso com uma paixão furiosa. E até com certa inelegância.

Mas afinal não posso me queixar do dia, pois pude notar um movimento muito interessante, embora, infelizmente, pouquíssimo estético. Em compensação, intensíssimo, isso sim! E divertido também. Ou trágico, não sei direito. Desde que comecei este diário, já mudei de opinião um monte de vezes. Eu tinha começado com a ideia de descobrir a harmonia do movimento do mundo, e chego a essas senhoras finíssimas que brigam por uma calcinha de renda. Mas, bem... Acho que, de qualquer maneira, eu não acreditava que isso fosse possível. Então, já que é assim... melhor se divertir um pouco...

A história é a seguinte: mamãe e eu entramos numa butikue de lingerie fina. Lingerie fina já é interessante como nome. Senão, seria o quê? Lingerie grossa? Bem, na verdade isso quer dizer lingerie sexy; não é lá que vocês vão encontrar a boa velha calça de algodão das vovós. Mas, como fica na Rue Saint-Honoré, evidentemente é sexy chique, com peças de renda feita à mão, fio dental de seda e camisolinhas de cashmere macio. Não precisamos fazer fila para entrar, mas era como se fosse, pois lá dentro estava todo mundo se acotovelando. Tive a impressão de entrar numa secadora de roupa. A cereja do bolo foi quando mamãe caiu num estado de desfalecimento ao remexer numas peças de cor suspeita (preto e vermelho ou azul-petróleo). Fiquei pensando onde eu podia me esconder para me pôr ao abrigo enquanto ela descobria (pequena esperança) um pijama de algodão felpudo, e me meti atrás dos provadores. Eu não era a única: havia um homem, o único homem, com uma cara tão infeliz quanto a de Neptune quando perde o traseiro de Athéna. Esse é o lado errado do plano "te amo, minha querida". O pobre coitado é embarcado para uma sessão safadinha de peças de baixo chiques e se vê em território inimigo, com trinta fêmeas em

transe pisando nos pés dele e o fuzilando com o olhar, seja qual for o lugar onde tente estacionar sua estorvante carcaça masculina. Quanto à doce namorada, ei-la metamorfoseada em fúria vingativa prestes a matar por uma tanga rosa-shocking.

Lancei-lhe um olhar de simpatia, ao qual ele respondeu com um olhar de bicho encurralado. Ali onde eu estava, tinha uma vista panorâmica para toda a loja e para mamãe, que estava babando diante de um tipo de sutiã muito muito muito pequeno, com renda branca (ao menos isso) mas também imensas flores lilás. Minha mãe tem quarenta e cinco anos, alguns quilos a mais, mas a grande flor lilás não lhe mete medo; em compensação, a sobriedade e o bege chique a paralisam de terror. Em suma, eis mamãe extirpando de um mostrador, a duras penas, um minissutiã floral que parece ser do seu tamanho e pegando a calcinha que combina, três andares mais abaixo no mostrador. Ela puxa com convicção, mas, de repente, franze o cenho: é que na outra ponta da calcinha há outra senhora, que também puxa e também franze o cenho. Elas se olham, olham para o mostrador, verificam que a calcinha é a última sobrevivente de uma longa manhã de saldos, e se preparam para a batalha enquanto se lançam um olhar de raio laser.

E eis as premissas do movimento interessante: uma calcinha de cento e trinta euros, mas com uns poucos centímetros de renda ultrafina. Portanto, é preciso sorrir para a outra, segurar firme a calcinha, puxá-la para si mas sem rasgá-la. Vou logo lhes dizendo: se, no nosso universo, as leis da física são constantes, não é possível.

Depois de alguns segundos de tentativa infrutífera, essas senhoras dizem amém a Newton, mas não desistem. Portanto, têm de continuar a guerra por outros meios, isto é, pela diplomacia (uma das citações preferidas de papai). Isso dá o seguinte movimento interessante: tem que fazer cara de quem ignora que está puxando firmemente a calcinha e fingir que a está pedindo cortesmente com palavras. Portanto, eis mamãe e a senhora que, de repente, perdem a mão direita, essa que segura a calcinha.

É como se ela não existisse, como se a senhora e mamãe conversassem tranquilamente sobre uma calcinha que continuava no mostrador, da qual ninguém tentava se apropriar pela força. Onde está a mão direita? Pfu! Bateu asas e voou! Sumiu! Entra a diplomacia!

Como todo mundo sabe, a diplomacia fracassa sempre que a relação de forças é equilibrada. Nunca se viu o mais forte aceitar as propostas diplomáticas do outro. Com isso, as conversações que começaram em uníssono com um: "Ah, mas acho que fui mais rápida que você, minha querida" não levam a grande coisa. Quando chego ao lado de mamãe, estamos neste ponto: "Não a largarei", e

podemos facilmente acreditar nas duas beligerantes.

É claro que mamãe perdeu: quando cheguei ao lado dela, lembrou-se de que era uma mãe de família respeitável e que não era possível, sem perder toda a dignidade na minha frente, tascar a mão esquerda na cara da outra. Portanto, sua mão direita recuperou o uso e largou a calcinha. Resultado da corrida: uma foi embora com a calcinha, a outra com o sutiã. No jantar, mamãe estava com um humor massacrante. Quando papai perguntou o que estava acontecendo, ela respondeu: "Você, que é deputado, devia prestar mais atenção na decomposição das mentalidades e da civilidade".

Mas voltemos ao movimento interessante: duas senhoras em plena saúde mental que de repente não mais reconhecem uma parte de seu corpo. Isso dá algo muito esquisito de ver: como se houvesse uma ruptura no real, um buraco negro que se abre no espaço-tempo, como num verdadeiro romance de ficção científica. Um movimento negativo, um gênero de gesto no vazio, é isso.

E pensei: se a gente pode fingir ignorar que tem a mão direita, o que mais se pode fingir ignorar? Será que a gente pode ter um coração negativo, uma alma no vazio?

Capítulo 55 - Um só desses rolos

A primeira fase da operação corre bem.

Encontro a segunda porta à direita, no corredor, sem ficar tentada a abrir as outras sete, de tal maneira minha bexiga é pequena, e me decido, com um alívio que o constrangimento não atrapalha. Teria sido uma grosseria com o Sr. Ozu interpelá-lo sobre seu toalete. Um toalete que era todo de uma brancura de neve, das paredes à pia, passando por uma latrina imaculada em que mal nos atrevemos a pousar, por medo de sujá-la. Toda essa brancura é, porém, temperada - de modo a que o ato não seja clínico demais - por um carpete amarelo-sol, espesso, macio, sedoso, acetinado e acariciante, que salva o lugar do ambiente monocromático. A simplicidade impecável do branco, sem mármore nem enfeites - fraquezas com que volta e meia os ricos fazem questão de tornar suntuoso tudo o que é trivial -, e a suavidade de um carpete solar são, em matéria de banheiro, as condições ideais da adequação. Que buscamos ao irmos lá? Claridade, para não pensar em todas as profundezas escuras que se aliam, e alguma coisa no chão, para podermos cumprir nosso dever sem fazer penitência gelando os pés, especialmente quando vamos lá durante a noite.

O papel higiênico também aspira à canonização. Acho muito mais convincente essa marca de riqueza do que a posse, por exemplo, de um Maserati ou de um Jaguar cupê.

O que o papel higiênico faz no traseiro das pessoas cava um abismo bem mais largo entre as posições sociais do que vários sinais externos de riqueza. O papel da casa do Sr. Ozu, grosso, mole, macio e deliciosamente perfumado, está fadado a cobrir de deferências essa parte do nosso corpo que, mais que qualquer outra, é particularmente apreciadora disso. Quanto custa um só desses rolos?, fico pensando ao apertar o botão intermediário da descarga, pintado com duas flores de lótus, pois minha bexiga pequena, apesar da fraca autonomia, tem um grande conteúdo. Uma flor me parece muito apertado, três seriam inúteis.

Foi aí que a coisa aconteceu.

Um barulho tremendo assaltou meus ouvidos e por pouco não me fulmina ali mesmo. O que é assustador é que eu não consiga identificar sua origem. Não é a descarga, que nem sequer ouço, mas algo que vem de cima e cai sobre mim.

Meu coração dispara. Vocês conhecem a tripla alternativa: diante do perigo, fight, flee ou freeze.

Eu freeze. Bem que eu teria flee, mas, subitamente, não sei mais destrancar uma porta.

Formam-se hipóteses na minha mente? Talvez, mas sem grande nitidez. Terei apertado o botão errado, calculando mal a quantidade produzida - que presunção, que orgulho, Renée, duas flores de lótus por uma contribuição tão irrisória -, e, por conseguinte, sou castigada por uma justiça divina cujo trovão barulhento despenca sobre meus ouvidos? Terei saboreado demais - luxúria - a volúpia do ato neste local convidativo, quando deveríamos considerá-lo impuro? Deixei me levar pela inveja, cobiçando esse papel higiênico principesco, e fui notificada, sem rodeios, desse pecado mortal? Meus dedos entorpecidos de trabalhadora manual maltrataram, sob o efeito de uma inconsciente ira, a mecânica sutil de um botão de lótus e desencadearam um cataclismo na tubulação que ameaça desmoronar o quarto andar?

Continuo tentando fugir, com todas as minhas forças, mas as mãos são inaptas para obedecer às minhas ordens. Trituro a maçaneta de cobre que, corretamente acionada, deveria me liberar, mas nada adequado se produz.

Neste instante, estou absolutamente convencida de ter enlouquecido ou chegado ao céu, porque o som até então indiferenciado se precisa e, impensável, parece Mozart.

Em poucas palavras, parece o Confutatis do Réquiem de Mozart.

Confutatis maledictis, Flammis acribus addictis, modulam lindas vozes líricas.

Enlouqueci.

"Sra. Michel, vai tudo bem?", pergunta uma voz atrás da porta, a do Sr. Ozu ou, mais provavelmente, de São Pedro às portas do purgatório.

"Eu... não consigo abrir a porta!"

Tentava por todos os meios convencer o Sr. Ozu da minha fraqueza.

Pois bem, agora consegui.

"Talvez esteja rodando a maçaneta no sentido errado", sugere respeitosamente a voz de São Pedro.

Considero um instante a informação, que a duras penas abre caminho até os circuitos que devem processá-la.

Rodo o botão no outro sentido.

A porta se destranca.

O Confutatis para na hora. Uma deliciosa ducha de silêncio inunda meu corpo reconhecido.

"Eu...", digo ao Sr. Ozu - pois é só ele -, "eu,.. Bem... Sabe, o Réquiem?"

Eu deveria ter batizado meu gato de Padsyntax.

"Ah, aposto que a senhora ficou com medo!", ele diz. "Eu deveria tê-la avisado. É uma moda japonesa, que minha filha quis importar para cá. Quando se dá a descarga, a música começa, é mais... bonito, sabe?"

Sei, sobretudo, que estamos no corredor, na porta do banheiro, numa situação que pulveriza todos os cânones do ridículo.

"Ah...", digo, "ha... levei um susto" (e passo por alto todos os meus pecados que surgiram às claras).

"A senhora não é a primeira", diz o Sr. Ozu, gentil, e, pois é, no lábio superior nem um sinal de quem está achando engraçado.

"O Réquiem... no banheiro... é uma escolha... surpreendente", respondo para recuperar a presença de espírito, e na mesma hora apavorada com o rumo que estou dando

à conversa, quando ainda não saímos do corredor e estamos frente a frente, de braços caídos, incertos quanto ao desfecho.

O Sr. Ozu olha para mim.

Olho para o Sr. Ozu.

Algo se rompe dentro do meu peito, com um cliquezinho insólito, como uma válvula que se abre e se fecha depressa. Depois, assisto, impotente, ao leve tremor que sacode meu torso, e, como que de propósito, parece-me que o mesmo embrião de tremor agita os ombros de quem está na minha frente.

Olhamos um para o outro, hesitantes.

Depois, um tipo de uh uh uh bem suave e fraco sai da boca do Sr. Ozu.

Percebo que o mesmo uh uh uh abafado mas irreprimível sobe de minha própria garganta.

Fazemos uh uh uh, nós dois, baixinho, olhando um para o outro, incrédulos.

Depois o uh uh uh do Sr. Ozu se intensifica.

O meu uh uh uh detona em mim um sinal de alarme.

Continuamos a nos olhar, expulsando de nossos pulmões os uh uh uh cada vez mais alucinados. Toda vez que se acalmam, nós nos olhamos e recomeçamos uma nova leva.

Meu ventre está paralisado, o Sr. Ozu chora copiosamente.

Quanto tempo ficamos ali, a rir convulsamente defronte da porta do toalete? Não sei. Mas a duração é longa o bastante para abater todas as nossas forças. Cometemos mais uns uh uh uh estafantes e depois, mais de cansaço que de saciedade, recuperamos a seriedade.

"Vamos voltar para o salão", diz o Sr. Ozu, prestes a me ultrapassar na corrida até a linha de chegada do fôlego recuperado.

Capítulo 56 - Uma Selvagem muito civilizada

"Ninguém se aborrece em sua companhia", é a primeira coisa que o Sr. Ozu me diz quando voltamos para a cozinha, onde, confortavelmente aboletada no meu banquinho, bebo saque morno e o acho muito medíocre.

"A senhora é uma pessoa pouco comum", continua, empurrando até onde estou uma tigelinha branca cheia de pequenos raviólis que não parecem fritos nem preparados no vapor mas um pouco de cada coisa. Ao lado, coloca uma tigela com o molho de soja.

"São guiozas", esclarece.

"Ao contrário", respondo, "acho que sou uma pessoa muito comum. Sou concierge. Minha vida é de uma banalidade exemplar."

"Uma concierge que lê Tolstoi e ouve Mozart", ele diz. Eu não sabia que eram práticas da sua corporação."

E me dá uma piscada. Sentou-se, sem cerimônia, à minha direita e começou a comer com as baguetes sua parte de guiozas.

Nunca em toda a minha vida me senti tão bem. Como dizer?

Pela primeira vez me sinto em total confiança, embora não esteja sozinha. Nem mesmo com Manuela, a quem, no entanto, eu confiaria a minha vida, existe essa sensação de absoluta segurança que nasce da certeza de que nos entendemos. Confiar sua vida não é entregar sua alma, e, se gosto de Manuela como de uma irmã, não posso dividir com ela o que tece o pouco de sentido e emoção que minha existência incongruente furta ao universo.

Degusto com os pauzinhos os guiozas recheados de coentro e carne perfumada, e, experimentando uma alucinante sensação de relaxamento, converso com o Sr. Ozu como se nos conhecêssemos desde sempre.

"Tenho que me distrair", digo, "vou à biblioteca municipal e pego tudo o que posso."

"Gosta da pintura holandesa?", ele me pergunta e, sem esperar a resposta: "Se lhe pedissem para escolher entre a pintura holandesa e a pintura italiana, qual salvaria?".

Argumentamos, como se fosse uma falsa competição, e tenho a satisfação de me inflamar pelo pincel de Vermeer - mas logo se percebe que, de qualquer

maneira, estamos de acordo.

"Acha que é um sacrilégio?", pergunto.

"Mas de jeito nenhum, minha cara", ele me responde balançando ousadamente um pobre ravióli, da esquerda para a direita, no alto de sua tigela, "de jeito nenhum, acredita que mandei copiar um Michelangelo para expô-lo no meu vestibulo?"

"Tem que molhar o macarrão neste molho", acrescenta, pondo na minha frente uma cesta de palha cheia do dito-cujo e uma suntuosa tigela verde azulada que exala um perfume de... amendoim. "E um 'zalu lamen', um prato de macarrão frio com um molho meio doce. Diga-me se gosta."

E me entrega um grande guardanapo de linho cor de palha.

"Há estragos colaterais, tome cuidado com seu vestido."

"Obrigada", digo.

E, vá saber por quê, acrescento:

"Não é meu."

Inspiro forte e digo:

"Sabe, vivo sozinha há muito tempo e nunca saio. - Temo ser um pouco... selvagem."

"Uma selvagem muito civilizada, então", ele me diz sorrindo.

O gosto do macarrão mergulhado no molho de amendoim é celestial. Em compensação, eu não seria capaz de jurar pelo estado do vestido de Maria. Não é muito fácil mergulhar um metro de macarrão num molho semilíquido e ingurgitá-lo sem cometer estragos. Mas, como o Sr. Ozu engole o seu com destreza e muito barulho, me sinto descomplexada e chupo com vontade meus metros de macarrão.

"Falando sério, não acha tudo isso fantástico?", pergunta o Sr. Ozu. "Seu gato se chama Leon, os meus, Kitty e Levin, nos dois gostamos de Tolstoi e de pintura holandesa, e moramos no mesmo lugar. Qual é a probabilidade de que uma coisa dessa se produza?"

"O senhor não deveria ter me oferecido essa magnífica edição", digo, "não valia a pena."

"Minha cara, isso lhe deu prazer?", ele responde.

"Bem, me deu muito prazer, mas me assustou um pouco também. Sabe, faço questão de permanecer discreta, não gostaria que as pessoas daqui imaginassem..."

"... quem a senhora é?", ele completa. "Por quê?"

"Não quero criar caso. Ninguém quer saber de uma concierge que tenha pretensões."

"Pretensões? Mas a senhora não tem pretensões, tem gostos, luzes,

qualidades!"

"Mas sou a concierge!", digo. "E, além disso, não tenho educação, não sou do mesmo mundo."

"Grande coisa!", diz o Sr. Ozu, da mesma maneira, acreditem, que Manuela, o que me faz rir.

Ele levanta um cenho inquiridor.

"É a expressão favorita de minha melhor amiga", digo à guisa de explicação.

"E o que diz sua melhor amiga a respeito da sua... descrição?"

Palavra de honra, "hão tenho a menor ideia

"O senhor a conhece", digo. "É Manuela."

"Ah, a Sra. Lopes?", ele pergunta. "E sua amiga?"

"E minha única amiga."

"E uma grande dama", diz o Sr. Ozu, "uma aristocrata. A senhora, sabe, não é a única a desmentir as normas sociais. Onde está o mal? Estamos no século XXI, diabos!"

"Que faziam seus pais?", pergunto, meio irritada diante de tão pouco discernimento.

Talvez o Sr. Ozu imagine que os privilégios desapareceram com Zola.

"Meu pai era diplomata. Não conheci minha mãe, que morreu pouco depois de meu nascimento."

"Sinto muito", digo.

Ele faz um gesto com a mão, para dizer: há muito tempo.

Continuo com meu raciocínio.

"O senhor é filho de diplomata, sou filha de camponeses pobres. E inconcebível que eu jante aqui esta noite."

"E, no entanto, janta aqui esta noite."

E acrescenta, com um sorriso muito simpático:

"E fico muito honrado."

E a conversa prossegue assim, tranquila e natural. Evocamos, na ordem: Yasujiro Ozu (um parente distante), Tolstoi, e Levin ceifando no campo junto com seus camponeses, o exílio e a irredutibilidade das culturas, e muitos outros assuntos que encadeamos com o entusiasmo de passar de uma coisa para outra, apreciando nossos últimos metros de macarrão e, sobretudo, a desconcertante semelhança de nossas frases de espírito.

Chega um momento em que o Sr. Ozu me diz:

"Gostaria que me chamasse de Kakuro, afinal, é muito menos cerimonioso. Não se importa se eu chamá-la de Renée?"

"De jeito nenhum", digo, e de fato penso isso.

De onde me vem essa súbita facilidade na convivência?

O saque, que amolece deliciosamente meu bulbo, torna a questão muito pouco urgente.

"Sabe o que é o azuqui?", pergunta Kakuro.

"Os montes de Kyoto...", digo, sorrindo com essa lembrança de infinito.

"Como?", ele pergunta.

"Os montes de Kyoto têm a cor do flanco de azuqui", digo, esforçando-me, mesmo assim, para falar com distinção.

"Aparece num filme, não é?", pergunta Kakuro.

"É, em As irmãs Munakata, bem no finalzinho."

"Ah, vi esse filme há muito tempo, mas não me lembro muito bem."

"Não se lembra da camélia sobre o musgo do templo?", digo.

"Não, de jeito nenhum", ele responde. "Mas está me dando vontade de revê-lo. Gostaria que o víssemos juntos, um dia desses?"

"Tenho a fita", digo, "ainda não devolvi à biblioteca."

"Neste fim de semana, talvez?", pergunta Kakuro.

"Tem um videocassete?"

"Tenho", ele diz sorrindo.

"Então, combinado", digo. "Mas lhe proponho o seguinte: no domingo, assistimos ao filme na hora do chá e trago os doces."

"Negócio fechado", responde Kakuro.

E a noite vai avançando, enquanto continuamos a falar sem nos preocupar com coerência ou com horários, bebendo interminavelmente uma tisana de curioso gosto de alga. Sem surpresa, preciso voltar à privada cor de neve e ao carpete solar. Opto pelo botão com uma só lótus - mensagem recebida - e suporto com a serenidade dos grandes iniciados a investida do Confutatis. O que é ao mesmo tempo desconcertante e maravilhoso, em Kakuro Ozu, é que ele alia um entusiasmo e uma candura juvenis a uma atenção e uma bondade de grande sábio. Não tenho hábito de uma tal relação com o mundo; parece-me que ele o considera com indulgência e curiosidade, ao passo que os outros seres humanos que conheço o abordam com desconfiança e gentileza (Manuela), ingenuidade e gentileza (Olympe), ou arrogância e crueldade (o resto do universo). A colusão do apetite, da lucidez e da magnanimidade surge como um inédito e saboroso coquetel.

E, depois, meus olhos se fixam no meu relógio.

São três horas.

Levanto-me de um salto.

"Meu Deus, viu que horas são?", digo.

Ele olha seu próprio relógio e ergue os olhos para mim, com ar preocupado.

"Esqueci que a senhora trabalha amanhã cedo. Sou aposentado, não me preocupo mais com isso. Não está muito tarde?"

"Está, claro, e preciso dormir um pouco", digo.

Silencio o fato de que, apesar de minha idade avançada e de, sabidamente, os velhos dormirem pouco, tenho de ficar na cama ao menos oito horas para poder apreender o mundo com discernimento.

"Até domingo", me diz Kakuro à porta de seu apartamento.

"Muito obrigada", digo, "passei uma excelente noite, fico-lhe muito grata."

"Sou eu que agradeço", ele diz, "fazia muito tempo que não ria assim, nem tinha uma conversa tão agradável. Quer que a acompanhe até em casa?"

"Não, obrigada, não precisa", digo.

Sempre tem um Pallières potencial rondando pelas escadas.

"Pois então, até domingo", digo, "ou talvez a gente se cruze antes."

"Obrigado, Renée", diz novamente com um largo sorriso juvenil.

Ao fechar minha porta e me sentar, descubro que Leon ronca loucamente na poltrona de ver TV e constato o impensável: pela primeira vez na vida, fiz um amigo.

Capítulo 57 - Um novo coração

Então, chuva de verão.

Essa chuva de verão, eu me lembro.

Dia após dia, percorremos nossa vida como quem percorre um corredor.

Pensar no bofe para o gato... viu minha patinete é a terceira vez que me roubam... chove tão forte que parece noite... ainda dá tempo a sessão é à uma hora... quer tirar seu chapéu... xícara de chá amargo... silêncio da tarde... talvez a gente seja doente por ter tanta... todos aqueles homenzinhos para regar... essas ingênuas que posam de grandes desavergonhadas... xi, está nevando... essas flores como é o nome delas... pobre gatinha fazia xixi por toda parte... como é triste o céu de outono... agora o dia acaba tão cedo... por que é que até aqui no pátio está cheirando lixo... sabe, tudo vem em sua hora... não não os conhecia particularmente... era uma família como as outras daqui... parece um flã de azuqui... meu filho diz que os chineses são intratáveis... como se chamam os gatos dele... poderia receber as roupas da lavanderia... todos esses Natais essas músicas essas compras que cansa... para comer uma noz tem que pôr uma toalha... ele está com o nariz escorrendo ai ai ai... já está calor e ainda nem são dez horas... corto os cogumelos fininho e tomamos nosso caldo com os cogumelos dentro... ela deixa as calcinhas sujas debaixo da cama... seria preciso refazer a tapeçaria...

E depois, chuva de verão...

Sabem o que é uma chuva de verão?

Primeiro, a beleza pura rompendo o céu de verão, esse temor respeitoso que toma conta do coração, sentir-se tão irrisório no próprio centro do sublime, tão frágil e tão repleto da majestade das coisas, siderado, agarrado, radiante pela munificência do mundo.

Em seguida, caminhar por um corredor e, de repente, penetrar num quarto de luz. Outra dimensão, certezas que acabam de nascer. O corpo já não é uma ganga, o espírito habita as nuvens, a força da água é dela, dias felizes se anunciam, num novo nascimento.

Depois, como as lágrimas, às vezes, quando são redondas, fortes e solidárias, deixam atrás de si uma longa praia lavada de discórdia, a chuva, no

verão, varrendo a poeira imóvel é para a alma das criaturas como uma respiração sem fim.

Assim, certas chuvas de verão se implantam em nós como um novo coração que bate em uníssono com o outro.

Capítulo 58 - Doce insônia

Depois de duas horas de doce insônia, durmo calmamente.

Capítulo 59 - Pensamento profundo nº 13

Quem acredita Pode fazer mel Sem partilhar o destino das abelhas?

Todo dia penso que minha irmã não pode se enfiar mais profundamente no pântano da ignomínia e, todo dia, fico surpresa de ver que pode.

Esta tarde, depois do colégio, não havia ninguém em casa. Peguei na cozinha o chocolate com avelãs e fui comê-lo no salão. Estava bem instalada no sofá, comia meu chocolate refletindo sobre o próximo pensamento profundo. Na minha cabeça, seria um pensamento profundo sobre o chocolate, ou melhor, sobre a maneira de comê-lo, com uma interrogação central: o que é bom no chocolate? A própria substância ou a técnica do dente que o tritura?

Mas, por mais que eu achasse isso relativamente interessante, não contava com a presença de minha irmã, que voltou mais cedo que o previsto e logo começou a estragar minha vida falando da Itália. Desde que foi a Veneza com os pais de Tibère (ficaram no Danieli), Colombe só fala disso. Cúmulo da desgraça, no sábado foram jantar na casa de amigos dos Grinpard, que têm uma grande propriedade na Toscana. Só de dizer "Tôscâna" Colombe se extasia, e mamãe se põe em uníssono. Fiquem sabendo, a Toscana não é uma terra milenar. Ela só existe para dar a pessoas como Colombe, mamãe ou os Grinpard o frisson da posse. A "Tôscâna" pertence a elas assim como a Cultura, a Arte e tudo o que se pode escrever com uma Maiúscula.

A respeito da Tôscâna, portanto, já fui brindada com o estribilho dos burrinhos, do azeite de oliva, da luz do crepúsculo, da dolce vita, e por aí vai, sem falar dos lugares-comuns. Mas, como sempre me eclipsei discretamente, Colombe não conseguiu testar em mim sua história preferida. Ela recuperou o tempo perdido ao me descobrir no sofá, e arruinou minha degustação e meu futuro pensamento profundo.

Nas terras dos amigos dos pais de Tibère há colmeias suficientes para produzir um quintal de mel por ano. Os toscanos contrataram um apicultor que faz todo o trabalho para que eles possam comercializar o mel com a etiqueta "propriedade de Flibaggi". Evidentemente, não é por dinheiro. Mas o mel "propriedade de Flibaggi" é considerado um dos melhores do mundo e contribui para o prestígio dos proprietários (que são rentistas) por ser utilizado nos grandes

restaurantes pelos grandes chefs que se desmancham em elogios a ele... Colombe, Tibère e os pais de Tibère foram brindados com uma degustação de mel, assim como a do vinho, e Colombe é incansável em falar sobre a diferença entre um mel de tomilho e um mel de rosmarino. Deus a guarde! Até esse ponto do relato, eu a escutava distraída, pensando no "mastigar o chocolate", e achei que, se a coisa parasse por aí, eu ainda sairia ganhando.

Nunca se deve esperar uma coisa dessas quando se trata de Colombe. De repente, ela fez sua cara de má e começou a me contar os costumes das abelhas. Aparentemente, eles tiveram direito a receber um curso completo, e o espiritozinho perturbado de Colombe ficou particularmente impressionado com a passagem sobre os ritos nupciais das rainhas e dos falsos zangões. A incrível organização da colmeia, em compensação, não a marcou muito, ao passo que eu acho isso apaixonante, em especial quando se pensa que esses insetos têm uma linguagem cifrada que relativiza a definição de inteligência verbal como sendo especificamente humana. Mas isso, isso não interessa nem um pingo a Colombe, que, no entanto, não se encaminha para um diploma de curso primário merreca mas está preparando um máster de filosofia. Ela ficou toda excitada com a sexualidade dos bichinhos.

Resumo da história: a rainha das abelhas, quando está pronta, parte para o voo nupcial, perseguida por uma nuvem de falsos zangões. O primeiro a atingi-la copula com ela e depois morre, porque, após o ato, seu órgão genital fica preso dentro da abelha. Portanto, é amputado, e isso o mata. O segundo falso zangão a atingir a rainha deve, para copular com ela, retirar com as patas o órgão genital do predecessor, e, claro, também acontece a mesma coisa com ele, e assim por diante, até dez ou quinze falsos zangões, que enchem a bolsa espermática da rainha e vão lhe permitir, durante quatro ou cinco anos, produzir duzentos mil ovos por ano.

Eis o que Colombe me conta, olhando para mim com seu ar bilioso e salpicando o relato de safadezas do tipo: "Ela só tem direito a isso uma vez, né, então acaba com a raça de quinze!". Eu, se fosse Tibère, não gostaria muito que minha namorada contasse essa história a todo mundo. Porque, bem, sabem, a gente não pode evitar de fazer um pouco de psicologia de botequim: quando uma moça excitada conta que são necessários quinze machos para uma fêmea ficar satisfeita, e que, para agradecer-lhes, ela os castra e mata, fatalmente isso provoca interrogações. Colombe está convencida de que isso a promove a moça-liberada-não-complexada-que-trata-de-sexo-com-naturalidade.

Colombe esquece apenas que só me conta essa história, a mim, com o objetivo de me chocar e que, além disso, a história tem um conteúdo que não é inocente. Primeiro, para alguém como eu, que pensa que o homem é um animal,

a sexualidade não é um assunto escabroso, mas um negócio científico. Acho isso apaixonante. Segundo, lembro a todo mundo que Colombe lava as mãos três vezes por dia e berra à menor suspeita de pelo invisível na ducha (os pelos visíveis são mais improváveis). Não sei por quê, mas acho que isso combina muito bem com a sexualidade das rainhas.

Mas, sobretudo, é uma loucura como os homens interpretam a natureza e julgam poder escapar dela. Se Colombe conta a história dessa forma, é porque pensa que isso não lhe diz respeito. Se debocha dos patéticos divertimentos do falso zangão, é porque está convencida de não partilhar sua sorte. Mas não vejo nada de chocante ou de safado no voo nupcial das rainhas e no destino dos falsos zangões porque me sinto profundamente parecida com todos esses bichos, mesmo se meus costumes são diferentes. Viver, se alimentar, se reproduzir, realizar a tarefa para a qual nascemos e morrer: isso não tem nenhum sentido, é verdade, mas é assim que as coisas são. Essa arrogância dos homens de pensar que podem forçar a natureza, escapar de seu destino de pequenas coisas biológicas... e essa cegueira que têm para a crueldade ou a violência de suas próprias maneiras de viver, de amar, de se reproduzir e de fazer a guerra a seus semelhantes...

Acho que só há uma coisa para fazer: encontrar a tarefa para a qual nascemos e realizá-la o melhor possível, com todas as nossas forças, sem complicar as coisas e sem acreditar que há um lado divino na nossa natureza animal. Só assim é que teremos a sensação de estar fazendo algo construtivo no momento em que a morte nos pegar. A liberdade, a decisão, a vontade, tudo isso são quimeras. Acreditamos que podemos fazer mel sem partilhar o destino das abelhas; mas nós também não somos mais que pobres abelhas fadadas a cumprir sua tarefa e depois morrer.

PARTE 5

PALOMA

Na mesma manhã, às sete horas, batem à minha porta.

Levo uns instantes para emergir do vazio. Duas horas de sono não predispõem a uma grande amenidade com o gênero humano, e os inúmeros toques de campainha que se seguem enquanto enfio um vestido e o chinelo e passo a mão no cabelo estranhamente espumoso não estimulam meu altruísmo.

Abro a porta e dou de cara com Colombe Josse.

"Puxa", ela me diz, "a senhora estava presa num engarrafamento?"

Custo a acreditar no que estou ouvindo.

"São sete horas", digo.

Ela olha para mim.

"É, eu sei", responde.

"Devo atender a partir das oito", indico fazendo um enorme esforço.

"Como assim, a partir das oito?", ela pergunta com ar chocado. "Existe horário?"

Não, a casa das concierges é um santuário protegido que não conhece o progresso social nem as leis salariais.

"Existe", digo, incapaz de pronunciar uma palavra a mais.

"Ah", ela diz com voz preguiçosa. "Bem, já que estou aqui..."

"... passe mais tarde", digo fechando a porta em seu nariz e me dirigindo para a chaleira.

Atrás do vidro, ouço-a exclamar: "Essa não, é o cúmulo!", e depois dar nos calcanhares, furiosa, apertando irada o botão para chamar o elevador.

Colombe Josse é a filha mais velha dos Josse. Colombe Josse é também uma espécie de varapau louro que se veste como uma cigana sem grana. Se tem uma coisa que abomino, é essa perversão dos ricos que se vestem como pobres, com uns trapos que ficam caindo, uns bonés de lã cinza, sapatos de mendigo e camisas floridas debaixo de suéteres surrados. E não só feio mas insultante; nada é mais desprezível que o desprezo dos ricos pelo desejo dos pobres.

Por desgracia, Colombe Josse também faz estudos brilhantes. Nesse outono entrou para a Escola Normal Superior, seção filosofia.

Preparo um chá e torradas com geleia de mirabela, tentando dominar o tremor de raiva que agita minha mão, enquanto uma insidiosa dor de cabeça se infiltra em meu crânio. Tomo um banho de chuveiro, irritada, me visto, dou comidas abjetas para Leon (pasta de miolos e resto de pele úmida de porco), saio para o pátio, tiro as latas de lixo, tiro Neptune do local das latas de lixo e, às oito horas, cansada de todas essas saídas, volto de novo para minha cozinha, nada calma.

Na família Josse, tem também a caçula, Paloma, que é tão discreta e diáfana que acho que nunca a vejo, embora ela vá todo dia à escola. Ora, é justamente ela que, às oito em ponto, Colombe me manda como emissária.

Que manobra covarde.

A pobre menina (que idade tem? onze anos? doze anos?) está em pé sobre o meu capacho, dura como a justiça, "respiro fundo - não passar para o inocente a ira provocada pelo esperto - e tento sorrir com naturalidade.

"bom dia, Paloma", digo.

Ela tritura a barra de seu colete rosa, na expectativa.

"bom dia", diz com uma voz fininha.

Olho para ela com atenção. Como pude não perceber isso? Algumas crianças têm o dom difícil de gelar os adultos. Nada em seu comportamento corresponde aos padrões da idade. Elas são muito graves, muito sérias, muito imperturbáveis e, ao mesmo tempo, terrivelmente afiadas. Sim, afiadas. Olhando para Paloma com mais atenção, distingo uma acuidade profunda, uma sagacidade glacial que só confundo com reserva porque, penso, era impossível imaginar que a trivial Colombe pudesse ter uma irmã que fosse um juiz da Humanidade.

"Minha irmã Colombe me pediu que viesse avisá-la que está esperando um envelope muito importante para ela", diz Paloma.

"Muito bem", digo, tomando o cuidado de não suavizar meu próprio tom, como fazem os adultos quando falam com as crianças, o que, afinal, é uma marca de desprezo tão grande quanto as roupas de pobres dos ricos.

"Ela pergunta se a senhora pode ir entregá-lo em casa", continua Paloma.

"Posso", digo.

"Tudo bem", diz Paloma.

E fica ali.

E muito interessante.

Fica ali a olhar fixamente para mim, calma, sem se mexer, com os braços ao longo do corpo, a boca levemente entreaberta. Tem tranças étnicas, óculos de

armação cor-de-rosa e imensos olhos claros.

"Posso lhe oferecer um chocolate?", pergunto, sem muita imaginação.

Ela balança a cabeça, sempre tão imperturbável. "Entre", digo, "estava justamente tomando chá." E deixo a porta aberta, para atalhar qualquer imputação de rapto.

"Também prefiro chá, não se importa?", pergunta.

"Não, de jeito nenhum", respondo, meio surpresa, anotando mentalmente que certos dados começam a se acumular: juiz da Humanidade, lindas frases, pede chá.

Ela senta numa cadeira e balança os pés no vazio, olhando para mim enquanto lhe sirvo chá de jasmim. Ponho a xícara na frente dela, sento-me na frente da xícara.

"Todo dia faço alguma coisa para minha irmã me achar uma débil", ela me declara depois de um bom gole de especialista. "Minha irmã, que passa noites inteiras com seus amigos, fumando e bebendo e falando como os jovens do subúrbio porque pensa que sua inteligência não pode ser questionada."

O que combina muito bem com a moda de defender os sem-teto.

"Estou aqui como emissária porque ela é uma covarde duble de medrosa", continua Paloma, olhando para mim fixamente com seus grandes olhos límpidos.

"Muito bem, isso nos terá dado a ocasião de nos conhecermos", digo educadamente.

"Poderei voltar?", ela pergunta, e há algo de suplicante em sua voz.

"Claro", respondo, "você é bem-vinda. Mas temo que se chateie aqui, não há muito que fazer."

"Só gostaria de ficar tranquila", ela retruca.

"Não pode ficar tranquila no seu quarto?"

"Não", ela responde, "não fico tranquila se todo mundo sabe onde estou. Antes, me escondia. Mas agora todos os meus esconderijos foram descobertos."

"Eu também sou incomodada o tempo todo, sabe. Não sei se você poderá pensar tranquilamente aqui."

"Posso ficar ali (aponta a poltrona diante da TV ligada, com o som cortado). As pessoas vêm ver a senhora, não me incomodarão."

"Tudo bem", digo, "mas primeiro tem de perguntar à sua mãe se ela está de acordo."

Manuela, que pega o serviço às oito e meia, enfia a cabeça pela porta aberta. Está prestes a me dizer alguma coisa quando descobre Paloma e sua xícara de chá fumegante.

"Entre", digo, "estávamos tomando um lanchinho e conversando."

Manuela levanta uma sobralalha, o que significa, ao menos em português:

que ela faz aqui? Levanto imperceptivelmente os ombros. Ela comprime os lábios, perplexa.

"E aí?", ela me pergunta, incapaz de esperar.

"Vai voltar daqui a pouco?", digo com um grande sorriso.

"Ah", diz ao ver meu sorriso, "muito bem, muito bem, voltarei, sim, como de costume."

Depois, olhando para Paloma:

"Bem, volto daqui a pouco."

E, educadamente:

"Até logo, senhorita."

"Até logo", diz Paloma esboçando seu primeiro sorriso, um pobre sorrisinho desanimado que me parte o coração.

"Agora você tem de voltar para casa", digo. "Sua família vai ficar preocupada."

Ela se levanta e se dirige para a porta arrastando os pés.

"É evidente", diz, "que a senhora é muito inteligente."

E, perplexa, não digo nada:

"Você encontrou o esconderijo certo."

Capítulo 60 - Esse invisível

O envelope que um boy entrega na minha casa para Sua Majestade Colombe da Ralé está aberto.

Simplesmente aberto, sem jamais ter sido fechado. A fita branca que protege a cola autoadesiva não foi retirada, e o envelope está desbeijado como um sapato velho e revela um maço de folhas presas por uma espiral.

Por que não se deram o trabalho de fechá-lo?, pergunto-me afastando a hipótese de confiança na probidade dos boys e das concierges, e de crença de que o conteúdo do envelope não os interessará.

Juro por todos os céus que é a primeira vez e suplico que se levem em conta os fatos (noite curta, chuva de verão, Paloma etc.).

Puxo delicadamente o calhamaço de dentro do envelope.

Colombe Josse, O argumento de potentia dei absoluta, dissertação de mestrado sob a orientação do senhor professor Marian, Universidade de Paris - Sorbonne.

Há um cartão preso por um clipe na primeira folha:

Prezada Colombe Josse.

Eis minhas anotações. Obrigado pelo boy.

Vamos nos ver amanhã no Saulchoir.

Cordialmente,

J. Marian

Trata-se de filosofia medieval, tal como me informa a introdução à coisa. É, aliás, uma dissertação sobre Guillaume d'Ockham, monge franciscano e filósofo lógico do século XIV. Quanto ao Saulchoir, é uma biblioteca de "ciências religiosas e filosóficas" que fica no 10º arrondissement e é mantida pelos dominicanos. Possui um importante fundo de literatura medieval, contendo, aposto, as obras completas de Guillaume d'Ockham em latim e em quinze volumes. Como sei? Bem, fui lá há uns anos atrás. Para quê? Para nada. Tinha descoberto num mapa de Paris essa biblioteca que parecia aberta a todos, e fui lá como colecionadora de bibliotecas. Percorri as alas meio vazias, e povoadas exclusivamente de velhos senhores muito doutos ou de estudantes com ares pretensiosos. Sempre fico fascinada pela abnegação com que nós, humanos,

somos capazes de dedicar uma grande energia à busca do nada e à mistura de pensamentos inúteis e absurdos. Conversei com um jovem que fazia uma tese sobre patrística grega e perguntei como tanta juventude podia se arruinar a serviço do nada. Quando se pensa bem no fato de que o que preocupa o primata é, antes de tudo, o sexo, o território da hierarquia, a reflexão sobre o sentido da prece em Agostinho de Hipona parece relativamente fútil. Decerto se pode arguir que o homem aspira a um sentido que vai além das pulsões. Mas retruco que isso é a um só tempo muito verdadeiro (senão, que fazer com a literatura?) e muito falso: o sentido ainda é pulsão, é, aliás, pulsão levada a seu mais alto grau de realização, pois utiliza o meio mais eficiente, a compreensão, para chegar a seus fins. Essa busca de sentido e de beleza não é o sinal de uma natureza ativa do homem que, escapando à própria animalidade, encontra nas luzes do espírito a justificativa de seu ser: é uma arma afiada a serviço de um fim material e trivial. E, quando a arma se considera ela mesma um objeto, é uma simples consequência dessa fiação neuronal específica que nos distingue dos outros animais, e, nos permitindo sobreviver por esse meio eficiente - a inteligência, nos oferece também a possibilidade da complexidade sem fundamento, do pensamento sem utilidade, da beleza sem função. E como um bug, uma consequência sem consequência da sutileza do nosso córtex, um desvio supérfluo utilizando à toa os meios disponíveis.

Mas, mesmo se a busca não divaga dessa maneira, continua a ser uma necessidade que não desmente a animalidade. A literatura, por exemplo, tem uma função pragmática.

Como toda forma de Arte, tem a missão de tornar suportável a realização de nossos deveres vitais. Para uma criatura que, como o humano, molda seu destino na base da reflexão e da reflexividade, o conhecimento que daí decorre tem o caráter insuportável de toda lucidez nua. Sabemos que somos animais dotados de uma arma de sobrevivência, e não deuses moldando o mundo com seu pensamento próprio, e é preciso algo para que essa sagacidade se torne tolerável, algo que nos salve da triste e eterna febre dos destinos biológicos.

Então, inventamos a Arte, esse outro processo dos animais que somos, a fim de que nossa espécie sobreviva.

Nada agrada mais à verdade do que a simplicidade da verdade é a lição que Colombe Josse deveria ter guardado de suas leituras medievais. Fazer rapapés conceituais a serviço do nada é, no entanto, todo o benefício que ela parece tirar do negócio. É um desses meandros inúteis e é também um desperdício vergonhoso de recursos, incluindo o boy e a mim mesma.

Percorro as páginas pouco anotadas do que deve ser uma versão final e fico consternada. Reconhecemos que a senhorita tem uma pluma que se defende

bastante bem, embora ainda um pouco jovem. Mas que a classe média se mate de trabalhar para financiar com seu suor e seus impostos uma pesquisa tão vã e pretensiosa me deixa pasma.

Secretárias, artesãos, empregados, funcionários de baixo escalão, motoristas de táxi e concierges enfrentam um cotidiano de madrugadas cinzentas a fim de que a fina flor da juventude francesa, devidamente alojada e remunerada, desperdice todo o fruto dessa rotina no altar dos trabalhos ridículos.

No entanto, a priori é muito apaixonante: Existem universos ou apenas coisas singulares? é a pergunta a que percebo que Guillaume dedicou o essencial de sua vida.

Acho que é uma interrogação fascinante: cada coisa é uma entidade individual e, nesse caso, o que é parecido entre uma coisa e outra não passa de uma ilusão ou de um efeito da linguagem, que procede por palavras e conceitos, por generalidades, designando e englobando várias coisas particulares - ou existem realmente formas gerais das quais as coisas singulares participam e que não sejam simples fatos de linguagem? Quando dizemos: uma mesa, quando pronunciamos o nome de mesa, quando formamos o conceito de mesa, designamos sempre apenas esta mesa aqui ou nos remetemos realmente a uma entidade mesa universal que fundamenta a realidade de todas as mesas particulares existentes? A ideia de mesa é real ou pertence apenas ao nosso espírito? Nesse caso, por que certos objetos são semelhantes? É a linguagem que os agrupa artificialmente e para a comodidade do entendimento humano em categorias gerais, ou existe uma forma universal da qual participa toda forma específica?

Para Guillaume, as coisas são singulares, o realismo dos universos, errôneo. Há apenas realidades particulares, a generalidade é só do espírito, e supor a existência de realidades genéricas é complicar o que é simples. Mas estamos tão certos disso? Que congruência existe entre um Rafael e um Vermeer?, eu me perguntava ontem mesmo à noite. O olhar ali reconhece uma forma comum da qual os dois participam: a da Beleza. E, de meu lado, creio que é preciso que exista realidade nessa forma, que ela não seja um simples expediente do espírito humano que classifica para compreender, que discrimina para apreender: pois nada se pode classificar que não se preste a isso, nada agrupar que não seja agrupável, nada juntar que não seja juntável. Nunca uma mesa será Vista de Delft: o espírito humano não pode criar essa dissemelhança, da mesma maneira que não tem o poder de gerar a solidariedade profunda que tece uma natureza-morta holandesa e uma Madona italiana. Assim como cada mesa participa de uma essência que lhe dá sua forma, toda obra de arte participa de uma forma universal que, só ela, pode lhe dar essa marca. Decerto, não percebemos

diretamente essa universalidade: é uma das razões pelas quais tantos filósofos relutaram em considerar as essências como reais, pois sempre vejo apenas esta mesa presente e não a forma universal "mesa", só este quadro aqui e não a própria essência do Belo. E, no entanto... no entanto, ela está ali, diante dos nossos olhos: cada quadro de um mestre holandês é uma encarnação dela, uma aparição fulgurante que só podemos contemplar através do singular mas que nos dá acesso à eternidade, à atemporalidade de uma forma sublime.

A eternidade, esse invisível que olhamos.

Capítulo 61 - A cruzada justa

Ora, vocês acham que tudo isso interessa à nossa aspirante à glória intelectual?

Que nada.

Colombe Josse, que não tem nenhuma consideração ordenada pela Beleza ou pelo destino das mesas, aferra-se a explorar o pensamento teológico de Ockham ao sabor de trejeitos semânticos desprovidos de interesse. O mais notável é a intenção que preside todo o empreendimento: trata-se de fazer das teses filosóficas de Ockham a consequência de sua concepção da ação de Deus, remetendo seus anos de trabalho filosófico à categoria de excrescências secundárias de seu pensamento teológico. E sideral, inebriante como o mau vinho e sobretudo muito revelador do funcionamento da Universidade: se você quer fazer carreira, pegue um texto marginal e exótico

(a Suma de lógica de Guillaume d'Ockham), ainda pouco explorado, insulte seu sentido literal procurando nele uma intenção que o próprio autor não tinha percebido (pois todos sabem que, em matéria de conceito, o não-sabido é bem mais poderoso do que todos os desígnios conscientes), deforme-o até o ponto de ele apresentar semelhança com uma tese original (é a força absoluta de Deus que fundamenta uma análise lógica cujas implicações filosóficas são ignoradas), queime, enquanto isso, todos os ícones (o ateísmo, a fé na Razão contra a razão da fé, o amor pela sabedoria e outras baboseiras caras aos socialistas), dedique um ano de sua vida a esse joguinho indigno, às custas de uma coletividade que você acorda às sete da manhã, e mande um boy à casa do seu orientador de tese.

De que serve a inteligência senão para servir? E não falo dessa falsa servidão que é a dos grandes funcionários do Estado e que eles exibem orgulhosamente como marca de sua virtude: é uma humildade de fachada, que não passa de vaidade e desprezo. Envergando toda manhã a ostentatória modéstia do grande servidor, Etienne de Broglie desde então me convenceu do orgulho de sua casta. Inversamente, os privilégios criam verdadeiros deveres. Pertencer ao pequeno cenáculo fechado da elite é dever servir na mesma proporção da glória e da fluidez na existência material que se colhem pelo preço desse pertencimento. Sou, como Colombe Josse, uma jovem estudante de filosofia para quem o futuro está aberto? Então devo me preocupar com o

progresso da Humanidade, com a solução dos problemas cruciais para a sobrevivência, o bem-estar ou a elevação do gênero humano, o advir da Beleza no mundo ou a cruzada justa pela autenticidade filosófica. Não é um sacerdócio, há a escolha, os campos são vastos. Não se entra para a filosofia como se entra para o seminário, tendo um credo como espada e uma via única como destino. Alguém trabalha sobre Platão, Epicuro, Descartes, Espinosa, Kant, Hegel ou mesmo Husserl? Sobre a estética, a política, a moral, a epistemologia, a metafísica? Dedicar-se ao ensino, à constituição de uma obra, à pesquisa, à Cultura? É indiferente. Pois, em tal matéria, só importa a intenção: elevar o pensamento, contribuir para o interesse comum, ou então aderir a uma escolástica que não tem outro objeto além de sua própria perpetuação e outra função além da autorreprodução de elites estéreis – pela qual a Universidade se torna seita.

Capítulo 62 - Pensamento profundo nº 14

Vá à Angelina

Para saber

Por que os carros queimam

Hoje aconteceu uma coisa apaixonante! Fui à casa da Sra. Michel lhe pedir que levasse uma correspondência para Colombe quando o boy a deixasse na portaria. Na verdade, é sua dissertação de mestrado sobre Guillaume d'Ockham, é uma primeira versão que seu orientador teve de reler e lhe devolve com as anotações. O mais engraçado é que Colombe foi despachada pela Sra. Michel porque bateu na casa dela às sete horas para pedir que lhe levasse o envelope. A Sra. Michel deve ter brigado com ela (só tem de atender a partir das oito), porque Colombe subiu como uma fúria berrando que a concierge era uma velha cretina; afinal, quem ela pensava que era, só faltava essa! Mamãe de repente fez cara de quem lembra que, sim, de fato, num país desenvolvido e civilizado ninguém incomoda as concierges a qualquer hora do dia e da noite (melhor seria se tivesse lembrado antes que Colombe descesse), mas isso não acalmou minha irmã, que continuou a berrar que não era porque ela havia se enganado de hora que aquela figurinha xexelenta tinha o direito de bater com a porta no seu nariz. Mamãe deixou para lá. Se Colombe fosse minha filha (Darwin me proteja), eu teria lhe dado dois tabefes.

Dez minutos depois, Colombe veio ao meu quarto com um sorriso todo derretido. Isso, eu não suporto. Ainda prefiro que gritem comigo. "Paloma, minha fofinha, quer me fazer um grande favor?", ela arrulhou. "Não", respondi. Ela respirou fundo, lamentando que eu não seja sua escrava pessoal - poderia ter mandado me açoitar - se sentiria muito melhor - essa pirralha me irrita. "Quero um acordo", acrescentei. "Você nem sabe o que eu quero", ela retrucou com um arzinho de desprezo. "Você quer que eu vá até a Sra. Michel", eu disse. Ela ficou de queixo caído. De tanto pensar que sou débil, acabou acreditando. "Ok, se você não puser música alta no seu quarto durante um mês", eu disse. "Uma semana", disse Colombe. "Então não vou", respondi. "Ok", disse Colombe, "vá até aquela velha nojenta e diga-lhe para me trazer a encomenda de Marian assim que chegar à portaria." E saiu, batendo a porta.

Portanto, fui até a Sra. Michel, que me convidou para tomar um chá.

Por ora, eu a estou testando. Não disse muita coisa. Ela olhou para mim estranhamente, como se me visse pela primeira vez. Não comentou nada a respeito de Colombe.

Se fosse uma concierge de verdade, teria dito algo como: "Sim, bem, mas a sua irmã, aquela lá, que ela não fique achando que tudo é permitido". Em vez disso, me ofereceu uma xícara de chá e falou comigo muito educadamente, como se eu fosse uma pessoa de verdade.

Na casa dela, a televisão estava ligada. Ela não assistia.

Passava uma reportagem sobre os jovens que queimam carros nos

subúrbios. Vendo aquelas imagens, pensei: o que é que pode levar um jovem a queimar um carro?

O que é que pode se passar na sua cabeça? E, depois, foi o seguinte pensamento que me veio: e eu? Por que quero queimar o apartamento? Os jornalistas falam de desemprego e de miséria, eu falo de egoísmo e da falsidade da minha família. Mas são bobagens. Sempre houve desemprego e miséria e famílias de merda. E nem por isso se queimam carros ou apartamentos todas as manhãs, ora essa! Pensei que, afinal, tudo isso eram falsas razões. Por que é que se queima um carro? Por que eu quero pôr fogo no apartamento?

Não tive resposta para minha pergunta até que fui fazer compras com minha tia Hélène, irmã de mamãe, e minha prima Sophie. Na verdade, se tratava de ir comprar um presente para o aniversário de mamãe, que festejamos no domingo que vem. Aproveitamos o pretexto de irmos juntas ao museu Dapper e, na verdade, fomos bater as lojas de decoração do 2º e do 8º arrondissement. A ideia era encontrar um porta-guarda-chuvas e comprar também meu presente.

Quanto a esse porta-guarda-chuvas, foi uma novela. Demorou três horas, se bem que, para mim, todos os que vimos fossem estritamente idênticos, ou cilindros bobos, ou uns troços com ferragens do gênero antiquário. Tudo pelos olhos da cara. Vocês não ficam meio incomodados com a ideia de que um porta-guarda-chuvas possa custar duzentos e noventa e nove euros? No entanto, foi o preço que Hélène pagou por uma coisa pretensiosa "de couro envelhecido" (pois sim: esfregado com escova de aço, e olhe lá) com costuras do tipo seleiro, como se morássemos num haras. Comprei para mamãe uma caixinha para os calmantes, de laca preta, numa butique asiática. Trinta euros. Eu já achava muito caro, mas Hélène me perguntou se queria comprar outro, já que aquele não era grande coisa. O marido de Hélène é gastroenterologista, e posso garantir que, no país dos médicos, o gastroenterologista não é o mais pobre... Mas mesmo assim gosto de Hélène e Claude porque eles são... bem, não sei direito como dizer... íntegros. Estão contentes com a vida deles, acho, quer dizer, não brincam de ser coisa diferente do que são. E têm Sophie. Minha prima Sophie é trissômica. Não sou do gênero de me extasiar com os trissômicos como é de bom-tom se fazer na minha família (até Colombe se presta a isso). O discurso correto é: eles são deficientes, mas são tão cativantes, afetuosos, tão comoventes! Pessoalmente, acho a presença de Sophie um tanto cansativa: ela baba, grita, embirra, faz manha e não entende nada.

Mas isso não quer dizer que eu não aprove Hélène e Claude. Eles mesmos dizem que ela é uma dureza e que é um verdadeiro inferno ter uma filha trissômica, mas se amam e cuidam dela muito bem, eu acho. Isso, e mais o caráter íntegro deles, pois é, faz com que eu goste muito deles. Quando se vê

mamãe bancando a mulher moderna sem complexos ou Jacinthe Rosen brincando de ser uma burguesa-desde-o-berço, isso torna Hélène, que não brinca de coisa nenhuma e está contente com o que é, um bocado simpática.

Mas, em suma, depois da novela do porta-guarda-chuvas, fomos comer um doce e tomar um chocolate na Angelina, o salão de chá da Rue de Rivoli. Vocês vão me dizer que não há nada mais distante da temática jovens do subúrbio que queimam carros. Pois é, de jeito nenhum! Vi uma coisa na Angelina que me permitiu entender certas outras coisas. Na mesa ao lado da nossa havia um casal com um bebê. Um casal de brancos com um bebê asiático, um garotinho que se chamava Théo. Hélène e eles se simpatizaram e conversaram um pouquinho. Simpatizaram-se na qualidade de pais de um filho diferente, evidentemente, foi assim que se reconheceram e começaram a conversar.

Soubemos que Théo era um garotinho adotado, que tinha quinze meses quando o trouxeram da Tailândia, que seus pais morreram no tsunami, bem como todos os seus irmãos e irmãs. Mas eu olhava em torno de mim e pensava: como ele vai fazer? Afinal de contas, estávamos na Angelina: todas aquelas pessoas bem-vestidas, comendo cheias de nove-horas em confeitarias caríssimas, e que só estavam lá para... bem, pelo significado do lugar, pelo fato de pertencerem a um certo mundo, com suas crenças, seus códigos, seus projetos, sua história *etc.* É simbólico, sabem. Quando tomamos chá na Angelina, estamos na França, num mundo rico, hierarquizado, racional, cartesiano, civilizado. Como o pequeno Théo vai fazer? Passou os primeiros meses de vida numa aldeia de pescadores da Tailândia, num mundo oriental, dominado por valores e emoções próprias, em que o pertencimento simbólico talvez se expresse na festa da aldeia, quando se homenageia o deus da Chuva, quando as crianças são banhadas em crenças mágicas *etc.* E ei-lo na França, em Paris, na Angelina, imerso sem transição numa cultura diferente e numa posição que mudou de cabo a rabo: da Ásia à Europa, do mundo dos pobres ao mundo dos ricos.

Então, de repente pensei: Théo talvez tenha vontade de queimar carros, mais tarde. Porque é um gesto de cólera e de frustração, e talvez a maior cólera e a maior frustração não seja o desemprego, não seja a miséria, não seja a ausência de futuro: seja a sensação de não ter cultura, porque a pessoa está dilacerada entre culturas, símbolos incompatíveis. Como existir se não sabemos onde estamos? Se é preciso assumir ao mesmo tempo uma cultura de pescadores tailandeses e de grandes burgueses parisienses? De filhos de imigrantes e de membros de uma velha nação conservadora? Então, queimam os carros porque quem não tem cultura não é mais um animal civilizado: é um bicho selvagem. E um bicho selvagem, isso aí queima, mata, saqueia.

Sei que não é muito profundo, mas mesmo assim tive um pensamento

profundo depois disso, quando indaguei: e eu? Qual é o meu problema cultural? Por que estou dilacerada entre crenças incompatíveis? Por que sou um bicho selvagem?

Então, tive uma iluminação: lembrei-me dos cuidados conjuratórios com as plantas de mamãe, das manias fóbicas de Colombe, da angústia de papai porque vovó está num lar de idosos, e de todo um monte de outros fatos como esses. Mamãe acredita que se pode conjurar a sorte com uma borrifada de spray, Colombe, que se pode afastar a angústia lavando as mãos, e papai, que ele é um mau filho que será castigado porque abandonou a mãe: finalmente, têm crenças mágicas, crenças de primitivos, mas, ao contrário dos pescadores tailandeses, não podem assumi-las porque são franceses -educados-ricos-cartesianos.

E eu, eu sou talvez a maior vítima dessa contradição porque, por uma razão desconhecida, sou hipersensível a tudo o que é dissonante, como se tivesse um tipo de ouvido absoluto para as fíftas, para as contradições. Essas contradições e todas as outras... E, de repente, já não me reconheço em nenhuma crença, em nenhuma dessas culturas familiares incoerentes.

Talvez eu seja o sintoma da contradição familiar e, portanto, esta que deve desaparecer para que a família se porte bem.

Capítulo 63 - O adágio de base

Quando Manuela voltou às duas horas, da casa dos De Broglie, já tive tempo de reinserir a dissertação no envelope e entregá-lo na casa dos Josse.

Nessa ocasião, tive uma interessante conversa com Solange Josse.

Vocês hão de lembrar que, para os moradores, sou uma concierge tapada que está na fronteira vaporosa da visão etérea deles. Nesse quesito, Solange Josse não é exceção, mas, como é casada com um parlamentar socialista, faz esforços.

"bom dia", ela me diz ao abrir a porta e pegar o envelope que lhe entrego.

Esforços assim.

"Paloma, sabe", continua, "é uma menina muito excêntrica."

Olha para mim a fim de verificar meu conhecimento da palavra. Faço um ar neutro, um dos meus favoritos, que deixa todo o espaço para interpretações.

Solange Josse é socialista, mas não acredita no homem.

"Quero dizer que ela é meio esquisita", articula como se falasse a uma surda.

"Ela é muito simpática", digo, tomando a iniciativa de injetar na conversa um pouco de filantropia.

"É, sim", diz Solange Josse no tom de quem gostaria de chegar ao ponto mas deve previamente vencer os obstáculos que a subcultura do outro lhe opõe. "É uma menina simpática, mas às vezes se comporta estranhamente. Adora se esconder, por exemplo, desaparece durante horas."

"É", digo, "ela me disse."

É um ligeiro risco, comparado com a estratégia que consiste em não dizer nada, não fazer nada e não entender nada. Mas acho que posso representar esse papel sem trair minha natureza.

"Ah, ela lhe disse?"

Solange Josse assume, de repente, o tom vago. Como saber o que a concierge entendeu do que Paloma disse? é a pergunta que, mobilizando seus recursos cognitivos, a desconcentra e lhe dá o ar ausente.

"É, ela me disse", respondo com, devo dizer, um certo talento para o laconismo.

Atrás de Solange Josse, vejo Constitution, que passa em baixa velocidade, com a fuça entediada.

"Ah, cuidado, o gato", ela diz.

E sai para o patamar fechando a porta atrás de si. Não deixar o gato sair e não deixar a concierge entrar é o adágio de base das senhoras socialistas.

"Em suma", continua, "Paloma me disse que gostaria de ir à sua casa de vez em quando.

É uma criança muito sonhadora, gosta de pousar em algum lugar e não fazer nada.

Para falar francamente, eu preferiria que ela fizesse isso em casa."

"Ah", digo.

"Mas de vez em quando, se não a incomodar... Assim, ao menos, saberei onde ela está. Nós todos enlouquecemos ao procurá-la por toda parte. Colombe, que tem trabalho até a raiz dos cabelos, não anda muito contente de ter de passar horas a vasculhar o céu e a terra para encontrar a irmã."

Ela entreabre a porta, verifica que Constitution deixou o campo limpo.

"Não se incomoda?", ela pergunta, já preocupada com outra coisa.

"Não", digo, "ela não me incomoda."

"Ah, ótimo, ótimo", diz Solange Josse, cuja atenção é decididamente monopolizada por uma coisa urgente e muito mais importante. "Obrigada, obrigada, é muito gentil de sua parte."

E fecha a porta.

Capítulo 64 - Antípoda

Depois disso, cumpro meu ofício de concierge e, pela primeira vez no dia, tenho tempo de meditar. A noite da véspera me volta com um curioso ressaibo. Há uma agradável fragrância de amendoim mas também um início de angústia surda. Tento me desviar disso e me absorvo em molhar as plantas em todos os andares do prédio, a típica tarefa que considero o antípoda da inteligência humana.

Faltando um minuto para as duas, chega Manuela, com o ar tão cativado quanto Neptune quando examina de longe uma casca de abobrinha.

"E aí?", ela reitera sem esperar, e me entregando umas madeleines numa cestinha redonda de palha.

"vou mais uma vez precisar dos seus préstimos", digo.

"Ah, é?", ela modula arrastando muito forte, e sem querer, o "é-é".

Nunca vi Manuela em tal estado de excitação.

"Vamos tomar chá no domingo, e levarei os doces", digo.

"Aaaaah", ela diz radiante, "os doces!"

E, imediatamente pragmática:

"Tenho que fazer alguma coisa que se possa guardar."

Manuela trabalha até o meio-dia de sábado.

"Na sexta-feira à noite, vou lhe fazer um glutof, declara depois de um curto tempo de reflexão.

O glutof é um doce alsaciano um pouco glutão.

Mas o glutof de Manuela é também um néctar. Tudo o que a Alsácia comporta de pesado e seco se transfigura em suas mãos numa obra-prima perfumada.

"Você vai ter tempo?", pergunto.

"Claro", diz, nas nuvens, "sempre tenho tempo para um glutof para você!"

Então lhe conto tudo: a chegada, a natureza-morta, o saque, Mozart, os guiozas, o zalu, Kitty, as irmãs Munakata, e todo o resto.

Tenha só uma amiga, mas a escolha bem.

"Você é formidável"; diz Manuela no final do meu relato. "Todos esses imbecis aqui, e você, quando pela primeira vez temos um cavalheiro fino, você é convidada para ir à casa dele."

Engole uma madeleine.

"Ha!", exclama de repente, aspirando com força o h. "vou fazer também umas tartelettes ao uísque!"

"Não", digo, "não precisa de tanto trabalho, Manuela, o... glutof será suficiente."

"Tanto trabalho?", ela responde. "Mas, Renée, é você que tem me feito bem todos esses anos!"

Reflete um instante, pesca uma lembrança.

"O que Paloma fazia aqui?", pergunta.

"Bem", digo, "descansava um pouco de sua família."

"Ah", diz Manuela, "coitadinha! É bom que se diga que com a irmã que tem..."

Manuela nutre por Colombe, cujos farrapos de mendigo ela queimaria de bom grado antes de despachá-la para os campos para uma pequena revolução cultural, sentimentos inequívocos.

"O menino dos Pallières fica de boca aberta quando ela passa", acrescenta. "Mas ela nem o vê. Ele deveria enfiar um saco de lixo na cabeça. Ah, se todas as senhoritas do prédio fossem como Olympe..."

"É verdade, Olympe é muito simpática", digo.

"É", diz Manuela, "é uma boa menina. Neptune teve umas caganeiras na terça-feira, sabe, pois é, ela cuidou dele."

Uma só caganeira seria muito mesquinho.

"Eu sei", digo, "ficamos bem servidos, e compraram um novo tapete para o hall. Entregam amanhã. Mal não vai fazer, pois aquele lá estava horroroso."

"Sabe, você pode ficar com o vestido", diz Manuela. "A filha da senhora disse à Maria: guarde tudo, e Maria me pediu para lhe dizer que lhe dá o vestido."

"Ah", digo, "é realmente muita gentileza dela, mas não posso aceitar."

"Ah, não comece de novo", diz Manuela, zangada. "De qualquer maneira, é você que vai pagar a lavanderia."

"Bem, agradeça a Maria por mim, realmente estou muito tocada", digo.

"Antes disso", ela diz. "Sim, sim, vou agradecer a ela em seu nome."

Alguém dá duas pancadinhas na porta.

Capítulo 65 - O abas pórtus

E Kakuro Ozu.

"Boa tarde, boa tarde", diz, aos pulinhos. "Ah, boa tarde, Sra. Lopes", acrescenta ao ver Manuela.

"Boa tarde, Sr. Ozu", ela responde quase berrando.

Manuela é uma pessoa muito entusiasta.

"Estávamos tomando chá, quer se juntar a nós?"

"Ah, de bom grado", diz Kakuro, pegando uma cadeira. E, ao perceber Leon: "Ah, esse tipão! Da outra vez não o vi direito. Até parece um sumô!".

"Mas pegue uma madeleine", diz Manuela, que se atrapalha toda enquanto empurra a cestinha para Kakuro.

"Obrigado", diz Kakuro, pegando uma.

"Ótima!", ele articula depois da primeira dentada.

Manuela se remexe na cadeira, com ar de felicidade.

"Vim pedir sua opinião", diz Kakuro depois de quatro madeleines. "Estou em plena discussão com um amigo sobre a questão da supremacia europeia em matéria de cultura", ele continua, me dando uma graciosa piscadela.

Manuela, que bem que poderia ser mais indulgente com o pequeno Pallières, está de boca escancarada.

"Ele se inclina para a Inglaterra, e eu sou evidentemente pela França. Então, disse a ele que conhecia alguém que poderia nos desempatar. Aceita ser o árbitro?"

"Mas eu sou juiz e parte interessada", digo me sentando, "não posso votar."

"Não, não, não", diz Kakuro, "não vai votar. Vai só responder à minha pergunta: quais são as duas maiores invenções da cultura francesa e da cultura britânica? Esta tarde estou com sorte: a Sra. Lopes também vai dar sua opinião, se quiser", acrescenta.

"Os ingleses...", começa Manuela muito em forma, e depois para "Primeiro você, Renée", diz, subitamente convocada pela prudência e se lembrando talvez de que é portuguesa.

Penso um instante.

"Da França: a língua do século XVIII e o queijo que baba."

"E da Inglaterra?", pergunta Kakuro.

"Da Inglaterra é fácil", digo.

"O pudinngueuh?", sugere Manuela pronunciando tal e qual.

Kakuro ri às gargalhadas.

"Preciso de outra", diz.

"Bem, o rutebi", ela diz, sempre very British.

"Ha, ha", ri Kakuro. "Concordo! E você, Renée, a sua proposta?"

"O habeas corpus e a grama", digo rindo.

E, com isso, todos nós rimos, até Manuela, que entendeu "u abas pórtus", o que não quer dizer nada, mas mesmo assim é muito engraçado.

Nesse exato momento, batem à porta.

É uma loucura como a minha casa, que ontem não interessava a ninguém, hoje parece o centro da atenção mundial.

"Entre", digo sem refletir, no calor da conversa.

Solange Josse enfia a cabeça pela porta.

Nós três olhamos para ela com um ar indagador, como se fôssemos os convivas de um banquete a quem uma empregada mal-educada importunasse.

Ela abre a boca, desiste.

Paloma enfia a cabeça pela porta, na altura da fechadura.

Endireito-me, levanto.

"Posso deixar Paloma aqui por uma horinha?", pergunta a Sra. Josse, que também se refez mas cujo curiosímetro explode.

"Boa tarde", diz ela a Kakuro, que se levantou e foi apertar sua mão.

"Boa tarde, cara senhora", ele diz, amável. "Boa tarde, Paloma, fico feliz em vê-la. Bem, querida amiga, ela está em boas mãos, pode deixá-la conosco."

De como despachar com graça e numa só lição.

"Ha... bom... sim... obrigada", diz Solange Josse, dando lentamente um passo para trás, ainda meio zozna.

Fecho a porta atrás dela.

"Quer uma xícara de chá?", pergunto.

"com muito prazer", ela responde.

Uma verdadeira princesa entre os dirigentes do partido.

Sirvo-lhe meia xícara de chá de jasmim enquanto Manuela lhe passa as madeleines sobreviventes.

"O que os ingleses inventaram, na sua opinião?", pergunta-lhe Kakuro, ainda no seu concurso cultural.

Paloma reflete intensamente.

"O chapéu como emblema da psicorrigidez", diz.

"Magnífico", diz Kakuro.

Noto que, provavelmente, subestimei amplamente Paloma e que terei de aprofundar essa história, mas, como o destino sempre bate à porta três vezes, e já que todos os conspiradores estão fadados um dia a ser desmascarados, alguém tamborila de novo na vidraça da minha porta, diferindo minha reflexão.

Paul N’Guyen é a primeira pessoa que não parece surpresa com coisa nenhuma.

"Boa tarde, Sra. Michel", ele me diz. E depois: "Boa tarde a todos".

"Ah, Paul", diz Kakuro, "desacreditamos definitivamente a Inglaterra."

Paul sorri, gentil.

"Muito bem", ele diz. "Sua filha acaba de telefonar. Vai ligar daqui a cinco minutos."

E lhe entrega um celular.

"Está bem", diz Kokuro. "Bem, senhoras, tenho de me despedir."

Inclina-se diante de nós.

"Adeusinho", proferimos numa mesma voz, como um coro virginal.

"Bem", diz Manuela, "aí está uma boa coisa feita."

"Qual?", pergunto.

"Todas as madeleines foram comidas."

Rimos.

Ela olha para mim de um jeito sonhador e sorri.

"É inacreditável, hein?", me diz.

Sim, é inacreditável.

Renée, que agora tem duas amigas, já não está tão arisca.

Mas Renée, que agora tem duas amigas, sente instalar-se nela um terror informe.

Quando Manuela sai, Paloma se aboleta sem cerimônia na poltrona do gato, na frente da TV, e, me olhando com seus grandes olhos arregalados, pergunta: "A senhora acredita que a vida tem sentido?"

Capítulo 66 - Azul-noite

Na lavanderia, tive de enfrentar o mau humor da dona.

"Manchas assim num vestido desta qualidade", ela praguejou, me entregando um cupom azul-escuro.

Hoje de manhã, é a outra que entrego meu retângulo de papel. Mais moça e menos despachada. Ela remexe interminavelmente as fileiras compactas de cabides e depois me entrega um belo vestido de linho cor de ameixa, dentro de um plástico transparente.

"Obrigada", digo recebendo o dito-cujo depois de uma ínfima hesitação.

Portanto, devo acrescentar ao capítulo de minhas torpezas o sequestro de um vestido que não me pertence, em troca do vestido que roubei de uma falecida. O mal se aninha, aliás, no ínfimo da minha hesitação. Tivesse ela nascido de um remorso ligado ao conceito de limpeza, e eu ainda poderia implorar o perdão de São Pedro; mas temo que só se deva ao tempo necessário para validar a praticabilidade do delito.

À uma da tarde, Manuela passa em casa para entregar o glutof.

"Queria vir mais cedo", diz, "mas a Sra. de Bioglie me vigiava de rabo."

Para Manuela, o rabo do olho é uma incompreensível precisão.

Em matéria de glutofhá, em meio a um festival de papel de seda azul-noite, um magnífico bolo alsaciano revisitado pela inspiração, umas tartelettes ao uísque tão finas que dá medo de quebrar e umas tuiles eux amandes bem caramelizadas nas beiradas. Fico com água na boca, instantaneamente.

"Obrigada, Manuela", digo, "mas somos só dois, você sabe."

"Então comece logo de uma vez", ela me diz.

"De novo, muito obrigada", digo, "devo ter tomado o seu tempo."

"Que nada", diz Manuela. "Fiz tudo em dobro, e Fernando lhe agradece."

Capítulo 67 - Diário do movimento do mundo nº 7

Essa hoste quebrada que por vós eu amei

Pergunto-me se não estou me transformando em esteta contemplativa. com uma grande tendência zen e, ao mesmo tempo, uma pitada de Ronsard.

Explico. É um "movimento do mundo" um pouco especial porque não é um movimento do corpo. Mas hoje, tomando o café-da-manhã, vi um movimento. THE movimento. A perfeição do movimento. Ontem (era segunda-feira), a Sra. Grémont, a faxineira, trouxe um buquê de rosas para mamãe. A Sra. Grémont passou o domingo na casa da irmã, que tem um lotezinho de terra em Suresnes, um dos últimos, e trouxe um buquê das primeiras rosas da estação: rosas amarelas, de um lindo amarelo pálido do tipo primavera. Segundo a Sra. Grémont, essa roseira se chama "The pilgrim", "O peregrino". Só isso já me agradou. Afinal, é bem mais elevado, mais poético ou menos meloso do que chamar as roseiras de "Madame Figaro" ou "Um amor de Proust" (não estou inventando). Bem, deixemos de lado o fato de a Sra. Grémont oferecer rosas a mamãe. As duas têm a mesma relação que têm todas as burguesas progressistas com suas faxineiras, embora mamãe esteja convencida de que ela é um caso à parte: uma boa velha relação paternalista tendência rosa (a gente oferece um café, paga corretamente, jamais repreende, dá roupas velhas e os móveis quebrados, interessa-se pelos filhos e, em troca, tem direito a buquês de rosa e a colchas marrom e bege de crochê). Mas essas rosas..*, eram uma coisa.

Portanto, eu estava tomando café da manhã e olhava para o buquê em cima da bancada da cozinha. Acho que não pensava em nada. Talvez tenha sido por isso, aliás, que vi o movimento; se estivesse absorvida em outra coisa, se a cozinha não estivesse silenciosa, se houvesse outra pessoa na cozinha, talvez eu não tivesse prestado muita atenção. Mas estava sozinha e calma e vazia. Portanto, pude recebê-lo em mim.

Teve um barulhinho, quer dizer, um tremorzinho do ar que fez "chhhh" bem, bem, bem devagarinho: era um botão de rosa com um pedacinho de haste quebrada que caía na bancada. No momento em que a tocou, fez "pof", um "pof" do tipo ultrassom, só para ouvidos de morcegos ou para ouvidos humanos quando tudo está muito, muito, muito silencioso. Fiquei com a colher no ar,

completamente fascinada. Era magnífico. Mas o que era magnífico assim? Eu não acreditava: era só um botão de rosa na ponta de uma haste quebrada que acabava de cair na bancada. E daí?

Compreendi ao me aproximar e ao olhar para o botão de rosa imóvel, que terminara sua queda. É um troço que tem a ver com o tempo, não com o espaço. Ah, claro, é sempre bonito um botão de rosa que acaba de cair graciosamente. E tão artístico: seria fartamente pintado! Mas não é isso que explica THE movimento. O movimento, essa coisa que parece espacial...

Eu, ao olhar aquela haste e aquele botão, intuí num milésimo de segundo a essência da Beleza. Sim, eu, uma pirralha de doze anos e meio, tive essa chance inacreditável porque, hoje de manhã, todas as condições estavam reunidas: mente vazia, casa calma, lindas rosas, queda de um botão. E foi por isso que pensei em Ronsard, sem muito compreender no início: porque é uma questão de tempo e de rosas. Porque o que é bonito é o que captamos enquanto passa. É a configuração efêmera das coisas no momento em que vemos ao mesmo tempo a beleza e a morte.

Ai, ai, ai, pensei, será que isso quer dizer que é assim que temos de viver a vida? Sempre em equilíbrio entre a beleza e a morte, o movimento e seu desaparecimento?

Estar vivo talvez seja isto: espreitar os instantes que morrem.

Capítulo 68 - Aos golinhos felizes

E, enfim, estamos no domingo.

Às três da tarde, pego o caminho do quarto andar. O vestido cor de ameixa é um pouquinho grande - uma sorte neste dia de glutof, e meu coração está apertado como um gatinho enrodilhado.

Entre o terceiro e o quarto andar, dou de cara com Sabine Pallières. Faz vários dias que, quando cruza comigo, ela me olha de cima a baixo, ostensivamente, e como que desaprovando meus cabelos vaporosos. Vocês hão de apreciar que desisti de esconder do mundo minha nova aparência. Mas essa insistência me deixa constrangida, por mais liberada que eu esteja. Nosso encontro domingueiro não foge à regra.

"Boa tarde, senhora", digo, continuando a subir os degraus.

Ela me responde com um aceno de cabeça severo, considerando meu penteado, e depois, descobrindo meu traje, para de repente num degrau. Um vento de pânico me levanta e perturba a regulação de minha transpiração, ameaçando meu vestido roubado com a infâmia das marcas de suor debaixo do braço.

"Já que está subindo, pode regar as flores do hall de entrada?", ela me diz num tom exasperado.

Devo relembrar? Estamos num domingo.

"São doces?", ela pergunta de repente.

Estou levando numa bandeja as obras de Manuela enroladas em papel de seda azul-marinho e me dou conta de que meu vestido está disfarçado, de modo que o que suscita a condenação da madame não são minhas pretensões vestimentárias mas a suposta gula de algum pobre-diabo.

"É, uma entrega imprevista", digo.

"Bem, aproveite para regar as flores", diz, e retoma, irritada, a descida.

Chego ao hall do quarto andar e toco a campainha com dificuldade, pois estou levando também a fita, mas Kakuro abre diligentemente e pega na mesma hora minha incômoda bandeja.

"Puxa vida", ele diz, "você não estava brincando, já salivo de antemão."

"Agradeça a Manuela", digo seguindo-o para a cozinha.

"É verdade?", ele pergunta, livrando o glutof de seu excesso de papel de seda azul. "É uma verdadeira pérola."

De repente percebo que há música.

Não está muito alta e emana de alto-falantes invisíveis que espalham o som por toda a cozinha.

Thy hand, lovest soul, darkness shades me, On thy bosom let me rest.,
When I am laid in earth

May my wrongs create
No trouble in thy breast.
Remember me, remember me,
But ah! forget my late.

É a morte de Dido, em Dido e Eneias, de Purcell. Se querem minha opinião: a mais bela obra de canto do mundo. Não é só bonita, é sublime, e tem a ver com o encadeamento incrivelmente denso dos sons, como se fossem ligados por uma força invisível e como se, embora se diferenciando, se fundissem uns nos outros, na fronteira da voz humana, quase no território do lamento animal - mas com uma beleza que os gritos dos animais jamais atingirão, uma beleza nascida da subversão da articulação fonética e da transgressão do cuidado com que a linguagem verbal geralmente distingue os sons. Quebrar os passos, fundir os sons. A Arte é a vida, mas num outro ritmo. "Vamos!", diz Kakuro, que arrumou xícaras, bule, açúcar e guardanapinhos de papel em cima de uma grande bandeja preta. Precedo-o no corredor e, seguindo suas indicações, abro a terceira porta à esquerda.

"Tem um videocassete?", eu tinha perguntado a Kakuro Ozu. "Tenho", ele tinha respondido com um sorriso sibilino. A terceira porta à esquerda abre para uma sala de cinema em miniatura. Há uma grande tela branca, um monte de aparelhos brilhantes e enigmáticos, três fileiras de cinco poltronas de cinema de verdade, estofadas de veludo azul-noite, uma comprida mesa de centro na frente da primeira, e paredes e teto forrados de seda escura.

"Na verdade, é a minha profissão", diz Kakuro. "A sua profissão?"

"Durante mais de trinta anos importei para a Europa aparelhos de som de vanguarda, para as grandes marcas de luxo. E um comércio muito lucrativo - mas sobretudo maravilhosamente lúdico para mim, que me apaixono por qualquer gadget eletrônico."

Sento-me numa poltrona deliciosamente estofada, e a sessão começa.

Como descrever esse momento de grande alegria? Vemos As irmãs Munakata numa tela gigantesca, numa suave penumbra, com as costas bem acomodadas num encosto macio, comendo glutof e bebendo chá escaldante aos golinhos felizes. De vez em quando Kakuro para o filme, e comentamos juntos, uma coisa e outra, as camélias sobre o musgo do templo e o destino dos homens quando a vida é muito dura. Por duas vezes vou cumprimentar meu amigo, o Confutatis, e volto para a sala como para uma cama quente e macia.

É um fora-do-tempo dentro do tempo... Quando senti pela primeira vez esse abandono delicioso que só é possível a dois? A quietude que sentimos quando estamos sozinhos, essa certeza sobre nós mesmos na serenidade da solidão, não são nada em comparação com o deixar-se levar, deixar-se ir e deixar falar que se

vive com o outro, em companhia cúmplice... Quando senti pela primeira vez esse relaxamento feliz em presença de um homem?

Hoje, é esta a primeira vez.

Capítulo 69 - Sanae

Quando, às sete horas, depois de ter conversado bastante tomando chá, me preparo para me despedir, passamos de novo pelo salão e observo, sobre uma mesa baixa ao lado de um sofá, a fotografia emoldurada de uma mulher muito bonita.

"Era minha mulher", diz baixinho Kakuro, vendo que o observo. "Ela morreu há dez anos, de câncer. Chamava-se Sanae."

"Sinto muito", digo. "Era uma... mulher muito bonita."

"É", ele diz, "muito bonita."

Faz-se um breve silêncio.

"Tenho uma filha, que vive em Hong Kong", continua, "e já dois netos."

"Deve sentir saudade deles", digo.

"vou lá com frequência. Gosto muito deles. Meu neto, que se chama Jack (seu pai é inglês) e tem sete anos, me disse no telefone hoje de manhã que ontem pescou seu primeiro peixe. E o acontecimento da semana, como pode imaginar!"

Novo silêncio.

"Você também é viúva, creio", diz Kakuro, me escoltando pelo vestíbulo.

"Sou", digo, "sou viúva há mais de quinze anos." Minha garganta está apertada.

"Meu marido se chamava Lucien. Câncer, também..." Estamos diante da porta, nos olhamos com tristeza. "Boa noite, Renée", diz Kakuro. E, com um semblante de alegria reencontrada: "Foi um dia fantástico."

Uma imensa tristeza desaba sobre mim numa velocidade supersônica.

Nuvens escuras

"Você é uma pobre idiota", penso ao tirar o vestido ameixa e ao descobrir glacê ao uísque preso numa casa de botão. "O que é que imaginava? Você não passa de uma pobre concierge. Não há amizade possível entre as classes. E então, que pensava, pobre louca?"

"Que pensava, pobre louca?", não paro de repetir fazendo minha toalete da noite e me enfiando debaixo dos lençóis depois de uma curta batalha com Leon, que não deseja ceder terreno.

O lindo rosto de Sanae Ozu dança diante de meus olhos fechados, e crio para mim a imagem de uma velha coisa repentinamente chamada a uma realidade sem alegria.

Durmo com o coração inquieto. saca.

Na manhã seguinte, tenho uma sensação próxima da res...

No entanto, a semana se passa fantasticamente bem. Kakuro faz algumas aparições repentinas para solicitar meus dons de arbitragem (torta ou bolo? Atlântico ou Mediterrâneo?), e reencontro o mesmo prazer na sua refrescante companhia, apesar das nuvens escuras que cruzam silenciosamente por cima do meu coração. Manuela ri muito ao descobrir o vestido ameixa, e Paloma se incrusta na poltrona de Leon.

"Mais tarde, serei concierge", ela declara à mãe, que olha para mim com um novo olhar, matizado de prudência, quando vem entregar sua progenitura na minha casa.

"Deus te livre", respondo, dando um amável sorriso para a madame. "Você será princesa."

Ela exhibe uma camiseta rosa-bombom combinando com os novos óculos e um ar pugnaz de menina-que-será-conciergecontra-tudo-econtra-todos-sobretudo-minha-mãe.

"Que cheiro é esse?", pergunta Paloma.

Meu banheiro está com um problema de encanamento e ali fede como um dormitório de soldados. Chamei o encanador há seis dias, mas ele não parece muito animado com a ideia de vir.

"Os esgotos", digo, pouco disposta a desenvolver a questão.

"Fracasso do liberalismo", ela diz como se eu nada tivesse respondido.

"Não", digo, "é um cano entupido."

"É isso mesmo que estou dizendo", diz Paloma. "Por que o encanador ainda não veio?"

"Porque ele tem outros clientes?"

"Nada disso", ela retruca. "A resposta certa é: porque não é obrigado. E por que não é obrigado?"

"Porque não tem muitos concorrentes", digo.

"É isso aí", diz Paloma com ar triunfante, "não existe regulamentação suficiente. Ferroviários de mais, encanadores de menos. Pessoalmente, eu preferiria o kolkhoz."

Infelizmente, interrompendo esse diálogo apaixonante, alguém bate na vidraça.

E Kakuro, com um leve arzinho solene.

Entra e vê Paloma.

"Ah, bom dia, jovem", diz. "Bem, Renée, passarei talvez mais tarde?"

"Como quiser", digo. "Está tudo bem?"

"Sim, sim", ele responde.

Depois, tomando uma súbita resolução, se joga na água: "Quer jantar comigo amanhã à noite?"

"Ha", digo, sentindo uma grande aflição tomar conta de mim, "é que..."

É como se as intuições difusas desses últimos dias de repente tomassem corpo.

"Gostaria de levá-la a um restaurante de que gosto muito", ele continua, com cara de cachorro que espera seu osso.

"Num restaurante?", digo, cada vez mais aflita.

À minha esquerda, Paloma faz um ruído de camundongo.

"Escute", diz Kakuro, que parece meio constrangido, "peço-lhe encarecidamente. E... é meu aniversário amanhã, e ficaria feliz de tê-la como companhia."

"Ah", eu digo, incapaz de dizer o que quer que seja.

"Parto para ver minha filha na segunda-feira, e lá festejarei com a família, é claro, mas... amanhã à noite... se você quiser..."

Faz uma pequena pausa, olha para mim com esperança.

Será uma impressão? Parece-me que Paloma está testando a apneia. Instala-se um breve silêncio.

"Escute", digo, "realmente, sinto muito. Não creio que seja uma boa ideia"

"Mas por que isso?", pergunta Kakuro, visivelmente desconcertado.

"E muita gentileza", digo fortalecendo uma voz que tem tendência a relaxar, "fico muito agradecida, mas prefiro não ir, obrigada. Tenho certeza de que tem amigos com quem poderá festejar a ocasião."

Kakuro olha para mim, perplexo.

"Eu...", acaba dizendo, "eu... sim, claro, mas... quer dizer... realmente, adoraria... não entendo."

Franze o cenho.

"Bem", diz, "não entendo."

"É melhor assim", digo, "acredite."

E, andando em sua direção e afastando-o suavemente para a porta, acrescento: "Teremos outras ocasiões de conversar, tenho certeza." Ele bate em retirada com jeito de pedestre que perdeu a calçada.

"Bem, que pena", diz, "eu estava tão alegre com isso. Afinal..."

"Adeus", digo, e fecho de mansinho a porta no nariz dele.

Capítulo 70 - chuva

O pior passou, penso.

Mas é não contar com um destino rosa-bombom; viro-me e fico cara a cara com Paloma.

Que não parece nem um pouco contente.

"Pode-se saber do que a senhora está brincando?", ela me pergunta num tom que me lembra a Sra. Billot, minha última professora.

"Não estou brincando de nada", digo com voz fraca, consciente da puerilidade da minha conduta.

"A senhora previu alguma coisa de especial para amanhã à noite?", pergunta.

"Bem, não", digo, "mas não é por isso..."

"E pode-se saber por quê, então?"

"Acho que não é uma boa coisa", digo.

"E por quê, então?", insiste minha comissária política.

Por quê?

E será que eu sei, pensando bem?

E então que, sem aviso prévio, a chuva começa a cair.

Capítulo 71 - Irmãs

Toda essa chuva...

Na minha terra, chovia no inverno. Não tenho lembrança de dias de sol: só a chuva, o jugo da lama e do frio, a umidade que colava nas nossas roupas, nos nossos cabelos, e, mesmo defronte da lareira, nunca se dissipava totalmente. Quantas vezes pensei, desde então, naquela noite de chuva, quantas lembranças, em mais de quarenta a nós, de um acontecimento que ressurgiu hoje, sob essa chuva torrencial?

Toda essa chuva...

Haviam dado à minha irmã o nome de uma filha mais velha, que nasceu morta, e que por sua vez já tinha o nome de uma tia defunta. Lisette era linda, e, embora ainda criança, eu já sabia disso, se bem que meus olhos ainda não conseguissem determinar a forma da beleza, mas só pressentir seu esboço. Como na minha casa praticamente ninguém falava, isso não era nem sequer dito; mas a vizinhança tagarelava, e, quando minha irmã passava, comentavam sua beleza. "Tão bonita e tão pobre, um destino bem feio", glosava a dona do armário no caminho da escola. Eu, feia e doente de corpo e de espírito, segurava a mão da minha irmã, e Lisette andava, cabeça alta, passo leve, deixando que dissessem, em sua passagem, todos esses destinos funestos que cada um se empenhava em lhe vender.

Aos dezesseis anos, partiu para a cidade para cuidar dos filhos dos ricos. Não a revimos durante todo um ano. Voltou para passar o Natal conosco, com presentes estranhos (pão de mel, fitas de cor viva, sachês de lavanda) e uma cara de rainha. Seria possível encontrar rosto mais rosa, mais animado, mais perfeito que o seu?

Pela primeira vez alguém nos contava uma história, e estávamos presos a seus lábios, ávidos do despertar misterioso que provocavam em nós as palavras saídas da boca daquela moça de granja que se tornara empregada dos poderosos e que falava de um mundo desconhecido, ornamentado e cintilante, onde as mulheres dirigiam carros e voltavam à noite para casas equipadas com aparelhos que faziam o trabalho no lugar dos homens ou davam notícias do mundo quando se acionava o botão...

Quando repenso em tudo isso, calculo a pobreza em que vivíamos. Morávamos a apenas uns cinquenta quilômetros da cidade, e havia um burgo importante a doze, mas permanecíamos como no tempo dos castelos, sem conforto nem esperança enquanto perdurasse nossa íntima certeza de que seríamos sempre camponeses. Provavelmente ainda existe hoje, em algum campo recuado, um punhado de velhos à deriva que ignora a vida moderna, mas ali se tratava de toda uma família ainda jovem e ativa que, quando Lisette descrevia as ruas das cidades iluminadas para o Natal, descobria que existia um mundo de que nem sequer um dia desconfiara.

Lisette partiu de novo. Por alguns dias, como por uma inércia mecânica, continuamos a falar um pouco a seu respeito.

Certas noites, à mesa, o pai comentou as histórias de sua filha. "Bem duro, bem engraçado tudo isso." Depois o silêncio e os gritos se abateram de novo sobre nós como a peste sobre os infelizes.

Quando repenso nisso... Toda aquela chuva, todos aqueles mortos... Lisette tinha o nome de duas falecidas; a mim, haviam me dado o nome de uma só, minha avó materna, morta pouco antes de meu nascimento. Meus irmãos tinham o nome de primos mortos na guerra, e até minha mãe tinha o nome de uma prima que morrera de parto e a quem ela não conhecera. Assim, vivíamos sem palavras nesse universo de mortos para onde, numa noite de novembro, Lisette voltou vinda da cidade.

Lembro-me de toda aquela chuva... O barulho da água martelando o telhado, os caminhos inundados, o mar de lama nas portas de nossa fazenda, o céu negro, o vento, a sensação atroz de uma umidade sem fim, que nos pesava tanto quanto nos pesava a nossa vida: sem consciência nem revolta. Estávamos apertados uns contra os outros perto da lareira quando, de repente, minha mãe se levantou, desequilibrando toda a turma; surpresos, nós a vimos dirigir-se para a porta e, movida por um obscuro impulso, escancará-la.

Toda aquela chuva, ah, toda aquela chuva... Na moldura da porta, imóvel, os cabelos grudados no rosto, o vestido encharcado, os sapatos cobertos de lama, o olhar parado, estava Lisette. Como minha mãe soubera? Como essa mulher que, embora não nos maltratasse, jamais dera a entender que nos amava, nem com gesto nem com palavra, como essa mulher rude que dava à luz seus filhos da mesma maneira que revirava a terra ou alimentava as galinhas, como essa mulher analfabeta, embrutecida a ponto de nunca nos chamar pelo nome que nos dera e que duvido que ela ainda lembrasse, soube que sua filha semimorta, que não se mexia nem falava e olhava fixo para a porta sob a chuva torrencial sem sequer pensar em bater, esperava que alguém abrisse e a fizesse entrar no calor?

Será isso o amor materno, essa intuição no coração diante do desastre, essa

fagulha de empatia que permanece mesmo quando o homem está reduzido a viver como um bicho?

Era o que Lucien tinha me dito: a mãe que ama seus filhos sempre sabe quando eles estão sofrendo. De meu lado, não me inclino para essa interpretação. Tampouco tenho ressentimento contra essa mãe que não era uma. A miséria é uma segadeira: ceifa em nós tudo o que temos de aptidão para o relacionamento com o outro e nos deixa vazios, lavados de sentimentos, para poder suportar toda a negrura do presente. Mas também não tenho crenças tão bonitas; não há nada de amor materno nessa intuição de minha mãe, e somente a tradução em gestos da certeza da desgraça. É uma espécie de consciência nativa, enraizada no mais profundo dos corações, e que lembra que, quando se trata de pobres coitados como nós, sempre chega numa noite de chuva uma filha desonrada que volta para morrer no lar.

Lisette ainda viveu tempo suficiente para pôr seu filho no mundo. O recém-nascido fez o que se esperava dele: morreu em três horas. Dessa tragédia, que para meus pais parecia a marcha natural das coisas, de tal modo que não se comoveram mais nem menos - do que se tivessem perdido uma cabra, tirei duas certezas: vivem os fortes, e morrem os fracos em regozijos e sofrimentos proporcionais a seus lugares hierárquicos, e, assim como Lisette havia sido bela e pobre, eu era inteligente e indigente, fadada a uma punição parecida se esperasse tirar partido de minha mente em menosprezo de minha classe. Enfim, como eu também não podia deixar de ser quem era, achei que meu caminho era o do segredo: devia calar quem era e jamais me misturar com o outro mundo.

De calada, tornei-me, pois, clandestina.

E abruptamente percebo que estou sentada na minha cozinha, em Paris, nesse outro mundo dentro do qual cavei meu pequeno nicho invisível e com o qual tomei muito cuidado de nunca me misturar, e que me debulho em lágrimas enquanto uma menina de olhar incrivelmente caloroso segura minha mão cujas falanges ela acaricia suavemente - e também percebo que disse tudo, contei tudo: Lisette, minha mãe, a chuva, a beleza profanada e, no final, a mão de ferro do destino, que dá às crianças natimortas mães mortas por terem desejado renascer. Desfaço-me num choro de boas lágrimas convulsas, grandes, quentes, longas, confusa mas incompreensivelmente feliz com a transfiguração do olhar triste e severo de Paloma em poços de calor onde aqueço meus soluços.

"Meu Deus", digo, acalmando-me um pouco, "meu Deus, Paloma, como estou sendo idiota!"

"Sra. Michel", ela me responde, "a senhora, sabe, está me dando de novo a esperança."

"A esperança?", digo fungando pateticamente.

"É", ela diz, "parece que é possível mudar de destino."

E ficamos ali longos minutos de mãos dadas, sem dizer nada. Tornei-me a amiga de uma bela alma de doze anos pela qual sinto grande gratidão, e a incongruência desse afeto assimétrico de idade, de condição e de circunstâncias não consegue estragar minha emoção. Quando Solange Josse aparece para pegar a filha, nós nos olhamos, as duas, com a cumplicidade das amizades indestrutíveis, e dizemos até logo na certeza de próximos encontros. Fechada a porta, sento-me na poltrona da TV, com a mão no peito, e me flagro dizendo bem alto: viver talvez seja isso.

Capítulo 72 - Pensamento profundo nº 15

Se quiser se cuidar Cuide

Dos outros

E sorria ou chore Por essa feliz reviravolta do destino Sabem o quê? Pergunto-me se não deixei alguma coisa escapar. Um pouco como alguém que teria más amizades e descobrisse outra via ao encontrar alguém bom. Minhas más amizades são mamãe, Colombe, papai e toda a camarilha. Mas hoje realmente encontrei alguém bom. A Sra. Michel me contou seu traumatismo: ela foge de Kakuro porque ficou traumatizada com a morte da irmã Lisette, seduzida e abandonada por um rapaz de família. Não confraternizar com os ricos para não morrer por causa disso é, desde então, sua técnica de sobrevivência.

Ao escutar a Sra. Michel, fiquei pensando numa coisa: o que é mais traumatizante? Uma irmã que morre porque foi abandonada ou os efeitos permanentes desse fato: o medo de morrer se a pessoa não ficar no seu lugar? A Sra. Michel poderia ter superado a morte da irmã; mas será possível superar a encenação de seu próprio castigo?

E além disso, sobretudo, senti outra coisa, uma sensação nova, e, ao escrevê-la, fico muito emocionada, aliás, tive de largar minha caneta por dois minutos, para chorar. Então, eis o que senti: ao ouvir a Sra. Michel e ao vê-la chorar, mas sobretudo ao sentir o quanto lhe fazia bem me dizer tudo aquilo, compreendi uma coisa: compreendi que eu sofria porque não podia fazer bem a ninguém ao meu redor. Compreendi que queria mal a papai, mamãe e sobretudo Colombe porque sou incapaz de lhes ser útil, porque não posso fazer nada por eles. Eles estão muito longe na doença, e eu sou muito fraca. Vejo direitinho os sintomas deles, mas não sou competente para curá-los e, com isso, também fico tão doente quanto eles mas não vejo. Porém, ao dar a mão à Sra. Michel, senti que eu também estava doente. Em todo o caso, o que é certo é que não posso cuidar de mim punindo aqueles a quem não posso curar. Talvez precise repensar essa história de incêndio e de suicídio. Aliás, devo confessar: já não tenho tanta vontade de morrer, tenho vontade de rever a Sra. Michel, e Kakuro, e Yoko, sua sobrinha-neta tão imprevisível, e pedir-lhes ajuda. Ah, claro, não vou aparecer dizendo: please, help me, sou uma menina suicida. Mas tenho vontade de deixar os outros me fazerem bem: afinal de contas, não passo de uma menina infeliz, e, mesmo sendo extremamente inteligente, isso não muda nada na situação, não é? Uma menina infeliz que, no pior momento, tem a sorte de fazer encontros felizes. Tenho moralmente o direito de deixar passar essa chance?

Bah. Sei lá. Afinal, essa história é uma tragédia. Há pessoas valorosas, regozije-se!, tive vontade de dizer para mim mesma, mas, pensando bem, que tristeza! Eles acabam debaixo da chuva! Já não sei muito bem o que pensar. Por um instante, acreditei que tinha encontrado minha vocação; acreditei entender que, para me cuidar, precisava cuidar dos outros, quer dizer, dos outros

"cuidáveis", os que podem ser salvos, em vez de ficar dando voltas porque não posso salvar os outros. Então, será que deveria ser médica? Ou escritora? É um pouco parecido, não é?

E além disso, para uma Sra. Michel, quantas Colombes, quantos tristes liberes?

Capítulo 73 - Nas alamedas do inferno

Depois da saída de Paloma, fico um bom tempo sentada, completamente transtornada, na minha poltrona.

Em seguida, tomando cara e coragem, disco o número de Kakuro Ozu.

Paul N'Guyen responde ao segundo toque.

"Ah, como vai, Sra. Michel", ele me diz, "em que posso ajudá-la?"

"Bem", digo, "gostaria de falar com Kakuro."

"Ele não está", diz, "quer que lhe telefone assim que chegar?"

"Não, não", digo, aliviada de poder operar com um intermediário. "Poderia lhe dizer que, se não mudou de ideia, gostaria de jantar com ele amanhã à noite?"

"com muito prazer", diz Paul N'Guyen.

Desligo o telefone e desabo de novo na poltrona, e durante uma horinha fico absorta em pensamentos incoerentes mas agradáveis.

"Não está cheirando muito bem aqui, hein?", diz uma voz suave masculina às minhas costas. "Alguém veio consertar isso?"

Ele abriu a porta tão devagarinho que não ouvi. É um belo rapaz moreno, de cabelo meio despenteado, uma jaqueta jeans novinha e grandes olhos de cocker pacífico.

"Jean? Jean Arthens?", pergunto, sem acreditar no que vejo.

"Isso", ele diz inclinando a cabeça de lado, como antigamente.

Mas é tudo o que resta dos destroços, da jovem alma queimada e do corpo descarnado: Jean Arthens, outrora tão próximo da queda, visivelmente optou pelo renascimento.

"Você está com uma aparência maravilhosa!", digo abrindo para ele meu mais belo sorriso.

Ele me retribui, gentil.

"E como vai, Sra. Michel?", ele me diz. "É um prazer revela. Ele lhe cai muito bem", acrescenta apontando para o meu cabelo.

"Obrigada", digo. "Mas o que o traz aqui? Quer um chá?"

"Ah...", ele diz com uma ponta de hesitação como antigamente, "mas, claro, com prazer."

Preparo o chá enquanto ele senta numa cadeira, olhando com olhos assustados para Leon.

"Ele já era gordo assim, o gato?", indaga sem a menor perfídia.

"Era", digo, "não é um grande esportista."

"Não é ele que está cheirando mal, por acaso?", pergunta farejando-o, meio desconcertado.

"Não, não", digo, "é um problema de encanamento."

"A senhora deve achar esquisito eu aparecer aqui assim", ele diz, "sobretudo porque a gente nunca se falou muito, né, eu não era muito falante no tempo... bem, no tempo do meu pai."

"Estou feliz em vê-lo, mais ainda porque você parece estar ótimo", digo com sinceridade.

"Ha", ele diz, "... estou vindo de muito longe."

Damos simultaneamente dois golinhos no chá escaldante.

"Estou curado, quer dizer, acho que estou curado", ele diz, "se é que realmente a gente se cura um dia. Mas não toco mais na droga, encontrei uma moça legal, quer dizer, ou melhor, devo dizer, uma moça fantástica (seus olhos se iluminam, e ele funga ligeiramente, ao olhar para mim), e encontrei um empreguinho muito simpático."

"Que está fazendo?", pergunto.

"Trabalho numa loja de material para estaleiro."

"Peças de barcos?"

"Isso, e é bem legal. Tenho um pouco a impressão de estar de férias quando estou lá. Os caras vêm e falam comigo de seu barco, dos mares para onde vão, dos mares de onde vêm, gosto muito disso, e além do mais estou contente em trabalhar, sabe."

"Seu trabalho consiste em quê, exatamente?"

"Sou um pouco o faz-tudo, almoxarife, boy, mas com o tempo aprendi bem, então agora às vezes me confiam tarefas mais interessantes: consertar velas, cordames, fazer inventários para um avitualhamento."

Vocês são sensíveis à poesia desse termo? Avitualha-se um barco, aprovisiona-se uma cidade. A quem não entendeu que o encantamento da língua nasce dessas sutilezas, dirijo o seguinte pedido: desconfiem das vírgulas.

"Mas a senhora também parece em plena forma", diz, olhando para mim com simpatia.

"Ah, é?", digo. "Bem, tem algumas mudanças que me são benéficas."

"Sabe", ele diz, "não voltei para ver o apartamento, nem para ver as pessoas daqui. Nem garanto que me reconheceriam: aliás, peguei minha carteira de identidade, se por acaso a senhora não me reconhecesse. Não", ele continua. "Vim porque não consigo me lembrar de uma coisa que me ajudou muito, já quando eu estava doente e depois, durante minha cura."

"E posso lhe ser útil?"

"Pode, porque foi a senhora que me disse um dia o nome dessas flores. No

canteiro, ali (ele aponta com o dedo o fundo do pátio), tem umas lindas florzinhas brancas e vermelhas, foi a senhora que plantou, não foi? E, um dia, lhe perguntei o que eram, mas não fui capaz de guardar o nome. E olhe que eu pensava o tempo todo nessas flores, não sei por quê. São muito bonitas, e, quando estava mal, eu pensava nas flores e isso me fazia bem. Então passei perto daqui, há pouco, e pensei: vou perguntar à Sra. Michel se ela sabe me dizer."

Ele espreita minha reação, meio encabulado.

"Isso deve lhe parecer esquisito, não é? Espero que não fique com medo de mim e de minhas histórias de flores."

"Não", digo, "de jeito nenhum. Se eu soubesse o quanto lhe faziam bem... teria posto por toda parte!"

Ele ri como um menino feliz.

"Ah, Sra. Michel, mas, sabe, isso praticamente salvou minha vida. O que já é um milagre! Então, pode me dizer o que é?"

Sim, meu anjo, posso. Nas alamedas do inferno, sob o dilúvio, fôlego cortado e coração à beira dos lábios, um diminuto clarão: são camélias.

"Sim", digo. "São camélias."

Ele olha fixo para mim, com os olhos arregalados. Depois, uma pequena lágrima escorre por sua face de menino sobrevivente.

"Camélias...", diz, perdido numa lembrança que só pertence a ele. "Camélias, sim", repete olhando de novo para mim. "E isso. Camélias."

Sinto uma lágrima correr por minha própria face.

Pego a mão dele.

"Jean, você não imagina o quanto estou feliz com a sua vinda hoje", digo.

"Ah, é?", ele diz, espantado. "Mas por quê?"

Por quê?

Porque uma camélia pode mudar o destino.

Capítulo 74 - De um corredor às alamedas

Qual é essa guerra que travamos, na evidência de nossa derrota? Manhã após manhã, já exaustos com todas essas batalhas que vêm, reconduzimos o pavor do cotidiano, esse corredor sem fim que, nas derradeiras horas, valerá como destino por ter sido tão longamente percorrido. Sim, meu anjo, eis o cotidiano: enfadonho, vazio e submerso em tristezas. As alamedas do inferno não são estranhas a isso; lá caímos um dia por termos ficado ali muito tempo. De um corredor às alamedas: então se dá a queda, sem choque nem surpresa. Cada dia reatamos com a tristeza do corredor e, passo após passo, executamos o caminho da nossa sombria danação.

Ele terá visto as alamedas? Como se nasce, depois de se ter caído? Que pupilas novas em olhos calcinados? Onde começa a guerra, e onde cessa o combate?

Então, uma camélia.

Capítulo 75 - Sobre seus ombros encharcados

Às oito da noite, Paul N'Guyen se apresenta à minha porta com os braços carregados de embrulhos.

"O Sr. Ozu ainda não voltou - um problema na embaixada com seu visto -, então me pediu para lhe entregar tudo isto", diz com um lindo sorriso.

Larga os pacotes em cima da mesa e me entrega um cartãozinho.

"Obrigada", digo. "Não quer tomar nada?"

"Obrigado", ele diz, "mas ainda tenho o que fazer. Guardo seu convite como reserva para outra ocasião."

E sorri de novo, com um toque de calor e felicidade que me faz bem, sem reserva.

Só na minha cozinha, sento-me diante dos pacotes e, abro o envelope.

De repente, ele sentiu sobre seus ombros encharcados uma agradável sensação de frescor que de início não entendeu muito bem; mas, durante a pausa, percebeu que uma grande nuvem negra que corria baixa no céu acabava de se espatifar.

Por favor, aceite com simplicidade esses poucos presentes. Kakuro.

Chuva de verão sobre os ombros de Levin que ceifa... Levo a mão ao peito, comovida como nunca. Abro os embrulhos, um por um.

Um vestido de seda cinza-pérola, com uma golinha alta, fechado lateralmente por um martingale de cetim preto.

Uma estola de seda púrpura, leve e densa como o vento.

Sapatos de saltinho, de couro preto granulado tão fino e tão macio que o passo no rosto.

Olho para o vestido, a estola, os sapatos.

Lá fora, ouço Leon arranhando a porta e miando para entrar.

Começo a chorar suavemente, lentamente, tendo no peito uma camélia palpitante.

Capítulo 76 - É preciso que alguma coisa acabe

No dia seguinte às dez horas, batem à porta.

É um gênero de varapau, todo vestido de preto, com um boné de lã azul-marinho na cabeça e botinas militares que conheceram o Vietnã. É também o namorado de Colombe e um especialista mundial da elipse na fórmula de boa educação. Chama-se Tibère.

"Procuro Colombe", diz Tibère.

Apreciem, por favor, o ridículo dessa frase. Procuro Julieta, diz Romeu, é, convenhamos, mais fastuoso.

"Procuro Colombe", diz, portanto, Tibère, que só tem medo mesmo é do xampu, como se percebe quando ele se desfaz do chapéu, não porque é bem-educado mas porque está com muito calor.

Estamos em maio, que diabo.

"Paloma me disse que ela estava aqui", acrescenta.

E continua: "Merda, ela enche o saco."

Paloma, como você se diverte bem.

Despacho-o prontamente e mergulho em pensamentos estranhos.

Tibère... Ilustre nome para uma aparência tão lastimável... Rememoro a prosa de Colombe Josse, as alas silenciosas do Saulchoir... e meu espírito vai a Roma... Tibère...

A lembrança do rosto de Jean Arthens me pega desprevenida, revejo o de seu pai e aquela gravata à Lavallière incongruente, beirando o ridículo... Todas essas buscas, todos esses mundos... Podemos ser tão semelhantes e viver em universos tão distantes? É possível que partilhemos o mesmo frenesi, nós que não somos do mesmo solo nem do mesmo sangue e da mesma ambição? Tibère... Sinto-me cansada, na verdade, cansada de todos esses ricos, de todos esses pobres, cansada de toda essa farsa...

Leon pula da poltrona e vem se esfregar em minha perna. Esse gato, que só é obeso por caridade, é também uma alma generosa que sente as flutuações da minha. Cansada, sim, cansada...

É preciso que alguma coisa acabe, é preciso que alguma coisa comece.

Capítulo 77 - Sofrimentos do apresto

Às 8 horas, estou pronta.

O vestido e os sapatos são exatamente do meu tamanho (42 e 37).

A estola é romana (60 cm de largura, 2 m de comprimento).

Sequei os cabelos, lavados 3 vezes, com o secador Babyliss 1600 watts e penteiei-os 2 vezes em todos os sentidos. O resultado é surpreendente.

Sentei-me 4 vezes e levantei-me 4 também, o que explica que, agora, esteja em pé, sem saber o que fazer.

Sentar-me, talvez.

Tirei do estojo atrás dos lençóis no fundo do armário 2 brincos herdados de minha sogra, a monstruosa Yvette - pin gente s antigos de prata com 2 almandinas talhadas em forma de pera Efetuei 6 tentativas antes de conseguir enfiá-los corretamente nas orelhas, e agora devo viver com a sensação de ter 2 gatos pançudos pendurados em meus lobos distendidos. Cinquenta e quatro anos sem joias não preparam para os sofrimentos do apresto .Pincelei meus lábios com uma camada de batom 323

Carmim Profundo comprado há 20 anos para o casamento de uma prima. A longevidade dessas coisas ineptas, enquanto vidas valorosas perecem todo dia, jamais deixará de me acabrunhar. Faço parte dos 8% da população mundial que acalmam sua apreensão afogando-se nos números.

Kakuro Ozu bate 2 vezes à minha porta.

Abro.

Ele está muito bonito. Usa um terno formado por um paletó estilo militar cinza-chumbo com alamares tom sobre tom e uma calça reta combinando, e mocassins de couro macio que parecem pantufas de luxo. É muito... eurasião.

"Ah, mas você está magnífica!", ele me diz.

"Ah, obrigada", digo, comovida, "mas você também está muito bonito. Feliz aniversário!"

Ele sorri e, depois de fechar cuidadosamente a porta atrás de mim e diante de Leon, que tenta uma passagem, me oferece um braço sobre o qual ponho a mão levemente trêmula. Tomara que ninguém nos veja, suplica em mim uma instância que faz resistência, essa de Renée, a clandestina. Por mais que eu tenha

jogado muitos medos na fogueira, ainda não estou pronta para alimentar as bisbilhotices da Grenelle.

Assim, quem se surpreenderá?

A porta de entrada para a qual nos dirigimos se abre antes mesmo de a alcançarmos.

São Jacinthe Rosen e Anne-Hélène Meurisse. com os diabos! Que fazer?

Já estamos diante delas.

"Boa noite, boa noite, minhas senhoras", trina Kakuro, me puxando firmemente para a esquerda e passando por elas com celeridade, "boa noite, minhas amigas, estamos atrasados, meus cumprimentos, e vamos indo!"

"Ah, boa noite, Sr. Ozu", elas dizem afetadas, subjugadas, virando-se com um mesmo movimento para nos seguir com os olhos.

"Boa noite, senhora", me dizem (a mim) sorrindo com todos os seus dentes.

Nunca vi tantos dentes de uma só vez.

"Adeusinho, minha senhora", me sussurra Anne-Hélène Meurisse, olhando para mim com avidez enquanto nos enfiamos pela porta.

"com certeza, com certeza!", gorjeia Kakuro empurrando com o calcanhar o batente da porta.

"Ai de nós", diz ele, "se tivéssemos parado, perderíamos uma hora."

"Elas não me reconheceram", digo.

Paro no meio da calçada, completamente zonza.

"Elas não me reconheceram", repito.

Ele também para, e minha mão continua sobre seu braço.

"É porque nunca a viram", ele me diz. "Mas eu a reconheceria em qualquer circunstância."

Capítulo 78 - A água móvel

Basta ter experimentado uma vez que é possível ser cego em plena luz e ver no escuro, para levantar a questão da visão. Por que vemos? Ao entrar no táxi que Kakuro tinha chamado, e pensando em Jacinthe Rosen e Anne-Hélène Meurisse, que só viram de mim o que puderam (no braço do Sr. Ozu, num mundo de hierarquias), a evidência de que o olhar é como a mão que tentaria capturar a água móvel me impressiona com uma força inaudita. Sim, o olhar percebe mas não escruta, acredita mas não questiona, recebe mas não procura - vazio de desejo, sem fome nem cruzada.

E, enquanto o táxi desliza pelo crepúsculo nascente, eu penso.

Penso em Jean Arthens, com as pupilas queimadas iluminadas de camélias.

Penso em Pierre Arthens, olhar afiado e cegueira de mendigo.

Penso nessas senhoras ávidas, olhos pedinchões e futilmente cegos.

Penso em Gégène, órbitas mortas e sem força, vendo apenas a queda.

Penso em Lucien, inapto à visão porque às vezes a obscuridade é, afinal, forte demais.

Penso até em Neptune, cujos olhos são uns palermas que não sabem mentir.

E me pergunto se eu mesma vejo bem.

Capítulo 79 - Ela cintila

Viram Chuva negra?

Porque, se não viram Chuva negra - ou, pelo menos, Blade runner -, será forçosamente difícil compreender por que, quando entramos no restaurante, tenho a sensação de penetrar num filme de Ridley Scott. Há aquela cena de Blade runner, no bar da mulher-serpente, de onde Deckard chama Rachel por um videofone mural. Há também o bar de call-girls em Chuva negra, com os cabelos louros e as costas nuas de Kate Capshaw. E há aqueles planos sob a luz do vitral e na claridade de catedral cercados por toda a penumbra dos Infernos.

"Adoro luz", digo a Kakuro ao me sentar.

Levaram-nos até uma salinha tranquila, banhada num clarão solar cingido de sombras cintilantes. Como a sombra pode cintilar? Ela cintila, e ponto final.

"Viu Chuva negra?", pergunta-me Kakuro.

Nunca imaginei que pudesse existir entre duas criaturas uma tal concordância de gostos e de encaminhamentos psíquicos.

"Vi", digo, "pelo menos uma dúzia de vezes."

A atmosfera é brilhante, borbulhante, classuda, discreta, cristalina. Magnífica.

"Vamos fazer uma orgia de sushis", diz Kakuro, abrindo seu guardanapo com um gesto entusiasta. "Não me queira mal, já fiz o pedido; faço questão que você descubra o que considero o melhor da cozinha japonesa em Paris."

"De jeito nenhum", digo arregalando os olhos porque os garçons puseram diante de nós garrafas de saque e, numa miríade de tigelinhas preciosas, toda uma série de legumezinhos que parecem marinados num não-sei-quê que deve ser muito bom.

E começamos. vou à pesca do pepino marinado, que de pepino e de marinada só tem o aspecto, de tal forma é, na língua, delicioso. Kakuro levanta delicadamente com os pauzinhos de madeira escura um fragmento de... tangerina? tomate? manga? e o faz desaparecer com destreza. Vasculho imediatamente a mesma tigela.

É uma cenoura açucarada para deuses gourmets.

"Então, feliz aniversário!", digo levantando meu copo de saque.

"Obrigado, muito obrigado!", ele diz brindando comigo.

"É polvo?", pergunto, porque acabo de descobrir um pedacinho de tentáculo denteado numa tigela de molho amarelo-açafrão.

Trazem duas pequenas bandejas de madeira grossa, sem bordas, encimadas de pedaços de peixe cru.

"Sashimis", diz Kakuro. "Aí também você encontrará polvo."

Mergulho na contemplação da obra. A beleza visual é de cortar o fôlego. Fiso um pedacinho de carne branca e cinza entre os pauzinhos desajeitados (é solha, me esclarece, obsequioso, Kakuro) e, embora absorta no êxtase, provo.

Por que vamos procurar a eternidade no éter de essências invisíveis? Essa pequena coisa esbranquiçada é uma migalha bem tangível de eternidade.

"Renée", me diz Kakuro, "estou muito feliz de festejar meu aniversário na sua companhia, mas também tenho um motivo mais forte para jantar com você."

Embora nos conhecêssemos havia só umas três semanas, começo a perceber os motivos de Kakuro. A França ou a Inglaterra? Vermeer ou Caravaggio? Guerra e paz ou aquela querida Ana?

Enfio na boca um novo e aéreo sashimi-atum? - de um tamanho respeitável que, palavra de honra, exigiria um pouco de fracionamento.

"Convidei-a para festejar meu aniversário, mas, no intervalo, alguém me deu informações muito importantes. Então, tenho algo capital para lhe dizer."

O pedaço de atum absorve toda a minha atenção e não me prepara para o que vai se seguir.

"Você não é sua irmã", diz Kakuro me olhando nos olhos.

Capítulo 80 - Tribos gagauz

Senhoras.

Senhoras, que uma noite são convidadas a jantar por um rico e simpático cavalheiro num restaurante de luxo, ajam em todas as situações com a mesma elegância. Se forem surpreendidas, se se sentirem irritadas, desconcertadas, conservem o mesmo requinte na impassibilidade e, às palavras surpreendentes, reajam com a distinção que convém em tais circunstâncias. Em vez disso, e porque sou uma caipira que engole seus sashimis como engoliria batatas, dou soluços espasmódicos e, sentindo com pavor a migalha de eternidade se fixar na minha garganta, tento com uma distinção de gorila cuspi-la ali dentro. Nas mesas mais próximas, faz-se silêncio enquanto, depois de muitas eructações e num último e melodioso espasmo, consigo enfim desalojar o culpado e, pegando meu guardanapo, ali colocá-lo, in extremis.

"Devo repetir?", pergunta Kakuro, com cara - diabos! de quem está se divertindo.

"Eu... kof... kof...", tusso.

O kof kof é um responso tradicional da prece fraterna das tribos gagauz.

"Eu... bem... kof... kof...", prossigo brilhantemente.

Depois, com uma classe que corteja os píncaros: "Quê?"

"Digo-lhe uma segunda vez a fim de que fique bem claro", ele diz com aquela espécie de paciência infinita que temos com as crianças, ou melhor, dom os simplórios.

"Renée, você não é sua irmã."

E, como fico ali, estúpida, a olhar para ele: "Repito-lhe uma última vez, na esperança de que agora não se estrangule com sushis de trinta euros cada um, diga-se de passagem, e que exigem um pouco mais de delicadeza na ingestão: você não é sua irmã, podemos ser amigos. E até mesmo tudo o que desejarmos."

Capítulo 81 - Todas essas xícaras de chá

Tum tum tum tum tum tum tum

Look, if you had one shot, one opportunity, To seize everything you ever wanted One moment

Would you capture it or just let it slip?

Isso é Eminem. Confesso que de vez em quando o escuto, na qualidade de profeta das elites modernas, quando não é mais possível ignorar que Dido morreu.

Mas, sobretudo, grande confusão.

Uma prova?

Aqui está.

Remember me, remember me

But ah forget my fate Trinta euros cada um Would vou capture it Or just let it slip?

Isso se passa na minha cabeça e dispensa comentário. A maneira estranha que têm as músicas de se imprimir em meu espírito sempre me surpreenderá (sem sequer evocar um certo Confutatis, grande amigo das concierges com bexiga pequena), e é com um interesse marginal embora sincero que noto que, dessa vez, quem leva a melhor é o medley.

E, depois, começo a chorar.

A conviva que na Brasserie des Amis de Puteaux por um triz não se estrangula, e depois cai em prantos, com a trufa no seu guardanapo - isso é um divertimento impagável.

Mas aqui, neste templo solar de sashimis vendidos por peça, meus excessos têm o efeito inverso. Uma onda de reprovação silenciosa me circunscreve, e eis-me aos prantos, o nariz escorrendo, obrigada a recorrer a um guardanapo já bem abarrotado para enxugar os estigmas de minha emoção e tentar mascarar o que a opinião pública reprova.

Choro de soluçar, cada vez mais.

Paloma me traiu.

Então, arrastados por esses prantos, desfilam no meu seio toda essa vida passada na clandestinidade de um espírito solitário, todas essas longas leituras

reclusas, todos esses invernos de doença, toda essa chuva de novembro no lindo rosto de Lisette, todas essas camélias vindas do inferno e que foram parar sobre o musgo do templo, todas essas xícaras de chá no calor da amizade, todas essas palavras maravilhosas na boca de Mademoiselle, essas naturezas-mortas tão wabi, essas essências eternas iluminando seus reflexos singulares, e também essas chuvas de verão chegando na surpresa do prazer, flocos dançando a melopeia do coração, e, na moldura do antigo Japão, o rosto puro de Paloma. E choro, choro irreprimivelmente, com lágrimas quentes e grossas e belas de felicidade, enquanto em torno de nós o mundo se dissipa e deixa somente a sensação do olhar desse homem em cuja companhia me sinto alguém e que, pegando gentilmente minha mão, me sorri com todo o calor do mundo.

"Obrigada", consigo murmurar num sopro. "Podemos ser amigos", ele diz. "E até mesmo tudo o que desejarmos."

Remember me, remember me, And ah! envy my fate

Capítulo 82 - O capim dos pastos

O que é preciso viver antes de morrer, agora eu sei. Pois é: posso lhes dizer. O que é preciso viver antes de morrer é uma chuva torrencial que se transforma em luz.

Não dormi à noite. Depois e apesar de minhas efusões cheias de graça, o jantar foi maravilhoso: cúmplice, com longos e deliciosos silêncios. Quando Kakuro me acompanhou até a minha porta, beijou minha mão longamente, e nos deixamos assim, sem uma palavra, com um simples e elétrico sorriso.

Não dormi à noite.

E sabem por quê?

Claro, sabem.

Claro, todo mundo desconfia que, além de todo o resto, isto é, de um abalo telúrico transtornando de cabo a rabo uma vida subitamente descongelada, alguma coisa trota na minha cabecinha de mocinha cinquentona. E essa alguma coisa se pronuncia: "e até mesmo tudo o que desejarmos".

Às sete horas, levanto-me, como movida por uma mola, catapultando o gato indignado para o outro extremo da cama.

Estou com fome. Estou com fome no sentido próprio (uma colossal fatia de pão desabando sob a manteiga e a geleia de mirabela apenas aguça meu apetite dantesco) e fome no sentido figurado: estou freneticamente impaciente de conhecer o que vai se seguir. Rodo pela cozinha como uma fera na jaula, maltrato um gato que não presta nenhuma atenção em mim, enfurno uma segunda sessão pão-manteiga-geleia, ando para um lado e para outro arrumando coisas que não devem ser arrumadas, e me preparo para uma terceira edição panificadora.

E depois, de repente, às oito horas, me acalmo.

Sem avisar, de modo surpreendente uma grande sensação de serenidade escorre sobre mim. Que aconteceu? Uma mutação. Não vejo outra explicação; para alguns, isso faz crescer as brânquias, para mim, surge a sensatez.

Deixo-me cair numa cadeira, e a vida retoma seu ritmo.

Um ritmo, pensando bem, pouco exaltante: rememoro que continuo a ser concierge e que às nove horas devo estar na Rue du Bac para comprar produto de limpeza para os cobres. "Às nove horas" é uma precisão fantasiosa: digamos durante a manhã. Mas, tendo planejado ontem meu trabalho do dia seguinte, pensei: "Irei por volta das nove horas". Portanto, pego minha cesta e minha bolsa, e vou para o mundo procurar a substância que faz brilhar os enfeites das

casas dos ricos. Lá fora, encontro um magnífico dia de primavera. De longe avisto Gégène, que extirpa de si suas caixas de papelão; fico feliz por ele por causa dos dias de bom tempo que se prenunciam.

Penso rapidamente na afeição do mendigo pelo grande papa arrogante da gastronomia, e isso me faz sorrir; para quem é feliz, a luta de classes parece subitamente secundária, digo com meus botões, surpresa com a flexão de minha consciência revoltada.

E, depois, acontece: bruscamente, Gégène cambaleia. Estou a apenas quinze passos e fico de cenho franzido, inquieta.

Ele cambaleia fortemente, como num barco que está jogando, e posso ver seu rosto e seu ar perdido. Que aconteceu?, pergunto alto, apertando o passo na direção do pobre coitado. Em geral, a essa hora Gégène não está bêbado, e, além disso, aguenta tão bem o álcool como uma vaca suporta o capim dos pastos. Cúmulo da desgraça, a rua está praticamente deserta; sou a única a perceber que o infeliz vacila. Ele dá uns passos desajeitados em direção à rua, para, e depois, quando estou a apenas dois metros, sai em disparada como se mil demônios o perseguissem. E eis a continuação.

Essa continuação que, como qualquer um, eu gostaria que jamais acontecesse.

Capítulo 83 - Minhas camélias

Eu morro.

Sei com uma certeza próxima da adivinhação que estou morrendo, que vou falecer na Rue du Bac, numa bela manhã de primavera, porque um mendigo chamado Gégène, tomado pela dança-de-são-guido, divagou na rua deserta sem se preocupar com os homens nem com Deus.

Na verdade, não tão deserta, a rua.

Corri atrás de Gégène, largando bolsa e cesta.

E fui atropelada.

Foi só ao cair, depois de um instante de estupor e de total incompreensão, e antes que a dor me triturasse, que vi o que tinha me atropelado. Agora repouso de barriga para cima, com uma vista panorâmica para o flanco de uma caminhonete de lavanderia. Ela tentou se desviar e se jogou para a esquerda, mas era tarde demais: o para-choque dianteiro direito pegou bem em mim. "Lavanderia Malavoin", indica o logotipo azul no pequeno utilitário branco. Se eu pudesse, riria. Os caminhos de Deus são tão explícitos para quem se vangloria de decifrá-los... Penso em Manuela, que se recriminará até o fim de seus dias por esta morte através da lavanderia, que só pode ser o castigo para o duplo roubo de que, por sua imensa culpa, tornei-me culpada... E a dor me submerge; a dor do corpo, irradiando, rebentando, conseguindo a proeza de não estar em nenhum lugar especial e de se infiltrar em todo lugar onde consigo sentir alguma coisa; e depois a dor da alma, porque pensei em Manuela, a quem vou deixar sozinha, a quem não tornarei a ver, e porque isso abre em meu coração uma ferida lancinante.

Dizem que na hora de morrer revemos toda a nossa vida. Mas, diante de meus olhos arregalados que já não distinguem a caminhonete nem sua motorista, a jovem empregada da lavanderia que me entregara o vestido de linho ameixa e agora chora e grita, desprezando o bom gosto, nem os pedestres que acorreram depois do atropelamento e falam comigo sem que nada faça sentido - diante de meus olhos arregalados que não veem mais nada deste mundo, desfilam os rostos amados e, para cada um deles, um pensamento dilacerante.

Em matéria de rosto, primeiro, há um focinho. Sim, meu primeiro

pensamento vai para meu gato, não por ser o mais importante de todos, mas porque, antes dos verdadeiros tormentos e do verdadeiro adeus, preciso estar segura da sorte de meu companheiro de patas. Sorrio dentro de mim ao pensar no grande odre obeso que me serviu de parceiro durante esses dez últimos anos de viuvez e solidão, sorrio um pouco tristemente e com ternura porque, vista da morte, a proximidade com nossos bichos de estimação já não parece essa evidência menor que o cotidiano banaliza; dez anos de vida se cristalizaram em Leon, e calculo como esses gatos ridículos e supérfluos que atravessam nossa existência com a placidez e a indiferença dos imbecis são os depositários de seus bons e alegres momentos e de sua trama feliz, mesmo sob o dossel da desgraça. Adeus, Leon, digo comigo mesma, dizendo adeus a uma vida a que não pensaria estar agarrada a esse ponto.

Depois, entrego mentalmente o destino do meu gato nas mãos de Olympe SaintNice, com o profundo alívio nascido da certeza de que ela cuidará bem dele.

Agora, posso enfrentar os outros.

Manuela.

Manuela, minha amiga.

No limiar da morte, trato-a enfim com mais intimidade.

Lembra-se daquelas xícaras de chá na seda da amizade? Dez anos de chá e de tratamento cerimonioso, e, no fim das contas, um calor no meu peito e esse reconhecimento desvairado a não sei quem ou o quê, à vida, talvez, por ter tido a graça de ser sua amiga. Sabe que foi perto de você que tive meus mais belos pensamentos? Preciso morrer para ter enfim consciência disso... Todas aquelas horas de chá, aquelas longas horas de requinte, aquela grande dama nua, sem adornos nem palácio, sem as quais, Manuela, eu teria sido apenas uma concierge, ao passo que por contágio, por ser a aristocracia do coração uma doença contagiosa, você fez de mim uma mulher capaz de amizade... Poderia eu ter tão facilmente transformado minha sede de indigente em prazer da Arte e me apaixonado pela porcelana azul, pelas folhagens sussurrantes, pelas camélias lânguidas e por todas essas joias eternas no século, por todas essas pérolas preciosas no movimento incessante do rio, se você não tivesse, semana após semana, se sacrificado comigo, oferecendo-me o seu coração, no ritual sagrado do chá?

Como já sinto saudade de você... Esta manhã, compreendo o que quer dizer morrer: na hora de desaparecer, são os outros que morrem para nós, pois estou aqui deitada no asfalto meio frio e pouco ligando para falecer; algo tão sem sentido hoje de manhã como ontem. Mas não tornarei a ver os que amo, e, se morrer é isso, é de fato a tragédia que dizem ser.

Manuela, minha irmã, não queira o destino que eu tenha sido para você o que você foi para mim: uma barreira contra a desgraça, uma muralha contra a trivialidade.

Continue, e viva, pensando em mim com alegria.

Mas, no meu coração, nunca mais vê-la é uma tortura infinita.

E eis você, Lucien, numa fotografia amarelada, em medalhão diante dos olhos de minha memória. Você sorri, assobia. Também a sentiu assim, minha morte e não a sua, o fim de nossos olhares bem antes do terror de mergulhar no breu? Que resta de uma vida, exatamente, quando os que a viveram juntos agora estão mortos há tanto tempo?

Hoje tenho uma curiosa sensação, a de traí-lo; morrer é como matá-lo de novo. Portanto, no sofrimento que sentíamos, não basta os outros se afastarem; também é preciso matar os que não mais subsistem senão por nós. E, no entanto, você sorri, assobia, e, de repente, também sorrio. Lucien... Amei-te muito, sabe, e por isso, talvez, eu mereça o descanso. Dormiremos em paz no pequeno cemitério da nossa terra. Ao longe, ouve-se o rio, onde se pesca o sável e também o cadoz. Crianças vão brincar ali, gritando a plenos pulmões. À noite, quando o sol se põe, ouve-se o ângelus.

E você, Kakuro, querido Kakuro, que me fez crer na possibilidade de uma camélia... E furtivamente que penso hoje em você; algumas semanas não dão a chave; não o conheço além do que você foi para mim; um benfeitor celeste, um bálsamo milagroso contra as certezas do destino. Podia ser diferente?

Quem sabe... Não posso me impedir de sentir um aperto no coração diante dessa incerteza. E se? E se você ainda me fizesse rir e falar e chorar, lavando todos esses anos da nódoa do erro e devolvendo a Lisette, na cumplicidade de um improvável amor, sua honra perdida? Que pena... Agora você se perderá na noite, e, na hora de nunca mais revê-lo, devo renunciar a conhecer para sempre a resposta do destino...

Morrer é isso? É isso tão miserável? E quanto tempo ainda?

Uma eternidade, se continuo sem saber.

Paloma, minha filha.

É para você que me volto. Você, a última.

Paloma, minha filha.

Não tive filhos, porque não aconteceu. Sofri com isso? Não. Mas, se tivesse tido uma filha, teria sido você. E, com todas as minhas forças, lanço uma súplica para que a sua vida seja à altura do que você promete.

E, depois, é a iluminação.

Uma verdadeira iluminação: vejo seu belo rosto grave e puro, seus óculos de armação rosa e esse jeito que você tem de triturar a barra do colete, de olhar

direto nos olhos e de acariciar o gato como se ele pudesse falar. E começo a chorar. A chorar de alegria dentro de mim. Que veem os curiosos debruçados sobre meu corpo quebrado? Não sei. Mas, dentro, um sol.

Como se decide o valor de uma vida? O que importa, me disse Paloma um dia, não é morrer, é o que se está fazendo no momento de morrer. O que eu estava fazendo no momento de morrer?, pergunto-me com uma resposta já pronta no calor de meu coração.

O que eu fazia?

Tinha encontrado o outro, e estava pronta para amar.

Depois de cinquenta e quatro anos de deserto afetivo e moral, apenas colorido pela ternura de um Lucien que era apenas a sombra resignada de mim mesma, depois de cinquenta e quatro anos de clandestinidade e de triunfos mudos no interior acolchoado de um espírito isolado, depois de cinquenta e quatro anos de ódio por um mundo e uma casta que eu transformara em exutórios de minhas fúteis frustrações, depois desses cinquenta e quatro anos de nada, de não encontrar ninguém nem de estar jamais com o outro: Manuela, sempre.

Mas também Kakuro.

E Paloma, minha alma gêmea.

Minhas camélias.

Bem que eu tomaria com vocês uma derradeira xícara de chá.

Então, um cocker jovial, orelhas e língua penduradas, atravessa meu campo de visão. É uma idiotice... mas isso ainda me dá vontade de rir. Adeus, Neptune. Você é um palerma de cão, mas é de crer que a morte nos faz perder um pouco as estribeiras; é talvez em você que pensarei por último. E, se isso tem um sentido, ele me escapa totalmente.

Ah, não. Aí está.

Uma derradeira imagem.

Como é curioso... Já não vejo rostos...

Breve é verão. São sete horas. Na igreja da aldeia os sinos repicam. Revejo meu pai de costas curvadas, o braço no esforço, revolvendo a terra de junho. O sol declina.

Meu pai se endireita, enxuga a testa com a manga da camisa, volta para o lar.

Fim do labor.

São quase nove horas. Na paz, eu morro.

Capítulo 84 - Último pensamento profundo

Que fazer

Diante do nunca
Senão procurar

Sempre

Em algumas notas furtivas?

Hoje de manhã, a Sra. Michel morreu. Foi atropelada por uma caminhonete da lavanderia, perto da Rue du Bac. Não consigo acreditar que estou escrevendo essas palavras.

Foi Kakuro quem me deu a notícia. Aparentemente, Paul, seu secretário, vinha pela rua nesse momento. Viu de longe o acidente, mas, quando chegou, era tarde demais.

Ela quis ajudar o mendigo, Gégène, que fica na esquina da Rue du Bac e estava bêbado como um gambá. Correu atrás dele, mas não viu a caminhonete. Parece que tiveram de levar a motorista para o hospital, pois teve uma crise de nervos.

Kakuro veio tocar a campainha por volta das onze horas. Pediu para me ver e, ali, pegou minha mão e disse: "Não há nenhum meio de evitar seu sofrimento, Paloma, então lhe digo como aconteceu: Renée teve um acidente há pouco, pelas nove horas. Um gravíssimo acidente. Ela morreu". Ele chorava. Apertou minha mão com muita força.

"Meu Deus, mas quem é Renée?", perguntou mamãe, apavorada. "A Sra. Michel", respondeu-lhe Kakuro. "Ah!", disse mamãe, aliviada. Ele se afastou dela, enojado. "Paloma, tenho de cuidar de um monte de coisas nada divertidas, mas nos veremos depois, está bem?", ele me disse. Balancei a cabeça, e também apertei a mão dele com muita força. Fizemos um pequeno cumprimento à japonesa, uma reverência rápida. Nós nos entendemos. Sofremos tanto.

Quando foi embora, tudo o que eu queria era evitar mamãe. Ela abriu a boca, mas fiz um sinal com a mão, a palma levantada para ela, para dizer: "Nem tente". Deu um pequeno soluço, mas não se aproximou, me deixou ir para o quarto. Ali, me encolhi toda na cama. Meia hora depois, mamãe bateu devagarinho na porta. Eu disse:

"Não". Ela não insistiu.

Desde então, dez horas se passaram. Muitas coisas também se passaram no prédio. Resumo-as: Olympe SaintNice se precipitou para a portaria quando soube da notícia (um chaveiro veio abrir), pegou Leon e o levou para casa. Penso que a Sra. Michel, que Renée... penso que ela gostaria disso. Isso me aliviou. A Sra. de Broglie assumiu a direção das operações, sob o comando supremo de Kakuro. É estranho como essa velha coroca quase me pareceu simpática. Ela disse a mamãe, sua nova amiga:

"Fazia vinte e sete anos que ela estava aqui. Vamos ter saudade". Organizou na mesma hora uma coleta para as flores e se encarregou de contatar os membros da família de Renée. Haverá? Não sei, mas a Sra. de Broglie vai procurar.

O pior é a Sra. Lopes. Foi ainda a Sra. de Broglie que lhe disse, quando ela veio às dez horas para a faxina. Aparentemente, ficou ali dois segundos sem entender, com a mão na boca. E depois caiu. Quando voltou a si, quinze minutos mais tarde, apenas murmurou: "Desculpe, ai, desculpe", e em seguida pôs o lenço e voltou para casa.

Uma profunda tristeza.

E eu? E eu, o que sinto? Falo sobre os pequenos acontecimentos do número 7 da Rue de Grenelle, mas não estou muito corajosa. Tenho medo de ir a mim mesma e de ver o que acontece ali dentro. Tenho vergonha também. Acho que queria morrer e fazer Colombe e mamãe e papai sofrerem porque ainda não tinha sofrido. Ou melhor: sofria, mas sem que isso doesse, e, de repente, todos os meus pequenos projetos eram um luxo de adolescente sem problemas. Racionalização de menina rica que quer bancar a interessante.

Mas agora, e pela primeira vez, senti dor, tanta dor. Um soco no estômago, a respiração cortada, o coração desmilinguido, o estômago completamente esmagado. Uma dor física insuportável. Perguntei a mim mesma se um dia me recuperaria dessa dor. Sofri de dar vontade de berrar. Mas não berrei. O que experimento, agora que a dor continua mas já não me impede de andar ou falar, é uma sensação de impotência e absurdo totais. Então, é assim? De repente, todos os possíveis se apagam? Uma vida cheia de projetos, de conversas apenas começadas, de desejos nem sequer realizados, apaga-se num segundo e não tem mais nada, não há mais nada que fazer, não se pode voltar atrás?

Pela primeira vez na vida senti o significado da palavra nunca. Bem, é terrível. A gente pronuncia essa palavra cem vezes por dia, mas não sabe o que diz antes de ter sido confrontado com um verdadeiro "nunca mais". Afinal, sempre temos a ilusão de que controlamos o que acontece; nada nos parece definitivo. Por mais que eu pensasse nessas últimas semanas que breve ia me suicidar, será que acreditava realmente nisso? Será que a decisão me fazia sentir realmente o significado da palavra nunca? De jeito nenhum. Ela me fazia sentir meu poder de decidir. E acho que, a alguns segundos de me dar a morte, nunca ainda permaneceria uma palavra vazia. Mas, quando morre alguém de quem gostamos... então posso dizer que sentimos o que isso significa e que dói muito, muito, muito. É como um fogo de artifício que se apaga de repente e tudo fica negro. Sinto-me só, doente, com dor no coração, e cada movimento me custa esforços colossais.

E, depois, aconteceu uma coisa. Foi inacreditável, de tal forma hoje é um dia de tristeza. Descemos juntos, Kakuro e eu, lá pelas cinco horas até a casa da Sra. Michel (quer dizer, de Renée) porque ele queria pegar as roupas e levá-las para o necrotério do hospital. Ele tocou a campainha e perguntou a mamãe se

podia falar comigo. Mas eu tinha adivinhado que era ele: eu já estava ali. Claro, quis acompanhá-lo. Nós dois pegamos o elevador, sem falar. Ele parecia muito cansado, mais cansado que triste; pensei: é assim que o sofrimento se estampa nos rostos bem-comportados. Não se mostra: dá apenas a impressão de um imenso cansaço. Será que também estou com ar de cansaço?

O fato é que desci com Kakuro até a casa dela. Mas, ao atravessar o pátio, nós dois paramos de repente, ao mesmo tempo: alguém sentara ao piano, e se ouvia muito bem o que esse alguém tocava. Era Satie, creio, bem, não tenho muita certeza (mas em todo o caso era clássico).

Não tenho realmente pensamento profundo sobre esse assunto. Aliás, como ter um pensamento profundo quando uma alma gêmea repousa numa geladeira de hospital? Mas sei que paramos os dois e respiramos fundo, deixando o sol aquecer nossos rostos e escutando a música que vinha do alto. "Acho que Renée gostaria deste momento", disse Kakuro. E ainda ficamos ali uns minutos, a escutar a música. Eu estava de acordo com ele. Mas por quê?

Refletindo sobre isso, esta noite, com o coração e o estômago em migalhas, pensei que, afinal, talvez seja isso a vida: muito desespero, mas também alguns momentos de beleza em que o tempo não é mais o mesmo. E como se as notas de música fizessem uma espécie de parênteses no tempo, de suspensão, um alhures aqui mesmo, um sempre no nunca.

Sim, é isso, um sempre no nunca.

Não tenha medo, Renée, não me suicidarei e não queimarei nada de nada.

Pois, por você, de agora em diante perseguirei os sempre no nunca.

A beleza neste mundo.

Table of Contents

[Contracapa](#)

[Orelhas](#)

[PARTE 1MARX \(PREÂMBULO\)](#)

[Capítulo 1 - Quem semeia desejo](#)

[Capítulo 2 - Os milagres da Arte](#)

[Capítulo 3 - Pensamento profundo nº 1](#)

[PARTE 2CAMÉLIAS](#)

[Capítulo 4 - Uma aristocrata](#)

[Capítulo 5 - Diário do movimento do mundo nº2](#)

[Capítulo 6 - Guerras e colônias](#)

[Capítulo 7 - O caniche como totem](#)

[Capítulo 8 - Pensamento profundo nº 2](#)

[Capítulo 9 - Recusando o combate](#)

[Capítulo 10 - Pensamento profundo nº 3](#)

[Capítulo 11 - Triste condição](#)

[Capítulo 12 - No Sul confederado](#)

[Capítulo 13 - Diário do movimento do mundo nº 2](#)

[Capítulo 14 - Profeta das elites modernas](#)

[Capítulo 15 - Outubro Vermelho](#)

[Capítulo 16 - Pensamento profundo n-4](#)

[Capítulo 17 - Um gato chamado Grévisse](#)

[Capítulo 18 - Pensamento profundo nº 5](#)

[Capítulo 19 - Desolação das revoltas mongóis](#)

[Capítulo 20 - Pensamento profundo nº 6](#)

[Capítulo 21 - Comédia fantasma](#)

[Capítulo 22 - Eternidade](#)

[Capítulo 23 - Diário do movimento do mundo nº 3](#)

[Capítulo 24 - Então, o antigo Japão](#)

[Capítulo 25 - Dever dos ricos](#)

[Capítulo 26 - Pensamento profundo nº 7](#)

[Capítulo 27 - O stress de Constitution](#)

[Capítulo 28 - Um eu de perdiz](#)

[Capítulo 29 - Riabinin](#)

[Capítulo 30 - Pensamento profundo nº 8](#)

[PARTE 3SOBRE A GRAMÁTICA](#)

[Capítulo 31 - Infinitesimal](#)
[Capítulo 32 - Num momento de graça](#)
[Capítulo 33 - Pensamento profundo nº 9](#)
[Capítulo 34 - Sob a casca](#)
[Capítulo 35 - Ruptura e continuidade](#)
[Capítulo 36 - Pensamento profundo nº 10](#)
[Capítulo 37 - Uma impressão agradável](#)
[Capítulo 38 - Pensamento profundo nº 11](#)

[PARTE 4 CHUVA DE VERÃO](#)

[Capítulo 39 - Clandestina](#)
[Capítulo 40 - A grande obra do sentido](#)
[Capítulo 41 - Fora-do-tempo](#)
[Capítulo 42 - Aracneanas](#)
[Capítulo 43 - Diário do movimento do mundo nº 4](#)
[Capítulo 44 - Uma arrumadinha](#)
[Capítulo 45 - Embonecada como uma roseira](#)
[Capítulo 46 - Pensamento profundo nº 12](#)
[Capítulo 47 - Com os diabos](#)
[Capítulo 48 - De ouro fosco](#)
[Capítulo 49 - Que congruência?](#)
[Capítulo 50 - Uma existência sem duração](#)
[Capítulo 51 - Diário do movimento do mundo nº 5](#)
[Capítulo 52 - Uma onda de esperança](#)
[Capítulo 53 - Bexiga pequena](#)
[Capítulo 54 - Diário do movimento do mundo nº 6](#)
[Capítulo 55 - Um só desses rolos](#)
[Capítulo 56 - Uma Selvagem muito civilizada](#)
[Capítulo 57 - Um novo coração](#)
[Capítulo 58 - Doce insônia](#)
[Capítulo 59 - Pensamento profundo nº 13](#)

[PARTE 5 PALOMA](#)

[Capítulo 60 - Esse invisível](#)
[Capítulo 61 - A cruzada justa](#)
[Capítulo 62 - Pensamento profundo nº 14](#)
[Capítulo 63 - O adágio de base](#)
[Capítulo 64 - Antípoda](#)
[Capítulo 65 - O abas pórtus](#)
[Capítulo 66 - Azul-noite](#)
[Capítulo 67 - Diário do movimento do mundo nº 7](#)

[Capítulo 68 - Aos golinhos felizes](#)
[Capítulo 69 - Sanae](#)
[Capítulo 70 - chuva](#)
[Capítulo 71 - Irmãs](#)
[Capítulo 72 - Pensamento profundo nº 15](#)
[Capítulo 73 - Nas alamedas do inferno](#)
[Capítulo 74 - De um corredor às alamedas](#)
[Capítulo 75 - Sobre seus ombros encharcados](#)
[Capítulo 76 - É preciso que alguma coisa acabe](#)
[Capítulo 77 - Sofrimentos do apresto](#)
[Capítulo 78 - A água móvel](#)
[Capítulo 79 - Ela cintila](#)
[Capítulo 80 - Tribos gagauz](#)
[Capítulo 81 - Todas essas xícaras de chá](#)
[Capítulo 82 - O capim dos pastos](#)
[Capítulo 83 - Minhas camélias](#)
[Capítulo 84 - Último pensamento profundo](#)